

A Liahona

Discursos da
Conferência
Geral





“E aquele que receber todas as coisas com gratidão será glorificado; e as coisas desta Terra serão acrescentadas, mesmo centuplicadas, sim, mais”

(D&C 78:19; grifo do autor).

“Por toda a Igreja, tenho sentido essa transformação, o aumento da gratidão pelas bênçãos e um amor crescente a Deus. Esse processo parece se acelerar entre os membros da Igreja em momentos e lugares em que existem provas de fé, em que precisam suplicar a Deus pedindo ajuda até mesmo para seguir em frente.”

Presidente Henry B. Eyring, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, “Adoração no Dia do Senhor”, *A Liahona*, novembro de 2016, p. 101.

Where Are the Nine? [Onde Estão os Nove?], de Walter Rane

Ver Lucas 17:11-19, em que Jesus relata que, após curar dez leprosos, somente um voltou para agradecer.

Sumário Novembro de 2016

Volume 69 • Número 11

Sessão Geral das Mulheres

- 6 **Trarei a Luz do Evangelho para o Meu Lar**
Jean B. Bingham
- 9 **O Mestre Que Nos Cura**
Carole M. Stephens
- 12 **Erguei-vos com Vigor, Irmãs em Sião**
Bonnie L. Oscarson
- 15 **A Última Porta do Quarto Andar**
Presidente Dieter F. Uchtdorf

Sessão da Manhã de Sábado

- 19 **Oh! Quão Grande É o Plano de Nosso Deus!**
Presidente Dieter F. Uchtdorf
- 22 **“Vem, Segue-Me” Colocando em Prática o Serviço e o Amor Cristãos**
Élder Robert D. Hales
- 25 **O Desejo Sincero da Alma**
Carol F. McConkie
- 27 **“Um Vidente Escolhido Levantarei Eu”**
Élder Craig C. Christensen
- 30 **O Senhor Jesus Cristo Nos Ensina a Orar**
Élder Juan A. Uceda
- 32 **Sou Bom o Suficiente? Vou Conseguir?**
Élder J. Devn Cornish
- 35 **Uma Testemunha de Deus**
Élder Neil L. Andersen

Sessão da Tarde de Sábado

- 39 **Apoio aos Líderes da Igreja**
Presidente Henry B. Eyring
- 40 **Valentes no Testemunho de Jesus**
Élder Quentin L. Cook
- 44 **Olhe para o Livro, Veja o Senhor**
Élder Gary E. Stevenson
- 48 **“Permaneça no Meu Amor”**
Élder D. Todd Christofferson
- 52 **Para Nosso Desenvolvimento e Aprendizagem Espirituais**
Élder W. Mark Bassett
- 55 **Destemidos em Cristo**
Élder Kazuhiko Yamashita
- 57 **Compartilhar o Evangelho Restaurado**
Élder Dallin H. Oaks

Sessão Geral do Sacerdócio

- 61 **Emissários da Igreja**
Élder Jeffrey R. Holland
- 68 **Há Poder no Livro**
Élder LeGrand R. Curtis Jr.
- 71 **Aprender com Alma e Amuleque**
Presidente Dieter F. Uchtdorf
- 75 **A Fim de Também Se Tornar Forte**
Presidente Henry B. Eyring
- 78 **Princípios e Promessas**
Presidente Thomas S. Monson

Sessão da Manhã de Domingo

- 80 **O Caminho Perfeito para a Felicidade**
Presidente Thomas S. Monson
- 81 **Alegria e Sobrevivência Espiritual**
Presidente Russell M. Nelson
- 85 **O Sacramento Pode Nos Ajudar a Tornar-nos Santos**
Élder Peter F. Meurs
- 88 **O Grande Plano de Redenção**
Linda S. Reeves
- 90 **Para Quem Iremos Nós?**
Élder M. Russell Ballard
- 93 **As Bênçãos da Adoração**
Bispo Dean M. Davies
- 96 **O Juiz Justo**
Élder Lynn G. Robbins
- 99 **Adoração no Dia do Senhor**
Presidente Henry B. Eyring

Sessão da Tarde de Domingo

- 102 **“Se Vós Me Conhecêsseis a Mim”**
Élder David A. Bednar
- 106 **A Doutrina de Cristo**
Brian K. Ashton
- 110 **Servir**
Élder Carl B. Cook
- 113 **Para Que Não Te Esqueças**
Élder Ronald A. Rasband
- 116 **Deus Enxugará Todas as Lágrimas**
Élder Evan A. Schmutz
- 119 **Não Há Alegria Maior do Que Saber Que Eles Sabem**
Élder K. Brett Nattress
- 121 **Arrependimento: Uma Escolha Feliz**
Élder Dale G. Renlund
- 64 **As Autoridades Gerais e a Liderança Geral das Auxiliares de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias**
- 125 **Índice das Histórias Contadas na Conferência**
- 126 **Notícias da Igreja**



186ª Conferência Geral Semestral

Noite de Sábado, 24 de setembro de 2016, Sessão Geral das Mulheres

Preside: Presidente Thomas S. Monson.

Dirige: Linda K. Burton.

Oração de abertura: Denise Lindberg.

Oração de encerramento: Bonnie H. Cordon.

Música: Coro das Moças das Estacas de Ogden, Huntsville e Morgan, Utah; regente: Cherylyn Worthen; organista: Bonnie Goodliffe. “Em Glória Resplandece”, *Hinos*, nº 22, arr. Warby, não publicado; “Se Eu Escutar com o Coração”, DeFord, arr. Warby, não publicado; “Que Firme Alicerce”, *Hinos*, nº 42, arr. Kasen, pub. por Jackman; “Eu Sei Que Vive Meu Senhor”, *Hinos*, nº 70.

Sessão da Manhã de Sábado, 1º de outubro de 2016, Sessão Geral

Preside: Presidente Thomas S. Monson.

Dirige: Presidente Henry B. Eyring.

Oração de abertura: Joy D. Jones.

Oração de encerramento: Élder Marcus B.

Nash. Música: Coro do Tabernáculo Mórmon; regentes: Mack Wilberg e Ryan Murphy; organistas: Andrew Unsworth e Clay Christiansen: “Doce É o Trabalho”, *Hinos*, nº 54; “With Songs of Praise” [Com Cânticos de Louvor], *Hymns*, nº 71; “Graças Damos, Ó Deus, por um Profeta”, *Hinos*, nº 9; “Cantando, Louvamos”, *Hinos*, nº 50; “Take Time to Be Holy” [Procure Se Santificar], Longstaff, arr. Longhurst, pub. por Jackman; “Se a Vida É Penosa para Nós”, Sweney, arr. Wilberg, não publicado.

Sessão da Tarde de Sábado, 1º de outubro de 2016, Sessão Geral

Preside: Presidente Thomas S. Monson.

Dirige: Presidente Dieter F. Uchtdorf.

Oração de abertura: Élder Daniel L. Johnson.

Oração de encerramento: Élder Allen D.

Haynie. Música: Coro combinado do Centro de Treinamento Missionário de Provo; regentes: Ryan Eggett e Elmo Keck; organistas: Linda Margetts e Bonnie Goodliffe: “Que Manhã Maravilhosa!”, *Hinos*, nº 12, arr. Kasen, pub. por Jackman; “Batismo”, *Músicas para Crianças*, pp. 54–55, arr. Gates, pub. por Jackman; “Chamados a Servir”, *Hinos*, nº 166; “Aonde Mandares Irei”, *Hinos*, nº 167, arr. Wilberg, não publicado;

“Juventude da Promessa”, *Hinos*, nº 182, arr. Schank, não publicado.

Noite de Sábado, 1º de outubro de 2016, Sessão Geral do Sacerdócio

Preside: Presidente Thomas S. Monson.

Dirige: Presidente Henry B. Eyring.

Oração de abertura: Élder Paul B. Pieper.

Oração de encerramento: Élder Bruce D.

Porter. Música: Coro do Sacerdócio de Melquisedeque das Estacas de West Valley City e Magna, Utah; regente: Kenny Wisner; organista: Richard Elliott: “Ó Élderes de Israel” (Homens), *Hinos*, nº 203, arr. Spiel, não publicado; “Com Amor no Lar”, *Hinos*, nº 188, arr. Manookin, pub. por Jackman; “Alegres Cantemos”, *Hinos*, nº 3; “Deixa a Luz do Sol Entrar”, *Hinos*, nº 153, arr. Zabriskie, pub. por Holy Sheet Music.

Sessão da Manhã de Domingo, 2 de outubro de 2016, Sessão Geral

Preside: Presidente Thomas S. Monson.

Dirige: Presidente Dieter F. Uchtdorf.

Oração de abertura: Élder Christoffel Golden.

Oração de encerramento: Devin G. Durrant.

Música: Coro do Tabernáculo Mórmon; regente: Mack Wilberg; organistas: Clay Christiansen e Richard Elliott: “Vive o Redentor”, *Hinos*, nº 67; “In Hymns of Praise” [Em Hinos de Louvor], *Hymns*, nº 75, arr. Wilberg; “On This Day of Joy and Gladness” [Neste Dia de Contentamento e Alegria], *Hymns*, nº 64, arr. Wilberg, não publicado; “Sou um Filho de Deus”, *Hinos*, nº 193; “Meu Pai Celestial Me Tem Afeiçoado”, *Músicas para Crianças*, pp. 16–17, arr. Hofheins e Christiansen, não publicado; “Vinde, Ó Povos, Graças Dar”, *Hinos*, nº 52, arr. Wilberg, pub. por Oxford.

Sessão da Tarde de Domingo, 2 de outubro de 2016, Sessão Geral

Preside: Presidente Thomas S. Monson.

Dirige: Presidente Henry B. Eyring.

Oração de abertura: Élder Enrique R.

Falabella. Oração de encerramento: Élder Erich W. Kopischke. Música: Coro do Tabernáculo Mórmon; regentes: Mack Wilberg e Ryan Murphy; organistas: Bonnie Goodliffe e Linda Margetts. “A Verdade o Que

É?”, *Hinos*, nº 171, arr. Longhurst, pub. por Jackman; “Brilha, Meiga Luz”, *Hinos*, nº 60, arr. Wilberg, pub. por Jackman; “No Monte a Bandeira”, *Hinos*, nº 4; “Com Fé O Seguirei”, Perry, arr. Murphy, não publicado; “Trabalhemos Hoje”, *Hinos*, nº 141, arr. Elliott.

Gravação das Sessões da Conferência

Para acessar os discursos da conferência geral na Internet, em vários idiomas, visite o site conference.LDS.org e escolha um idioma. Os discursos também estão disponíveis na Biblioteca do Evangelho, no aplicativo para celular. Informações sobre a conferência geral em formato acessível para os membros com necessidades especiais encontram-se disponíveis no site disability.LDS.org.

Mensagens dos Mestres Familiares e das Professoras Visitantes

Para as mensagens dos mestres familiares e das professoras visitantes, escolha um discurso que mais atenda às necessidades daqueles a quem você visita.

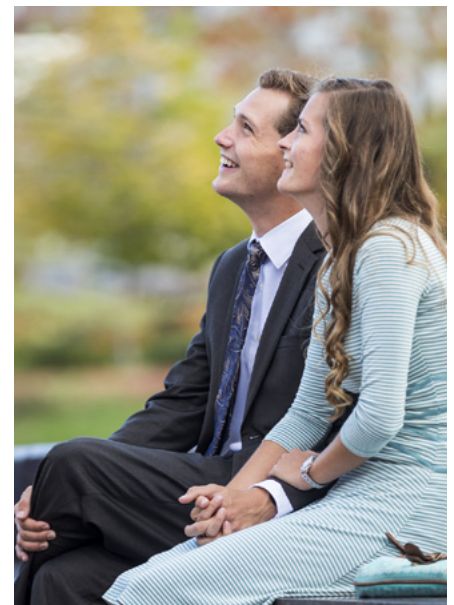
Na Capa

Primeira capa: Fotografia: Ashlee Larsen.

Última capa: Fotografia: Ale Borges.

Fotografias da Conferência

As fotografias em Salt Lake City foram tiradas por Cody Bell, Ale Borges, Randy Collier, Weston Colton, Nate Edwards, Ashlee Larsen, Leslie Nilsson, Matt Reier e Christina Smith; do edifício na Alemanha, por Daniel G. Dornelles; da família de Harriet Uchtdorf e dos missionários, cortesia da família Uchtdorf.



Revista Internacional em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência: Thomas S. Monson, Henry B. Eyring, Dieter F. Uchtdorf

Quórum dos Doze Apóstolos: Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson, Neil L. Andersen, Ronald A. Rasband, Gary E. Stevenson, Dale G. Renlund

Editor: Joseph W. Sitati

Editores assistentes: Randall K. Bennett, Carol F. McConkie

Consultores: Brian K. Ashton, Jean B. Bingham, LeGrand R. Curtis Jr., Christoffel Golden, Douglas D. Holmes, Erich W. Kopschke, Larry R. Lawrence, Carole M. Stephens

Diretor Administrativo: Peter F. Evans

Diretor das Revistas da Igreja: Allan R. Loyborg

Gerente de Relações Comerciais: Garff Cannon

Gerente Editorial: Adam C. Olson

Gerente Editorial Assistente: Ryan Carr

Assistente de Publicações: Megan Seitz

Equipe de Composição e Edição de Textos: Bethany Bartholomew, Brittany Beattie, David Dickson, David A. Edwards, Matthew D. Flitton, Lori Fuller, Garrett H. Garff, LaRene Porter Gaunt, Charlotte Larcabal, Michael R. Morris, Eric B. Murdock, Sally Johnson Odekir, Joshua J. Perkey, Jan Pinborough, Richard M. Romney, Mindy Anne Selu, Marissa Widdison

Diretor Administrativo de Arte: J. Scott Knudsen

Diretor de Arte: Tadd R. Peterson

Equipe de Diagramação: Jeanette Andrews, Fay P. Andrus, C. Kimball Bott, Thomas Child, David Green, Colleen Hinckley, Eric P. Johnson, Susan Lofgren, Scott M. Mooy, Mark W. Robison, Rachel Smith, Brad Teare, K. Nicole Walkenhorst

Coordenadora de Propriedade Intelectual:

Collette Nebeker Aune

Gerente de Produção: Jane Ann Peters

Equipe de Produção: Glen Adair, Connie Bowthorpe Bridge, Julie Burdett, Bryan W. Gygi, Ginny J. Nilson, Gayle Tate Rafferty, Derek Richardson

Pré-Impressão: Joshua Dennis, Ammon Harris

Diretor de Impressão: Steven T. Lewis

Diretor de Distribuição: Troy K. Vellinga

Tradução: Nelly Barros Terrone

Distribuição: Corporação do Bispado Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Steinmühlstrasse 16, 61352 Bad Homburg v.d.H., Alemanha.

Para assinatura ou mudança de endereço, entre em contato com o Serviço ao Consumidor. Ligação Gratuita: 00800 2950 2950. Telefone: +49 (0) 6172 4928 33/34. E-mail: ordereuseu@ldschurch.org. Online: store.lds.org. Preço da assinatura para um ano: € 3,75 para Portugal, € 3,00 para Açores e CVE 83,5 para Cabo Verde.

Para assinaturas e preços fora dos Estados Unidos e do Canadá, acesse o site store.LDS.org ou entre em contato com o Centro de Distribuição local ou o líder da ala ou do ramo.

Envie manuscritos e perguntas online para liahona.LDS.org; pelo correio, para: *Liahona*, Room 2420, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150-0024, USA; ou por e-mail, para: liahona@LDSchurch.org.

A Liahona, termo do Livro de Mórmon que significa "bússola" ou "guia", é publicada em albanês, alemão, armênio, bislama, búlgaro, cambojano, cebuano, chinês, chinês (simplificado), coreano, croata, dinamarquês, esloveno, espanhol, estoniano, filipino, finlandês, francês, grego, holandês, húngaro, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malaio, marshallês, mongol, norueguês, polonês, português, quiribatiano, romeno, russo, samoano, sualí, sueco, tagalo, tailandês, taitiano, tcheco, tonganês, ucraniano, urdu e vietnamita. (A periodicidade varia de um idioma para outro.)

© 2016 Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impresso nos Estados Unidos da América.

O texto e o material visual encontrados na revista *A Liahona* podem ser copiados para uso eventual, na Igreja ou no lar, não para uso comercial. O material visual não poderá ser copiado se houver qualquer restrição indicada nos créditos constantes da obra. As perguntas sobre direitos autorais devem ser encaminhadas para Intellectual Property Office, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150, USA; e-mail: cor-intellectualproperty@LDSchurch.org.

Informação de copyright: A menos que seja indicado o contrário, é permitido copiar o material da revista *A Liahona* para uso pessoal, não comercial (inclusive para os chamados na Igreja). Essa permissão pode ser revogada a qualquer momento. O material visual não pode ser copiado caso haja restrições indicadas nos créditos constantes da obra. As perguntas sobre direitos autorais devem ser encaminhadas para Intellectual Property Office, 50 E. North Temple St., FL 13, Salt Lake City, UT 84150, USA; e-mail: cor-intellectualproperty@LDSchurch.org.

For Readers in the United States and Canada:

November 2016 Vol. 69 No. 11. LIAHONA (USPS 311-480) Portuguese (ISSN 1044-3347) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150. USA subscription price is \$10.00 per year; Canada, \$12.00 plus applicable taxes. Periodicals Postage Paid at Salt Lake City, Utah. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; old and new addresses *must* be included. Send USA and Canadian subscriptions to Salt Lake Distribution Center at address below. Subscription help line: 1-800-537-5971. Credit card orders (Visa, MasterCard, American Express) may be taken by phone. (Canada Poste Information: Publication Agreement #40017431)

POSTMASTER: Send all UAA to CFS (see DMM 507.1.5.2).

NONPOSTAL AND MILITARY FACILITIES: Send address changes to Distribution Services, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, UT 84126-0368, USA.



Lista de Oradores

Andersen, Neil L., 35
Ashton, Brian K., 106
Ballard, M. Russell, 90
Bassett, W. Mark, 52
Bednar, David A., 102
Bingham, Jean B., 6
Christensen, Craig C., 27
Christofferson, D. Todd, 48
Cook, Carl B., 110
Cook, Quentin L., 40
Cornish, J. Devn, 32
Curtis, LeGrand R., Jr., 68
Davies, Dean M., 93
Eyring, Henry B., 39, 75, 99
Hales, Robert D., 22
Holland, Jeffrey R., 61
McConkie, Carol F., 25
Meurs, Peter F., 85
Monson, Thomas S., 78, 80
Nattress, K. Brett, 119
Nelson, Russell M., 81
Oaks, Dallin H., 57
Oscarson, Bonnie L., 12
Rasband, Ronald A., 113
Reeves, Linda S., 88
Renlund, Dale G., 121
Robbins, Lynn G., 96
Schmutz, Evan A., 116
Stephens, Carole M., 9
Stevenson, Gary E., 44
Uceda, Juan A., 30
Uchtdorf, Dieter F., 15, 19, 71
Yamashita, Kazuhiko, 55

Índice por Assunto

Adoração, 93
Adversidade, 6, 9, 12, 22, 40, 55, 68, 81, 99, 113, 116
Alegria, 55, 81, 88, 116, 121
Amor, 22, 48, 57, 61, 99, 113
Apocalipse, 52
Apostasia, 68
Arbitrio, 15
Arrependimento, 9, 32, 40, 48, 71, 88, 106, 121
Ativação, 71, 75
Batismo, 106
Bênçãos, 78, 110
Bondade, 6
Caridade, 6, 93
Casa de Israel, 37
Chamados na Igreja, 40, 99, 110
Confiança, 15, 52
Convênios, 12, 99
Conversão, 35, 57, 68
Cura, 9
Dia do Senhor, 93, 99
Disciplina, 61, 96
Discipulado, 90, 93, 102, 116
Dúvida, 90, 113
Ensino, 12, 22
Ensino familiar, 61
Esperança, 93, 116
Espírito Santo, 9, 25, 27, 30, 44, 68, 85, 106
Estudo das escrituras, 52, 68, 119
Expiação, 9, 19, 22, 32, 40, 48, 88, 96, 106, 116, 119, 121
Família, 119
Fé, 9, 12, 15, 25, 27, 30, 52, 90, 93, 102, 106, 110, 113, 116
Gratidão, 19, 75, 99
Jesus Cristo, 6, 9, 12, 22, 25, 30, 32, 37, 40, 44, 48, 55,

80, 81, 85, 88, 90, 93, 96, 102, 106, 110, 113, 116, 119, 121
Joseph Smith, 12, 27, 35, 44, 93, 96, 99, 113
Julgamento, 6, 96
Lealdade, 90
Liderança, 71, 75
Livro de Mórmon, 27, 44, 52, 68, 71, 119
Maternidade, 119
Mulheres, 12
Música, 85
Natureza divina, 19, 48, 119
Necessidades especiais, 55
Obediência, 48, 57, 80
Obra missionária, 15, 35, 55, 57, 80
Oração, 25, 30, 35, 57
Pai Celestial, 48, 102
Palavra de Sabedoria, 78
Paternidade/maternidade, 22, 96, 119
Perseverança, 15, 106, 116
Plano de Salvação, 12, 19, 80, 81, 88, 90
Preparação, 85
Profecia, 27
Profetas, 27
Ressurreição, 19
Restauração, 12, 27, 35, 44
Reunião sacramental, 85
Sacerdócio, 61, 75
Sacramento, 85, 99, 106
Sacrifício, 96
Serviço, 22, 55, 61, 71, 75, 99, 102, 110
Templos, 12
Testemunho, 27, 40, 46, 68, 113
União, 110
Valor pessoal, 32



Destaques da 186ª Conferência Geral Semestral

○ Presidente Thomas S. Monson compartilhou duas mensagens claras durante a Conferência Geral. Na manhã de domingo, prestou testemunho do grande plano de felicidade elaborado por Deus para todas as pessoas. Ele ensinou sobre a participação essencial de Jesus Cristo no Plano de Salvação, bem como nosso papel com relação a obter a felicidade que Deus deseja para nós (ver página 80). Durante a sessão geral do sacerdócio, o Presidente Monson enfatizou as bênçãos que advêm da obediência aos mandamentos do Senhor e do cumprimento fiel da Palavra de Sabedoria (ver página 78).

Centenas de milhares de mulheres, moças e meninas a partir de oito anos reuniram-se no Centro de Conferências e em locais em todo o mundo para abrir as seis sessões da conferência geral com a sessão geral das mulheres.

Na sessão da tarde de sábado, quatro Setentas Autoridades Gerais receberam a condição de eméritos, um setenta de área foi desobrigado e mais dois setentas de área foram chamados (ver página 39). No domingo, o Élder Dale G. Renlund, do Quórum dos Doze Apóstolos, homenageou o Élder Per G. Malm, membro dos Setenta que faleceu

em 26 de julho de 2016 (ver página 121).

As conferências gerais da Igreja são realizadas a cada seis meses, transmitidas diretamente do Centro de Conferências em Salt Lake City, Utah, que tem 21 mil assentos, e chegam a milhões de pessoas ao redor do mundo. A conferência foi interpretada e disponibilizada online em mais de 80 idiomas e foi publicada em 34 idiomas nas revistas da Igreja. ■

Para encontrar sugestões sobre como utilizar esta edição, veja o índice das histórias na página 125.





Jean B. Bingham
Primeira Conselheira na Presidência Geral da Primária

Trarei a Luz do Evangelho para o Meu Lar

Podemos trazer a luz do evangelho para nosso lar, escola e trabalho se buscarmos e compartilharmos coisas positivas sobre outras pessoas.

Em resposta ao convite da irmã Linda K. Burton, na Conferência Geral de abril,¹ muitas de vocês se envolveram em sinceros e generosos atos de caridade concentrados em atender às necessidades de refugiados em sua área. Esses atos incluem desde esforços simples e individuais até programas comunitários, e são resultado do amor. Ao compartilharem seu tempo, seus talentos e seus recursos, seu coração e o coração desses refugiados foram aliviados. A edificação da esperança, da fé e de um amor ainda maior entre o receptor e o doador são resultados inevitáveis da verdadeira caridade.

O Profeta Morôni ensinou-nos que a caridade é uma característica essencial daqueles que viverão com o Pai Celestial no Reino Celestial. Ele escreveu: “E a não ser que tenhais caridade, não podeis de modo algum ser salvos no reino de Deus”.²

Naturalmente, Jesus Cristo é a personificação perfeita da caridade. Seu compromisso na vida pré-mortal de ser nosso Salvador, Sua interação

no decorrer de Sua vida mortal, Sua sublime dádiva da Expição e Seus esforços contínuos para nos levar de volta a nosso Pai Celestial são as mais elevadas expressões de caridade. Ele age com um enfoque particular: o amor por Seu Pai, expresso por meio de Seu amor por todos nós. Quando Lhe perguntaram qual era o maior de todos os mandamentos, Jesus respondeu:

“Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

Este é o primeiro e grande mandamento.

E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.³

Uma das formas mais significativas pela qual podemos desenvolver e demonstrar amor ao próximo é sendo generosas em nossos pensamentos e em nossas palavras. Há alguns anos, uma amiga querida disse: “A maior forma de caridade pode ser demonstrada quando refreamos nosso julgamento”.⁴ Isso ainda é verdadeiro hoje.

Recentemente, quando Alyssa, de 3 anos de idade, assistia a um filme com seus irmãos, ela disse, com uma expressão intrigada: “Mãe, essa galinha é estranha!”

Sua mãe olhou para a tela e respondeu com um sorriso: “Querida, isso é um pavão”.

Assim como essa criança de 3 anos não tinha informações o suficiente, às vezes olhamos para outras pessoas com uma compreensão incompleta ou errônea. Eventualmente nos concentramos nas diferenças e nas aparentes imperfeições das pessoas a nosso redor, enquanto nosso Pai Celestial vê Seus filhos, criados à Sua imagem eterna, com um potencial magnífico e glorioso.

O Presidente James E. Faust é lembrado por ter dito: “Quanto mais velho fico, menos eu critico”.⁵ Isso me faz lembrar de uma observação do Apóstolo Paulo:

“Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino; mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.

Porque agora vemos por espelho, em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido”.⁶

Quando vemos nossas próprias imperfeições mais claramente, ficamos menos inclinadas a ver os outros “por espelho, em enigma”. Queremos usar a luz do evangelho para ver as outras pessoas como o Salvador as vê — com compaixão, esperança e caridade. Dia virá em que teremos plena compreensão do coração das pessoas e seremos gratas por recebermos misericórdia, assim como nutrimos pensamentos e palavras caridosos por outras pessoas durante esta vida.

Há alguns anos, fiz canoagem com um grupo de moças. Os profundos lagos azuis, rodeados por montes verdes densamente arborizados e por encostas rochosas, eram incrivelmente lindos. A água reluzia quando mergulhávamos nossos remos na água cristalina, e o sol brilhava muito enquanto passávamos tranquilamente para o outro lado do lago.

Porém, nuvens logo escureceram o céu e um vento forte começou a soprar. Para que tivéssemos resultado, tivemos de remar com grande força, sem interrupções nem pausas entre os movimentos. Depois de algumas horas extenuantes de trabalho árduo, finalmente contornamos o lago e, para nossa surpresa e nosso entusiasmo, descobrimos que o vento estava soprando na direção que desejávamos.

Rapidamente, aproveitamos essa dádiva. Pegamos uma pequena lona e amarramos duas extremidades nos cabos dos remos e as outras duas extremidades nos pés de meu marido, os quais ele estendeu sobre a borda da canoa. O vento inflou a vela improvisada e partimos!

Quando as moças nas outras canoas viram a facilidade com que deslizávamos sobre a água, elas rapidamente improvisaram sua própria vela. Nosso coração ficou aliviado com alegria e consolo, grato pelo descanso das dificuldades do dia.

Esse vento glorioso é bastante parecido com um elogio sincero de uma amiga, um alegre cumprimento dos pais, um aceno de aprovação de um irmão ou de uma irmã, ou o sincero sorriso de um amigo de trabalho ou de classe; tudo isso nos fornece um agradável “vento em nossa vela” ao combatermos as dificuldades da vida! O Presidente Thomas S. Monson disse: “Não podemos mudar o rumo do



vento, mas podemos ajustar as velas. A fim de termos o máximo de felicidade, paz e satisfação, *escolhamos* uma atitude positiva”.⁷

As palavras têm um poder surpreendente, tanto para edificar quanto para difamar. Provavelmente nos lembramos de palavras negativas que nos deixaram deprimidas e de outras palavras ditas com amor que elevaram nosso espírito. Escolher dizer apenas o que é positivo sobre as outras pessoas — e para elas — eleva e fortalece as pessoas a nosso redor e ajuda outras a seguirem o caminho do Salvador.

Quando eu era uma menina da Primária, trabalhei diligentemente para bordar um simples ditado que dizia: “Trarei a luz do evangelho para o meu lar”. Certa tarde, enquanto nós, meninas, passávamos a agulha pela tela, nossa professora nos contou a história de uma menina que morava em uma colina ao lado de um vale. A cada fim de tarde, ela notava uma casa com reluzentes janelas douradas, sobre a colina do outro lado do vale. Sua casa era pequena e, de certa forma, deteriorada, e a menina sonhava em viver naquela bela casa com janelas douradas.

Certo dia, a menina recebeu permissão para ir de bicicleta ao outro lado do vale. Com entusiasmo, pedalou até a casa de janelas douradas, que ela admirara por tanto tempo. Mas, quando

desceu de sua bicicleta, viu que a casa estava abandonada e destruída, com altas ervas daninhas no jardim e com janelas simples e sujas. Com tristeza, a menina virou-se para sua casa. Para sua surpresa, viu uma casa com reluzentes janelas douradas, sobre a colina do outro lado do vale, e logo percebeu que era sua própria casa!⁸

Assim como aquela menina, às vezes analisamos o que outras pessoas podem ter ou ser, e sentimos que somos menores em relação a elas. Ficamos concentradas nas versões que o Pinterest ou o Instagram retratam da vida ou envolvidas na obsessão pela competição na escola ou no trabalho. No entanto, quando reservamos um momento para “[contar nossas] muitas bênçãos”,⁹ enxergamos com uma perspectiva mais verdadeira e reconhecemos a bondade de Deus para com *todos* os Seus filhos.

Quer tenhamos 8 ou 108 anos, podemos trazer a luz do evangelho para nossas próprias circunstâncias, seja em um alto edifício em Manhattan, em uma palafita na Malásia ou em uma cabana na Mongólia. Podemos escolher procurar o bem nas outras pessoas e nas circunstâncias ao nosso redor. As jovens e as mulheres não tão jovens podem demonstrar caridade ao escolherem utilizar palavras para edificar a fé e a confiança de outras pessoas.

O Élder Jeffrey R. Holland contou a história de um rapaz que era alvo de piadas durante a época da escola. Alguns anos mais tarde, ele se mudou, alistou-se no Exército, obteve educação e tornou-se ativo na Igreja. Esse período de sua vida foi marcado por maravilhosas experiências de sucesso.

Depois de muitos anos, voltou para sua cidade natal. Porém, o povo se recusou a reconhecer seu crescimento e aperfeiçoamento. Para eles, ele ainda era simplesmente o velho “fulano de tal”, e era assim que eles o tratavam. Por fim, aquele bom homem desperdiçou quase todo seu progresso sem ser capaz de usar seus talentos, os quais foram desenvolvidos de forma magnífica para abençoar aqueles que zombavam dele e o rejeitavam mais

uma vez.¹⁰ Que perda para ele e para a comunidade!

O Apóstolo Pedro ensinou: “Mas, sobretudo, tende ardente caridade uns para com os outros, porque a caridade cobrirá uma multidão de pecados”.¹¹ A caridade *ardente*, ou seja, “de todo o coração”, é demonstrada quando nos esquecemos dos erros e dos tropeços de outras pessoas em vez de guardarmos rancor ou de lembrar a nós mesmos e a outras pessoas de imperfeições do passado.

É nossa obrigação e privilégio aceitar o aperfeiçoamento de *todos* à medida que nos esforçamos para ser mais semelhantes a nosso Salvador, Jesus Cristo. Que emoção é ver luz nos olhos de alguém que passou a entender a Expição de Jesus Cristo

e que está fazendo mudanças reais em sua vida! Os missionários que já experimentaram a alegria de ver um converso entrar nas águas do batismo e, em seguida, entrar pelas portas do templo são testemunhas da bênção de permitirmos e incentivarmos as pessoas a mudar. Os membros que acolhem conversos que podem ter sido considerados candidatos improváveis para o reino de Deus encontram grande satisfação em ajudá-los a sentir o amor do Senhor. A grande beleza do evangelho de Jesus Cristo é a realidade do progresso eterno — não somente temos a *permissão* para mudar para melhor, mas também somos incentivadas, e até *ordenadas*, a continuar na busca por aperfeiçoamento e, por fim, pela perfeição.

O Presidente Thomas S. Monson aconselhou: “Em centenas de pequenos gestos, todas vocês vestem o manto da caridade. (...) Em vez de sermos críticos e de julgarmos uns aos outros, que possamos ter o puro amor de Cristo por nossos companheiros nesta jornada da vida. Reconheçamos que cada irmã está fazendo o melhor que pode para lidar com os próprios desafios, e que nos empenhemos em fazer o *nosso* melhor para ajudar”.¹²

A caridade, em termos positivos, é paciente, bondosa e radiante. A caridade põe outras pessoas em primeiro lugar, é humilde, exerce autocontrole, vê o que há de melhor nas pessoas e regozija-se quando alguém faz o bem.¹³

Sendo irmãs (e irmãos) em Sião, comprometemo-nos a “[ser *sempre* unidos (...) para] (...) servir com ternura na obra sagrada, fazendo o que é nobre, amável e bom”.¹⁴ Podemos, com amor e com esperança elevada, ansiar e aceitar a beleza que há nas outras pessoas, permitindo e incentivando seu progresso? Podemos nos alegrar com as



realizações de outras pessoas à medida que continuamos a nos empenhar em nosso próprio progresso?

Sim, *podemos* trazer a luz do evangelho para nosso lar, escola e trabalho se buscarmos e compartilharmos coisas positivas sobre outras pessoas e deixarmos de nos concentrar nas imperfeições. Meu coração fica repleto de gratidão quando penso no arrependimento que nosso Salvador, Jesus Cristo, proporcionou a todos nós, que, inevitavelmente, pecamos neste mundo imperfeito e, por vezes, difícil!

Presto meu testemunho de que, ao seguirmos Seu exemplo perfeito, podemos receber o dom da caridade, que nos trará grande alegria nesta vida e a bênção prometida de vida eterna com nosso Pai Celestial. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Linda K. Burton, “Era Estrangeiro”, *A Liahona*, maio de 2016, p. 13.
2. Morôni 10:21.
3. Mateus 22:37–39.
4. Sandra Rogers, “Hearts Knit Together”, *Hearts Knit Together: Talks from the 1995 Women’s Conference* [Corações Entrelaçados: Discursos da Conferência de Mulheres de 1995], 1996, p. 7.
5. James E. Faust, citado por Dallin H. Oaks, “Judge Not and Judging” [“Não Julgueis” e o Ato de Julgar], *Ensign*, agosto de 1999, p. 13.
6. 1 Coríntios 13:11–12.
7. Thomas S. Monson, “Vida em Abundância”, *A Liahona*, janeiro de 2012, p. 4.
8. Adaptado de Laura E. Richards, *The Golden Windows: A Book of Fables for Young and Old* [As Janelas Douradas: Um Livro de Fábulas para Jovens e Adultos], 1903, pp. 1–6.
9. “Conta as Bênçãos”, *Hinos*, nº 57.
10. Ver Elder Jeffrey R. Holland, “O Melhor Está por Vir”, *A Liahona*, janeiro de 2010, p. 17.
11. 1 Pedro 4:8.
12. Thomas S. Monson, “A Caridade Nunca Falha”, *A Liahona*, novembro de 2010, p. 125.
13. Ver 1 Coríntios 13:4–6.
14. “Irmãs em Sião”, *Hinos*, nº 200; grifo da autora.



Carole M. Stephens

Primeira Conselheira na Presidência Geral da Sociedade de Socorro

O Mestre Que Nos Cura

Vocês não precisam vivenciar a tristeza causada pelo pecado, a dor causada pelos atos iníquos de outros ou as dolorosas realidades da mortalidade – sozinhas.

Uma das oportunidades mais gratificantes que tenho é a de viajar — de conhecer minhas irmãs no mundo todo. Nada se compara a estar de braços dados, fitando-as nos olhos e falando com vocês de coração para coração.

Em uma dessas ocasiões, uma líder da Sociedade de Socorro perguntou: “Há algo específico no qual as mulheres devem se concentrar?”

Respondi: “Há, sim!”, então me veio à mente o discurso do Presidente Russell M. Nelson, “Um Apelo às Minhas Irmãs”. O Presidente Nelson ensinou: “Precisamos de mulheres que tenham uma firme compreensão da doutrina de Cristo”.¹

Néfi descreveu a doutrina de Cristo da seguinte maneira:

“Porque a porta pela qual deves entrar é o *arrependimento* e o *batismo* com água; e vem, então, a remissão de vossos pecados pelo fogo e pelo *Espírito Santo*. (...)”

E agora, (...) eu perguntaria se tudo terá sido feito. Eis que vos digo: Não; porque não haveríeis chegado até esse ponto se não fosse pela palavra de

Cristo, com *fé* inabalável nele, confiando plenamente nos méritos daquele que é poderoso para salvar.

Deveis, pois, prosseguir com firmeza em Cristo, tendo um perfeito esplendor de esperança e amor a Deus e a todos os homens. Portanto, se assim prosseguirdes, banqueteados-vos com a palavra de Cristo, e *perseverardes até o fim*, eis que assim diz o Pai: Tereis vida eterna. (...)”

Este é o caminho; e não há qualquer outro caminho ou nome debaixo do céu pelo qual o homem possa ser salvo no reino de Deus. E agora, eis que *esta é a doutrina de Cristo*.²

Por que precisamos de uma firme compreensão desses princípios?

Frequentemente, encontro irmãs da Igreja que anseiam desesperadamente por ajuda, mas não se voltam para Aquele que pode prover auxílio eterno. Com frequência, elas buscam entendimento no “grande e espaçoso edifício”.³

Ao aumentarmos nosso entendimento da doutrina de Cristo, em pouco tempo descobriremos que estamos desenvolvendo uma compreensão



mais profunda do “grande plano de felicidade”.⁴ Também reconheceremos que nosso Salvador, Jesus Cristo, encontra-Se no próprio cerne do plano.

Quando aprendemos a aplicar a doutrina de Cristo às nossas circunstâncias individuais, nosso amor pelo Salvador aumenta e reconhecemos que, “apesar de nossas supostas diferenças, todos nós precisamos da mesma Expição infinita”.⁵ Compreendemos que Ele é nosso alicerce — “a rocha de nosso Redentor, (...) um alicerce seguro ; e se [edificarmos] sobre esse alicerce, não [cairemos]”.⁶

De que modo essa doutrina pode nos abençoar ao buscarmos paz e entendimento e ao nos esforçarmos para perseverar com alegria em nossa própria jornada mortal?

Sugiro que comecemos, como disse Néfi, “com fé inabalável [em Cristo], confiando plenamente nos méritos daquele que é poderoso para salvar”.⁷ Nossa fé em Jesus Cristo permite que enfrentemos qualquer dificuldade.

De fato, com frequência descobrimos que nossa fé se torna mais profunda e que nosso relacionamento com o Pai Celestial e Seu Filho se refina na adversidade. Deixem-me dar três exemplos.

Primeiro, o Salvador, o Mestre Que Nos Cura, tem o poder de mudar nosso coração e de nos proporcionar alívio permanente da tristeza causada por nossos próprios pecados. Quando o Salvador ensinou a mulher samaritana junto ao

poço, Ele sabia dos graves pecados dela. Contudo, “o Senhor olha para o coração”,⁸ e Ele sabia que o coração dela estava disposto a aprender.

Quando a mulher foi até o poço, Jesus — a personificação da água viva — disse simplesmente: “Dá-me de beber”. Do mesmo modo, nosso Salvador nos fala com uma voz que reconhecemos quando nos achegamos a Ele — porque Ele nos conhece. Ele vem ao nosso encontro onde estivermos. E, por ser quem Ele é e por causa do que fez por nós, Ele entende. Por ter vivenciado nossas dores, Ele pode nos dar a água viva quando a buscamos. Ele ensinou isso à mulher samaritana quando disse: “Se tu conhecesses o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber; tu lhe pedirias, e ele te daria água viva”. Quando finalmente entendeu, a mulher reagiu com fé e pediu: “Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede”.

Depois de ter aquela experiência pessoal com o Salvador, a mulher samaritana deixou “o seu cântaro, e foi à cidade, e disse àqueles homens:

Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito; porventura não é este o Cristo?”

Ela recebera um testemunho — começara a beber da água viva — e teve o desejo de testificar a respeito da divindade Dele a outros.⁹

Quando nos achegamos a Ele com um coração humilde e disposto a aprender — mesmo que nosso coração esteja carregado de erros, pecados e

transgressões —, Ele pode nos mudar, “porque ele é poderoso para salvar”.¹⁰ E com o coração mudado, podemos, tal como a mulher samaritana, ir para nossa própria cidade — casa, escola e local de trabalho — para testificar a respeito Dele.

Em segundo lugar, o Mestre Que Nos Cura pode nos consolar e nos fortalecer quando sentimos dor por causa dos atos iníquos de outras pessoas. Tive muitas conversas com

mulheres que estão sobrecarregadas de fardos pesados. Seu caminho do convênio, que teve início no templo, tornou-se uma difícil jornada de cura. Sofrem com a quebra de convênios, com o coração partido e com a perda da autoconfiança. Muitas delas são vítimas de adultério e de abuso verbal, sexual e emocional, frequentemente devido aos vícios de outras pessoas.

Essas experiências, embora não ocorram por culpa delas, deixam muitas se sentindo culpadas e envergonhadas. Sem compreender como lidar com as fortes emoções que sentem, muitas tentam ignorá-las, empurrando-as profundamente para dentro de si mesmas.

A esperança e a cura não são encontradas no escuro abismo do segredo, mas, sim, na luz e no amor de nosso Salvador, Jesus Cristo.¹¹ O Élder Richard G. Scott aconselhou: “Se você estiver livre de pecados graves, não sofra desnecessariamente com as consequências dos pecados de outra pessoa. (...) Você pode sentir compaixão. (...) Mas não deve sentir-se responsável. (...) Se tiver feito tudo o que for razoável para ajudar um ente querido, coloque o fardo aos pés do Salvador. (...) Ao agir assim, você não apenas encontrará paz, mas demonstrará sua fé no poder do Salvador de aliviar o fardo do pecado de um ente querido por meio do arrependimento e da obediência”.

Ele prosseguiu, dizendo: “A cura completa virá por meio de sua fé em Jesus Cristo e do poder e da capacidade Dele, por meio da Expição que Ele fez para curar as cicatrizes de algo injusto e não merecido”.¹²

Irmãs, caso vocês se vejam nessa situação, o processo de cura pode ser longo. Vai exigir que vocês, em espírito de oração, busquem orientação e auxílio apropriado, inclusive aconselhando-se com portadores do sacerdócio legitimamente ordenados. Ao aprenderem a comunicar-se abertamente, estabeleçam limites adequados e talvez procurem aconselhamento profissional. É vital manter a saúde espiritual ao longo de todo esse processo! Lembrem-se de sua identidade divina: Vocês são filhas amadas de Pais Celestes. Confie no plano eterno de Seu Pai para vocês. Continuem diariamente a aumentar sua compreensão da doutrina de Cristo. Exercitem fé todos os dias para beber profundamente da água viva do poço do Salvador. Confie no poder da investidura que está disponível para cada uma de nós por meio das ordenanças e dos convênios. E permitam que o poder de cura do Salvador e de Sua Expição entre em sua vida.

Em terceiro lugar, o Mestre Que Nos Cura pode nos consolar e nos amparar ao vivenciarmos as dolorosas “realidades da mortalidade”,¹³ como desastres, doenças mentais, enfermidades, dores crônicas e morte. Conheci recentemente uma moça extraordinária, chamada Josie, que sofre de transtorno bipolar. Aqui está uma pequena amostra de sua jornada rumo à cura, conforme ela me contou:

“Os momentos mais difíceis ocorrem naqueles dias que minha família e eu chamamos de ‘dias de chão’. Esses



dias começam com uma sobrecarga sensorial, sensibilidade aguda e aversão a qualquer tipo de som, toque ou luz. É o ápice da angústia mental. Houve um dia do qual jamais me esquecerei.

Foi no início da jornada, o que tornou a experiência particularmente assustadora. Lembro-me de que eu soluçava, com lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto ofegava. Mas até aquele intenso sofrimento se tornou pequeno em comparação à dor que senti ao ver o pânico dominar minha mãe, que estava tão desesperada para ajudar-me.

Meu transtorno mental partia-lhe o coração. Mal sabíamos, porém, que, a despeito daquele profundo sofrimento, estávamos a poucos momentos de vivenciar um milagre grandioso.

À medida que aquela longa hora prosseguia, minha mãe sussurrava repetidas vezes: ‘Eu faria qualquer coisa para aliviá-la dessa aflição’.

Enquanto isso, o sofrimento se intensificava. E, quando eu já estava convicta de que não conseguiria mais suportar, algo maravilhoso aconteceu.

Um poder transcendental e maravilhoso subitamente tomou conta de

meu corpo. Então, com uma força que não era minha,¹⁴ declarei à minha mãe, com grande convicção, seis palavras pungentes em resposta ao repetido desejo dela de tomar sobre si as minhas dores. Eu disse: ‘Não precisa. Alguém já o fez’.

Do fundo do abismo da debilitante doença mental, Josie reuniu forças para prestar testemunho de Jesus Cristo e de Sua Expição.

Ela não se curou completamente naquele dia, mas recebeu a luz da esperança em um momento de trevas intensas. E hoje, edificada pela firme compreensão da doutrina de Cristo e revigorada diariamente pela água viva do Salvador, Josie prossegue sua jornada rumo à cura e exerce uma fé inabalável no Mestre Que Nos Cura. Ela ajuda outros ao longo da jornada, e diz: “Quando as trevas parecem inexoráveis, recorro à lembrança de Suas ternas misericórdias. Para mim, elas são uma luz orientadora ao navegar por momentos difíceis”.¹⁵

Irmãs, testifico que:

Vocês não precisam continuar a carregar o fardo da tristeza causada pelo pecado — sozinhas.



Bonnie L. Oscarson
Presidente Geral das Moças

Não precisam carregar a dor causada pelos atos iníquos de outros — sozinhas.

Não precisam vivenciar as dolorosas realidades da mortalidade — sozinhas.

O Salvador disse:

“Não vovereis a mim agora, arrependendo-vos de vossos pecados e convertendo-vos, para que eu vos cure?”

(...) Se vierdes a mim, tereis vida eterna. Eis que meu braço de misericórdia está estendido para vós e aquele que vier, eu o receberei”.¹⁶

“[Ele] faria qualquer coisa para [aliviá-las] dessa aflição.” Na verdade, “[Ele] já o fez”. Em nome de Jesus Cristo, o Mestre Que Nos Cura. Amém. ■

NOTAS

1. Russell M. Nelson, “Um Apelo às Minhas Irmãs”, *A Liahona*, novembro de 2015, p. 97.
2. 2 Néfi 31:17, 19–21; grifo da autora.
3. 1 Néfi 11:36.
4. Alma 42:8.
5. Dale G. Renlund, “Santos dos Últimos Dias, Continuem Tentando Fazer o Melhor”, *A Liahona*, maio de 2015, p. 58.
6. Helamã 5:12.
7. 2 Néfi 31:19.
8. 1 Samuel 16:7.
9. Ver João 4:5–30, 39–42.
10. Alma 34:18.
11. Para auxílio adicional a indivíduos; cônjuges e famílias; e líderes da Igreja, ver overcomingpornography.org e mentalhealth.LDS.org.
12. Richard G. Scott, “Libertar-se dos Fardos Pesados”, *A Liahona*, novembro de 2002, p. 88.
13. Ver Paul B. Pieper, “As Realidades Reveladas da Mortalidade”, *A Liahona*, janeiro de 2016, p. 44.
14. Ver “Sim, Eu Te Seguirei”, *Hinos*, nº 134.
15. Para mais informações sobre a jornada de Josie rumo à cura, ver Morgan Jones, “Bipolar Disorder Can’t Stop LDS Woman from Spreading Light, Joy through the 444 Project” [Transtorno Bipolar Não Impede Que as Mulheres SUD Espalhem Luz e Alegria por Meio do Projeto 444], *Deseret News*, 21 de março de 2016, deseretnews.com.
16. 3 Néfi 9:13–14.

Erguei-vos com Vigor, Irmãs em Sião

Para sermos mulheres convertidas que guardam os convênios, precisamos estudar as doutrinas essenciais do evangelho e ter um testemunho inabalável de sua veracidade.

Que alegria é estarmos reunidas neste Centro de Conferências com as meninas, as moças e as mulheres da Igreja. Também estamos bem cientes de que há milhares de outros grupos de irmãs reunidos no mundo todo assistindo a esta conferência. Sinto-me grata pela oportunidade e pelos meios que nos permitem reunir-nos em união e propósito nesta noite.

Em outubro de 2006, o Presidente Gordon B. Hinckley fez um discurso intitulado “Erguei-vos, Ó Homens de Deus”, que leva o nome de um hino escrito em 1911.¹ Era uma conclamação à ação para que os homens da Igreja se erguessem e se tornassem melhores. Esse discurso me veio à mente quando orei para saber o que compartilhar com vocês.

Irmãs, vivemos em “tempos trabalhosos”.² As condições de nossos dias não devem ser uma surpresa para nós. Elas foram preditas por milênios como advertência e admoestação para que pudéssemos estar preparadas. O capítulo 8 de Mórmon nos dá uma descrição desconcertantemente precisa das condições de nossos dias. Nesse

capítulo, Morôni afirma ter visto os nossos dias, nos quais haveria guerras e rumores de guerras, grandes poluições, assassinatos, roubos e pessoas que nos diriam que não existe certo ou errado à vista de Deus. Morôni descreveu pessoas que eram cheias de orgulho, que se preocupavam muito em vestir-se com roupas caras e que ridicularizavam a religião. Foram-lhe mostradas pessoas tão obcecadas pelas coisas materiais que permitiam “que [passassem] por [elas] os famintos e os necessitados e os nus e os enfermos e os aflitos, sem notá-los”.³

Morôni faz a nós, que vivemos nesta época, uma pergunta que nos leva a uma profunda autoavaliação. Ele diz: “Por que tendes vergonha de tomar sobre vós o nome de Cristo?”⁴ Essa pergunta descreve de modo preciso o crescente secularismo de nosso mundo.

A tradução de Mateus feita por Joseph Smith declara que, nos últimos dias, até os próprios “eleitos de acordo com o convênio”⁵ seriam enganados. As pessoas do convênio incluem as meninas, as moças e as irmãs da Igreja que foram batizadas e fizeram



convênios com seu Pai Celestial. Até nós estamos sob o risco de ser enganadas por ensinamentos falsos.

Irmãs, não acredito que as condições vão melhorar no futuro. Se as tendências atuais forem um indício, precisamos estar preparadas para as tempestades que nos aguardam. Seria fácil nos desesperar, mas como povo do convênio, jamais devemos nos desesperar. Conforme disse o Élder Gary E. Stevenson: “A bênção compensatória que recebemos do Pai Celestial por vivermos em tempos trabalhosos é a de estarmos na plenitude dos tempos”.⁶ Aprecio imensamente o consolo dessa declaração.

O Presidente Russell M. Nelson nos disse há um ano: “Os ataques contra a Igreja, contra a doutrina da Igreja e contra nosso modo de vida vão aumentar. Por isso, precisamos de mulheres que tenham uma firme compreensão da doutrina de Cristo e que usem essa compreensão para ensinar e ajudar a criar uma geração resistente ao pecado. Precisamos de mulheres que possam detectar o engano em todas as suas formas. Precisamos de mulheres que saibam como ter acesso ao poder que Deus coloca à

disposição daqueles que guardam os convênios e que expressam suas crenças com confiança e bondade. Precisamos de mulheres que tenham a coragem e a visão de nossa mãe Eva”.⁷

Essa mensagem me reassegura de que, apesar das condições de nossos dias, temos muitos motivos para regozijar-nos e ser otimistas. Creio, do fundo do coração, que nós, irmãs, temos a fé e a força inatas que nos permitem enfrentar os desafios de viver nos últimos dias. A irmã Sheri Dew escreveu: “Acredito que, no momento em que aprendermos a desencadear a plena influência de mulheres convertidas, cumpridoras de convênios, o reino de Deus vai mudar rapidamente”.⁸

Será preciso um esforço conjunto e coordenado para converter-nos e cumprir nossos convênios. Para fazer isso, precisamos ser moças e mulheres que estudam as doutrinas essenciais do evangelho e que tenham um testemunho inabalável de sua veracidade. Há três áreas que, a meu ver, são fundamentais para um forte testemunho e que considero essenciais para nosso entendimento.

Em primeiro lugar, precisamos reconhecer a importância central de

Deus, nosso Pai Eterno, e de Seu Filho, Jesus Cristo para nossa fé e salvação. Jesus Cristo é nosso Salvador e Redentor. Precisamos estudar e entender Sua Expição e como aplicá-la no cotidiano. O arrependimento é uma das maiores bênçãos que cada uma de nós tem para permanecer no curso correto. Precisamos ver Jesus Cristo como nosso principal modelo e como o exemplo de quem precisamos nos tornar. Precisamos ensinar continuamente à nossa família e às nossas classes o grande Plano de Salvação estabelecido por nosso Pai, que inclui a doutrina de Cristo.

Em segundo lugar, precisamos entender a necessidade da Restauração da doutrina, da organização e das chaves de autoridade nestes últimos dias. Precisamos ter um testemunho de que o Profeta Joseph Smith foi divinamente escolhido e designado pelo Senhor para trazer à luz essa Restauração e precisamos reconhecer que ele organizou as mulheres da Igreja segundo a organização que existia na Igreja de Cristo antigamente.⁹

E em terceiro lugar, precisamos estudar e entender as ordenanças e os convênios do templo. O templo é o ponto central de nossas crenças mais sagradas, e o Senhor pede que o frequentemos e que ponderemos, estudemos e descubramos seu significado e sua aplicação individualmente. Entenderemos que, por meio das ordenanças do templo, o poder da divindade se manifesta em nossa vida¹⁰ e que, graças às ordenanças do templo, podemos nos revestir com o poder de Deus, e Seu nome estará sobre nós, Sua glória estará a nosso redor e Seus anjos nos guardarão.¹¹ Pergunto-me se estamos usufruindo plenamente o poder dessas promessas.

Irmãs, até as mais jovens desta congregação podem erguer-se com

fé e desempenhar um papel importante na edificação do reino de Deus. As crianças começam a adquirir seu próprio testemunho lendo ou ouvindo as escrituras, orando diariamente e tomando o sacramento de modo significativo. Todas as crianças e moças podem incentivar a realização das noites familiares e participar delas plenamente. Vocês podem ser as primeiras a se ajoelhar quando a família se reunir para a oração em família. Mesmo que seu lar esteja longe de ser ideal, seu exemplo pessoal de cumprimento fiel do evangelho pode influenciar a vida de seus familiares e amigos.

As moças da Igreja precisam ver a si mesmas como participantes essenciais no trabalho de salvação dirigido pelo sacerdócio, e não apenas como pessoas que observam e apoiam. Vocês têm chamados e são designadas por aqueles que possuem as chaves do sacerdócio para atuar como líderes com poder e autoridade nesse trabalho. Ao magnificarem seus chamados nas presidências de classe e prepararem-se espiritualmente, aconselharem-se, estenderem a mão para ministrar às irmãs de sua classe e ensinarem o evangelho umas às outras, vocês assumirão seu lugar nesse trabalho, e tanto vocês quanto suas irmãs serão abençoadas.

Todas as mulheres precisam ver a si mesmas como participantes essenciais no trabalho do sacerdócio. As mulheres desta Igreja são presidentes, conselheiras, professoras, membros de conselhos, irmãs e mães, e o reino de Deus não pode ir adiante a menos que nos ergamos e cumpramos nossos deveres com fé. Às vezes, basta termos uma visão maior daquilo que é possível.

Conheci recentemente uma irmã do México que entende o que significa magnificar seu chamado com fé.

Marfissa Maldonado foi chamada para dar aulas para uma classe de jovens da Escola Dominical há três anos. Tinha 7 alunos que frequentavam a aula quando foi chamada, mas agora tem 20 que frequentam assiduamente. Eu perguntei a ela, admirada, o que havia feito para conseguir esse aumento no número de alunos. Modestamente, ela disse: “Oh, não fui apenas eu. Todos os alunos ajudaram”. Juntos, viram o nome dos menos ativos na lista e começaram a sair com eles e a convidá-los a voltar à Igreja. Também tiveram um batismo graças ao trabalho que realizaram.

A irmã Maldonado criou um site de mídia social exclusivamente para seus alunos, chamado “Sou um Filho de Deus”, e publica pensamentos inspiradores e escrituras várias vezes por semana. Com frequência, envia mensagens de texto a seus alunos com designações e incentivo. Ela sente que é importante se comunicar de um modo com o qual eles mais se identifiquem, e isso está funcionando. Ela disse com simplicidade: “Amo meus alunos”. Pude sentir esse amor enquanto me contava o que fez, e seu exemplo me fez lembrar o que uma pessoa de fé e ação pode realizar neste trabalho com a ajuda do Senhor.

Nossos jovens estão expostos a perguntas difíceis todos os dias, e muitos de nós temos entes queridos que estão tendo dificuldades para encontrar respostas. As boas-novas são que *existem* respostas para as perguntas sendo feitas. Ouçam as mensagens recentes de nossos líderes. Temos sido exortados a estudar e a entender o plano de felicidade estabelecido por nosso Pai Celestial. Somos lembrados dos princípios que se encontram na proclamação da família.¹² Somos incentivados a ensinar e a usar esses recursos como

medidores de progresso para manter-nos no caminho estreito e apertado.

Há cerca de um ano, conversei com uma mãe de filhos pequenos que decidiu adotar uma abordagem proativa para imunizá-los contra as muitas influências negativas às quais eles estavam sendo expostos na Internet e na escola. Ela escolhe um tópico a cada semana, geralmente o que tenha gerado muita discussão na Internet, e inicia um debate significativo durante a semana, no qual os filhos podem fazer perguntas, e ela pode assegurar-se de que eles ouçam um ponto de vista equilibrado e justo sobre questões muitas vezes difíceis. Ela está fazendo de seu lar um lugar seguro para se levantar dúvidas e receber instrução significativa sobre o evangelho.

Preocupo-me com o fato de que procuramos tanto evitar ofender que às vezes deixamos de ensinar princípios corretos. Deixamos de ensinar a nossas moças que a preparação para serem mães é da mais alta importância por não quisermos ofender as pessoas que não se casaram ou que não podem ter filhos, ou por não quisermos ser consideradas repressoras de escolhas futuras. Por outro lado, talvez também deixemos de salientar a importância da educação por não quisermos transmitir a mensagem de que isso é mais importante do que o casamento. Evitamos declarar que nosso Pai Celestial define que o casamento deve ser entre um homem e uma mulher porque não queremos ofender quem sente atração por pessoas do mesmo sexo. E talvez consideremos desconfortável discutir questões de gênero ou de sexualidade saudável.

Sem dúvida, irmãs, precisamos usar de sensibilidade, mas também devemos usar o bom senso e nosso



Presidente Dieter F. Uchtdorf
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

entendimento do Plano de Salvação para sermos destemidas e diretas ao ensinar às nossas crianças e aos nossos jovens os princípios essenciais do evangelho que eles precisam entender para estar no mundo em que vivemos. Se não ensinarmos às nossas crianças e aos nossos jovens a doutrina verdadeira — e se não fizermos isso com clareza —, o mundo vai ensinar-lhes as mentiras de Satanás.

Amo o evangelho de Jesus Cristo e sinto-me eternamente grata pela direção, poder e auxílio diário que recebo como filha do convênio de Deus. Testifico que o Senhor nos abençoou, como mulheres vivendo nestes tempos trabalhosos, com todo o poder, dons e forças de que precisamos para preparar o mundo para a Segunda Vinda do Senhor Jesus Cristo. Oro para que todas vejamos o nosso verdadeiro potencial e que nos ergamos para nos tornar as mulheres de fé e coragem que nosso Pai Celestial precisa que sejamos. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver “Rise Up, O Men of God” [Erguei-vos, Ó Homens de Deus], *Hymns*, nº 324.
2. 2 Timóteo 3:1.
3. Mórmon 8:39; ver também versículos 26–38.
4. Mórmon 8:38.
5. Joseph Smith—Mateus 1:22.
6. Gary E. Stevenson, “Verdades Simples e Preciosas”, *A Liahona*, novembro de 2015, p. 91.
7. Russell M. Nelson, “Um Apelo às Minhas Irmãs”, *A Liahona*, novembro de 2015, p. 97.
8. Sheri Dew, *Women and the Priesthood: What One Mormon Woman Believes* [As Mulheres e o Sacerdócio: A Crença de Uma Mulher Mórmon], 2013, p. 163.
9. Ver *Filhas em Meu Reino: A História e o Trabalho da Sociedade de Socorro*, 2011, p. 7.
10. Ver Doutrina e Convênios 84:20.
11. Ver Doutrina e Convênios 109:22.
12. Ver “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, novembro de 2010, última contracapa.

A Última Porta do Quarto Andar

Deus “recompensa aqueles que o buscam”, portanto precisamos continuar a bater. Irmãs, não desistam. Busquem a Deus com todo o seu coração.

Minhas queridas irmãs e amigas, como somos abençoados por reunir-nos novamente nesta conferência internacional sob a orientação e a liderança de nosso querido profeta e presidente, Thomas S. Monson. Presidente, nós o amamos e o apoiamos. Sabemos que você ama as irmãs da Igreja.

Sinto-me feliz por estar nesta maravilhosa sessão da conferência geral dedicada às irmãs da Igreja.

Irmãs, quando as vejo, não consigo deixar de pensar nas mulheres que tanto influenciaram minha vida: minha avó e minha mãe, que foram as primeiras a aceitar o convite de conhecer a respeito da Igreja.¹ Minha amada esposa, Harriet, por quem me apaixonei a primeira vez que a vi. A mãe de Harriet, que se uniu à Igreja pouco depois de perder o marido, que sofria de câncer. Minha irmã, minha filha, minha neta e minha bisneta — todas elas foram uma influência refinadora para mim. Elas de fato trazem luz à minha vida. Elas me inspiram e tornam-me um homem melhor, e um líder mais sensível.

Como minha vida teria sido diferente sem elas!

Talvez o que me faz sentir mais humilde é saber que a influência que elas têm é demonstrada da mesma forma, milhões de vezes, em toda a Igreja por meio das habilidades, dos talentos, da inteligência e do testemunho de mulheres como vocês.

Talvez algumas de vocês não se sintam dignas de tal elogio. Podem pensar que são muito insignificantes para ter uma grande influência na vida de outros. Pode ser que algumas nem mesmo se considerem “uma mulher de fé” porque muitas vezes lutam contra a dúvida ou o temor.

Hoje desejo falar a qualquer uma que já se sentiu assim; o que, provavelmente, inclui todos nós uma vez ou outra. Desejo falar sobre fé; o que ela é, o que é capaz ou não de realizar e o que devemos fazer para ativar seu poder em nossa vida.

O Que É Fé

Fé é uma forte convicção de algo em que acreditamos; uma convicção tão forte que nos leva a fazer o que, de

outra forma, talvez não fizéssemos. “A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem.”²

Apesar de fazer sentido às pessoas fiéis, essa definição com frequência confunde os descrentes. Eles balançam a cabeça e perguntam: “Como alguém pode ter certeza de algo que não pode ver?” Para eles, isso é uma evidência da irracionalidade da religião.

O que não conseguem compreender é que há mais maneiras de ver do que apenas com os olhos, mais maneiras de sentir do que com as mãos e mais meios de ouvir do que com os ouvidos.

É semelhante à experiência da jovem que passeava com sua avó. O canto dos pássaros era glorioso para a garotinha, e ela comentava cada som com a avó.

“Ouviu isso, vovó?”, a garotinha perguntava repetidamente. Mas a avó tinha dificuldade para ouvir e não era capaz de distinguir os sons.

Por fim, a avó se ajoelhou e disse: “Desculpe, querida. Mas a vovó não ouve muito bem”.

Impaciente, a garotinha segurou o rosto da avó, olhou intensamente em seus olhos e disse: “Vovó, ouça direito!”

Há lições nessa história tanto para os incrédulos quanto para os que creem. O simples fato de não conseguirmos ouvir algo não significa que não haja nada para se ouvir. Duas pessoas podem ouvir a mesma mensagem ou ler a mesma escritura, uma poderá sentir o testemunho do Espírito e a outra não.

Por outro lado, em nossos esforços para ajudar nossos entes queridos a ouvir a voz do Espírito e ver a grandiosa, eterna e profunda beleza do evangelho de Jesus Cristo, pedir-lhes que “ouçam direito” pode não ser a maneira mais eficaz de fazê-lo.



Talvez um conselho melhor — para qualquer um que queira aumentar a fé — seja ouvir *de modo diferente*. O Apóstolo Paulo nos incentiva a buscar a voz que fala a nosso espírito e não apenas a nossos ouvidos. Ele ensinou: “Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente”.³ Ou talvez precisemos ponderar as palavras do Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry, que disse: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos”.⁴

O Poder e os Limites da Fé

Não é fácil, às vezes, desenvolver fé em coisas espirituais enquanto se vive num mundo físico. Porém, o esforço vale a pena, pois o poder da fé pode ser imenso em nossa vida. As escrituras ensinam que, por meio da fé, mundos foram criados, mares abertos, mortos ressuscitados, rios desviados de seu curso e montanhas movidas.⁵

Contudo, alguns podem perguntar: “Se a fé é tão poderosa, por que não consigo receber resposta para uma oração sincera? Não preciso ver um mar ser aberto ou uma montanha ser movida. Necessito apenas que minha enfermidade seja curada, ou que meus

pais perdoem um ao outro, ou que um companheiro eterno apareça em minha porta com um buquê de flores em uma das mãos e um anel de noivado em outra. Por que minha fé não pode realizar *isso*?”

A fé é poderosa e, com frequência, de fato realiza milagres. Mas não importa quanta fé tenhamos, há duas coisas que a fé não é capaz de fazer. A primeira é que não pode violar o arbítrio de outra pessoa.

Certa mulher orou durante anos para que sua filha rebelde voltasse para o aprisco de Cristo e sentiu-se desanimada por aparentemente não conseguir uma resposta para suas orações. Era ainda mais penoso para ela quando ouvia histórias de outros filhos pródigos que se arrependeram de seus erros.

O problema não foi falta de orações nem ausência de fé. Ela precisava apenas compreender que, por mais doloroso que seja para nosso Pai Celestial, Ele não forçará ninguém a escolher o caminho da retidão. Deus não forçou Seus filhos a segui-Lo no mundo pré-mortal. Muito menos nos forçará em nossa jornada pela vida mortal.

Deus nos convida e nos persuade. Deus incansavelmente estende a mão com amor, inspiração e incentivo. Deus, porém, nunca nos forçará, pois

isso enfraqueceria Seu grande plano para nosso crescimento eterno.

A segunda é que a fé não pode sobrepor nossa vontade à vontade de Deus. Não podemos forçá-Lo a satisfazer nossos desejos, não importa o quanto pensemos estar certos ou o quanto oremos sinceramente. Pensem na situação de Paulo, que implorou várias vezes ao Senhor que o livrasse de uma provação pessoal — a qual chamou de “um espinho na carne”. Mas aquela não era a vontade de Deus. Paulo acabou percebendo que sua provação era uma bênção e agradeceu a Deus por não responder suas orações da maneira que ele esperava.⁶

Confiança e Fé

Não, o propósito da fé não é *mudar* a vontade de Deus, mas dar-nos o poder de *agir* de acordo com a vontade Dele. Fé é confiança — confiança de que Deus vê o que não vemos e sabe o que não sabemos.⁷ Às vezes, confiar na própria visão e no próprio julgamento não é suficiente.

Aprendi isso como piloto de avião quando precisava voar através de nevoeiro ou nuvens espessas e conseguia ver apenas alguns metros adiante. Tive de confiar nos instrumentos que me diziam onde eu estava e aonde estava indo. Tive de ouvir a voz do controle aéreo. Tive de confiar na orientação de alguém com informações mais precisas do que as que eu tinha. Alguém que eu não podia ver, mas em quem eu aprendera a confiar. Alguém que pudesse ver o que eu não podia. Tive de confiar e agir de maneira a chegar em segurança a meu destino.

Fé significa que confiamos não apenas na sabedoria de Deus, mas também que confiamos em Seu amor. Isso significa confiar que Deus nos ama perfeitamente, que tudo o que Ele faz — cada

bênção que Ele dá e cada bênção que Ele, por certo tempo, retém — é para nossa felicidade eterna.⁸

Com esse tipo de fé, embora talvez não compreendamos por que certas coisas acontecem ou certas orações não são respondidas, podemos saber que, no final, tudo fará sentido. “Todas as coisas [contribuirão] juntamente para o bem daqueles que amam a Deus.”⁹

Tudo será corrigido. Tudo ficará bem.

Podemos estar certos de que as respostas virão e podemos ter a confiança de que não ficaremos apenas satisfeitos com as respostas, mas que também seremos envolvidos pela graça, misericórdia, generosidade e pelo amor de nosso Pai Celestial por nós, Seus filhos.

Apenas Continue a Bater

Até que isso aconteça, seguimos por meio da fé que temos,¹⁰ buscando sempre aumentá-la. Às vezes, não é uma tarefa fácil. Aqueles que são impacientes, que não têm compromisso ou que são descuidados podem achar que a fé é furtiva. Aqueles que se desanimam facilmente ou se distraem dificilmente a experimentarão. A fé vem ao humilde, ao diligente, àquele que persevera.

Vem àqueles que se esforçam para permanecer fiéis.

Essa verdade é ilustrada pela experiência de dois jovens missionários que serviam na Europa, em uma área onde havia poucos batismos de conversos. Suponho que seria compreensível que eles pensassem que qualquer coisa que fizessem não faria muita diferença.

Porém, aqueles dois missionários tiveram *fé* e estavam comprometidos. Decidiram que, se ninguém ouvisse sua mensagem, não seria porque eles não tinham dado o melhor de si.

Certo dia, sentiram que deveriam contatar os moradores de um bem conservado edifício de quatro andares. Começaram pelo primeiro andar e bateram em cada porta, apresentando sua mensagem de salvação sobre Jesus Cristo e a Restauração de Sua Igreja.

Ninguém no primeiro andar quis ouvir sua mensagem.

Como lhes teria sido fácil dizer: “Bem, nós tentamos. Vamos parar por aqui. Vamos tentar em outro edifício”.

Porém, aqueles dois missionários tiveram *fé* e estavam comprometidos com o *trabalho*, por isso bateram em cada porta do segundo andar.

Mais uma vez, ninguém quis ouvi-los.

No terceiro andar, o resultado foi o mesmo. E assim também aconteceu no quarto andar — bem, até baterem na última porta desse andar.

Quando a porta se abriu, uma garotinha sorriu para eles e pediu que esperassem enquanto ela falava com sua mãe.



O prédio na Alemanha onde dois missionários fervorosos bateram em cada uma das portas.

A mãe dela, que tinha apenas 36 anos, havia perdido o marido recentemente e não estava com ânimo algum para conversar com missionários mórmons. Então, pediu à filha que dissesse a eles para ir embora.

No entanto, a filha suplicou à mãe. “Os rapazes são tão simpáticos”, ela disse. “E só vai levar alguns minutos.”

Com relutância, a mãe concordou. Os missionários deixaram a mensagem e entregaram um livro para a mãe ler: o Livro de Mórmon.

Depois que eles partiram, a mãe decidiu ler ao menos algumas páginas.

Ela leu todo o livro em apenas alguns dias.

Pouco tempo depois, essa maravilhosa família composta de mãe e filhas entrou nas águas do batismo.

Enquanto a pequena família frequentava o ramo em Frankfurt, Alemanha, um jovem diácono notou a beleza de uma das filhas e pensou: “Esses missionários estão fazendo um ótimo trabalho!”

O nome daquele diácono era Dieter Uchtdorf. E a charmosa moça — a que havia suplicado à mãe que ouvisse a mensagem dos missionários — atende pelo belo nome de Harriet. Ela é amada por todos os que a conhecem quando me acompanha em minhas



A irmã Harriet Uchtdorf (ao centro) quando menina, com sua mãe, sua irmã e dois missionários de tempo integral.

viagens. Ela tem abençoado a vida de muitas pessoas devido ao seu amor pelo evangelho e à sua personalidade radiante. Ela é sem dúvida a luz da minha vida.

Quantas vezes agradei em meu coração pelos dois missionários que não pararam no primeiro andar! Quantas vezes meu coração se enche de gratidão pela *fé* e pelo *trabalho* deles. Quantas vezes dei graças por eles terem continuado — até chegarem à última porta do quarto andar.

Abrir-se-vos-á

Em nossa busca por uma fé duradoura e em nossa busca para nos ligarmos a Deus e a Seus propósitos, lembremos da promessa do Senhor: “Batei, e abrir-se-vos-á”.¹¹

Vamos desistir depois de batermos na primeira ou na segunda porta? No primeiro ou no segundo andar?

Ou continuaremos a buscar até alcançarmos a última porta do quarto andar?

Deus “recompensa aqueles que o buscam”,¹² mas a recompensa geralmente não se encontra atrás da primeira porta. Então precisamos continuar a bater. Irmãs, não desistam. Busquem a Deus com todo o seu coração. Exerçam fé. Andem em retidão.



A irmã Uchtdorf acompanha o Presidente Uchtdorf em suas viagens e abençoa vidas ao compartilhar seu amor pelo evangelho.

Prometo-lhes que, se fizerem isso — indo até a última porta do quarto andar —, receberão as respostas que buscam. Vocês encontrarão fé. E um dia vocês estarão repletas de luz, que brilhará mais e mais, até o dia perfeito.¹³

Queridas irmãs em Cristo, Deus é real.

Ele vive.

Ele as ama.

Ele as conhece.

Ele as compreende.

Ele conhece as súplicas silenciosas de seu coração.

Ele não as abandonou.

Ele não vai desampará-las.

É meu testemunho e minha bênção apostólica a cada uma de vocês que vocês sentirão em seu coração e em sua mente essa sublime verdade por si mesmas. Vivam pela fé, queridas amigas e irmãs, e “o Senhor, [nosso] Deus (...) [as elevará] mil vezes mais e [as abençoará], conforme lhes prometeu!”¹⁴

Compartilho com vocês minha fé, minha convicção e meu testemunho inabalável de que esta é a obra de Deus. No sagrado nome de nosso amado Salvador, Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Dieter F. Uchtdorf, “A Oportunidade de Testificar”, *A Liahona*, novembro de 2004, p. 74; *Sister Eternal* [Irmã Ewig], 2005.
2. Ver Hebreus 11:1, Nova Versão Internacional.
3. 1 Coríntios 2:14, Nova Versão Internacional.
4. Antoine de Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*, tradução de Dom Marcos Barbosa, 1973, p. 74.
5. Ver Hebreus 11:3, 5, 29, 35; Éter 12:30; Moisés 7:13.
6. Ver 2 Coríntios 12:7–10.
7. Ver Isaías 55:8–9.
8. Ver 2 Néfi 26:24.
9. Ver Romanos 8:28.
10. Ver 2 Coríntios 5:7.
11. Mateus 7:7.
12. Hebreus 11:6, Nova Versão Internacional.
13. Ver Doutrina e Convênios 50:24.
14. Deuteronômio 1:11, Nova Versão Internacional.



Presidente Dieter F. Uchtdorf
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Oh! Quão Grande É o Plano de Nosso Deus!

Estamos cercados de uma riqueza tão impressionante de luz e verdade que me pergunto se realmente apreciamos o que temos.

Como somos abençoados por nos reunir novamente nesta conferência mundial sob a orientação e a liderança de nosso querido profeta e Presidente, Thomas S. Monson. Presidente, nós o amamos e o apoiamos de todo o nosso coração!

Durante minha vida profissional como piloto, dependi muito da precisão dos sistemas de computação e da confiabilidade neles, mas raramente precisei trabalhar em meu próprio computador. Quando era executivo e trabalhava no escritório, eu tinha assistentes e secretários que gentilmente me ajudavam com as tarefas.

Tudo isso mudou em 1994, quando fui chamado como Autoridade Geral. Meu chamado consistia em muitas oportunidades maravilhosas de ministrar, mas também havia muito trabalho de escritório — mais do que jamais imaginei ser possível.

Para minha surpresa, a principal ferramenta que usei para organizar meu trabalho foi um computador pessoal.

Pela primeira vez na vida, tive que mergulhar nesse mundo estranho, confuso e incompreensível.

A princípio, o computador e eu não tínhamos uma relação muito amigável.

Pessoas capacitadas em tecnologia tentaram me ensinar a usar o computador. Elas ficavam em pé atrás de mim, inclinando-se por cima de meu ombro, movimentando seus dedos rapidamente numa sinfonia de percussão sobre o teclado.

“Viu?”, diziam orgulhosas. “É assim que se faz.”

Mas eu não via. Foi uma transição conturbada.

Minha curva de aprendizagem parecia um muro de tijolos.

Levou bastante tempo, repetição, paciência; uma porção significativa de esperança e de fé; muitas afirmações reconfortantes de minha esposa e litros de um refrigerante dietético cujo nome não vou citar.

Agora, 22 anos depois, estou cercado de tecnologia da computação. Tenho um endereço de e-mail, uma conta no Twitter e uma página no Facebook. Possuo um smartphone, um tablet, um laptop e uma câmera digital. E, por mais que minhas habilidades tecnológicas não estejam à altura de qualquer criança de 7 anos de idade, eu me saio bem para um septuagenário.

Mas tenho notado algo interessante. Quanto mais hábil me torno com a tecnologia, menos lhe dou seu devido valor.

Durante grande parte da história da humanidade, a comunicação acontecia à velocidade de um cavalo. Enviar uma mensagem e receber uma resposta podia levar dias ou até meses. Hoje, nossas mensagens percorrem milhares de quilômetros céu adentro ou milhares de metros abaixo de oceanos





para chegar até alguém do outro lado do mundo, e, se houver um atraso de até mesmo alguns segundos, ficamos frustrados e impacientes.

Parece ser próprio da natureza humana: à medida que nos familiarizamos com alguma coisa, mesmo que seja milagrosa e sublime, perdemos nosso senso de admiração e a tratamos como algo trivial.

Damos o Devido Valor às Verdades Espirituais?

Deixar de dar valor a nossas tecnologias e conveniências modernas pode ser um problema relativamente pequeno. Mas, infelizmente, às vezes temos uma atitude semelhante em relação à doutrina eterna e grandiosa do evangelho de Jesus Cristo. Na Igreja de Jesus Cristo, muito temos recebido. Estamos cercados de uma riqueza tão impressionante de luz e verdade que eu me pergunto se realmente apreciamos o que temos.

Pensem nos primeiros discípulos que andaram e conversaram com o Salvador durante Seu ministério terreno. Imaginem a gratidão e a reverência que devem ter inundado seu coração e preenchido sua mente quando viram que Ele ressuscitara do sepulcro, quando

sentiram as marcas em Suas mãos. A vida deles nunca mais seria a mesma!

Pensem nos primeiros santos desta dispensação que conheceram o Profeta Joseph Smith e ouviram-no pregar o evangelho restaurado. Imaginem como devem ter se sentido ao saber que o véu entre o céu e a Terra havia se rompido novamente, derramando sobre o mundo luz e conhecimento advindos de nosso lar celestial.

Mas, acima de tudo, pensem em como vocês se sentiram quando acreditaram e entenderam, pela primeira vez, que vocês realmente são filhos de Deus; que Jesus Cristo sofreu voluntariamente por *seus* pecados para que vocês pudessem ser limpos de novo; que o poder do sacerdócio é real e pode ligá-los a seus entes queridos nesta vida e por toda a eternidade; que há um profeta vivo na Terra hoje. Não é maravilhoso e extraordinário?

Levando tudo isso em consideração, como pode ser possível que justo nós não fiquemos entusiasmados para frequentar as reuniões de adoração da Igreja? Ou que nos cansemos de ler as santas escrituras? Suponho que isso seria possível apenas se nosso coração tivesse *perdido a capacidade* de sentir gratidão e admiração pelos dons sagrados

e sublimes que Deus nos concedeu. Verdades transformadoras estão diante de nossos olhos e ao nosso alcance, mas, às vezes, percorremos sonâmbulos o caminho do discipulado. Frequentemente, deixamo-nos distrair pelas imperfeições de membros à nossa volta em vez de seguir o exemplo de nosso Mestre. Trilhamos um caminho coberto de diamantes, mas mal podemos distingui-los das pedrinhas comuns.

Uma Mensagem Familiar

Quando eu era jovem, meus amigos me perguntavam sobre a minha religião. Com frequência, eu começava a explicar as diferenças, como a Palavra de Sabedoria. Outras vezes, enfatizava as semelhanças aparentes em outras religiões cristãs. Nada disso os impressionava muito. Mas, quando eu falava sobre o grande plano de felicidade que o Pai Celestial concedeu a nós, Seus filhos, conseguia a atenção deles.

Lembro-me de tentar desenhar o Plano de Salvação no quadro-negro, em uma sala de aula da capela, em Frankfurt, Alemanha. Fiz círculos para representar a vida pré-mortal, a mortalidade e o retorno a nossos Pais Celestiais depois desta vida.

Quando eu era adolescente, adorava compartilhar essa mensagem fascinante. Ao explicar esses princípios com minhas simples palavras, meu coração transbordava de gratidão por um Deus que ama Seus filhos e por um Salvador que redimiu todos nós da morte e do inferno. Eu tinha muito orgulho dessa mensagem de amor, de alegria e de esperança.

Alguns de meus amigos diziam que essa mensagem lhes soava familiar, mesmo que essas coisas nunca tivessem sido ensinadas em sua formação religiosa. Era como se eles sempre soubessem que essas coisas eram

verdadeiras e eu estivesse simplesmente esclarecendo algo profundamente enraizado em seu coração.

Temos Respostas!

Acredito que todo ser humano leva no coração uma lista de perguntas fundamentais sobre a vida. De onde vim? Por que estou aqui? O que vai acontecer depois que eu morrer?

Perguntas como essas têm sido feitas por seres mortais desde a aurora dos tempos. Filósofos, estudiosos e especialistas investiram sua vida e seus bens em busca de respostas.

Sou grato pelo evangelho restaurado de Jesus Cristo ter as respostas às perguntas mais complexas da vida. Essas respostas são ensinadas em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Elas são verdadeiras, claras, diretas e fáceis de compreender. São inspiradas, e as ensinamos a nossas crianças de 3 anos de idade, na classe dos Raios de Sol.

Irmãos e irmãs, somos seres eternos, sem princípio nem fim. Sempre existimos.¹ Somos literalmente os filhos espirituais de Pais Celestiais divinos, imortais e onipotentes!

Vimos das cortes celestiais do Senhor nosso Deus. Somos da casa real de Eloim, o Deus Altíssimo. Caminhamos com Ele na vida pré-mortal. Nós O ouvimos falar, testemunhamos Sua majestade, aprendemos Seus caminhos.

Você e eu participamos de um grande conselho em que nosso amado Pai apresentou-nos Seu plano — viríamos à Terra, receberíamos um corpo mortal, aprenderíamos a escolher entre o bem e o mal, e progrediríamos numa proporção que seria impossível de outra maneira.

Quando passássemos pelo véu e chegássemos a esta vida mortal, sabíamos que não nos lembraríamos mais da

vida passada. Haveria oposição, adversidades e tentações. Porém, também sabíamos que a aquisição de um corpo físico era de suma importância para nós. Oh, como esperávamos aprender rapidamente a fazer escolhas certas, resistir às tentações de Satanás e, por fim, voltar a nossos amados Pais Celestiais.

Sabíamos que pecaríamos e que cometeríamos erros, alguns até sérios. Mas também sabíamos que nosso Salvador, Jesus Cristo, fizera a promessa de vir à Terra, de viver uma vida imaculada e de entregar voluntariamente Sua vida em um sacrifício eterno. Sabíamos que, se entregássemos nosso coração a Ele, confiássemos Nele e nos esforçássemos com toda a energia de nossa alma para trilhar o caminho do discipulado, poderíamos ser purificados e entrar novamente na presença de nosso querido Pai Celestial.

Então, com fé no sacrifício de Jesus Cristo, vocês e eu aceitamos de livre e espontânea vontade o plano do Pai Celestial.

É por isso que estamos aqui neste belo planeta Terra — porque Deus nos ofereceu a oportunidade, e nós escolhemos aceitá-la. Nossa vida mortal, no entanto, é apenas temporária e chegará ao fim com a morte de nosso corpo físico. Mas a essência de quem vocês e eu somos não será destruída. Nosso espírito continuará a viver e aguardará a ressurreição — um dom gratuito concedido a todos nós por nosso amoroso Pai Celestial e por Seu Filho, Jesus Cristo.² Na ressurreição, nosso espírito e nosso corpo serão reunidos, livres de dores e de imperfeições físicas.

Após a ressurreição, haverá o dia do juízo. Embora no final todos sejam salvos e herdem um reino de glória, aqueles que confiarem em Deus e procurarem seguir Suas leis e ordenanças herdarão uma vida nas eternidades,

que será inimaginável em glória e deslumbrante em majestade.

O dia do juízo será um dia de misericórdia e de amor — um dia em que corações quebrantados serão curados, lágrimas de tristeza serão substituídas por lágrimas de gratidão, e tudo será acertado.³

Sim, haverá profundo pesar devido aos pecados. Sim, haverá remorso e até angústia por causa de nossos erros, insensatez e teimosia, que podem fazer com que percamos oportunidades de alcançar um futuro muito melhor.

Mas confio que não apenas ficaremos satisfeitos com o julgamento de Deus, mas também ficaremos atônitos e admirados com Sua infinita graça, misericórdia, generosidade e amor por nós, Seus filhos. Se nossos desejos e nossas obras forem bons, se tivermos fé em um Deus vivo, então poderemos aguardar ansiosamente o que Morôni chamou de “[o] agradável tribunal do grande Jeová, o Juiz Eterno”.⁴

Pro Tanto Quid Retribuamus

Amados irmãos e irmãs, meus queridos amigos, nosso coração e nossa mente não ficam repletos de admiração e de assombro ao contemplar o grande plano de felicidade que nosso Pai Celestial preparou para nós? Não são tomados por uma alegria indescritível por saber do futuro glorioso que é preparado para todos os que esperam no Senhor?

Se nunca sentiram tal assombro e alegria, eu os convido a buscar, estudar e ponderar as verdades simples e profundas do evangelho restaurado. “Que as verdades solenes da eternidade repousem em [sua] mente.”⁵ Deixem-nas prestar testemunho a vocês do divino Plano de Salvação.

Se já sentiram essas coisas antes, pergunto-lhes hoje: “[Podem] agora sentir isso?”⁶



Élder Robert D. Hales
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Recentemente tive a oportunidade de viajar à Irlanda do Norte. Enquanto estive lá, notei o brasão de Belfast, que inclui o lema “Pro tanto quid retribuamus” ou “Como podemos retribuir o tanto que recebemos?”⁷

Convido cada um de nós a ponderar essa pergunta. Como podemos retribuir a abundância de luz e verdade que Deus derramou sobre nós?

Nosso amado Pai apenas nos pede que vivamos de acordo com a verdade que recebemos e que sigamos o caminho que Ele nos providenciou. Portanto, tenhamos coragem e confiemos na orientação do Espírito. Compartilhemos com o nosso próximo, em palavras e em ações, a extraordinária e fascinante mensagem do plano de felicidade estabelecido por Deus. Que nossa motivação seja o amor que temos por Deus e por Seus filhos, que são nossos irmãos e irmãs. Esse é o início do que podemos fazer para retribuir o tanto que recebemos.

Dia virá em que “todo joelho se dobrará e toda língua confessará” que os caminhos do Senhor são justos e que Seu plano é perfeito.⁸ Para vocês e para mim, que esse dia seja hoje. Proclamemos, assim como o fez Jacó no passado: “Oh! Quão grande é o plano de nosso Deus!”⁹

Disso testifico com profunda gratidão ao nosso Pai Celestial, e deixo-lhes minha bênção, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Doutrina e Convênios 93:29.
2. Ver João 5:28–29.
3. Ver Apocalipse 21:4.
4. Morôni 10:34.
5. Doutrina e Convênios 43:34.
6. Alma 5:26.
7. Ver Salmos 116:12.
8. Mosias 27:31.
9. 2 Néfi 9:13; ver também os versículos 8–12, 14–20.

“Vem, Segue-Me” Colocando em Prática o Serviço e o Amor Cristãos

Sendo discípulos do Salvador nestes últimos dias, achegamo-nos a Ele amando e servindo aos filhos de Deus.

O ganhador do Prêmio Nobel da Paz, Elie Wiesel, estava no hospital recuperando-se de uma cirurgia cardíaca de peito aberto quando recebeu a visita de seu neto de 5 anos. Quando fitou os olhos do avô, o menininho viu sua dor. “Vovô”, ele perguntou, “se eu te amar mais, você

vai sofrer menos?”¹ Faço hoje uma pergunta semelhante a cada um de nós: “Se amarmos mais ao Salvador, vamos sofrer menos?”

Quando o Salvador chamou Seus discípulos para que O seguissem, eles viviam a lei de Moisés, inclusive buscando “olho por olho, e dente por dente”,² mas o Salvador veio cumprir aquela lei com Sua Expição. Ele ensinou uma nova doutrina: “Amam vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem”.³

Os discípulos foram ensinados a deixar os caminhos do homem natural e a seguir o modo amoroso do Salvador, substituindo a contenda pelo perdão, pela bondade e compaixão. O novo mandamento de “[amar] uns aos outros”⁴ nem sempre era fácil de ser seguido. Quando os discípulos se preocuparam com seu convívio com



pecadores e certas classes de pessoas, o Salvador pacientemente ensinou: “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”.⁵ Ou, como explicou um profeta do Livro de Mórmon: “Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus”.⁶

Sendo discípulos do Salvador nestes últimos dias, achegamo-nos a Ele amando e servindo aos filhos de Deus. Ao fazermos isso, talvez não consigamos evitar as tribulações, as aflições e o sofrimento na carne, mas sofreremos menos espiritualmente. Até em nossas provações podemos sentir alegria e paz.

Nosso serviço e amor cristãos evidentemente começam no lar. Pais, vocês foram conclamados a ser professores e missionários amorosos para seus filhos pequenos e jovens. Eles são seus pesquisadores. Vocês têm a responsabilidade de ajudá-los a se converter. Na verdade, todos procuramos nos converter — o que significa estar plenos do amor de nosso Salvador.

Ao seguirmos Jesus Cristo, Seu amor nos motiva a apoiar-nos uns aos outros em nossa jornada mortal. Não conseguimos fazer isso sozinhos.⁷ Vocês já me ouviram mencionar este provérbio Quaker: “Eleve-me, e elevá-lo-ei, e juntos nos edificaremos”.⁸ Como discípulos, começamos a fazer isso quando somos batizados, mostrando nosso desejo de “carregar os fardos uns dos outros, para que fiquem leves”.⁹

“[Ensinar] a doutrina do reino uns aos outros”¹⁰ é um modo de amar e prestar serviço uns aos outros. Pais e avós, temos a tendência de lamentar as condições do mundo — que as escolas não estão ensinando o caráter moral. Mas há muito que *nós* podemos fazer. Podemos aproveitar os momentos de ensino em nossa própria família — agora mesmo. Não os deixem escapar. Quando surgir



uma oportunidade de compartilhar seus pensamentos sobre o evangelho e as lições de vida, parem tudo o que estiverem fazendo, sentem-se e conversem com seus filhos e netos.

Não devemos nos preocupar por não sermos professores do evangelho com formação profissional. Nenhum curso de treinamento ou manual é tão útil quanto o estudo pessoal das escrituras, a oração, a reflexão e a busca da orientação do Espírito. O Espírito vai conduzi-los ao longo do caminho. Prometo-lhes: o chamado de pai e mãe inclui a dádiva de ensinar da maneira certa para vocês e para seus filhos. Lembrem-se de que o poder de Deus para nos influenciar em retidão é Seu amor. “Nós o amamos porque ele nos amou primeiro.”¹¹

Jovens, vocês são alguns de nossos professores do evangelho mais eficazes. Vocês vão à Igreja e aprendem de maneira que, ao voltar para casa, podem ensinar e servir sua família, seus amigos e vizinhos. Não tenham medo. Tenham fé para testificar o que sabem ser verdade. Pensem em como os missionários de tempo integral crescem por levar fielmente uma vida consagrada — usando seu tempo e seus talentos, e prestando testemunho ao servir e abençoar as pessoas. Ao compartilharem seu testemunho do evangelho, sua fé vai crescer e sua confiança vai aumentar!

Alguns de nossos atos de serviço cristão que têm mais influência são prestados ao realizarmos o estudo das escrituras em família, a oração em

família e os conselhos de família. Há mais de cem anos, os líderes da Igreja nos conclamam a reservar um tempo — um tempo sem interrupções todas as semanas. Porém, muitos de nós ainda deixam de receber as bênçãos. A noite familiar não é uma palestra da mãe ou do pai. É nosso tempo em família para compartilhar conceitos e experiências espirituais; ajudar nossos filhos a aprender a cuidar uns dos outros e a compartilhar; para nos divertirmos juntos; prestar testemunho uns aos outros; crescer e progredir. Ao realizarmos nossa noite familiar todas as semanas, nosso amor uns pelos outros vai se tornar mais forte e vamos sofrer menos.

Lembremo-nos do seguinte: o trabalho mais importante que fazemos em nossa família é pelo poder do Espírito Santo. Sempre que erguemos a voz com raiva, o Espírito Se afasta de nossa companhia e de nossa família. Quando falamos com amor, o Espírito pode estar conosco. Lembremo-nos de que nossos filhos e netos avaliam nosso amor pelo tempo que dedicamos a eles. Acima de tudo, não percam a paciência e não desistam!

As escrituras nos dizem que, quando alguns dos filhos espirituais do Pai Celestial decidiram não seguir Seu plano, os céus choraram.¹² Alguns pais que amaram e ensinaram seus filhos também choram quando seus filhos crescidos decidem não seguir o plano do Senhor. O que os pais podem fazer? Não podemos orar para tirar o arbítrio das pessoas.



Lembrem-se do pai do filho pródigo, que pacientemente esperou que o filho “[caísse] em si”, enquanto o observava o tempo todo. “E quando [o filho] ainda estava longe”, correu até ele.¹³ Podemos orar por orientação para saber quando falar, o que dizer, e sim, em algumas ocasiões, quando permanecer em silêncio. Lembrem-se de que nossos filhos e familiares já decidiram seguir o Salvador na esfera pré-mortal. Às vezes é somente por meio das próprias experiências de vida que esses sagrados sentimentos são novamente despertados. Por fim, a decisão de amar e seguir ao Senhor tem que ser deles.

Há outro modo especial pelo qual os discípulos expressam seu amor pelo Salvador. Quero hoje homenagear todos os que servem ao Senhor como cuidadores. O Senhor ama vocês! Em seu serviço sereno e sem ostentação, vocês estão seguindo Aquele que prometeu: “Teu Pai, que vê em segredo, recompensar-te-á abertamente”.¹⁴

Penso no meu vizinho cuja esposa sofria do mal de Alzheimer. Todos os domingos, ele a ajudava a vestir-se para as reuniões da Igreja, penteava-lhe o cabelo, passava-lhe maquiagem e colocava-lhe os brincos. Ao prestar esse serviço, ele foi um exemplo para cada homem e mulher de nossa ala. Certo dia, a esposa disse a ele: “Eu apenas queria ver meu marido de novo e estar com ele”.

Ele respondeu: “Eu sou seu marido”.

Ela replicou com brandura: “Oh, que bom!”

Não posso falar desse assunto sem reconhecer a cuidadora especial da minha vida — a discípula especial do Salvador para mim — minha companheira eterna, Mary. Ela doou tudo o que tinha com amor compassivo e carinhoso. Suas mãos são um reflexo do gentil e alentador toque do Mestre. Eu não seria nada sem ela. Com ela, serei capaz de perseverar até o fim e permanecer com ela na vida eterna.

Se você estiver sofrendo profundamente, sozinho ou com outras pessoas, eu o exorto a permitir que o Salvador seja seu cuidador. Apoie-se em Seus braços abertos.¹⁵ Aceite Sua promessa. “Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós”, Ele promete.¹⁶

Irmãos e irmãs, se ainda não o fizemos plenamente, voltemo-nos mais para o perdão, a bondade e o amor. Renunciemos à guerra que, com frequência, é travada no coração do homem natural e proclamemos a paz, o amor e o carinho de Cristo.¹⁷

Se “haveis adquirido conhecimento da glória [e da bondade] de Deus”¹⁸ e também “da expiação que foi preparada desde a fundação do mundo”,¹⁹ “não tereis desejo de ferir-vos uns aos outros, mas, sim, de viver em paz. (...) E não permitireis que vossos filhos (...) transgridam as leis de Deus e briguem e disputem entre si. (...) Ensiná-los-eis, porém, (...) a amarem-se uns aos outros e a servirem-se uns aos outros”.²⁰

Pouco antes da Crucificação do Salvador, Ele ensinou a Seus apóstolos: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei a vós”²¹ e “se me amais, guardai os meus mandamentos”.²²

Testifico que a verdadeira postura do Salvador em relação a nós é a que foi retratada na estátua de Thorvaldsen, *Christus*. Ele continua a estender Suas mãos,²³ chamando, “Vem, e segue-me”. Nós O seguimos amando e servindo uns aos outros e guardando Seus mandamentos.

Presto meu testemunho especial de que Ele vive e nos ama com perfeito amor. Esta é Sua Igreja. Thomas S. Monson é Seu profeta na Terra hoje. É minha oração que amemos mais nosso Pai Celestial e Seu Filho, e que soframos menos. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Elie Wiesel, *Open Heart* [Coração Aberto], tradução de Marion Wiesel, 2012, p. 70.
2. Mateus 5:38.
3. Mateus 5:44; ver também 3 Néfi 12:44.
4. João 13:34.
5. Mateus 25:40.
6. Mosias 2:17.
7. Ver 1 Coríntios 12:12.
8. Adaptado de “A Story of the ‘Barefoot Boy’: Written for J. G. Whittier’s Seventieth Birthday” [A História do ‘Menino Descalço’: Escrito para o 17º Aniversário de J. G. Whittier], *The Poetical Works of John Townsend Trowbridge* [Poesias de John Townsend Trowbridge], 1869, p. 227.
9. Mosias 18:8.
10. Doutrina e Convênios 88:77.
11. 1 João 4:19.
12. Ver Doutrina e Convênios 76:26; Moisés 7:37.
13. Lucas 15:17, 20.
14. 3 Néfi 13:4; ver também Mateus 6:4.
15. Ver “Lean on My Ample Arm” [Confie em Meus Braços Abertos], *Hymns*, nº 120.
16. João 14:18.
17. Ver Doutrina e Convênios 98:16.
18. Mosias 4:11.
19. Mosias 4:7.
20. Mosias 4:13–15.
21. João 13:34.
22. João 14:15; ver também João 15:10.
23. Ver Jacó 6:4.



Carol F. McConkie

Primeira Conselheira na Presidência Geral das Moças

O Desejo Sincero da Alma

Todo momento de preciosa oração pode ser um tempo sagrado com o Pai, em nome do Filho, pelo poder do Espírito Santo.

Nos desafios da mortalidade, nunca estamos sozinhos para realizar nosso trabalho, vencer nossos desafios e enfrentar a adversidade ou as perguntas sem respostas. Jesus Cristo ensinou com uma parábola que “[devemos] orar sempre, e nunca desfalecer”. Ele falou sobre um juiz que não honrava a Deus e não tinha respeito algum pela humanidade. Repetidas vezes, uma viúva ia até ele, pedindo justiça contra seu adversário. Por algum tempo, o juiz não quis ajudá-la. Mas, como resultado de suas súplicas fiéis e constantes, o juiz finalmente disse: “Como esta viúva me molesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não venha, e me importune muito”.

Então, Jesus explicou:

“Deus não fará justiça aos seus eleitos, que clamam a ele de dia e de noite (...)?”

Digo-vos que depressa lhes fará justiça”.

Depois, o Senhor perguntou: “Porém, quando vier o Filho do Homem, porventura achará fé na terra?”¹

A oração é essencial para desenvolver a fé. Quando o Senhor retornar, encontrará um povo que sabe orar com

fé e que está preparado para receber a salvação? “Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.”² Somos filhos de um Pai Celestial amoroso e podemos desfrutar de um canal de comunicação pessoal e direto com Ele quando oramos “com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo”³ e, depois, agimos de acordo com as respostas que recebemos por meio dos sussurros do Espírito Santo. Com fé, oramos, ouvimos e obedecemos para que possamos nos tornar um com o Pai e com o Filho.⁴

A oração da fé abre o caminho para recebermos as gloriosas bênçãos enviadas do céu. O Salvador ensinou:

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á.

Porque todo aquele que pede, recebe; e o que busca, encontra; e ao que bate, se abre”.⁵

Se temos a expectativa de receber, precisamos pedir, buscar e bater. Nessa busca pela verdade, Joseph Smith leu nas escrituras: “E se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, sem repreensão, e ser-lhe-á dada”.⁶ Em resposta a sua oração de fé, os céus se abriram.

Deus, o Pai, e Seu Filho, Jesus Cristo, desceram em glória e falaram a Joseph Smith, iniciando a dispensação da plenitude dos tempos. Para nós, cura milagrosa, proteção poderosa, conhecimento divino, perdão libertador e paz preciosa estão entre as respostas que vêm quando oferecemos com fé os desejos mais sinceros de nossa alma.⁷

Nós oramos ao Pai, em nome de Jesus Cristo, pelo poder do Espírito Santo, envolvendo os três membros da Trindade em nossas orações.

Oramos ao nosso Pai Celestial e somente a Ele, porque Ele é “Deus no céu, que é infinito e eterno, de eternidade a eternidade (...), o criador do céu e da Terra e de tudo o que neles há”. Como nosso Criador, Ele deu mandamentos de que “[deveríamos] amá-lo e servi-lo, o único Deus vivo e verdadeiro; e que ele seria o único ser a quem [deveríamos] adorar”.⁸

Ao orarmos ao Pai Celestial com fé, “ele [nos consolará] nas aflições (...) [e poderemos banquetear-nos] com seu amor”.⁹ O Presidente Henry B. Eyring contou que as orações de seu pai durante uma batalha perdida contra o câncer ensinaram-lhe sobre o profundo relacionamento pessoal entre Deus e Seus filhos:

“Quando a dor se tornou intensa, nós o encontramos certa manhã de joelhos ao lado da cama. Ele estava fraco demais para voltar ao leito. Disse-nos que orara para perguntar ao Pai Celestial por que tinha de sofrer tanto se sempre tentara ser bom. Contou-nos que, como bondosa resposta, ouviu: ‘Deus precisa de filhos corajosos’.

E assim, ele foi valente até o fim, confiando que Deus o amava, que o ouvia e que o elevaria. Teve a bênção de ter aprendido bem cedo e jamais esquecido que um Deus amoroso está ao alcance de nossa oração”.¹⁰



Oramos em nome de Jesus

Cristo porque nossa salvação está em Cristo, e “debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”.¹¹ Nós nos achegamos ao Pai no sagrado nome de Jesus Cristo¹² porque Ele é nosso Advogado junto ao Pai e Ele pleiteia nossa causa.¹³ Ele sofreu, sangrou e morreu para glorificar Seu Pai, e Sua misericordiosa súplica em nosso favor possibilita que cada um de nós obtenha paz nesta vida e vida eterna no mundo vindouro. Ele não quer que soframos ou suportemos mais provações do que o necessário. Ele quer que nos voltemos a Ele e permitamos que Ele alivie nossa carga, cure nosso coração e limpe nossa alma por meio de Seu poder purificador. Nunca devemos tomar Seu nome em vão com palavras repetidas e decoradas. Orações sinceras oferecidas no sagrado nome de Jesus Cristo são uma expressão de nosso devotado amor, nossa gratidão eterna e nosso firme desejo de orar como Ele orou, fazer o que Ele fez e tornar-nos o que Ele é.

Oramos pelo poder do Espírito Santo porque “aquele que pede em Espírito pede de acordo com a vontade de Deus”.¹⁴ Quando oramos com fé, o Espírito Santo guia nossos pensamentos de modo que nossas palavras se harmonizem com a vontade de Deus. “Não peçais para satisfazer vossas concupiscências, mas pedi com inquebrantável firmeza que não caiais

em tentação, mas que possais servir ao verdadeiro Deus vivo.”¹⁵

“O importante não é apenas saber orar, também é importante que saibamos como receber a resposta para nossa oração, tendo discernimento, permanecendo alertas e sendo capazes de ver com uma clara percepção e entender com clara intenção a vontade e o propósito de Deus para nós.”¹⁶

O Presidente Eyring compartilhou: “Já recebi [respostas] a minhas orações. Essas respostas eram muito claras quando minha vontade era subjugada pela insuperável necessidade de conhecer o desejo do Senhor. É desse modo que a resposta do amoroso Pai Celestial pode ser falada à mente, por meio da voz mansa e delicada, e escrita no coração”.¹⁷



Quando o Salvador entrou no Jardim do Getsêmani, Sua alma estava cheia de tristeza até a morte. Em Sua agonia, o único a quem Ele podia Se achegar era Seu Pai. Ele suplicou: “Se é possível, passa de mim este cálice”. Mas acrescentou: “Porém, não seja como eu quero, mas como tu queres”.¹⁸ Apesar de não ter pecados, o Salvador foi chamado para “[sofrer] dores e aflições e tentações de toda espécie”, incluindo as doenças e enfermidades de Seu povo. “[Ele] padece segundo a carne para tomar sobre si os pecados de seu povo, para apagar-lhes as transgressões, de acordo com seu poder de libertação.”¹⁹ Três vezes Ele orou: “Pai, (...) faça-se a tua vontade”.²⁰ O cálice não foi removido. Em humilde e fervorosa oração, Ele foi fortalecido para seguir em frente e cumprir Sua missão divina de preparar a nossa salvação para que pudéssemos nos arrepender, crer, obedecer e obter as bênçãos da eternidade.

As respostas que recebemos ao orar podem não ser as que esperávamos. Mas, nos momentos difíceis, nossas orações se tornam uma fonte salvadora de amor e terna misericórdia. Em nossas súplicas, podemos ser fortalecidos para seguir em frente e cumprir tudo o que nos foi ordenado fazer. A Seus santos que vivem em tempos difíceis, o Senhor disse: “Que se console vosso coração (...); pois toda carne está em minhas mãos; aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus”.²¹

Não importa se nossas orações são oferecidas individualmente, em família, na igreja, no templo ou onde quer que estejamos; ou se oramos com um coração quebrantado e um espírito contrito para buscar perdão, sabedoria divina ou simplesmente a força para perseverar, que oremos *sempre* de todo o coração, voltando-o continuamente para Deus pelo nosso bem-estar e pelo



Élder Craig C. Christensen
Da Presidência dos Setenta

bem-estar daqueles que nos rodeiam. Um desejo sincero oferecido em espírito de gratidão pelas bênçãos em abundância e gratidão pelas lições de vida instila em nosso coração uma fé inabalável em Cristo, um “esplendor de esperança e amor a Deus e a todos os homens”.²²

A oração é um dom de Deus. Nunca precisamos nos sentir perdidos ou sozinhos. Testifico que todo momento de preciosa oração pode ser um tempo sagrado com o Pai, em nome do Filho, pelo poder do Espírito Santo. No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Lucas 18:1-8; ver também Joseph Smith Translation, Luke 18:8 (Lucas 18:8, nota de rodapé a).
2. Romanos 10:13.
3. Morôni 10:4.
4. Ver João 17:21-23. O Salvador orou para que fôssemos um com o Pai e com o Filho e fôssemos aperfeiçoados. Obtemos a união com o Pai e com o Filho ao acreditarmos nas palavras de Cristo e agirmos com fé.
5. Mateus 7:7-8.
6. Tiago 1:5.
7. “Eis-nos Agora Aqui”, *Hinos*, nº 82, estrofe não traduzida para o português.
8. Doutrina e Convênios 20:17, 19.
9. Jacó 3:1-2.
10. Henry B. Eyring, “Famílias e Oração”, *A Liahona*, setembro de 2015, p. 4.
11. Atos 4:12.
12. Ver Doutrina e Convênios 93:19-20.
13. Ver Doutrina e Convênios 45:3-5.
14. Doutrina e Convênios 46:30.
15. Mórmon 9:28.
16. Melvin J. Ballard, “Our Channels of Power and Strength” [Nossos Canais de Poder e Força], *Improvement Era*, setembro de 1923, p. 992; citado em M. Russell Ballard, *Yesterday, Today, and Forever [Ontem, Hoje e para Sempre]*, 2015, p. 133.
17. Henry B. Eyring, “Escreva em Meu Coração”, *A Liahona*, janeiro de 2001, p. 100.
18. Mateus 26:39; ver também versículo 38.
19. Alma 7:11, 13.
20. Ver Mateus 26:39-44.
21. Doutrina e Convênios 101:16.
22. 2 Néfi 31:20.

“Um Vidente Escolhido Levantarei Eu”

Por Joseph Smith ter sido um Profeta, temos mais do que uma janela para o céu, a própria porta para a eternidade está aberta para nós.

Quando Morôni apareceu a Joseph Smith pela primeira vez, ele advertiu que o nome de Joseph “seria considerado bom e mau entre todas as nações”.¹ Vimos o cumprimento dessa profecia. Na guerra entre o bem e o mal, a Restauração do evangelho por meio do Profeta Joseph Smith não somente inspirou os fiéis que o seguiam, mas também provocou os antagonistas que lutaram furiosamente contra a causa de Sião e contra o próprio Joseph. Essa batalha não é nova. Teve início logo após o jovem Joseph entrar no Bosque Sagrado e continua hoje em dia com maior visibilidade na Internet.

O próprio Senhor declarou a Joseph Smith:

“Os confins da Terra indagarão a respeito de teu nome e tolos zombarão de ti e o inferno se enfurecerá contra ti.

Enquanto os puros de coração e os prudentes e os nobres e os virtuosos procurarão conselho e autoridade e bênçãos sob tuas mãos constantemente”.²

Presto meu testemunho hoje a todos os que buscam compreender melhor a missão sagrada de Joseph Smith Jr., o Profeta da Restauração.

Não precisamos ficar constrangidos ao testificarmos da missão de Joseph como profeta, vidente e revelador, porque o Senhor sempre trabalhou por meio de profetas.³ Devido às verdades restauradas por meio de Joseph Smith, sabemos muito mais sobre nosso Pai Celestial e o Salvador Jesus Cristo. Sabemos sobre Seus atributos divinos, o relacionamento entre Eles e nós e o grande plano de redenção que nos permite voltar à presença Deles.

Falando sobre Joseph, o Presidente Brigham Young declarou: “Foi decretado nos conselhos da eternidade, muito antes de serem lançados os fundamentos da Terra, que [Joseph Smith] deveria ser o homem, na última dispensação deste mundo, a revelar a palavra de Deus ao povo e receber a plenitude das chaves e o poder do sacerdócio do Filho de Deus. O Senhor tinha Seus olhos postos sobre ele, (...) [pois ele] foi preordenado na eternidade para presidir esta última dispensação”.⁴

Em preparação para essa grande obra, Joseph Smith nasceu em uma família amorosa que passou por muitos dos fardos e das provações da vida. Quando Joseph começou a



amadurecer, seus sentimentos em relação a Deus “[eram] profundos e muitas vezes pungentes”,⁵ no entanto, ele estava confuso com as ideias religiosas conflitantes de sua época. Felizmente o jovem Joseph não permitiu que suas perguntas enfraquecessem sua fé. Ele procurou respostas na Bíblia e encontrou o seguinte conselho: “E se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, sem repreensão, e ser-lhe-á dada”.⁶

Joseph escreveu: “Jamais uma passagem de escritura penetrou com mais poder no coração de um homem do que essa, naquele momento, no meu. Pareceu entrar com grande força em cada fibra de meu coração. Refleti repetidamente sobre ela”.⁷

Com simples fé, Joseph agiu de acordo com esses sentimentos espirituais. Ele encontrou um lugar afastado, ajoelhou-se e “[começou] a oferecer a Deus os desejos de [seu] coração”.⁸ Há muito poder na descrição de Joseph sobre o que aconteceu:

“Vi um pilar de luz acima de minha cabeça, mais brilhante que o sol, que descia gradualmente sobre mim.

(...) Quando a luz pousou sobre mim, vi dois Personagens cujo esplendor e glória desafiam qualquer

descrição, pairando no ar, acima de mim. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: *Este é Meu Filho Amado. Ouve-O!*”⁹

Joseph Smith viu Deus, o Pai Eterno, e Jesus Cristo, o Salvador e Redentor do mundo. Essa foi a *Primeira* Visão de Joseph. Nos anos que se seguiram, Joseph traduziu o Livro de Mórmon pelo dom e poder de Deus. Inúmeros outros seres celestes o visitaram, restaurando as verdades e a autoridade que haviam sido perdidas por séculos. Essas comunicações divinas de Joseph Smith abriram as janelas do céu e as glórias da eternidade à nossa visão. A vida de Joseph é um testemunho de que, se qualquer um de nós tiver falta de sabedoria, pode pedir a Deus com fé e receber respostas, às vezes de seres celestes, mas, com mais frequência, pelo poder do Espírito Santo, que fala a nós por meio de pensamentos e sentimentos inspirados.¹⁰ E por meio do Espírito Santo, podemos “saber a verdade de todas as coisas”.¹¹

Para muitos de nós, um testemunho do Profeta Joseph Smith tem início ao lermos o Livro de Mórmon. Li o Livro de Mórmon de capa a capa pela primeira vez quando era um jovem aluno

do Seminário matutino. Com minha imaginação ágil, decidi ler como se eu fosse Joseph Smith, descobrindo as verdades do Livro de Mórmon pela primeira vez. Isso causou uma influência tão grande em minha vida, que continuo lendo o Livro de Mórmon dessa forma. Frequentemente, sinto que isso aprofunda minha gratidão pelo Profeta Joseph e pelas verdades restauradas nesse precioso livro.

Por exemplo, imaginem os sentimentos de Joseph enquanto traduzia as passagens sobre o batismo para a remissão dos pecados. Joseph, que havia sido instruído a não se filiar a nenhuma das igrejas existentes, certamente tinha perguntas sobre essa ordenança de salvação. Suas perguntas o conduziram, mais uma vez, a orar, e essa oração resultou na visita de João Batista, que restaurou o Sacerdócio Aarônico e a autoridade para batizar.¹²

Ou pensem em como Joseph deve ter se sentido quando soube, pela primeira vez, que Jesus Cristo visitou o povo do hemisfério ocidental; que Ele os ensinou, orou por eles, curou seus doentes, abençoou suas crianças, conferiu-lhes a autoridade do sacerdócio e administrou o sacramento a eles.¹³ Joseph talvez não tenha percebido isso na época, mas o que ele aprendeu sobre as ordenanças e a organização da igreja primitiva de Cristo preparou-o para, posteriormente, ajudar o Senhor a restaurar essa mesma Igreja na Terra.

Durante a tradução do Livro de Mórmon, Joseph e sua esposa Emma entristeceram-se com a morte de seu bebê. Naqueles dias, os pregadores normalmente ensinavam que as crianças que morriam sem batismo estariam condenadas para sempre. Com isso em mente, imaginem como Joseph se sentiu ao traduzir estas palavras do Profeta Mórmon: “Criancinhas não

necessitam de arrependimento nem de batismo. (...) As criancinhas (...) estão vivas em Cristo desde a fundação do mundo”.¹⁴

Talvez a passagem mais impressionante no Livro de Mórmon para o jovem Joseph pode ter sido o terceiro capítulo de 2 Néfi. Esse capítulo contém uma antiga profecia sobre um “vidente escolhido” a quem o Senhor levantaria nos últimos dias — um vidente chamado José, que receberia o mesmo nome de seu pai. Esse futuro profeta seria “de grande estima” e faria um trabalho “de grande benefício” ao seu povo. Ele seria “grande como Moisés” e receberia “poder para revelar [a palavra de Deus]”.¹⁵ Pensem em como Joseph Smith deve ter se sentido quando percebeu que essa profecia era sobre *ele*! Ele não estava traduzindo simplesmente uma história, estava traduzindo uma visão dos últimos dias, da miraculosa Restauração do evangelho de Jesus Cristo — *e o próprio Joseph ajudaria a cumpri-la!*

Hoje, quase 200 anos depois, é fácil ver como essa profecia tem se cumprido. Sabemos das grandiosas coisas que Joseph realizou como profeta do Senhor. Mas lembrem-se de que, quando Joseph traduziu essa profecia, ele tinha feito poucas das coisas que os profetas predisseram. Ele ainda era um rapaz com pouco mais de 20 anos. A Igreja não tinha sido organizada ainda. Não havia alas nem ramos, nenhum missionário e nenhum templo. Quase ninguém tinha ouvido falar de Joseph Smith, e alguns dos que ouviram se opuseram ativamente a ele. Agora, vejam a grande obra que o Senhor realizou por meio de Seu servo Joseph apesar da oposição contra ele. O cumprimento dessa profecia não é uma evidência convincente do chamado profético de Joseph Smith?



Se alguém estiver questionando seu testemunho de Joseph Smith ou tiver informações errôneas, enganosas e falsas sobre a vida e o ministério dele, convido-o a refletir sobre os frutos: as muitas bênçãos que recebemos por meio da milagrosa missão de Joseph Smith, o Profeta da Restauração.

Por Joseph Smith ter sido um profeta, as revelações e os profetas não são mais uma coisa do passado. O “[dia] de milagres”, visões, cura e ministração de anjos não cessou.¹⁶

Por Joseph Smith ter sido um profeta, cada um de nós tem acesso ao poder e às bênçãos do santo

sacerdócio, incluindo o batismo, o dom do Espírito Santo e o sacramento.

Por Joseph Smith ter sido um profeta, temos as bênçãos e ordenanças do templo, as quais nos unem a Deus, nos tornam Seu povo e nos manifestam “o poder da divindade”, permitindo-nos um dia “ver o rosto de Deus, o Pai, e viver”.¹⁷

Por Joseph Smith ter sido um profeta, sabemos que o casamento e a família são uma parte essencial do plano de Deus para nossa felicidade. Sabemos que, por meio dos convênios e das ordenanças, nossos estimados relacionamentos familiares podem durar eternamente.



Élder Juan A. Uceda
Dos Setenta

Por Joseph Smith ter sido um profeta, temos mais do que uma janela para o céu, a própria porta para a eternidade está aberta para nós. Podemos conhecer o “único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem [Ele Enviou]”.¹⁸ A vida eterna pode ser nossa.

Acima de tudo, por Joseph Smith ter sido um profeta, temos testemunhos e mais testemunhos de que Jesus Cristo é o Filho de Deus e o Salvador do mundo. Temos uma corrente ininterrupta de testemunhas especiais de Jesus Cristo, incluindo nosso profeta atual, o Presidente Thomas S. Monson, os conselheiros na Primeira Presidência e os membros do Quórum dos Doze Apóstolos. Aos seus testemunhos, acrescento o meu humilde, mas firme testemunho: Jesus Cristo vive e dirige Sua Igreja. Joseph Smith foi e é o Profeta da Restauração. O poder e a autoridade de Deus estão novamente na Terra. Declaremos destemidamente nosso testemunho e nossa gratidão por esse maravilhoso profeta, vidente e revelador do Senhor. É minha oração no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Joseph Smith—História 1:33.
2. Doutrina e Convênios 122:1–2.
3. Ver Amós 3:7.
4. Brigham Young, “Remarks” [Comentários], *Deseret News*, 26 de outubro de 1859, p. 266; ver também *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 571.
5. Joseph Smith—História 1:8.
6. Tiago 1:5.
7. Joseph Smith—História 1:12.
8. Joseph Smith—História 1:15.
9. Joseph Smith—História 1:16–17.
10. Ver Doutrina e Convênios 8:2.
11. Morôni 10:5.
12. Ver Joseph Smith—História 1:68–72.
13. Ver 3 Néfi 11–20.
14. Morôni 8:11–12.
15. Ver 2 Néfi 3:6–15.
16. Ver Morôni 7:35–37; Regras de Fé 1:7.
17. Doutrina e Convênios 84:21–22.
18. João 17:3.

O Senhor Jesus Cristo Nos Ensina a Orar

Quando você ora, você o faz com o coração ou apenas com os lábios?

Em 1977, eu servia como missionário de tempo integral em Cusco, Peru. Meu companheiro e eu recebemos autorização para levar todos os missionários da zona de Cusco para conhecer as magníficas ruínas de Machu Picchu.

Antes do fim de nossa visita às ruínas, alguns missionários quiseram conhecer a Ponte Inca, que fica em uma determinada parte da trilha na montanha. Imediatamente, senti no coração o Espírito me compelir a não ir até lá. A trilha ficava ao lado de uma montanha com um declive de 610

metros. Em várias partes da trilha, havia apenas espaço o suficiente para passar uma pessoa de cada vez. Meu companheiro e eu dissemos a eles que não deveríamos ir até a Ponte Inca.

No entanto, os missionários insistiram que fôssemos. As súplicas tornaram-se mais intensas e, mesmo o Espírito tendo me indicado o contrário, cedi à pressão dos colegas e disse-lhes que visitaríamos a ponte, mas somente se fôssemos extremamente cuidadosos.

Entramos na trilha que levava à Ponte Inca. Eu fui por último no grupo e, no começo, todos estavam andando



bem devagar, como combinamos. Depois, os missionários começaram a caminhar mais rapidamente e até mesmo a correr. Eles ignoraram minha advertência para irem mais devagar. Senti-me obrigado a alcançá-los e a dizer-lhes que teríamos que voltar. Eu estava bem atrás em relação a eles, e tive que correr para alcançá-los.

Ao fazer uma curva em uma paisagem muito estreita pela qual duas pessoas não conseguiam passar juntas, deparei-me com um missionário parado em pé com as costas viradas para as pedras. Perguntei-lhe por que ele estava parado ali. Ele me disse que sentiu que deveria ficar naquele lugar por um instante e que eu deveria prosseguir.

Senti que deveria alcançar rapidamente aqueles que estavam à nossa frente, ele então me ajudou a passar e consegui avançar um pouco mais na trilha. Notei que o chão estava cheio de plantas. Finquei meu pé direito na terra, percebendo então, enquanto caía, que não havia nada embaixo das plantas. Agarrei-me desesperadamente em alguns galhos que ficavam abaixo da trilha. Por um momento, pude ver, aproximadamente 600 metros abaixo, o Rio Urubamba, que atravessa o Vale Sagrado dos Incas. Senti-me sem forças, e era apenas uma questão de tempo até que eu não conseguisse mais me segurar. Naquele momento, orei intensamente. Foi uma oração curta. Abri a boca e pronunciei: “Pai, ajuda-me!”

Os galhos não eram fortes o suficiente para suportar o peso de meu corpo. Sabia que meu fim estava próximo. No momento *exato* em que eu estava prestes a cair, senti uma firme mão segurar meu braço e me puxar para cima. Com aquela ajuda, consegui continuar lutando para subir e voltar para a trilha. O missionário que estava atrás de mim foi quem me salvou.



Na realidade, nosso Pai Celestial me salvou. Ele ouviu minha voz. Por três vezes, eu tinha ouvido a voz do Espírito me dizer para não ir à Ponte Inca, no entanto, não obedeci. Eu estava em estado de choque, pálido, e não sabia o que dizer. Então, lembrei-me de que os outros missionários estavam à nossa frente e seguimos a sua procura até que os encontramos e contamos o que havia acontecido comigo.

Voltamos a Machu Picchu, tomando muito cuidado e em silêncio. Na viagem de volta, permaneci em silêncio, e uma ideia me veio à mente de que Ele prestara atenção à minha voz, mas eu não prestara atenção à voz Dele. Senti profunda dor em meu coração por ter desobedecido à Sua voz e, ao mesmo tempo, tive um forte sentimento de gratidão por Sua misericórdia. Ele não exerceu Sua justiça sobre mim, mas, em Sua grande misericórdia, Ele salvou minha vida (ver Alma 26:20).

Ao fim do dia, durante minha oração pessoal, orei sinceramente ao “Pai das misericórdias, e [ao] Deus de toda a consolação” (2 Coríntios 1:3). Orei “com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo” (Morôni 10:4).

Na manhã daquele mesmo dia, eu havia orado apenas com os lábios, mas quando estava prestes a cair, orei a Ele com todo o meu coração. Pensei em minha vida até aquele momento. Percebi que, em várias ocasiões, nosso Pai Celestial tinha sido muito

misericordioso comigo. Ensinou-me muitas lições naquele dia em Machu Picchu e em Cusco, Peru. Uma das grandes lições que aprendi foi que devo sempre, sempre orar “com um coração sincero e com real intenção, [exercendo] fé em Cristo”.

Certa ocasião, o Senhor Jesus Cristo estava “a orar num certo lugar” e, “quando acabou, disse-lhe um dos seus discípulos: Senhor, ensina-nos a orar” (Lucas 11:1). Então, Ele ensinou Seus discípulos a orar. E hoje, Ele ensina você e a mim a orar como se O estivéssemos vendo em nossa mente orando no Getsêmani e dizendo: “Porém não se faça a minha vontade, senão a tua” (Lucas 22:42). Quando você ora, realmente deseja que “não se faça a [sua] vontade, [mas] a [Dele]?”

Paulo descreve o modo como Jesus orou “nos dias da sua carne”, em especial no Getsêmani, “oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia” (Hebreus 5:7). Quando você ora, você o faz com o coração ou apenas com os lábios? Você é superficial em suas orações?

Jesus orou intensamente e falou com Seu Pai. “E aconteceu que (...) sendo batizado também Jesus, e orando, abriu-se o céu” (Lucas 3:21). Quando ora, você sente como se o céu estivesse aberto? Quando foi a última vez que você sentiu essa conexão com o céu?



Élder J. Devn Cornish
Dos Setenta

Jesus Se preparou para tomar decisões importantes orando a Seu Pai.

“Subiu ao monte para orar, e passou a noite orando a Deus.

E quando já era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles” (Lucas 6:12–13).

Você se prepara para tomar decisões importantes orando a seu Pai Celestial? Você se prepara para um momento de oração?

Quando Jesus veio ao continente americano, ensinou as pessoas a orar. “E disse-lhes Jesus: Continuai a orar; e não cessaram de orar” (3 Néfi 19:26).

Jesus nos convida a “[orar] sempre” (D&C 10:5). Ele sabe que nosso Pai Celestial nos ouve e nos dá o que é melhor para nós. Por que às vezes não queremos receber? Por quê?

No exato momento em que dizemos: “Pai Celestial”, Ele ouve nossa oração e é sensível a nós e a nossas necessidades. E Seus olhos e ouvidos se voltam para nós. Ele lê nossa mente e sente nosso coração. Não se pode esconder nada Dele. Agora, o que é maravilhoso é que Ele vai vê-lo com os olhos do amor e da misericórdia — algo que não podemos compreender plenamente. No entanto, o amor e a misericórdia estão com Ele no exato momento em que você diz: “Pai que está no céu”.

Portanto, o momento da oração é muito, muito sagrado. O Pai não é alguém que diga: “Não, não o ouvirei agora, pois você só vem a mim quando está com problemas”. Somente o homem faria isso. Ele não é alguém que diga: “Ah, você não imagina como estou ocupado agora”. Somente o homem faria isso.

É minha esperança e minha oração que todos oremos como Jesus nos ensinou a orar. Em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém. ■

Sou Bom o Suficiente? Vou Conseguir?

Se realmente tentarem e não se justificarem nem se rebelarem, arrependendo-se com frequência e suplicando pela graça, sem dúvida vocês serão “bons o suficiente”.

Queridas irmãs e queridos irmãos, que bênção é estarmos reunidos para ser ensinados pelos servos do Senhor. Não é maravilhoso ver as várias maneiras com as quais nosso amoroso Pai Celestial nos guia e nos abençoa? Ele realmente quer que voltemos para casa.

Graças a uma sequência de ternas misericórdias, quando eu era um jovem médico recém-formado na faculdade de medicina, fui aceito para fazer residência pediátrica em um programa de

estudos muito respeitado e competitivo. Quando conheci os outros residentes, senti que eu era o menos inteligente e o menos preparado de todos. Achei que não haveria meios de conseguir me equiparar ao restante do grupo.

No início de nosso terceiro mês, eu estava no posto de enfermagem do hospital, tarde da noite, lamentando-me e caindo de sono, tentando redigir o pedido de internação de um menino com pneumonia. Nunca havia me sentido tão desanimado na vida. Não fazia a menor ideia de como tratar pneumonia em um menino de 10 anos. Comecei a questionar o que eu estava fazendo ali.

Bem naquele momento, um dos residentes seniores colocou a mão em meu ombro. Ele me perguntou como estava me saindo, e desabafei com ele minhas frustrações e meus temores. Sua resposta mudou minha vida. Disse-me o quanto ele e todos os outros residentes seniores estavam orgulhosos de mim e como achavam que eu seria um excelente médico. Em resumo, ele acreditou em mim quando nem eu acreditava em mim mesmo.

Assim como aconteceu comigo, com



frequência os membros se perguntam: “Será que sou bom o suficiente como pessoa?” ou “Será que vou mesmo conseguir alcançar o Reino Celestial?” Evidentemente, não existe isso de “ser bom o suficiente”. Nenhum de nós poderá “conquistar” ou “merecer” a salvação, mas é normal perguntar-nos se somos aceitáveis perante o Senhor, que é como entendo essas perguntas.

Às vezes, ao frequentar a igreja, ficamos desanimados até mesmo com os convites sinceros que nos fazem para que nos tornemos melhores. Pensamos em silêncio: “Não consigo fazer todas essas coisas” ou “Jamais serei tão bom quanto todas essas pessoas”. Talvez nos sintamos como me senti no hospital aquela noite.

Por favor, meus amados irmãos e irmãs, precisamos parar de nos comparar a outras pessoas. Torturamo-nos desnecessariamente quando competimos e nos comparamos. Julgamos falsamente nosso valor pessoal pelas *coisas* que temos ou que não temos e pela *opinião de outras pessoas*. Se tivermos que nos comparar, comparemos o modo como éramos no passado a como somos hoje — e até a como queremos ser no futuro. A única opinião a nosso respeito que importa é a que o Pai Celestial tem de nós. Perguntem-Lhe sinceramente o que Ele pensa a respeito de vocês. Ele vai demonstrar amor e vai nos corrigir, mas, jamais vai nos desencorajar; esse truque é de Satanás.

Deixem-me ser direto e claro. As respostas para as perguntas “Sou bom o suficiente?” e “Será que vou conseguir?” são “Sim! Você será bom o suficiente” e “Sim, você vai conseguir desde que continue se arrependendo e não se justificando nem se rebelando”. O Deus do céu não é um juiz impiedoso que procura qualquer desculpa para tirar-nos do jogo. Ele é nosso Pai



perfeitamente amoroso, que deseja, mais do que qualquer coisa, que todos os Seus filhos voltem para casa e vivam com Ele em família para sempre. Ele realmente nos deu Seu Filho Unigênito para que não pereçamos, mas tenhamos a vida eterna!¹ Por favor, acreditem, e por favor, tenham esperança e consolo nessa verdade eterna. Nosso Pai Celestial quer que tenhamos êxito! Essa é Sua obra e Sua glória.²

Gosto muito do modo como o Presidente Gordon B. Hinckley ensinou esse princípio. Eu o ouvi dizer em várias ocasiões: “Irmãos e irmãs, tudo o que o Senhor espera de nós é que tentemos, mas precisamos *realmente* tentar!”³

“Realmente tentar” significa fazer o melhor que pudermos, reconhecendo os pontos que precisamos melhorar, e depois tentar novamente. Ao fazer isso repetidas vezes, vamos nos aproximar cada vez mais do Senhor, sentiremos cada vez mais Seu Espírito⁴ e receberemos mais graça ou ajuda do Senhor.⁵

Às vezes, acho que não reconhecemos muito bem o quanto o Senhor deseja nos ajudar. Amo as seguintes palavras do Élder David A. Bednar:

“A maioria de nós compreende claramente que a Expição é para os pecadores. Não tenho certeza, porém, se sabemos e compreendemos que a Expição também é para os santos. (...)

A Expição nos ajuda a vencer e evitar o mal e fazer o bem e tornar-nos bons. (...)

‘É pela graça do Senhor que os indivíduos (...) recebem força e ajuda para fazer boas obras, o que não conseguiriam [fazer] se tivessem que agir sozinhos. (...) Essa graça é um poder [capacitador] (...)’ [Bible Dictionary, “Grace”; grifo do autor] (...) ou a ajuda de Deus que cada um de nós necessita desesperadamente para qualificar-se para entrar no Reino Celestial”.⁶

Tudo o que temos de fazer para receber essa ajuda celeste é pedir e, depois, agir de acordo com a inspiração justa que recebermos.

A boa notícia é que, se tivermos nos arrependido sinceramente, nossos antigos pecados não nos impedirão de sermos exaltados. Morôni nos diz o seguinte a respeito dos transgressores de sua época: “Sempre, porém, que se arrependiam e pediam perdão com verdadeiro intento, eram perdoados”.⁷

E o próprio Senhor falou o seguinte a respeito do pecador:

“Se confessar seus pecados diante de ti e de mim e arrepender-se com sinceridade de coração, tu o perdoarás e eu também o perdoarei.

Sim, e tantas vezes quantas o meu povo se arrepender, perdoá-lo-ei de suas ofensas contra mim”.⁸



Se nos arrependermos com sinceridade, Deus realmente vai nos perdoar, mesmo que tenhamos cometido o mesmo pecado repetidas vezes. Conforme o Élder Jeffrey R. Holland afirmou: “Por mais chances que achem que perderam, por mais erros que sintam ter cometido (...), testifico-lhes que vocês *não* foram para além do alcance do amor divino. Não lhes é possível afundar tanto a ponto de não ver brilhar a infinita luz da Expição de Cristo”.⁹

Isso não significa de modo algum que pecar não seja errado. O pecado sempre tem consequências. O pecado sempre prejudica e fere tanto o pecador quanto as pessoas que são afetadas pelos pecados dele ou dela. E o verdadeiro arrependimento nunca é fácil.¹⁰ Além do mais, entendam que, mesmo que Deus remova a culpa e a mancha de nossos pecados quando nos arrependemos com sinceridade, pode ser que Ele não remova imediatamente todas as consequências de nossos pecados. Às vezes, elas permanecem conosco pelo restante de nossa vida. E o pior tipo de pecado é o premeditado, quando a pessoa diz: “Posso pecar agora e arrepender-me depois”. Creio que essa seja uma grave zombaria do sacrifício e dos sofrimentos de Jesus Cristo.

O próprio Senhor declarou: “Pois eu, o Senhor, não posso encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância”.¹¹

E Alma proclamou: “Eis que te digo que iniquidade nunca foi felicidade”.¹²

Um dos motivos pelos quais a declaração de Alma é particularmente verdadeira é que, com a repetição do pecado, distanciamos-nos do Espírito, ficamos desanimados e paramos de nos arrepender. Mas, repito, graças à Expição do Salvador, podemos nos arrepender e ser plenamente perdoados se nosso arrependimento for sincero.

O que não podemos fazer é nos justificar em vez de nos arrepender. Não vai dar certo justificar nossos pecados dizendo: “Deus sabe que é difícil demais para mim, por isso Ele me aceita como sou”. “Realmente tentar” significa prosseguir até alcançarmos plenamente o padrão do Senhor, que é claramente definido nas perguntas que nos fazem para recebermos uma recomendação para o templo.

A outra coisa que certamente vai nos impedir de entrar no céu e vai nos afastar da ajuda de que precisamos agora é a rebelião. No livro de Moisés, aprendemos que Satanás foi expulso do céu por rebelião.¹³ Estamos em rebelião toda vez que dizemos em nosso coração: “Não preciso de Deus e não tenho que me arrepender”.

Como pediatra de tratamento intensivo, sei que a rejeição arbitrária de um tratamento que poderia salvar a vida pode resultar desnecessariamente em morte física. De modo semelhante, quando nos rebelamos contra Deus, rejeitamos nossa única ajuda e esperança, que é Jesus Cristo, o que resulta na morte espiritual. Nenhum de nós pode fazer isso sozinho. Nenhum de nós jamais será “bom o suficiente” senão pelos méritos e pela misericórdia de Jesus Cristo,¹⁴ mas, como Deus respeita nosso arbítrio, também não podemos ser salvos sem tentar. É dessa forma que o equilíbrio entre graça e obras acontece. Podemos

ter esperança em Cristo porque Ele quer nos ajudar e nos modificar. Na verdade, Ele já nos ajuda. Simplesmente façam uma pausa e reflitam, reconhecendo a ajuda Dele em sua vida.

Testifico a vocês que, se realmente tentarem e não se justificarem nem se rebelarem, arrependendo-se com frequência e suplicando pela graça ou ajuda de Cristo, sem dúvida vocês vão ser “bons o suficiente”, ou seja, aceitáveis perante o Senhor. Vocês vão conseguir alcançar o Reino Celestial sendo aperfeiçoados em Cristo. E vão receber as bênçãos, a glória e a alegria que Deus deseja para cada um de Seus preciosos filhos — incluindo especificamente vocês e eu. Testifico que Deus vive e quer que voltemos para casa. Testifico que Jesus vive. No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver João 3:16.
2. Ver Moisés 1:39.
3. Essa frase do Presidente Hinckley, dita exatamente desse modo, não existe em material impresso, mas a seguinte frase está registrada: “Simplesmente façam o melhor que puderem, mas certifiquem-se de que realmente seja o melhor” (“Uma Época Desafiadora e Maravilhosa”, *Ensino no Seminário: Textos Preparatórios*, Manual do Sistema Educacional da Igreja, 2004, p. 19). Ele também afirmou: “Não se aflijam pensando no fracasso. Não estabeleçam metas que estejam além de sua capacidade de alcançá-las. Simplesmente façam o que puderem da melhor maneira possível, e o Senhor aceitará seus esforços” (“Elevai-vos à Estatura do Divino em Vós”, *A Liahona*, janeiro de 1990, p. 106).
4. Ver Doutrina e Convênios 50:24.
5. Ver Éter 12:27.
6. David A. Bednar, “A Expição e a Jornada da Mortalidade”, *A Liahona*, abril de 2012, pp. 14–15.
7. Morôni 6:8.
8. Mosias 26:29–30.
9. Jeffrey R. Holland, “Os Trabalhadores da Vinha”, *A Liahona*, maio de 2012, p. 33.
10. Ver Doutrina e Convênios 19:15–19.
11. Doutrina e Convênios 1:31.
12. Alma 41:10.
13. Ver Moisés 4:3.
14. Ver 2 Néfi 2:6–8.



Élder Neil L. Andersen
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Uma Testemunha de Deus

Sugiro que parem de se sentir culpados em relação a quaisquer insuficiências que tenham no tocante a compartilhar o evangelho. Em vez disso, orem para “servir de testemunhas de Deus”. Essa é uma motivação bem mais forte do que a culpa.

Grande parte do importante trabalho de Deus não é visível aos olhos do mundo. No sexto século antes de Cristo, surgiram ilustres pensadores, como Confúcio, na China, e Buda, no leste da Índia, mas o poder do sacerdócio de Deus estava sobre Daniel, o profeta que viveu em cativo durante o governo do rei babilônico Nabucodonosor.

Perturbado com um sonho que teve à noite, o rei Nabucodonosor exigiu que seus magos e feiticeiros lhe dissessem tanto o que ele havia sonhado quanto a interpretação do sonho. Evidentemente, eles não puderam dizer ao rei o que ele havia sonhado, e protestaram. “Não há ninguém sobre a terra que possa declarar a palavra ao rei; pois nenhum rei há (...) que requeresse coisa semelhante.”¹ O rei Nabucodonosor ficou furioso com o fracasso deles e declarou iradamente que todos os seus conselheiros seriam mortos.

Daniel, um dos sábios do rei, orou pedindo “misericórdia ao Deus do céu, sobre esse segredo”.²

Aconteceu um milagre. O segredo do sonho do rei foi revelado a Daniel.

Daniel foi levado perante o rei. “Podes tu fazer-me saber o sonho que vi e a sua interpretação?”

Daniel respondeu:

“Nem sábios, nem astrólogos, nem magos, nem adivinhos (...) podem declarar [o que sonhastes]. (...)”

Mas há um Deus nos céus, o qual revela os segredos; ele, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser nos últimos dias. (...)”

O Deus do céu”, disse Daniel, “levantará um reino, [uma pedra cortada, sem mãos, que se fará um grande monte, e encherá toda a Terra, e] não será jamais destruído; (...) [mas] estará estabelecido para sempre.

(...) Certo é o sonho”, disse Daniel, “e fiel a sua interpretação”.³

Com o sonho esclarecido e interpretado, o rei declarou sem hesitar: “O vosso Deus é Deus dos deuses, e o Senhor dos reis”.⁴

Por meio da milagrosa intervenção de Deus, foi mostrado a Daniel o futuro profetizado do evangelho de Jesus

Cristo que seria restaurado na Terra, um reino que encheria toda a terra e que “não [seria] jamais destruído; [mas seria] estabelecido para sempre”.

O número de membros da Igreja nos últimos dias seria relativamente pequeno, como Néfi profetizou, mas os membros estariam sobre toda a face da Terra, e o poder e as ordenanças do sacerdócio estariam à disposição de todos os que os desejassem, enchendo toda a Terra, como Daniel predisse.⁵

Em 1831, o Profeta Joseph Smith recebeu esta revelação: “As chaves do reino de Deus [e da coligação de Israel das quatro partes da Terra] foram confiadas ao homem na Terra e daí rolará o evangelho até os confins da Terra, como a pedra cortada da montanha, sem mãos, rolará até encher toda a Terra”.⁶

Uma Responsabilidade Que Compartilhamos

A coligação de Israel é um milagre. Ela assemelha-se a um gigantesco quebra-cabeça cujas peças serão colocadas nos devidos lugares antes dos gloriosos acontecimentos da Segunda Vinda. Assim como podemos ficar perplexos diante de um monte de peças de quebra-cabeça, os antigos santos devem ter considerado o encargo de levar o evangelho restaurado ao mundo inteiro uma tarefa quase impossível. Mas, começaram, uma pessoa ou uma peça do quebra-cabeça por vez, encontrando as bordas retas, esforçando-se para estruturar devidamente esta obra divina. Pouco a pouco, a pedra cortada sem mãos começou a rolar; de centenas a milhares, até dezenas de milhares, e agora, milhões de santos dos últimos dias que fizeram convênios e que estão espalhados por todas as nações estão conectando as peças do quebra-cabeça desta obra maravilhosa e um assombro.

Cada um de nós é uma peça do quebra-cabeça, e cada um de nós ajuda a colocar outras peças essenciais no devido lugar. Vocês são importantes nesta grande causa. A visão que temos do que está adiante de nós é bem clara agora. Podemos ver que o milagre continua e que a mão do Senhor nos orienta ao preenchermos as lacunas que restam. Então, “o grande Jeová [dirá] que o trabalho está terminado”,⁷ e Ele retornará em majestade e glória.

O Presidente Thomas S. Monson disse: “Agora é o momento de membros e missionários se unirem,

trabalharemos juntos (...) para trazer almas a Ele. (...) Ele vai nos ajudar em nossos labores, se agirmos com fé para realizar Sua obra”.⁸

A responsabilidade divinamente designada, que antes estava principalmente sobre os ombros dos missionários de tempo integral, agora é de todos nós. Todos queremos compartilhar o evangelho restaurado, e com gratidão vemos que milhares são batizados a cada semana. Mas, mesmo com essa bênção maravilhosa, nossa preocupação com nossos irmãos e nossas irmãs e nosso desejo de agradecer

a Deus trazem consigo uma irrefutável urgência de compartilhar e fortalecer o reino de Deus no mundo todo.

Os Limites da Culpa

Mesmo com um forte desejo de compartilhar o evangelho, talvez vocês não estejam tão felizes com o sucesso de seu empenho no passado. Pode ser que se sintam como um amigo meu, que disse: “Conversei com meus familiares e amigos sobre a Igreja, mas poucos mostraram qualquer interesse, e a cada rejeição, tornei-me mais hesitante. Sei que devo fazer mais, porém estou travado, e tudo o que tenho é um enorme sentimento de culpa”.

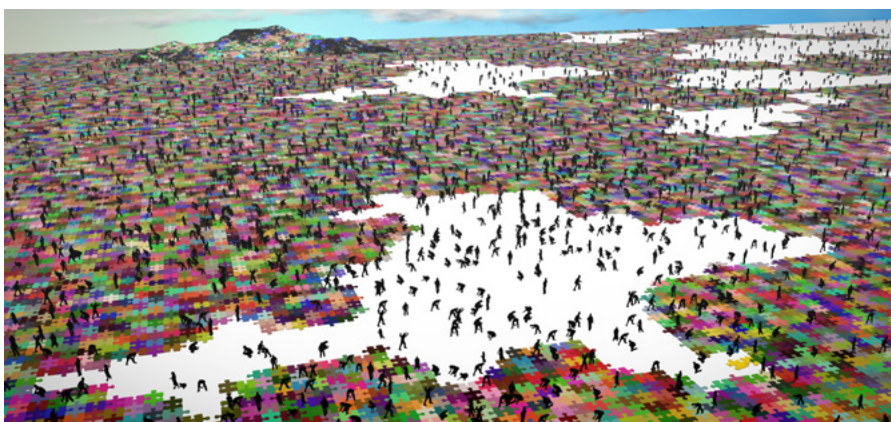
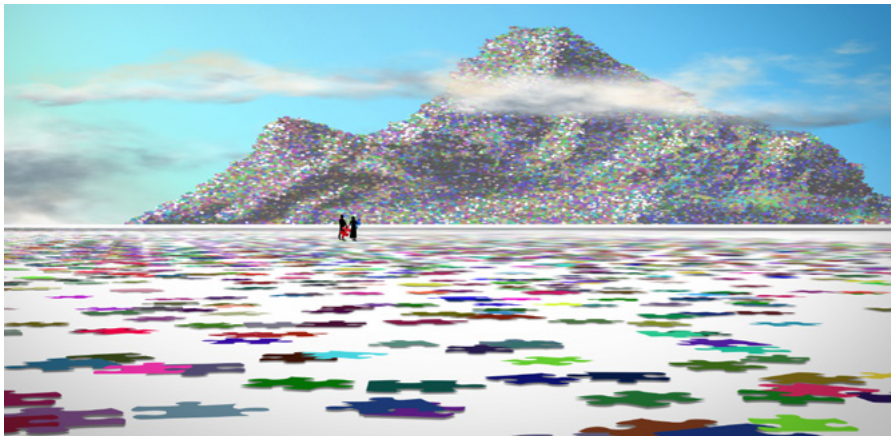
Deixem-me ver se consigo ajudar.

A culpa tem um papel importante porque nos desperta para as mudanças que precisamos fazer, mas há limites na extensão em que a culpa pode nos ajudar.

A culpa é como a bateria de um carro movido a gasolina. Ela pode ligar o carro, dar partida no motor e acender os faróis, mas não provê o combustível para a longa jornada à frente. A bateria, por si só, não é suficiente. Tampouco a culpa.

Sugiro que parem de se sentir culpados em relação a quaisquer insuficiências que tenham no tocante a compartilhar o evangelho. Em vez disso, orem, tal como ensinou Alma, por oportunidades de “servir de testemunhas de Deus em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares (...) para que [outros sejam] redimidos por Deus e contados com os da primeira ressurreição, para que [tenham] a vida eterna”.⁹ Essa é uma motivação bem mais forte do que a culpa.

Servir de testemunha de Deus em todos os momentos e em todos os lugares afeta tanto o modo como vivemos quanto o modo como falamos.



A coligação de Israel é como um gigantesco quebra-cabeça cujas peças serão colocadas no devido lugar antes da Segunda Vinda. Cada um de nós é uma peça do quebra-cabeça, e cada um de nós ajuda a colocar outras peças essenciais no devido lugar.

Sejam abertos em relação a sua fé em Cristo. Quando surgir a ocasião, falem da vida Dele, de Seus ensinamentos e de Sua incomparável dádiva para toda a humanidade. Compartilhem Suas verdades poderosas que se encontram no Livro de Mórmon. Ele nos deu esta promessa: “Qualquer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus”.¹⁰ Prometo-lhes que, se orarem com frequência e com sinceridade, pedindo oportunidades para “servir de testemunhas de Deus”, essas oportunidades virão, e aqueles que buscam mais luz e conhecimento serão colocados diante de vocês. Se vocês seguirem os sussurros do Espírito, o Espírito Santo vai levar suas palavras ao coração das pessoas, e, um dia, o Salvador os confessará perante Seu Pai.

Um Esforço em Equipe

O trabalho espiritual de ajudar alguém a entrar no reino de Deus é um esforço em equipe. Envolvam os missionários assim que puderem e orem pedindo auxílio do céu. Mas lembrem-se: o momento certo para a conversão de outra pessoa não depende inteiramente de vocês.¹¹

Kamla Persand era das Ilhas Maurício e fazia faculdade de Medicina em Bordeaux, França, quando a conhecemos em fevereiro de 1991. Tínhamos orado em família para conseguirmos compartilhar o evangelho com alguém que estivesse buscando a verdade, e nós a ensinamos em nossa casa. Tive o privilégio de realizar o batismo dela, mas não fomos a influência mais significativa para que Kamla se filiasse à Igreja. Amigos, missionários e até familiares tinham sido “testemunhas de Deus” em seu país natal, e, certo dia, na França, quando era o momento certo para Kamla, ela tomou a decisão



A conversão de Diego Gomez (acima, na fileira da frente, o terceiro da direita) e Kamla Persand (à direita com sua família 25 anos depois de seu batismo) aconteceu com a ajuda e o apoio de muitos que estenderam a mão como “testemunhas de Deus”.

de ser batizada. Agora, 25 anos depois, as bênçãos dessa decisão estão em toda parte a seu redor, e seu filho é um missionário em Madagascar.

Por favor, não vejam seu empenho em compartilhar o evangelho do Salvador com outras pessoas como um teste cujo fracasso ou sucesso está condicionado à resposta positiva de seus amigos a seus sentimentos ou a seu convite para que conheçam os missionários.¹² Com nossos olhos mortais, não podemos avaliar o efeito de nosso empenho nem tampouco determinar o cronograma. Quando compartilhamos o amor do Salvador com outras pessoas, nossa nota sempre é dez.

Alguns governos restringiram o trabalho dos missionários, fazendo com que nossos nobres membros demonstrem ainda maior coragem para servir de “testemunhas de Deus em todos os momentos e em (...) todos os lugares”.

Nadezhda, de Moscou, costuma apresentar outras pessoas com um exemplar do Livro de Mórmon, que é colocado dentro de uma caixa de presente com muitos doces em volta. “Eu lhes digo”, disse ela, “que esse é o presente mais doce que eu poderia lhes dar”.

Pouco depois de ser batizada na Ucrânia, Svetlana sentiu que devia compartilhar o evangelho com um homem que ela via com frequência no



ônibus. Quando o homem desceu no ponto dele, ela perguntou: “Gostaria de saber mais a respeito de Deus?” O homem disse: “Sim”. Os missionários ensinaram Viktor, e ele foi batizado. Mais tarde, ele e Svetlana foram selados no Templo de Freiberg Alemanha.

Tomem cuidado; suas bênçãos podem vir de maneira inesperada.

Há sete anos, Kathy e eu conhecemos Diego Gomez e sua linda família em Salt Lake City. Eles foram a uma visita pública conosco, mas educadamente recusaram nosso convite para conhecer mais sobre a Igreja. Em maio passado, recebi um telefonema inesperado de Diego. Acontecimentos em sua vida o levaram a cair de joelhos em oração. Ele encontrou por si mesmo os missionários, ouviu as palestras e estava pronto para o batismo. Em 11 de junho deste ano, entrei nas águas do batismo com meu amigo e companheiro de discipulado, Diego Gomez.



Sua conversão teve seu momento certo e aconteceu com a ajuda e o apoio de muitos que lhe estenderam a mão como “testemunhas de Deus”.

Um Convite para os Jovens

Para nossos admiráveis jovens e jovens adultos no mundo todo, faço um convite e desafio especial de serem “testemunhas de Deus”. Aqueles que os rodeiam estão abertos ao questionamento espiritual. Lembram-se do quebra-cabeça? Vocês não estão desprovidos de recursos, têm a tecnologia e a mídia social a seu comando. Precisamos de vocês. O Senhor precisa que se envolvam ainda mais nesta grande causa.

O Salvador disse: “Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.¹³

Não é por acaso que vocês moram na África; na Ásia; na Europa; na América do Norte, Central ou do Sul; na Oceania ou em outro lugar no mundo de Deus, porque o evangelho deve ser levado a “toda nação, tribo, língua e povo”.¹⁴

“O Deus do céu [levantou] um reino, [uma pedra cortada, sem mãos, que se fez um grande monte, e está enchendo toda a Terra, e que] não será jamais destruído; (...) [mas] estará estabelecido para sempre.

(...) Certo é o sonho, e fiel a sua interpretação.”¹⁵

Encerro com estas palavras de Doutrina e Convênios: “Invocai o Senhor, para que seu reino siga pela Terra e seus habitantes recebam-no e

estejam preparados para os dias que virão, nos quais o Filho do Homem descerá [do] céu, revestido do esplendor de sua glória, para encontrar o reino de Deus (...) na Terra”.¹⁶ Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

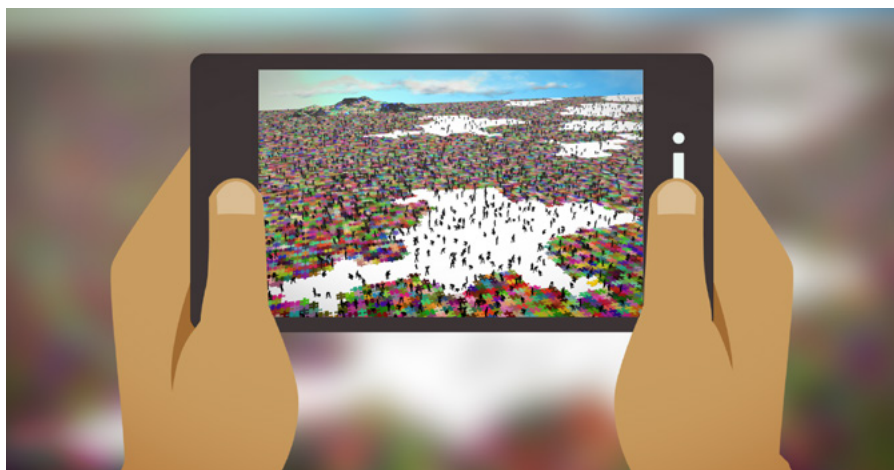
1. Daniel 2:10.
2. Daniel 2:18.
3. Daniel 2:26–28, 44–45; ver também versículos 34–35.
4. Daniel 2:47.
5. Ver 1 Néfi 14:12–14.
6. Doutrina e Convênios 65:2; ver também Doutrina e Convênios 110:11.
7. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 149; ver também Boyd K. Packer, “O Estandarte da Verdade Foi Erguido”, *A Liahona*, novembro de 2003, p. 27.
8. Thomas S. Monson, “Bem-Vindos à Conferência”, *A Liahona*, novembro de 2013, p. 4.
9. Mosias 18:9.
10. Mateus 10:32.
11. Há um mês, estive em Santa Maria, Brasil. O irmão João Grahl me disse que, quando

jovem, ele frequentou a Igreja por dois anos, quis ser batizado, mas seu pai não permitiu. Um dia, ele disse a suas irmãs, que tinham o mesmo desejo, que eles precisavam ajoelhar-se e orar para que Deus enternecesse o coração de seu pai. Ajoelharam-se em oração e foram para a escola.

Quando voltaram para casa, naquele dia, surpreendentemente, um tio, o irmão do pai, tinha chegado de uma cidade distante. Estava na casa deles conversando com o pai. Com o tio na sala, as crianças novamente perguntaram ao pai se podiam ser batizadas. O tio se adiantou, colocou a mão no ombro do irmão e disse: “Reinaldo, é verdade. Deixe que eles sejam batizados”. Sem que eles soubessem, o tio havia sido batizado alguns meses antes.

O tio foi inspirado a viajar até a casa do irmão, e, por ele ter sido “uma testemunha de Deus” naquele dia, suas sobrinhas e seu sobrinho receberam permissão para serem batizados. Algumas semanas depois, Reinaldo e sua esposa foram batizados. Deus respondeu à oração daquelas crianças de um modo milagroso por meio de alguém que estava disposto a ser “uma testemunha de Deus”.

12. “Vocês têm sucesso quando convidam, independentemente do resultado” (Clayton M. Christensen, *The Power of Everyday Missionaries* [O Poder do Missionário do Dia a Dia], 2012, p. 23; ver também everdaymissionaries.org).
13. Mateus 28:19.
14. Mosias 15:28.
15. Daniel 2:44–45; ver também versículos 34–35.
16. Doutrina e Convênios 65:5.



Jovens e jovens adultos do mundo todo têm a tecnologia e a mídia social a seu comando.



Apresentado pelo Presidente Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Apoio aos Líderes da Igreja

Irmãos e irmãs, o Presidente Monson convidou-me a apresentar o nome das Autoridades Gerais e dos setentas de área para seu voto de apoio.

É proposto que apoiemos Thomas Spencer Monson como profeta, vidente e revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Henry Bennion Eyring como Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência e Dieter Friedrich Uchtdorf como Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opuserem, manifestem-se.
É proposto que apoiemos Russell M.

Nelson como Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos e os seguintes como membros desse quórum: Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson, Neil L. Andersen, Ronald A. Rasband, Gary E. Stevenson e Dale G. Renlund.

Os que forem a favor, manifestem-se.
Se alguém se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos os

conselheiros na Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores.

Aqueles a favor, manifestem-se.

Os que se opõem, se houver alguém, pelo mesmo sinal.

É proposto que desobriguemos com gratidão pelo excelente serviço prestado os Élderes Daniel L. Johnson, Jairo Mazzagardi, Kent F. Richards e Francisco J. Viñas, como Setentas Autoridades Gerais, e que os designemos autoridades gerais eméritas. Reconhecemos o serviço do Élder Per G. Malm, que faleceu em 26 de julho de 2016. Expressamos nosso amor e sinceras condolências à irmã Malm, ao seus filhos e netos.

Os que quiserem juntar-se a nós e expressar gratidão a esses irmãos por seu excelente serviço, manifestem-se.

É proposto que desobriguemos Alan R. Walker como setenta de área. Os que quiserem juntar-se a nós e expressar gratidão ao irmão Walker por seu serviço, manifestem-se.

É proposto que apoiemos como setentas de área: Bhanu K. Hiranandani e Sandino Roman.

Aqueles a favor, manifestem-se.

Os que se opuserem, se houver, manifestem-se.

É proposto que apoiemos as demais Autoridades Gerais, os setentas de área e a presidência geral das auxiliares como atualmente constituídos.

Aqueles a favor, manifestem-se.

Os que se opõem, se houver alguém, pelo mesmo sinal.

Presidente Monson, os votos foram registrados. Convidamos aqueles que tenham se oposto a quaisquer dos nomes propostos que entrem em contato com seu presidente de estaca.

Irmãos e irmãs, somos gratos por sua fé e suas orações contínuas em favor dos líderes da Igreja. ■





Élder Quentin L. Cook
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Valentes no Testemunho de Jesus

Não podemos permitir que pedras de tropeço confundam ou compliquem nosso testemunho do Pai e do Filho.

A vida eterna é o maior de todos os dons de Deus e é concedida àqueles que guardam “[os Seus] mandamentos e [perseveram] até o fim”.¹ Por outro lado, àqueles “que não são valentes no testemunho de Jesus”, é negada a vida eterna com nosso Pai Celestial.² Há inúmeras pedras de tropeço que testam nosso valor e podem nos impedir de alcançar a vida eterna.³ Elas podem ser bem complexas. Deixem-me dar um exemplo.

Há muitos anos, meu pai construiu uma pequena cabana na fazenda onde ele havia crescido. A paisagem local era deslumbrante. Quando as paredes estavam erguidas, fui lá fazer uma visita. Fiquei surpreso ao ver que havia um poste de eletricidade bem em frente à janela. Para mim, aquilo era uma grande distração diante da magnífica vista.

Então perguntei: “Pai, por que você deixou que o poste ficasse bem de frente para a janela?”

Meu pai, que era extremamente prático e calmo, respondeu com certa emoção: “Quentin, para mim, aquele poste é a coisa mais linda da fazenda!” Então, ele explicou: “Quando eu olho

para ele, lembro que não preciso mais trazer água em baldes lá da nascente até aqui — para cozinhar, lavar as mãos ou tomar banho — como eu fazia quando era criança. Nem preciso mais acender velas ou lampiões para ler à noite. Eu quero abrir a janela e ver aquele poste bem no meio da paisagem”.

A perspectiva que meu pai tinha sobre o poste de eletricidade era diferente da minha. Para ele, o poste

representava uma vida melhor, mas para mim, era uma pedra de tropeço diante da magnífica paisagem. Meu pai dava mais valor à eletricidade, à luz e à limpeza do que a uma bela vista. Apesar de eu considerá-lo uma pedra de tropeço, o poste tinha grande significado simbólico e prático para meu pai.

Uma pedra de tropeço é “um entrave para a crença ou a compreensão”, ou “um obstáculo para o progresso”.⁴

Tropear espiritualmente significa “cair em pecado ou erro”.⁵ Uma pedra de tropeço é qualquer coisa que nos impeça de alcançar objetivos justos.

Não podemos permitir que pedras de tropeço confundam ou compliquem nosso testemunho do Pai e do Filho. Não podemos cair nessa armadilha. Nosso testemunho Deles deve ser mantido em pureza e simplicidade — a mesma simplicidade com que meu pai justificou a posição do poste na fazenda.

Quais são as pedras de tropeço que estão nos impedindo de ser valentes e que confundem e complicam a pureza e a simplicidade de nosso testemunho do Pai e do Filho?



Uma Pedra de Tropeço São as Filosofias dos Homens

Valorizamos todo tipo de conhecimento e acreditamos que “a glória de Deus é inteligência”.⁶ Porém, sabemos que a estratégia preferida do adversário é colocar as filosofias dos homens acima do Salvador e de Seus ensinamentos, desviando-nos de Deus e fazendo-nos tropeçar.

Devido a uma milagrosa e transformadora experiência com o Salvador, o Apóstolo Paulo tornou-se uma firme testemunha de Jesus Cristo.⁷ A formação singular de Paulo o preparou para relacionar-se com pessoas de diferentes culturas. Ele amava a “franca simplicidade” dos tessalonicenses e a “terna empatia” dos filipenses.⁸ A princípio, ele teve dificuldade para conviver com a sofisticação e a intelectualidade dos gregos. Em Atenas, na Colina de Marte, ele usou uma abordagem filosófica, mas foi rejeitado. Já aos coríntios, ele apenas ensinou “a doutrina do Cristo crucificado”.⁹ Como ele mesmo afirmou:

“A minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder.

Para que a vossa fé não se apoiasse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus”.¹⁰

Alguns dos mais belos relatos das escrituras sobre o Salvador e Sua missão se encontram em 1 Coríntios. O capítulo 15 tornou-se mundialmente conhecido devido à obra *O Messias*, de Georg Friedrich Händel.¹¹ Nele, encontramos grandiosas doutrinas a respeito do Salvador. A maior parte das escrituras usadas no terceiro ato de *O Messias*, logo após o “Aleluia”, encontra-se em 1 Coríntios 15. Dentre esses versículos, está a bela descrição que Paulo fez da vitória do Salvador:



“[Pois] agora Cristo ressuscitou dos mortos, (...) as primícias dos que dormem.

(...) Assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem.

Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também em Cristo todos serão vivificados. (...)

Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? (...)

Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo”.¹²

Sabemos que a Apostasia ocorreu, em parte, porque as filosofias dos homens foram consideradas superiores à doutrina básica e essencial de Cristo. Em vez de a mensagem do Salvador ser ensinada com simplicidade, muitas verdades claras e preciosas foram mudadas ou perdidas. De fato, o cristianismo adotou as tradições filosóficas gregas a fim de conciliar a crença do povo com a cultura existente. O historiador Will Durant afirmou: “A crmandade não des- truiu o paganismo, mas o adotou.

A cultura grega, já decaída, transmigrou então para uma nova vida”.¹³ Ao longo da história, e em nossos dias, pessoas rejeitaram o evangelho de Jesus Cristo pois, na opinião delas, o evangelho não possui suficiente sofisticação intelectual.

No início da Restauração, muitos pelo menos professavam seguir os ensinamentos do Salvador. Vários países se consideravam nações cristãs. Mas, já naquela época, foram feitas profecias de tempos difíceis para os nossos dias.

Heber C. Kimball foi um dos Doze Apóstolos originais desta dispensação e também Primeiro Conselheiro do Presidente Brigham Young. Ele advertiu: “Chegará o tempo em que (...) [será] difícil distinguirmos, ao olharmos para alguém, se é um santo ou um inimigo do povo de Deus. Assim, (...) estejam atentos à grande separação, pois haverá um grande momento em que o Senhor vai peneirar o joio do trigo, e muitos cairão”. Ele concluiu dizendo que há “um TESTE que está para vir”.¹⁴

Em nossa época, a influência do cristianismo está drasticamente reduzida em muitos países, inclusive nos Estados Unidos. Sem crenças religiosas, o sentimento de prestação de contas a Deus desaparece. Pelo mesmo motivo, fica difícil estabelecer valores universais acerca do modo de viver. Profundas convicções filosóficas tendem a entrar em conflito umas com as outras.

Infelizmente, isso acontece com alguns membros da Igreja que se afastam daquilo que sabem ser verdade e se deixam influenciar pelas causas do momento — muitas das quais não são corretas.

De acordo com a profecia de Heber C. Kimball, o Élder Neal A. Maxwell afirmou, em 1982: “Grande parte da separação ocorrerá por causa de pequenos comportamentos indignos dos quais as pessoas não se arrependem. Alguns desistirão em vez de perseverarem até o fim. Outros serão enganados por apóstatas. Da mesma forma, outros se sentirão ofendidos, afinal, cada dispensação tem as suas próprias pedras de tropeço!”¹⁵

Outra Pedra de Tropeço É Recusar-se a Ver o Pecado Como Realmente É

Um dos aspectos singulares e perturbadores de nossos dias é o fato de que muitos se envolvem em condutas pecaminosas, mas não as consideram pecados. Eles não sentem remorso nem admitem que sua conduta é moralmente errada. Até mesmo alguns que professam crer no Pai e no Filho supõem, erroneamente, que um amoroso Pai Celestial não deveria impor consequências em relação a condutas que contrariam Seus mandamentos.

Ao que parece, essa foi a posição assumida por Coriânton, filho de Alma, o filho, no Livro de Mórmon. Ele recebeu conselhos de seu pai,

pois havia se envolvido em séria conduta imoral. Que bênção é termos o registro dessa instrução dada pelo grande Profeta Alma, que havia pessoalmente experimentado o “mais escuro abismo [e] a maravilhosa luz de Deus”.¹⁶ No capítulo 39 de Alma, ele aconselhou seu filho a passar pelo processo do arrependimento e explicou que Cristo viria para redimir os pecados. Ele deixou claro para Coriânton que o arrependimento é necessário, pois “nenhuma coisa impura pode herdar o reino de Deus”.¹⁷

Alma 42 contém algumas das doutrinas mais eloquentes sobre a Expição em todas as escrituras. Alma ajudou Coriânton a entender que não é “injustiça ser o pecador entregue a um estado de miséria”.¹⁸ Ele salientou que, desde a época de Adão, o Deus misericordioso havia providenciado um “tempo para o arrependimento”, pois, sem isso, “estaria frustrado o grande plano de salvação”.¹⁹ Alma também ensinou que o plano de Deus é um “plano de felicidade”.²⁰

Seus ensinamentos são muito instrutivos: “Pois eis que a justiça exerce todos os seus direitos e a misericórdia também reclama tudo quanto lhe pertence; e assim ninguém, a não ser o verdadeiro penitente, é salvo”.²¹ Sob a perspectiva correta, as gloriosas bênçãos do arrependimento e da obediência aos ensinamentos do Salvador adquirem uma importância gigantesca. Assim como Alma fez com Coriânton, não é errado falar com clareza sobre as consequências das escolhas pecaminosas e da falta de arrependimento. Já foi dito que, “cedo ou tarde, todos teremos que confrontar as consequências de nossas decisões”.²²

A indescritível e celestial bênção da Expição do Salvador significa que, por meio do arrependimento, a conduta

pecaminosa é apagada. Após Coriânton se arrepender, Alma concluiu dizendo: “Não te preocupes mais com essas coisas e (...) deixes apenas teus pecados te preocuparem, com aquela preocupação que te levará ao arrependimento”.²³

Olhar para Além do Marco É uma Pedra de Tropeço

O Profeta Jacó referiu-se aos antigos judeus como “um povo obstinado”, que desprezaram a clareza, “mataram os profetas e procuraram coisas que não podiam compreender. Portanto, devido a sua cegueira, cegueira que lhes adveio por olharem para além do marco, terão que cair”.²⁴

Há muitas maneiras de se olhar para além do marco,²⁵ mas, uma muito expressiva é o extremismo dos dias atuais. O extremismo evangélico ocorre quando consideramos um princípio mais importante do que os demais e assumimos uma interpretação que ultrapassa os ensinamentos dos líderes da Igreja ou é contrária a esses ensinamentos. Um exemplo disso é sugerir que sejam feitas adições, mudanças ou que se enfatize um aspecto da Palavra de Sabedoria. Outro exemplo são os preparativos excessivos para o fim dos tempos. Em ambos os casos, as pessoas querem que os outros acatem suas interpretações pessoais. “Quando transformamos a lei de saúde ou qualquer outro princípio em uma forma de fanatismo religioso, estamos olhando para além do marco.”²⁶

Em relação às doutrinas importantes, o Senhor disse: “Aquele que declara mais ou menos do que isso, esse não é meu”.²⁷ Olhamos para além do marco quando elevamos qualquer princípio a uma proeminência tal que diminua nosso comprometimento com outros princípios igualmente importantes, ou quando assumimos uma

posição contrária ou que vá além dos ensinamentos das Autoridades Gerais.

Além disso, há membros que colocam causas, muitas das quais são boas, acima das doutrinas básicas do evangelho. Sua prioridade deixa de ser a devoção e passa a ser um ideal, de maneira que seu compromisso com o Salvador e Seus ensinamentos fique em segundo plano. Se colocarmos qualquer coisa acima de nossa devoção ao Salvador, ou se nossa conduta sinalizar que O consideramos apenas mais um mestre e não o divino Filho de Deus, estamos olhando para além do marco. Jesus Cristo é o marco!

A seção 76 de Doutrina e Convênios deixa claro que ser “[valentes] no testemunho de Jesus”²⁸ é o teste simples e essencial que vai separar aqueles que herdarão as bênçãos do Reino Celestial daqueles que herdarão o Reino Terrestre. Para ser valentes, precisamos nos centralizar no poder que Jesus Cristo e Seu sacrifício expiatório têm de sobrepujar a morte e, por meio do nosso arrependimento, limpar-nos do pecado, e precisamos seguir a doutrina de Cristo.²⁹ Também precisamos da luz e do conhecimento sobre a vida e sobre os ensinamentos do Salvador para nos guiar no caminho do convênio, que inclui as ordenanças do templo. Precisamos ser firmes em Cristo, banquetear-nos com Sua palavra e perseverar até o fim.³⁰

Conclusão

Se quisermos ser valentes em nosso testemunho de Jesus, devemos nos afastar das pedras de tropeço que impossibilitam e impedem o progresso de homens e mulheres honrados. Que tenhamos a determinação de sempre estar a Seu serviço. Ao buscar conhecimento, precisamos evitar as filosofias dos homens, as quais



diminuem nosso compromisso com o Salvador. Precisamos ver o pecado como realmente é e aceitar a Expição do Salvador por meio do arrependimento. Temos que nos abster de olhar para além do marco e pôr nosso foco em Jesus Cristo, nosso Salvador e Redentor, e seguir Sua doutrina.

Meu pai via o poste como o meio pelo qual recebia energia, luz e água em abundância para cozinhar e para limpar. Era um degrau para uma vida melhor.

Um escritor sugeriu que as pedras de tropeço poderiam ser “degraus para se chegar a um caráter nobre e ao Céu”.³¹

Para nós, ser valentes no testemunho de Jesus é um degrau que nos qualifica para recebermos a graça do

Salvador e o Reino Celestial. Jesus Cristo é o único nome debaixo do céu por meio do qual somos salvos.³² Presto meu firme testemunho de Sua divindade e de Seu papel sublime no plano do Pai. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Doutrina e Convênios 14:7; ver também João 17:3.
2. Doutrina e Convênios 76:79.
3. Ver *Sempre Fiéis: Tópicos do Evangelho*, 2004, p. 193.
4. *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*, 11ª ed., 2003, “stumbling block” [pedra de tropeço].
5. *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*, “stumble” [tropeçar].
6. Doutrina e Convênios 93:36.
7. Ver Atos 9:1–9; 26:13–18.
8. Ver Frederic W. Farrar, *The Life and Work of St. Paul [A Vida e a Obra de Paulo]*, 1898, p. 319.



Élder Gary E. Stevenson
Do Quórum dos Doze Apóstolos

9. Ver Frederic W. Farrar, *The Life and Work of St. Paul* [A Vida e a Obra de Paulo], pp. 319–320.
10. 1 Coríntios 2:4–5.
11. Ver Georg Friedrich Händel, *Messiah* [O Messias], ed. T. Tertius Noble, 1912.
12. 1 Coríntios 15:20–22, 55, 57.
13. Will Durant, *The Story of Civilization* [A História da Civilização], vol. 3, *Caesar and Christ* [César e Cristo], 1944, p. 595.
14. Heber C. Kimball, Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball* [A Vida de Heber C. Kimball], 1945, p. 446.
15. Neal A. Maxwell, “Tende Bom Ânimo”, *A Liahona*, janeiro de 1983, p. 117.
16. Mosias 27:29.
17. Alma 40:26.
18. Alma 42:1. Na doutrina mórmon, o plano se estende para toda a humanidade, inclusive àqueles que não ouviram falar de Cristo nesta vida, às crianças que morreram antes da idade da responsabilidade e àqueles que não possuem entendimento (ver Doutrina e Convênios 29:46–50; 137:7–10).
19. Alma 42:5.
20. Alma 42:8.
21. Alma 42:24. Observe que, em inglês, o pronome usado para referir-se à justiça é *his* (masculino), e para misericórdia utiliza-se *her* (feminino). Essa distinção não existe em português.
22. Robert Louis Stevenson, Carla Carlisle, “A Banquet of Consequences” [Um Banquete de Consequências], *Country Life Magazine*, 6 de julho de 2016, p. 48. A senhorita Carlisle atribui a citação a Robert Louis Stevenson. Há quem atribua a citação a outros autores.
23. Alma 42:29.
24. Jacó 4:14.
25. No artigo que escrevi para revistas da Igreja, em 2003, salientei quatro áreas que poderiam levar à cegueira e ao tropeço teológicos descritos por Jacó: a substituição das verdades do evangelho pelas filosofias dos homens; o extremismo evangélico; feitos heroicos como substitutos da consagração diária; e regras colocadas acima da doutrina (ver “Olhar para Além do Marco”, *A Liahona*, março de 2003, p. 21).
26. Quentin L. Cook, “Olhar para Além do Marco”, *A Liahona*, março de 2003, p. 22.
27. Doutrina e Convênios 10:68.
28. Doutrina e Convênios 76:79.
29. Ver 2 Néfi 31:17–21.
30. Ver 2 Néfi 31:20–21.
31. Henry Ward Beecher, Tryon Edwards, *A Dictionary of Thoughts* [Dicionário de Pensamentos], 1891, p. 586.
32. Ver 2 Néfi 31:21; Mosias 3:17.

Olhe para o Livro, Veja o Senhor

Conseguem ver o Livro de Mórmon como seu centro espiritual de força, sua pedra fundamental?

Mary Elizabeth Rollins

Em minha mente, posso imaginar vocês da nova geração vendo ou ouvindo esta sessão da conferência em algum lugar do mundo. Gostaria de compartilhar com vocês uma história verdadeira, uma história que pode ser tanto um exemplo quanto uma lição. Pode mostrar-lhes como se aproximar do Senhor e obter maior poder para resistir à tentação.

Esta é a história de uma menina que morava em Nova York e que, antes de completar 3 anos, perdeu o pai quando o barco dele afundou em um grande lago. Ela, sua mãe, seu irmão mais velho e sua irmã mais nova se mudaram para uma nova cidade em outro estado para morar com seu tio e sua tia. Algum tempo após a chegada da família, missionários e membros de uma religião recentemente organizada chegaram à cidade com a gloriosa notícia da Restauração do evangelho. Eles contaram uma história maravilhosa sobre um anjo que entregou um registro antigo a um jovem chamado Joseph Smith, que o traduziu pelo poder de Deus. Os dois visitantes, Oliver Cowdery e John Whitmer,

havam de fato visto, com os próprios olhos, as páginas do registro antigo gravadas em metal, e Whitmer testificou que havia segurado as placas de ouro com as próprias mãos. Esse registro havia sido publicado recentemente, e o irmão Whitmer trouxe o livro consigo. O nome do livro, é claro, era o Livro de Mórmon.

Quando Mary, com 12 anos de idade, ouviu os missionários falarem sobre o livro, teve um sentimento



especial em seu coração. Embora o Livro de Mórmon fosse um livro grande e com muitas páginas, Mary ansiava lê-lo. Quando o irmão Whitmer partiu, deixou uma cópia preciosa do livro com o irmão Isaac Morley, que era amigo do tio de Mary e um líder local da nova Igreja.

Mary mais tarde escreveu: “Fui à casa do irmão Morley (...) e pedi para ver o livro; [ele] me deu o livro e, ao olhá-lo, senti um desejo tão forte de lê-lo que não pude deixar de pedir ao irmão que me deixasse levar o livro para casa para eu o ler. (...) Ele disse (...) que ele mesmo não tivera tempo para ler mais do que um capítulo, e que alguns dos irmãos sequer haviam visto o livro, mas pedi tão sinceramente que ele finalmente disse: ‘Se você trazer o livro de volta antes do desjejum amanhã cedo, pode levá-lo’”.

Mary correu para casa e foi de tal maneira cativada pelo livro que passou quase a noite inteira acordada lendo-o. Na manhã seguinte, quando Mary devolveu o livro, o irmão Morley disse: “Você não deve ter lido muito” e “Acho que você não vai saber me contar uma só palavra do livro”. Mary se endireitou e disse de cor o primeiro versículo do Livro de Mórmon. Ela então contou a ele a história do Profeta Néfi. Mary escreveu: “Ele me olhou com surpresa e disse: ‘Leve este livro para casa e termine de ler. Eu posso esperar’”.

Pouco tempo depois, Mary terminou de ler o livro e foi a primeira pessoa em sua cidade a ler o livro inteiro. Ela sabia que era verdadeiro e que viera do Pai Celestial. Ao olhar para o livro, ela viu o Senhor.

Um mês depois, um visitante especial veio à casa de Mary. Eis o que Mary escreveu sobre esse encontro memorável naquele dia: “Quando [Joseph Smith] me viu, ele me olhou



firmemente. (...) Após alguns momentos, ele (...) me deu uma grande bênção (...) e me deu o livro de presente, e disse que daria outra cópia para o irmão Morley. (...) Todos sentimos que ele era um homem de Deus, pois ele falou com poder e como tendo autoridade”.

Essa menina, Mary Elizabeth Rollins, viu muitos outros milagres em sua vida e sempre manteve seu testemunho do Livro de Mórmon.¹ Essa história tem um significado especial para mim, pois Mary é irmã do meu pentavô. Por meio do exemplo de Mary, junto com outras experiências de minha vida, aprendi que ninguém é tão jovem que não possa buscar e receber um testemunho pessoal do Livro de Mórmon.

A Pedra Fundamental do Seu Testemunho

Há uma lição pessoal para vocês na história de Mary. Cada um de vocês rapazes, moças e crianças pode ter os mesmos sentimentos que ela teve. Quando vocês leem o Livro de Mórmon e oram com o desejo de saber se é verdadeiro, vocês também podem receber a mesma impressão em seu coração que Mary recebeu. Vocês também podem descobrir que, ao prestarem testemunho do Livro de Mórmon, sentirão o mesmo espírito de

confirmação. O Espírito Santo vai falar ao seu coração. Vocês também podem sentir esse mesmo espírito de confirmação quando ouvem outras pessoas compartilhando seus testemunhos do Livro de Mórmon. Cada um desses testemunhos espirituais pode levar o Livro de Mórmon a se tornar a pedra fundamental do seu testemunho.

Deixem-me explicar. O Profeta Joseph Smith, que traduziu o Livro de Mórmon pelo “dom e poder de Deus”, descreveu o Livro de Mórmon como “o mais correto de todos os livros da Terra e a pedra fundamental de nossa religião”.²

Desde a primeira impressão do Livro de Mórmon em 1830, mais de 174 milhões de cópias foram publicadas em 110 idiomas, demonstrando que o Livro de Mórmon ainda é a pedra fundamental de nossa religião. Mas o que isso significa para cada um de vocês?

Em termos arquitetônicos, uma pedra fundamental é o principal elemento em um portão arqueado. É a pedra em forma de cunha no centro e no ponto mais alto de um arco. É a mais importante das pedras porque mantém os lados do arco na posição correta, evitando que caiam. É o elemento estrutural que garante que o portão, ou sua abertura, seja transitável.



O Livro de Mórmon, como a pedra angular de um arco, pode se tornar a pedra angular de nosso testemunho.

Em termos do evangelho, é um dom e uma bênção do Senhor a pedra fundamental de nossa religião ser algo físico e tangível como o Livro de Mórmon, que você pode segurar e ler. Conseguem ver o Livro de Mórmon como seu centro espiritual de força, sua pedra fundamental?

O Presidente Ezra Taft Benson ajudou-nos a entender esses ensinamentos de Joseph Smith. Ele disse: “O Livro de Mórmon é a pedra fundamental de nossa religião em três aspectos: é a pedra fundamental de nosso testemunho de Cristo; a pedra fundamental de nossa doutrina e é a pedra fundamental do testemunho”.

O Presidente Benson também ensinou: “O Livro de Mórmon nos ensina a verdade e presta testemunho de Jesus Cristo. (...) Mas há algo mais. Existe um poder no livro que começa a fluir para nossa vida no momento em que iniciamos um estudo sério de seu conteúdo. Descobrimos mais força para resistir à tentação; (...) e encontramos a força para permanecer no caminho estreito e apertado”.³

Meu Testemunho Pessoal

Para mim, o Livro de Mórmon se tornou a pedra fundamental de meu testemunho com o passar dos anos e

por intermédio de inúmeras experiências. Uma poderosa experiência na formação do meu testemunho ocorreu enquanto eu era um jovem missionário servindo em minha primeira área, Kumamoto, Japão. Meu companheiro e eu estávamos batendo de porta em porta. Encontramos uma senhora que gentilmente nos convidou para entrar em sua casa, que, em japonês, é chamada de *genkan*. Ela nos ofereceu algo gelado para tomar em um dia quente. Não havia muito tempo que eu estava no Japão, e havia terminado de ler o Livro de Mórmon fazia pouco tempo e estava orando para ter a certeza de que era verdadeiro.

Por estar há tão pouco tempo no Japão, eu não falava japonês muito bem. Na verdade, não acho que aquela senhora conseguiu entender muito do que eu estava falando. Comecei a ensiná-la sobre o Livro de Mórmon, descrevendo como Joseph Smith recebeu, de um anjo, um registro gravado em placas, e como ele havia traduzido o registro pelo poder de Deus.

Ao prestar meu testemunho de que o Livro de Mórmon é a palavra de Deus e um outro testamento de Jesus Cristo, recebi uma impressão muito forte, acompanhada de um sentimento caloroso de conforto e tranquilidade em meu peito, que as escrituras descrevem como “arder dentro de ti o teu peito”.⁴ Esse sentimento reafirmou para mim de uma maneira poderosa que o Livro de Mórmon verdadeiramente é a palavra de Deus. Naquele dia, meus sentimentos estavam tão fortes que derramei lágrimas ao falar com aquela senhora japonesa. Nunca me esqueci do sentimento especial daquele dia.

Seu Testemunho Pessoal

Cada um de vocês também pode receber um testemunho pessoal desse

livro! Vocês percebem que o Livro de Mórmon foi escrito para vocês — e para a época de vocês? Esse livro é uma das bênçãos de viver no que chamamos de a dispensação da plenitude dos tempos. Embora o Livro de Mórmon tenha sido escrito por autores antigos e inspirados — dos quais muitos eram profetas — eles e as pessoas de sua época não tiveram o benefício de possuir o livro inteiro. Agora vocês possuem fácil acesso aos registros sagrados que profetas, sacerdotes e reis consideraram preciosos e preservaram! Vocês têm o benefício de segurar em suas mãos o Livro de Mórmon completo. É interessante notar que um dos profetas do Livro de Mórmon, Morôni, viu nossos dias — os seus dias. Ele até mesmo viu vocês há centenas de anos! Morôni escreveu:

“Eis que o Senhor me revelou coisas grandes e maravilhosas relativas (...) [ao] dia em que essas coisas”, falando sobre o Livro de Mórmon, “forem reveladas entre vós.

Eis que eu vos falo como se estivésseis presentes e, contudo, não estais. Mas eis que Jesus Cristo vos mostrou a mim e conheço as vossas obras”.⁵

Para ajudá-los a tornar o Livro de Mórmon a pedra fundamental de seu testemunho, ofereço a vocês um desafio. Fiquei sabendo recentemente que muitos jovens passam aproximadamente sete horas por dia olhando para a tela de televisões, computadores e smartphones.⁶ Com isso em mente, vocês poderiam fazer uma pequena mudança? Vocês podem substituir um pouco desse tempo olhando para telas, em especial aquele tempo usado com mídias sociais, Internet, jogos ou televisão, pela leitura do Livro de Mórmon? Se os estudos aos quais me referi estiverem certos, vocês podem facilmente encontrar tempo para o

estudo diário do Livro de Mórmon, mesmo que seja apenas 10 minutos por dia. E vocês podem estudar de uma maneira que permita que o aproveitem e o entendam — seja usando a versão digital ou o próprio livro. O Presidente Russell M. Nelson aconselhou recentemente: “Nunca devemos fazer com que a leitura do Livro de Mórmon pareça ser um dever árduo, como tomar um remédio horrível rapidamente e depois riscar isso em sua lista de afazeres”.⁷

Vocês que ainda são crianças podem ler com seus pais, avós ou algum ente querido. Se um capítulo, versículo ou parte do versículo se tornar muito difícil a ponto de desencorajar sua leitura, passem para o próximo capítulo ou versículo. Posso vê-los seguindo o exemplo de Mary. Posso vê-los entusiasmados procurando tempo e um lugar silencioso para ler o Livro de Mórmon. Posso vê-los descobrindo respostas, encontrando direção e ganhando seu próprio testemunho do Livro de Mórmon e um testemunho de Jesus Cristo. Ao olharem para o livro, vocês verão o Senhor.

Vocês vão examinar as passagens desse livro precioso e encontrarão seu amado Salvador, o Senhor Jesus Cristo, em quase todas as páginas. Estima-se que Seu nome seja usado de alguma maneira em média a cada 1,7 versículo.⁸ Até mesmo Cristo testificou de sua veracidade nestes últimos dias, dizendo: “E assim como vive vosso Senhor e vosso Deus, ele é verdadeiro”.⁹

Sou grato pelo convite e pela promessa que o Senhor ofereceu por meio do Profeta Morôni para cada um de vocês — e para todos os que lerem o Livro de Mórmon. Termino lendo o convite e a promessa, e acrescentando meu testemunho: “E quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a



perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de [Jesus] Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará a verdade delas pelo poder do Espírito Santo”.¹⁰

Presto meu testemunho da Restauração do evangelho nestes últimos dias e do Livro de Mórmon como uma evidência tangível da Restauração. Assim como as palavras desse livro inspiraram uma menina de 12 anos de idade a aceitar a Igreja restaurada de Jesus Cristo quase dois séculos atrás, as verdades que vocês encontrarão vão elevá-los e inspirá-los de modo semelhante. Elas vão fortalecer sua fé, preencher sua alma com luz e prepará-los para um futuro que vocês mal podem compreender.

Nas páginas do livro, vocês descobrirão o infinito amor e a incompreensível graça de Deus. Ao buscarem seguir os ensinamentos que lá encontrarão, sua alegria aumentará, seu entendimento aumentará,

e as respostas que buscam para os muitos desafios da mortalidade lhes serão mostradas. Ao olharem para o livro, vocês verão o Senhor. O Livro de Mórmon é a palavra revelada de Deus. Disso testifico do fundo do coração e da alma, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver “Mary Elizabeth Rollins Lightner”, *The Utah Genealogical and Historical Magazine*, julho de 1926, pp. 193–195.
2. Introdução do Livro de Mórmon.
3. Ezra Taft Benson, “O Livro de Mórmon — Pedra Angular de Nossa Religião”, *A Liahona*, janeiro de 1987, pp. 4, 6.
4. Doutrina e Convênios 9:8.
5. Mórmon 8:34–35.
6. Ver American Academy of Pediatrics [Academia Americana de Pediatria], “Media and Children” [Mídia e Crianças], aap.org.
7. Russell M. Nelson, “Strengthen the Shepherds” [Fortalecer os Pastores] (discurso dado nas reuniões de liderança da conferência geral, 28 de setembro de 2016).
8. Ver Susan Easton Black, *Finding Christ through the Book of Mormon* [Encontrar Cristo por Meio do Livro de Mórmon], 1987, pp. 16–18.
9. Doutrina e Convênios 17:6.
10. Morôni 10:4; ver também versículos 3 e 5.



Élder D. Todd Christofferson
Do Quórum dos Doze Apóstolos

“Permaneço no Meu Amor”

O amor de Deus é infinito e vai durar para sempre, mas o significado disso para cada um de nós depende de como reagimos a esse amor.

A Bíblia nos diz que “Deus é amor”.¹ Ele é a perfeita personificação do amor, e confiamos extremamente na constância e no alcance universal desse amor. Como expressou o Presidente Thomas S. Monson: “O amor de Deus está lá para vocês, quer sintam que o mereçam ou não. Ele está sempre lá, simples assim”.²

Há várias maneiras de descrever e comentar esse amor divino. Um dos termos que ouvimos com frequência hoje é que o amor de Deus é “incondicional”. Embora de certa forma isso seja verdade, a palavra *incondicional* não aparece em lugar algum das escrituras. Em vez disso, o amor Dele é descrito nas escrituras como “grande e maravilhoso amor”,³ “perfeito amor”,⁴ “amor que redime”⁵ e “amor eterno”.⁶ Esses termos são melhores porque a palavra *incondicional* pode transmitir uma impressão equivocada sobre o amor divino, tal como a de que Deus tolera e desculpa tudo o que fazemos porque Seu amor é incondicional, ou a de que Deus não nos faz exigências porque Seu amor é incondicional, ou a de que *todos* são salvos no Reino Celestial de Deus porque o amor Dele é incondicional.

O amor de Deus é infinito e vai durar para sempre, mas o significado disso para cada um de nós depende de como reagimos a esse amor.

Jesus disse:

“Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permaneci neste meu amor.

Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; como eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor”.⁷

“Permanecer” no amor do Salvador significa receber Sua graça e ser aperfeiçoado por ela.⁸ Para receber Sua graça, precisamos ter fé em Jesus Cristo e guardar Seus mandamentos, que incluem arrependê-nos de nossos pecados, ser batizados para a remissão dos pecados, receber o Espírito Santo e continuar no caminho da obediência.⁹

Deus sempre vai nos amar, mas Ele não pode nos salvar em nossos pecados.¹⁰ Lembrem-se do que Amuleque disse a Zeezrom: que o Salvador não salvaria Seu povo *em* seus pecados, mas *de* seus pecados,¹¹ e o motivo disso é que, com pecados, somos impuros, e “nada impuro pode herdar o reino do

céu”¹² ou habitar na presença de Deus. “E [Cristo] tem poder, recebido do Pai, para redimi-los de seus pecados por causa do arrependimento; portanto, enviou seus anjos para anunciarem as condições do arrependimento, que conduz ao poder do Redentor para a salvação de suas almas.”¹³

No Livro de Mórmon, aprendemos que o propósito do sofrimento de Cristo — a mais sublime manifestação de Seu amor — foi o de “manifestar as entranhas da misericórdia, a qual sobrepuja a justiça e proporciona aos homens meios para que tenham fé para o arrependimento.

E assim a misericórdia pode satisfazer as exigências da justiça e envolve-os nos braços da segurança, enquanto que aquele que não exerce fé para o arrependimento está exposto a toda a lei das exigências da justiça; portanto, apenas para o que possui fé para o arrependimento tem efeito o grande e eterno plano de redenção”.¹⁴

O arrependimento, então, é Sua dádiva para nós, adquirida a um preço extremamente alto.



Alguns argumentam que Deus abençoa todos, sem distinção — citando, por exemplo, a declaração feita pelo Salvador no Sermão da Montanha: “[Deus] faz que o seu sol se levante sobre os maus e os bons, e a chuva desça sobre os justos e os injustos”.¹⁵ De fato, Deus realmente derrama sobre todos os Seus filhos todas as bênçãos que Ele pode conceder — todas as bênçãos que o amor, a lei, a justiça e a misericórdia permitem. E Ele ordena que sejamos igualmente generosos:

“Eu vos digo, porém: Amai vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem.

Para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus”.¹⁶

Não obstante, as maiores bênçãos de Deus estão condicionadas à obediência. O Presidente Russell M. Nelson explicou: “O maravilhoso buquê do amor de Deus — incluindo a vida eterna — contém bênçãos das quais devemos ser merecedores, não direitos adquiridos sem dignidade. Os pecadores não podem fazer a vontade de Deus se curvar à deles e exigir que Ele os abençoe em seus pecados (ver Alma 11:37). Se eles desejarem sentir o perfume das flores desse lindo buquê, devem arrepende-se”.¹⁷

Além de tornar o penitente imaculado e sem culpa, com a promessa de que será “[levantado] no último dia”,¹⁸ há um segundo aspecto vital de nossa permanência no amor de Deus. Permanecer no amor de Deus permite que compreendamos nosso pleno potencial de nos tornarmos como Ele é.¹⁹ Conforme declarou o Presidente Dieter F. Uchtdorf: “A graça de Deus não nos restaura simplesmente ao nosso estado inocente anterior. (...) Ele tem um propósito muito mais elevado:



Ele quer que Seus filhos se tornem como Ele”.²⁰

Nesse sentido, permanecer no amor de Deus significa submeter-nos inteiramente à vontade Dele. Significa aceitar a correção Dele quando necessário, “porque o Senhor corrige ao que ama”.²¹ Significa amar e servir uns aos outros como Jesus amou e serviu a nós.²² Significa aprender a “viver a lei de um reino celestial” para que possamos “suportar uma glória celestial”.²³ Para que Ele nos transforme no que podemos ser, nosso Pai Celestial pede que cedamos ao influxo do Santo Espírito e nos despojemos do homem natural e nos tornemos santos pela Expição de Cristo, o Senhor; e nos tornemos como uma criança, submissos, mansos, humildes, pacientes, cheios de amor, dispostos a submeter-nos a tudo quanto o Senhor achar que nos deva infligir, assim como uma criança se submete a seu pai.²⁴

O Élder Dallin H. Oaks explicou: “O julgamento final não é apenas um balanço do total de atos bons e ruins, ou seja, do que *fizemos*. É a constatação do efeito final de nossos atos e pensamentos, ou seja, do que *nos tornamos*”.²⁵

A história de Helen Keller é de certa forma uma parábola que sugere como o amor divino pode transformar uma alma disposta a mudar. Helen nasceu no Estado do Alabama, nos Estados Unidos, em 1880. Quando tinha apenas 19 meses de idade, contraiu uma doença não diagnosticada que a deixou surda e cega. Ela era extremamente inteligente

e ficava frustrada ao tentar compreender e entender as coisas a seu redor. Quando Helen sentiu os lábios de seus familiares se movendo e se deu conta de que usavam a boca para falar, “teve um acesso de raiva [por] ser incapaz de participar da conversa”.²⁶ Quando Helen tinha 6 anos de idade, sua necessidade de comunicar-se e sua frustração se tornaram tão intensas que “seus acessos ocorriam diariamente, às vezes a toda hora”.²⁷

Os pais de Helen contrataram para a filha uma professora chamada Anne Sullivan. Assim como temos em Jesus Cristo alguém que entende nossas enfermidades,²⁸ Anne Sullivan havia lutado contra suas próprias graves dificuldades e entendia a enfermidade de Helen. Aos 5 anos, Anne havia contraído uma doença que lhe causou uma dolorosa lesão na córnea, deixando-a praticamente cega. Quando Anne tinha 8 anos, sua mãe morreu. O pai dela a abandonou com seu irmão caçula, Jimmie, e ambos foram enviados a um “lar para pobres”, onde as condições eram tão deploráveis que Jimmie acabou falecendo em apenas três meses. Graças à sua tenaz persistência, Anne conseguiu ser admitida na Escola Perkins para Cegos e Deficientes Visuais, onde teve brilhante sucesso. Uma cirurgia melhorou sua visão, permitindo que ela lesse livros impressos. Quando o pai de Helen Keller entrou em contato com a Escola Perkins, à procura de alguém para ser a professora de sua filha, Anne Sullivan foi selecionada.²⁹



Não foi uma experiência agradável a princípio. Helen “batia, beliscava e chutava a professora, chegando a quebrar-lhe um dente. [Anne] finalmente conseguiu assumir o controle ao mudar-se com [Helen] para um pequeno chalé dentro da propriedade da família Keller. Com paciência e firme constância, ela finalmente conquistou o coração e a confiança da menina”.³⁰ De modo semelhante, quando passamos a confiar em nosso divino Mestre em vez de resistir a Ele, permitimos que Ele possa trabalhar conosco para iluminar-nos e elevar-nos a uma nova realidade.³¹

Para ajudar Helen a aprender palavras, Anne soletrava com o dedo o nome de objetos conhecidos na palma da mão de Helen. “[Helen] gostava desse ‘jogo de dedos’, mas não conseguiu entender até o famoso momento em que [Anne] soletrou ‘a-g-u-a’ enquanto bombeava água sobre a mão de [Helen]. Mais tarde, [Helen] escreveu:

‘De repente, senti uma consciência nebulosa como de algo esquecido, (...) e de alguma forma, o mistério da linguagem me foi revelado. Eu soube que ‘a-g-u-a’ significava a coisa maravilhosamente fria que fluía sobre minha mão. Aquela palavra viva despertou-me

a alma, dando-lhe luz, esperança e alegria, e libertando-a! (...) Tudo tinha um nome, e cada nome trazia à luz um novo pensamento. Ao retornarmos para a casa, cada objeto que eu tocava parecia trepidar de vida’.”³²

Ao se tornar adulta, Helen Keller ficou conhecida por seu amor pela linguagem, seu talento como escritora e sua eloquência como palestrante.

Em um filme que retrata a vida de Helen Keller, os pais dela aparentam estar satisfeitos com o trabalho de Anne Sullivan em domesticar sua filha selvagem ao ponto de ela sentar-se educadamente à mesa de jantar, comer normalmente e dobrar o guardanapo ao final da refeição. Mas Anne sabia que Helen era capaz de muitíssimo mais que isso e que ela tinha contribuições importantes para fazer.³³ Do mesmo modo, talvez estejamos bem satisfeitos com o que fizemos na vida, simplesmente por ser o que somos, ao passo que nosso Salvador compreende o glorioso potencial que somente percebemos “por espelho, em enigma”.³⁴ Cada um de nós pode vivenciar o despertar do êxtase de potencial divino dentro de nós, semelhante à alegria que Helen Keller sentiu quando as palavras ganharam vida, iluminando sua alma e libertando-a. Cada um

de nós pode amar e servir a Deus e receber o poder para abençoar nosso próximo. “Como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam.”³⁵

Avaliemos o custo do precioso amor de Deus. Jesus revelou que, para expiar nossos pecados e redimir-nos da morte, tanto física quanto espiritual, Seu sofrimento fez com que Ele, “Deus, o mais grandioso de todos, tremesse de dor e sagra-se por todos os poros; e sofresse, tanto no corpo como no espírito — e desejasse não ter de beber a amarga taça e recuar”.³⁶ Sua agonia no Getsêmani e na cruz foi maior do que qualquer mortal poderia suportar.³⁷ Mesmo assim, devido a Seu amor pelo Pai e por nós, Ele perseverou e, conseqüentemente, Ele pode oferecer-nos tanto a imortalidade quanto a vida eterna.

É intensamente simbólico que Jesus verteu “sangue de cada um de seus poros”³⁸ ao sofrer no Getsêmani, o lugar da prensa de azeite. Para produzir azeite na época do Salvador, as azeitonas eram primeiramente esmagadas rolando-se uma grande pedra sobre elas. A “polpa” resultante era colocada em cestos macios e vazados, que eram empilhados uns sobre os outros. O peso deles fazia escoar o primeiro e mais fino azeite. Depois, era aplicada mais pressão colocando-se uma grande tora ou trave em cima dos cestos empilhados, produzindo mais azeite. Por fim, para extrair as últimas gotas, eram colocados pesos de pedra em uma extremidade da trave para aumentar a pressão ao máximo.³⁹ E sim, é verdade que o primeiro azeite a fluir é vermelho da cor de sangue.

Penso no relato de Mateus sobre a ocasião em que o Salvador foi para o

Getsêmani naquela noite fatídica — em que Ele “começou a enristecer-se e a angustiar-se muito. (...)

E indo um pouco mais adiante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; porém, não seja como eu quero, mas como tu queres”.⁴⁰

Depois, imagino que, à medida que a angústia foi se tornando cada vez mais profunda, Ele tenha suplicado por auxílio pela segunda vez, e por fim, talvez no auge de Seu sofrimento, pela terceira vez. Ele suportou a agonia até a justiça ser satisfeita, mesmo à última gota.⁴¹ Ele fez isso para redimir a vocês e a mim.

Que preciosa dádiva é o amor divino! Repleto desse amor, Jesus pergunta: “Não volvereis a mim agora, arrependendo-vos de vossos pecados e convertendo-vos, para que eu vos cure?”⁴² Ele reafirma ternamente: “Eis que meu braço de misericórdia está estendido para vós e aquele que vier, eu (...) receberei; e benditos são os que vêm a mim”.⁴³

Não havemos de amar Aquele que nos amou primeiro?⁴⁴ Então, guardemos Seus mandamentos.⁴⁵ Não havemos de ser amigos Daquele que deu a vida pelos Seus amigos?⁴⁶ Então, guardemos Seus mandamentos.⁴⁷ Não havemos de permanecer em Seu amor e receber tudo o que Ele gentilmente nos oferece? Então, guardemos Seus mandamentos.⁴⁸ Oro que sintamos e permaneçamos plenamente em Seu amor, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. 1 João 4:8. Por mais glorioso e consolador que seja o amor de Jesus Cristo, ele não é Seu único atributo. Seu “caráter, perfeições e atributos” (*Lectures on Faith* [Dissertações sobre a Fé], 1985, p. 38) também incluem justiça, verdade e invariabilidade; Ele é o mesmo Deus ontem, hoje e para sempre (ver *Lectures on Faith*, p. 41). Sem essas e outras



- características e qualidades que Ele possui em absoluta perfeição, Ele não seria Deus.
2. Thomas S. Monson, “Nunca Andamos Sozinhos”, *A Liahona*, novembro de 2013, p. 124.
 3. Doutrina e Convênios 138:3.
 4. 1 João 4:18; Morôni 8:16.
 5. Alma 5:26.
 6. Jeremias 31:3.
 7. João 15:9–10.
 8. Ver Morôni 10:32–33.
 9. Ver 2 Néfi 31:11–21; 3 Néfi 27:16–20; ver também Doutrina e Convênios 20:29–34.
 10. Ver Alma 11:32–37; ver também Alma 42:13, 15, 22–27.
 11. Ver Helamã 5:10–11.
 12. Alma 11:37; ver também Moisés 6:57.
 13. Helamã 5:11.
 14. Alma 34:15–16.
 15. Mateus 5:45; ver também 3 Néfi 12:45.
 16. Mateus 5:44–45; ver também 3 Néfi 12:44–45.
 17. Russell M. Nelson, “O Amor Divino”, *A Liahona*, fevereiro de 2003, p. 16. E novamente: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 7:21; ver também 3 Néfi 14:21).
Também nos foi ensinado:
“Há uma lei, irrevogavelmente decretada no céu antes da fundação deste mundo, na qual todas as bênçãos se baseiam —
E quando recebemos uma bênção de Deus, é por obediência à lei na qual ela se baseia” (Doutrina e Convênios 130:20–21).
Alguns se esquecem que Deus “não [pode] encerrar o pecado com o mínimo grau de tolerância” (Doutrina e Convênios 1:31). Ao mesmo tempo, Ele nos assegura que “aquele que se arrepender e cumprir os mandamentos do Senhor será perdoado” (Doutrina e Convênios 1:32).
 18. 3 Néfi 27:22.
 19. Ver 3 Néfi 27:27; ver também Mateus 5:48; 3 Néfi 12:48.
 20. Dieter F. Uchtdorf, “O Dom da Graça”,

- A Liahona*, maio de 2015, p. 108.
21. Hebreus 12:6; ver também Hebreus 12:5, 7–11; João 15:1–8.
 22. Ver João 15:12.
 23. Doutrina e Convênios 88:22.
 24. Ver Mosias 3:19.
 25. Dallin H. Oaks, “O Desafio de Tornar-se”, *A Liahona*, janeiro de 2001, p. 40; grifo no original.
 26. “Helen Keller”, perkins.org/history/people/helen-keller.
 27. “Helen Keller”, perkins.org/history/people/helen-keller.
 28. Ver Hebreus 4:15.
 29. Ver “Anne Sullivan”, perkins.org/history/people/anne-sullivan.
 30. “Helen Keller”, perkins.org/history/people/helen-keller.
 31. Ver, por exemplo, Doutrina e Convênios 93:28: “Aquele que guarda seus mandamentos recebe verdade e luz, até ser glorificado na verdade e conhecer todas as coisas”.
 32. “Helen Keller”, perkins.org/history/people/helen-keller.
 33. Ver William Gibson, *O Milagre de Anne Sullivan*, filme cinematográfico, 1962.
 34. 1 Coríntios 13:12.
 35. 1 Coríntios 2:9.
 36. Doutrina e Convênios 19:18.
 37. Ver Mosias 3:7.
 38. Mosias 3:7.
 39. Ver Richard Neitzel Holzapfel e outros, *Jesus Christ and the World of the New Testament* [Jesus Cristo e o Mundo do Novo Testamento], 2006, p. 18; Richard Neitzel Holzapfel, *Jehovah and the World of the Old Testament* [Jeová e o Mundo do Velho Testamento], 2009, p. 281.
 40. Mateus 26:37, 39.
 41. Ver Doutrina e Convênios 19:19.
 42. 3 Néfi 9:13.
 43. 3 Néfi 9:14.
 44. Ver 1 João 4:19.
 45. Ver João 14:15.
 46. Ver João 15:13.
 47. Ver João 15:14.
 48. Ver João 15:10.



Élder W. Mark Bassett
Dos Setenta

Para Nosso Desenvolvimento e Aprendizado Espirituais

Os mistérios de Deus somente são revelados a nós de acordo com Sua vontade e pelo poder do Espírito Santo.

Quando eu era jovem, meus pais ganharam um presente que se tornou algo fascinante para mim e para meu irmão mais novo, David. Era uma réplica em miniatura das placas de ouro, que o Profeta Joseph Smith recebeu do anjo Morôni. Pelo que me lembro, a réplica tinha cerca de dez páginas de metal contendo palavras escritas. No entanto, essas não foram as páginas que chamaram nossa atenção.

Fomos criados ouvindo as histórias da Restauração. Conhecíamos e cantávamos uma canção na Primária que mencionava placas de ouro que haviam sido escondidas em uma colina e entregues pelo anjo Morôni a Joseph Smith.¹ Com a curiosidade aguçada, típica da juventude, havia uma coisa que realmente queríamos ver: o que estava escrito na seção selada da réplica das placas, protegida por dois pequenos aros de metal?

As placas ficaram em cima de uma mesa por vários dias antes que nossa curiosidade nos compelissem a

fazer algo. Embora tivéssemos a clara compreensão de que aquelas placas não eram as placas originais entregues por Morôni, nós desejávamos ver a parte selada. Então, em diversas ocasiões, eu e meu irmão tentamos usar facas sem ponta, colheres antigas ou qualquer outra coisa que podíamos imaginar para abrir e bisbilhotar a parte selada das placas — o suficiente para ver o que continham, mas não a

ponto de quebrar os aros. Pelo menos éramos inteligentes o suficiente para não deixar traços de nossa sorradeira curiosidade da juventude. Para nossa decepção e frustração, essas tentativas de “bisbilhotar as placas” nunca foram bem-sucedidas.

Eu ainda não sei o que estava oculto na parte selada, se é que havia algo lá. Mas a parte constrangedora de nossa história é que, até hoje, não faço ideia do que estava escrito nas páginas de metal destinadas à leitura. Presumo que as páginas continham histórias da Restauração e o testemunho de Joseph Smith, das três e das oito testemunhas, que viram as placas originais que foram entregues por Morôni.

Desde que a Terra foi criada, nosso amoroso Pai Celestial proporcionou orientação, liderança e instrução a Seus filhos por meio de profetas. Suas palavras têm sido transmitidas por meio desses profetas e são registradas como escrituras para nosso desenvolvimento e aprendizado. Néfi descreveu isso desta maneira:

“Porque minha alma se deleita nas escrituras e meu coração nelas medita e escreve-as para instrução e proveito de meus filhos.



Eis que minha alma se deleita nas coisas do Senhor; e meu coração medita continuamente nas coisas que vi e ouvi”.²

Além disso, no decorrer das dispensações anteriores e nesta última dispensação da plenitude dos tempos, os membros dignos da Igreja do Senhor têm sido abençoados com a companhia constante do Espírito Santo, que auxilia em nosso desenvolvimento e aprendizado espirituais.

Conhecendo a diligência de meu irmão mais novo, é muito provável que ele tenha lido todas as palavras escritas na réplica das placas, na casa de nossos pais. Mas eu ignorei as verdades claras e preciosas e, em vez disso, direcionei meus esforços para a busca de coisas que não eram para ser reveladas.

Lamentavelmente, nosso aprendizado e nosso desenvolvimento podem às vezes ser desacelerados ou até mesmo interrompidos por um desejo insensato de “bisbilhotar as placas”. Essas ações podem levar-nos a buscar coisas que não são necessariamente destinadas a ser compreendidas neste momento, ignorando as belas verdades que são reservadas para nós e nossas circunstâncias — as verdades que Néfi descreveu como tendo sido escritas para nosso proveito e instrução.

Jacó, irmão de Néfi, ensinou: “Eis que grandes e maravilhosas são as obras do Senhor. Quão insondáveis são as profundezas de seus mistérios! E é impossível ao homem descobrir todos os seus caminhos”.³

As palavras de Jacó nos ensinam que não teremos êxito ao “bisbilhotar as placas” ou ao exigir que os mistérios de Deus sejam revelados a nós. Em vez disso, os mistérios de Deus são revelados a nós apenas de acordo com Sua vontade e pelo poder do Espírito Santo.⁴



Jacó continua:

“E nenhum homem conhece seus caminhos, a não ser que lhe sejam revelados; portanto, irmãos, não desprezeis as revelações de Deus.

Pois eis que foi pelo poder de sua palavra que o homem apareceu na face da Terra, (...) por que, pois, não há de poder comandar a Terra ou a obra de suas mãos na face da Terra, de acordo com a sua vontade e prazer?

Portanto, irmãos, não tenteis dar conselhos ao Senhor, mas, sim, recebei conselhos de sua mão”.⁵

Para que entendamos os mistérios de Deus ou as coisas que podem ser compreendidas apenas por meio de revelação, devemos seguir o exemplo de Néfi, que disse: “Sendo muito jovem, embora de grande estatura, e tendo também grande desejo de saber dos mistérios de Deus, clamei, portanto, ao Senhor; e eis que ele me visitou e enterneceu meu coração, de maneira que acreditei em todas as palavras que meu pai dissera”.⁶ O próprio Senhor explicou, com mais detalhes, que Néfi tinha exercido fé, procurado diligentemente com humildade de coração e guardado Seus mandamentos.⁷

O exemplo de Néfi de buscar conhecimento incluía (1) desejo sincero, (2) humildade, (3) oração, (4) confiança no profeta e o exercício da (5) fé, (6) da diligência e (7) da obediência. Esse método de busca está em grande contraste com “bisbilhotar as placas” ou exigir a compreensão de coisas destinadas a serem reveladas de acordo com o tempo do Senhor e por meio do poder do Espírito Santo.

Nesta era moderna, começamos a achar que o conhecimento pode e deve ser obtido imediatamente. Quando as informações não são transmitidas ou disponibilizadas facilmente, são frequentemente descartadas ou tratadas com desconfiança. Devido à variedade de informações, alguns inconscientemente dão mais credibilidade a informações provenientes de origem desconhecida em vez de confiar no padrão estabelecido pelo Senhor para recebermos revelação pessoal. Jacó estaria descrevendo nossa época quando disse: “Mas eis que [eles] eram um povo obstinado e desprezaram as palavras claras e (...) procuraram coisas que não podiam compreender. Portanto, devido a sua cegueira, cegueira que lhes adveio por olharem para além do marco, terão



que cair, pois Deus tirou-lhes a sua clareza e entregou-lhes muitas coisas que não podem entender, pois assim o desejaram”.⁸

Em contrapartida, há o conselho do Presidente Dieter F. Uchtdorf. Ele falou sobre os missionários, mas suas palavras são igualmente aplicáveis a todos os que buscam verdades espirituais. “Quando [os] missionários tiverem fé em Jesus Cristo, eles vão confiar o suficiente no Senhor para seguir Seus mandamentos — mesmo que não compreendam completamente a razão deles. Sua fé será mostrada por meio da diligência e do trabalho.”⁹

Na Conferência Geral de abril passado, o Élder Dallin H. Oaks explicou: “A Igreja está fazendo grandes esforços para ser transparente com os registros que temos, mas, depois de tudo o que podemos publicar, nossos membros por vezes permanecem com perguntas básicas que não podem ser resolvidas pelo estudo. (...) Algumas coisas podem ser aprendidas apenas pela fé”.¹⁰

Os profetas antigos ensinaram esse mesmo princípio, demonstrando que, ao longo do tempo, a natureza humana não mudou e que o padrão do Senhor para o aprendizado é sempre atual. Pensem neste provérbio do Velho Testamento: “Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento”.¹¹

Isaías explicou, falando em nome do Senhor: “Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos

do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos”.¹²

Néfi acrescentou outro testemunho quando proclamou: “Ó Senhor, confie em ti e em ti confiarei sempre”.¹³

Fé e confiança no Senhor exigem que reconheçamos que Sua sabedoria é superior à nossa. Devemos também reconhecer que Seu plano proporciona o maior potencial de desenvolvimento e aprendizado espirituais.

Não é esperado que “[tenhamos] um perfeito conhecimento das coisas” durante esta existência mortal. Em vez disso, é esperado que “[tenhamos] esperança nas coisas que se não veem e que são verdadeiras”.¹⁴

Mesmo com sua grande fé, Néfi reconheceu seu entendimento limitado quando o anjo lhe perguntou: “Conheces tu a condescendência de Deus?” Néfi respondeu: “Sei que ele ama seus filhos; *não conheço, no entanto, o significado de todas as coisas*”.¹⁵

Da mesma forma, Alma declarou a seu filho Helamã: “Ora, estes mistérios ainda não me foram totalmente revelados; portanto, me contarei”.¹⁶

Expresso meu testemunho de que nosso Pai Celestial ama Seus filhos; contudo, assim como Néfi e Alma, não conheço o significado de todas as coisas. E não preciso conhecer todas as coisas; eu *também* me contarei e esperarei no Senhor com paciência, sabendo “que tenho todas as coisas como testemunho de que estas coisas são verdadeiras; e [vocês] também [têm]

todas as coisas como testemunho de que são verdadeiras. (...)”

As escrituras estão diante de [vocês], sim, e todas as coisas mostram que existe um Deus; sim, até mesmo a Terra e tudo que existe sobre a sua face, sim, e seu movimento, sim, e também todos os planetas que se movem em sua ordem regular testemunham que existe um Criador Supremo”.¹⁷

Visto que reconhecemos que somos obra de um Pai Celestial sábio e devotado, “por que, pois,” não permitir que Ele guie nosso desenvolvimento e aprendizado espirituais “de acordo com a sua vontade e prazer”, em vez de nossa própria?¹⁸

Ele vive. Jesus Cristo é Seu Filho Unigênito e o Redentor da humanidade. Graças à Expição infinita de Cristo, Ele tem sabedoria e presciência para nos guiar nestes últimos dias. Joseph Smith é Seu Profeta, escolhido para restaurar Seu reino em sua plenitude na Terra. Thomas S. Monson é Seu profeta vivo e Seu porta-voz atual. Presto meu sincero testemunho dessas coisas, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver “As Placas de Ouro”, *Músicas para Crianças*, p. 61.
2. 2 Néfi 4:15–16.
3. Jacó 4:8.
4. Ver 1 Néfi 10:19.
5. Jacó 4:8–10.
6. 1 Néfi 2:16.
7. Ver 1 Néfi 2:19–20.
8. Jacó 4:14.
9. Dieter F. Uchtdorf, “A Obra do Senhor” (discurso proferido no seminário para novos presidentes de missão, 25 de junho de 2016), p. 6.
10. Dallin H. Oaks, “Oposição em Todas as Coisas”, *A Liahona*, maio de 2016, p. 117.
11. Provérbios 3:5.
12. Isaías 55:9.
13. 2 Néfi 4:34.
14. Alma 32:21.
15. 1 Néfi 11:16–17; grifo do autor.
16. Alma 37:11.
17. Alma 30:41, 44.
18. Jacó 4:9.



Élder Kazuhiko Yamashita
Dos Setenta

Destemidos em Cristo

Somos destemidos em Cristo quando servimos com fé, aceitamos com humildade, perseveramos com coragem, oramos com fervor e partilhamos com dignidade.

Queridos irmãos e irmãs, hoje eu gostaria de falar aos jovens da Igreja, inclusive aos nossos maravilhosos missionários. É claro, os que são jovens há mais tempo são cordialmente convidados a ouvir.

No dia 21 do mês passado, o Presidente Russell M. Nelson dedicou o belíssimo Templo de Sapporo — o terceiro no Japão. Ele foi construído no norte do país, em uma ilha chamada Hokkaido. Os colonizadores da ilha eram industriais e trabalhadores, tanto quanto os de Utah.

Em 1876, um renomado educador, Dr. William Clark,¹ foi convidado para lecionar em Hokkaido. Ele morou no Japão por apenas oito meses, mas sua atitude cristã marcou profundamente seus jovens alunos que não eram cristãos. Em sua despedida, ele compartilhou uma mensagem que ficou eternizada em uma estátua de bronze.² Ele disse: “Rapazes, sejam destemidos!” — “Sejam destemidos em Cristo.”³ Seu convite para que sejamos “destemidos em Cristo” pode ajudar-nos a tomar decisões diárias.

O que significa ser “destemido em Cristo?” Ser destemido em Cristo significa ter motivação, foco e dedicação a Sua obra. Ser destemido em Cristo

significa que raramente receberemos honrarias. Ser destemido em Cristo significa servir fiel e diligentemente em nossa ala ou em nosso ramo, sem reclamar e com o coração alegre.

Em todo o mundo, nossos missionários exemplificam bem o que é ser destemido em Cristo. Há alguns anos, a irmã Yamashita e eu servimos na Missão Japão Nagoya. Nossos missionários



Estátua de bronze do renomado educador Dr. William Clark, que encorajava os rapazes a “serem destemidos em Cristo”.

eram muito destemidos em Cristo. Um deles se chamava Élder Cowan.

Ele havia perdido a perna direita em um acidente de bicicleta quando era mais jovem. Poucas semanas após chegar à missão, seu companheiro me telefonou. A prótese do Élder Cowan havia se quebrado enquanto andavam de bicicleta. Nós o levamos para fazer o conserto e, pela primeira vez, pude ver sua perna. Imaginei a dor que ele deveria estar sentindo. Após o reparo da prótese, ele voltou ao trabalho.

No entanto, nas semanas seguintes, a prótese voltou a quebrar-se diversas vezes. O consultor médico da área recomendou que o Élder Cowan fosse enviado para casa e designado para outra missão. Porém, resisti à recomendação, pois o Élder Cowan era um excelente missionário e desejava ficar no Japão. Contudo, aos poucos seu corpo foi chegando ao limite. Apesar disso, ele não murmurou nem reclamou.

Mais uma vez, fui aconselhado a permitir que o Élder Cowan servisse em um lugar onde não precisasse usar bicicletas. Assim, ponderei a situação. Refleti sobre o Élder Cowan e seu futuro, e então orei a respeito. Senti que ele deveria retornar para casa e receber uma nova designação. Telefonei para ele, expressei-lhe meu amor e minha preocupação e informei-lhe minha decisão. Ele não disse nada. Eu só ouvia seu choro do outro lado da linha. Então acrescentei: “Élder Cowan, você não precisa responder agora. Liguei novamente amanhã. Pondere meu conselho em espírito de oração”.

Quando liguei no dia seguinte, ele humildemente disse que seguiria minha recomendação.

Em nossa última entrevista, perguntei: “Élder Cowan, quando preencheu a recomendação missionária, você



informou que não poderia andar de bicicleta?”

Ele disse: “Sim, presidente”.

Então acrescentei: “Mas você foi chamado para a Missão Japão Nagoya, na qual usamos bicicletas. Você relatou isso a seu presidente de estaca?”

Fiquei surpreso com a resposta dele. Ele disse: “Não, não falei. Decidi que, se esse fosse o lugar para o qual o Senhor havia me chamado, eu iria para a academia e treinaria para conseguir pedalar uma bicicleta”.

No fim da entrevista, ele me fez a seguinte pergunta com lágrimas nos olhos: “Presidente Yamashita, por que eu vim para o Japão? Por que estou aqui?”

Respondi sem hesitar: “Élder Cowan, sei de uma razão pela qual você foi mandado para cá. Você veio para me ajudar. Eu percebi a grandeza de um jovem com quem tenho servido. Sinto-me abençoado por conhecê-lo”.

Fico feliz em dizer que o Élder Cowan voltou para casa e foi designado para uma missão em que se usavam carros. Sinto-me orgulhoso não só por ele, mas também por todos os missionários que servem com diligência, sem murmurar nem reclamar. Élderes e sísteres, obrigado por sua fé, seu foco e sua força em serem destemidos em Cristo.

O Livro de Mórmon traz diversos relatos de pessoas que foram

destemidas em Cristo. Alma, o filho, perseguia a Igreja e os membros quando era jovem. Mais tarde, ele passou por uma vigorosa mudança de coração e foi um grande missionário. Em seu serviço, buscou a orientação do Senhor e abençoou seus companheiros. O Senhor o fortaleceu, e ele sobrepujou suas provações.

Ao aconselhar Helamã, seu filho, Alma disse o seguinte:

“Aqueles que confiarem em Deus serão auxiliados em suas tribulações e em suas dificuldades e em suas aflições; (...)

[Guarda] os mandamentos de Deus! (...)

Aconselha-te com o Senhor em

tudo que fizeres e ele dirigirá-te para o bem”.⁴

Nosso segundo filho passou boa parte da juventude afastado da Igreja. Quando estava com 20 anos, ele passou por uma experiência que o fez querer mudar de vida. Com amor, oração, auxílio da família e dos membros da Igreja, e, por fim, por meio da compaixão e da graça do Senhor, ele voltou para a Igreja.

Mais tarde, foi chamado para a Missão Washington Seattle. No começo, ele ficou muito desanimado. Nos três primeiros meses, ele ia para o banheiro todas as noites e chorava. Assim como o Élder Cowan, ele queria entender por que estava lá.

Após um ano de serviço, recebemos um e-mail dele, que foi uma resposta às nossas orações. Ele escreveu: “Neste momento, consigo sentir o amor de Deus e de Jesus. Vou trabalhar duro para me tornar como os profetas de antigamente. Apesar de estar passando por várias dificuldades, estou feliz de verdade. Servir a Jesus é a melhor coisa do mundo. Não há nada melhor que isso. Estou muito feliz”.

Ele se sentiu como Alma: “E oh!



que alegria e que luz maravilhosa contemplei! Sim, minha alma encheu-se de tanta alegria quanta havia sido minha dor”.⁵

Em nossa vida, enfrentamos provações. Porém, se formos destemidos em Cristo, mesmo em meio a elas, poderemos concentrar-nos Nele e sentir alegria. Nosso Redentor é o exemplo supremo. Ele entendeu Sua sagrada missão e foi obediente à vontade de Deus, o Pai. Que preciosa bênção é lembrar Seu maravilhoso exemplo ao partilharmos o sacramento semanalmente.

Queridos irmãos e irmãs, somos destemidos em Cristo quando servimos com fé, aceitamos com humildade, perseveramos com coragem, oramos com fervor e partilhamos com dignidade.

Que sejamos destemidos em Cristo e encontremos alegria no caminho do convênio, aceitando nossas dificuldades e provações com paciência e fé.

Testifico que o Senhor os conhece. Ele conhece suas dificuldades e preocupações. Ele conhece seu desejo de servi-Lo com devoção e, sim, sem temor. Que o Senhor os guie e os abençoe ao servirem dessa maneira. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. William Smith Clark (1826–1886) foi professor de química, botânica e zoologia. Ele serviu como coronel durante a Guerra Civil Americana. Ele era líder em educação agrícola e foi presidente da Faculdade de Agricultura de Massachusetts. (Ver “William S. Clark”, wikipedia.com.)
2. A estátua fica localizada na Colina de Observação de Hitsujigaoka de Sapporo.
3. William S. Clark, Ann B. Irish, *Hokkaido: A History of Ethnic Transition and Development on Japan's Northern Island* [Hokkaido: Uma História de Transição Étnica e Desenvolvimento na Ilha do Norte do Japão], 2009, p. 156.
4. Alma 36:3; 37:35, 37.
5. Alma 36:20.



Élder Dallin H. Oaks

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Compartilhar o Evangelho Restaurado

O que chamamos de “membro missionário” não é um programa, mas uma atitude de amor para estender a mão aos que estão a nosso redor.

I.

Perto do fim de Seu ministério terreno, nosso Salvador, Jesus Cristo, ordenou a Seus discípulos: “Ide, ensinai todas as nações” (Mateus 28:19) e “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15). Todo cristão está sob o encargo de compartilhar o evangelho com todas as pessoas. Muitos o chamam de “o grande encargo”.



Conforme descreveu o Élder Neil L. Andersen na sessão da manhã, os santos dos últimos dias certamente estão entre os mais comprometidos com essa grande responsabilidade. E devemos estar, pois sabemos que Deus ama todos os Seus filhos e que, nestes últimos dias, Ele restaurou mais conhecimento e poder vitais para abençoar a todos. O Salvador nos ensinou a amar a todos como nossos irmãos e nossas irmãs, e honramos esse ensinamento compartilhando o testemunho e a mensagem do evangelho restaurado com “todas as nações, tribos, línguas e povos” (D&C 112:1). Isso é parte essencial do que significa ser santo dos últimos dias. Vemos essa responsabilidade como um alegre privilégio. O que poderia trazer mais alegria do que compartilhar as verdades da eternidade com os filhos de Deus?

Hoje temos muitos recursos para compartilhar o evangelho que não estavam disponíveis nas gerações anteriores. Temos a TV, a Internet e os canais de mídia social. Temos muitas mensagens valiosas com as quais podemos apresentar o evangelho restaurado. A Igreja se destaca em várias nações.

Temos um número cada vez maior de missionários. Mas será que estamos usando todos esses recursos para obter o máximo efeito? Creio que a maioria de nós diria que não. Desejamos ser mais eficientes ao cumprir a responsabilidade comissionada por Deus de proclamar o evangelho restaurado em todo o mundo.

Há muitas boas ideias para compartilhar o evangelho que darão certo em algumas estacas e em alguns países. No entanto, como somos uma Igreja mundial, desejo falar sobre ideias que darão certo em qualquer lugar, da unidade mais nova à unidade mais madura, de culturas que agora são receptivas ao evangelho de Jesus Cristo a culturas que estão se tornando mais hostis à religião. Quero falar sobre ideias que vocês podem compartilhar tanto com pessoas que são fiéis seguidoras de Jesus Cristo quanto com aquelas que nunca ouviram o nome Dele, com pessoas que estão satisfeitas com sua vida atual e com as que buscam desesperadamente se tornar melhor.

O que posso dizer que poderá ajudá-los ao compartilharem o

evangelho, quaisquer que sejam suas circunstâncias? Precisamos da ajuda de cada membro, e cada membro pode ajudar, pois há muitas tarefas a se realizar ao compartilharmos o evangelho restaurado com cada nação, tribo, língua e povo.

Todos sabemos que a participação dos membros na obra missionária é essencial, tanto para a conversão quanto para a retenção. O Presidente Thomas S. Monson disse: “Agora é o momento de membros e missionários se unirem (...) [e] trabalharem na vinha do Senhor para trazer almas a Ele. Ele preparou os meios para nós compartilharmos o evangelho de diversas maneiras e Ele vai nos ajudar em nossos labores, se agirmos com fé para realizar Sua obra”.¹

Compartilhar o evangelho restaurado é nosso privilégio e dever, por toda a nossa vida, como cristãos. O Élder Quentin L. Cook nos lembra que “a obra missionária não é apenas uma das 88 teclas de um piano que é tocado esporadicamente, mas sim, um acorde essencial numa melodia marcante que precisa ser entoada continuamente ao

longo de nossa vida caso desejemos permanecer em harmonia com nosso compromisso com o cristianismo e com o evangelho de Jesus Cristo”.²

II.

Há três coisas que todo membro pode fazer para ajudar a compartilhar o evangelho a despeito das circunstâncias em que vive e em que trabalha. Todos nós devemos fazer todas elas.

Primeiro, podemos todos orar para ter o desejo de ajudar nessa parte essencial do trabalho de salvação. Todos os esforços começam pelo *desejo*.

Segundo, podemos guardar os mandamentos. Membros fiéis e obedientes são as testemunhas mais persuasivas da verdade e do valor do evangelho restaurado. E ainda mais importante, os membros fiéis sempre terão o Espírito do Salvador para guiá-los ao procurarem participar do grande trabalho de compartilhar o evangelho restaurado de Jesus Cristo.

Terceiro, podemos orar para ter a inspiração sobre o que *nós* devemos fazer em nossas circunstâncias individuais para compartilhar o evangelho com outras pessoas. Isso é diferente de orar pelos *missionários* ou orar sobre o que *outros* podem fazer. Devemos orar pelo que *nós* podemos fazer individualmente. Quando oramos, devemos nos lembrar de que as orações para esse tipo de inspiração serão respondidas se forem acompanhadas de um comprometimento — algo a que as escrituras se referem como “real intenção” ou “de todo o coração”. Orem com o comprometimento de agir de acordo com a inspiração que receberem, prometendo ao Senhor que, se Ele os inspirar a falar com alguém sobre o evangelho, vocês o farão.

Precisamos da orientação do Senhor porque, a qualquer dado



momento, alguns estão — e outros não — prontos para as verdades adicionais do evangelho restaurado. Jamais devemos nos colocar como juízes para determinar quem está pronto ou não. O Senhor conhece o coração de todos os Seus filhos e, se orarmos pedindo inspiração, Ele nos ajudará a encontrar pessoas que Ele sabe que estão “[preparadas] para ouvir a palavra” (Alma 32:6).

Como apóstolo do Senhor, exorto cada membro e cada família da Igreja a orar pedindo ao Senhor que os ajude a encontrar pessoas preparadas para receber a mensagem do evangelho restaurado de Jesus Cristo. O Élder M. Russell Ballard nos deu este importante conselho, com o qual concordo: “Confie no Senhor. Ele é o Bom Pastor. Ele conhece Suas ovelhas. (...) E se não estivermos engajados, muitos que ouviriam a mensagem da Restauração serão negligenciados. (...) Os princípios são bem simples: orem, individualmente e em família, por oportunidades missionárias”.³ Ao demonstrarmos fé, essas oportunidades virão sem nenhuma “resposta forçada ou obrigada. Elas fluirão como resultado natural do nosso amor por nossos irmãos e nossas irmãs”.⁴

Sei que isso é verdade. Acrescento minha promessa de que, com fé na ajuda do Senhor, seremos guiados, inspirados e encontraremos grande alegria nesse trabalho amoroso de importância eterna. Compreenderemos que o sucesso ao se compartilhar o evangelho está em convidar pessoas com amor e com intenção genuína de ajudá-las, seja qual for sua resposta.

III.

Aqui estão outras coisas que podemos fazer para compartilhar o evangelho com eficácia:



1. Precisamos nos lembrar de que as “pessoas aprendem quando estão prontas para aprender, não quando estamos prontos para ensiná-las”.⁵ Aquilo pelo que nós nos interessamos, como os importantes ensinamentos doutrinários adicionais da Igreja restaurada, geralmente não é aquilo pelo que outros se interessam. Outras pessoas normalmente querem os resultados da doutrina, não a doutrina. Quando testemunham os efeitos do evangelho restaurado de Jesus Cristo em nossa vida, elas sentem o Espírito e começam a se interessar pela doutrina. Elas também podem se interessar quando estiverem buscando mais felicidade, mais proximidade com Deus ou mais compreensão do propósito da vida.⁶ Portanto, devemos, com cuidado e em espírito de oração, buscar discernimento sobre como perguntar a outras pessoas sobre seu interesse em aprender mais. Isso vai depender de vários fatores, como as circunstâncias atuais da pessoa e nosso relacionamento com ela. Esse é um bom assunto para ser debatido em conselhos, reuniões do quórum e da Sociedade de Socorro.
2. Quando conversamos com outras pessoas, precisamos nos lembrar de que um convite para aprender mais sobre Jesus Cristo e Seu evangelho é melhor do que um convite para aprender mais sobre a

Igreja.⁷ Queremos que as pessoas se convertam ao evangelho. Esse é o grande papel do Livro de Mórmon. Os sentimentos sobre nossa Igreja são posteriores à conversão a Jesus Cristo, não anteriores a ela. Muitas das pessoas que desconfiam das igrejas têm, no entanto, amor pelo Salvador. Coloquem o mais importante em primeiro lugar.

3. Quando procuramos apresentar o evangelho restaurado a alguém, devemos fazê-lo de modo autêntico e com preocupação amorosa pela pessoa. Isso ocorre quando procuramos ajudar pessoas com problemas já conhecidos ou quando estamos trabalhando com elas em serviços comunitários, prestando ajuda aos que sofrem, cuidando dos pobres e necessitados ou melhorando a qualidade de vida de outras pessoas.
4. Nossos esforços para compartilhar o evangelho não devem se limitar a nosso círculo de amizade e de conhecidos. Durante as Olimpíadas, ficamos sabendo que um membro da Igreja, taxista no Rio de Janeiro, levava exemplares do Livro de Mórmon em sete idiomas e os entregava a quem quer que os aceitasse. Ele chamou a si mesmo de “o motorista de táxi missionário”. Ele disse: “As ruas do Rio de Janeiro (...) são meu campo missionário”.⁸

Clayton M. Christensen, que tem uma impressionante experiência como membro missionário, declara



que, “nos últimos 20 anos, não temos observado nenhuma correlação entre a profundidade de um relacionamento e a probabilidade de uma pessoa estar interessada em aprender sobre o evangelho”.⁹

5. Os bispados podem planejar uma reunião sacramental especial à qual os membros são aconselhados a trazer pessoas interessadas. Os membros da ala ficarão menos hesitantes em trazer conhecidos para essas reuniões porque terão mais confiança de que o conteúdo da reunião será bem planejado, de modo a aumentar o interesse de outros e representar bem a Igreja.
6. Existem muitas outras oportunidades de se compartilhar o evangelho. Por exemplo, recentemente recebi uma carta bem alegre de um membro novo que aprendeu sobre o evangelho restaurado quando uma ex-colega de classe lhe telefonou para saber a respeito de uma doença com que ela estava sofrendo. Ela escreveu: “Fiquei impressionada com a maneira como ele se apresentou.

Depois de alguns meses de lições com os missionários, fui batizada. Minha vida vem melhorando muito desde aquele dia”.¹⁰ Todos conhecemos muitos cuja vida seria melhorada pelo evangelho restaurado. Estamos estendendo a mão a eles?

7. A fascinação e a experiência de nossos membros jovens com as mídias sociais lhes dão oportunidades singulares de fazer com que outras pessoas tenham interesse pelo evangelho. Ao descrever a aparição do Salvador aos nefitas, Mórmon escreveu: “Ele ensinou e abençoou as criancinhas (...); e soltou-lhes a língua a fim de que pudessem expressar-se” (3 Néfi 26:14). Suponho que hoje ele diria “soltou-lhes [os polegares] para que pudessem expressar-se”. Vamos lá, jovens!

Compartilhar o evangelho não é um fardo, e sim, uma alegria. O que chamamos de “membro missionário” não é um programa, mas uma atitude de amor para estender a mão aos que estão a nosso redor. Também é

importante testificar como nos sentimos sobre o evangelho restaurado de nosso Salvador. Conforme ensinou o Élder Ballard: “Uma evidência muito importante de nossa conversão e de como nos sentimos em relação ao evangelho em nossa vida é a nossa disposição de compartilhá-lo com outras pessoas”.¹¹

Presto testemunho de Jesus Cristo, que é a luz e a vida do mundo (ver 3 Néfi 11:11). Seu evangelho restaurado ilumina nosso caminho na mortalidade. Sua Expição nos dá a certeza da vida após a morte e a força para persistirmos em direção à imortalidade. E Sua Expição nos oferece a oportunidade de sermos perdoados de nossos pecados e, dentro do glorioso Plano de Salvação criado por Deus, qualificarmo-nos para a vida eterna, “o maior de todos os dons de Deus” (D&C 14:7). Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Thomas S. Monson, “Bem-Vindos à Conferência”, *A Liahona*, novembro de 2013, p. 4.
2. Quentin L. Cook, “How to Be a Member Missionary” [Como Ser um Membro Missionário], *New Era*, fevereiro de 2015, p. 48.
3. M. Russell Ballard, “Confiai no Senhor”, *A Liahona*, novembro de 2013, p. 44.
4. M. Russell Ballard, “Confiai no Senhor”, p. 44.
5. Clayton M. Christensen, *The Power of Everyday Missionaries* [O Poder do Missionário do Dia a Dia], 2012, p. 30.
6. Ver Christensen, *Power of Everyday Missionaries*, pp. 26–27.
7. Ver Gary C. Lawrence, *How Americans View Mormonism: Seven Steps to Improve Our Image* [Como os Norte-americanos Enxergam o Mormonismo: Sete Passos para Melhorar Nossa Imagem], 2008, pp. 34–35.
8. Ver Ashley Kewish, “Cab Driver Hands Out Copies of Book of Mormon to Rio Visitors” [Motorista de Táxi Distribui Exemplares do Livro de Mórmon a Visitantes no Rio], 8 de agosto de 2016, ksl.com.
9. Christensen, *Power of Everyday Missionaries*, p. 21.
10. Carta pessoal, 21 de agosto de 2016.
11. M. Russell Ballard, “Agora É o Momento”, *A Liahona*, janeiro de 2001, p. 89.



Élder Jeffrey R. Holland
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Emissários da Igreja

Pedimos a vocês, mestres familiares, que sejam emissários de Deus para Seus filhos e que amem as pessoas para as quais foram designados, orem por elas e cuidem delas.

Pouco tempo atrás, uma irmã solteira, a quem chamarei de Molly, voltou do trabalho para casa e se deparou com o porão cheio de água. Imediatamente ela percebeu que seus vizinhos, com quem ela compartilhava os tubos de drenagem, deviam ter lavado roupas e tomado banho de modo desmedido, pois a água utilizada por eles foi para sua casa.

Depois de Molly chamar uma amiga para ajudá-la, elas começaram a retirar a água e a secar o local. Naquele momento, a campainha tocou. Sua amiga exclamou: “São seus mestres familiares!”

Molly riu. “Hoje é o último dia do mês”, ela respondeu, “mas posso garantir a você que *não* são meus mestres familiares”.

Com os pés descalços, as calças molhadas, o cabelo preso em um lenço e um elegante par de luvas de borracha, Molly caminhou até a porta. Mas sua atípica aparência não se comparava com a atípica visão que tinha diante de seus olhos. *Eram* os mestres familiares dela!

“Fiquei tão surpresa que meu queixo quase caiu!”, ela me disse algum tempo depois. “Foi um milagre do ensino familiar”, — “o tipo de

milagre que as Autoridades Gerais relatam em discursos da conferência geral!” Ela continuou: “Mas enquanto eu decidia se daria um beijo neles ou entregaria a eles um esfregão, eles disseram: ‘Oh, Molly, pedimos desculpas. Percebemos que está ocupada. Não queremos nos intrometer;

voltaremos em um outro momento’. E saíram”.

“Quem era?”, gritou a amiga, que estava no porão.

“Eu gostaria de ter dito: ‘Com certeza não eram os Três Nefitas’, admitiu Molly, “mas me contive e disse calmamente: ‘Eram meus mestres familiares, mas eles sentiram que não era um momento oportuno para deixarem a mensagem’”.¹

Irmãos, vamos examinar brevemente o dever do sacerdócio que foi descrito como “o primeiro recurso de ajuda da Igreja” aos indivíduos e às famílias.² Florestas inteiras foram sacrificadas a fim de fornecer os papéis para organizar o ensino familiar e depois reorganizá-lo. Milhares de discursos motivacionais já foram dados com o intuito de impulsionar esse trabalho. Seguramente, nenhum terapeuta no mundo poderia dar conta do número de crises de culpa



que esse assunto tem gerado. Ainda assim, temos dificuldades em alcançar um padrão de desempenho no mínimo aceitável no que diz respeito ao mandamento do Senhor de “zelar sempre pela igreja”³ por meio do ensino familiar do sacerdócio.

Parte do desafio que encontramos é a constante mudança na demografia da Igreja. Sabemos que, com nossos membros espalhados em 30 mil alas e ramos, localizados em aproximadamente 188 nações e territórios, é muito mais difícil visitar a casa de nossos irmãos e irmãs do que era nos primórdios da Igreja, quando vizinhos ensinavam vizinhos em algo que chamávamos de “ensino no quarteirão”.

Além disso, em muitas unidades da Igreja, há um número limitado de portadores do sacerdócio disponíveis para fazer visitas de ensino familiar, deixando aqueles que podem servir com 18 ou 20 famílias — ou mais — para cuidar. Pode haver também problemas como longas distâncias a percorrer, o alto custo e a disponibilidade limitada de transporte, e a duração prorrogada da jornada e da semana de trabalho. Acrescentem a isso alguns tabus culturais contra visitas que não foram marcadas com antecedência e problemas de segurança existentes em muitos locais do mundo e, bem, começamos a ver a complexidade do problema.

Inmãos, na melhor das hipóteses e nas circunstâncias em que o ensino familiar pode ser realizado, uma visita mensal em cada lar ainda é o ideal esperado pela Igreja. Mas, sabendo que em muitos locais do mundo atingir tal ideal não seria possível e que poderíamos causar sentimentos de fracasso ao irmãos quando pedíssemos que fizessem o que não poderia ser feito de forma realista, a Primeira Presidência escreveu aos líderes do sacerdócio da

Igreja em dezembro de 2001, dando este conselho inspirado e muito relevante: “Existem alguns lugares na Igreja”, registraram eles, “onde (...) o ensino familiar talvez não possa ser realizado em todas as casas, a cada mês, devido ao número insuficiente de irmãos do sacerdócio ativos e a vários outros desafios locais”. Já mencionamos alguns deles. “Quando essas circunstâncias prevalecerem”, eles prosseguem, “os líderes devem empregar, da melhor forma possível, os recursos que tiverem disponíveis para zelar pelos membros e fortalecê-los”.⁴

Irmãos, se eu me deparasse com esses tipos de situações difíceis em minha ala ou em meu ramo, meu companheiro do Sacerdócio Aarônico e eu colocaríamos em prática o conselho da Primeira Presidência (que agora é uma norma no manual da Igreja) desta maneira: em primeiro lugar, nós procuraríamos observar o mandamento contido nas escrituras de “visitar a casa de todos os membros”,⁵ estabelecendo um cronograma que nos possibilitaria fazer as visitas de modo tanto possível quanto prático. Dentro desse cronograma, deveríamos priorizar o nosso tempo disponível e a frequência dos contatos para as pessoas que mais precisam de nós — os pesquisadores que os missionários estão ensinando, os conversos recém-batizados, as pessoas que estão doentes, os solitários, os menos ativos, as famílias de pais e mães que criam os filhos sozinhos, e assim por diante.

Durante a organização de nosso cronograma para visitar todas as famílias, o que pode levar alguns meses para se concretizar, faríamos outros tipos de contato com as pessoas e as famílias em nossa lista por intermédio de qualquer um dos meios que o Senhor providenciou. Certamente zelariamos por

nossas famílias na Igreja e, conforme dizem as escrituras, “[falaríamos] a respeito do bem-estar de suas almas”.⁶ Além disso, faríamos telefonemas, enviariamos e-mails e mensagens de texto, e até enviariamos uma saudação por meio de alguma das muitas formas de mídia social disponíveis para nós. Para que as necessidades especiais fossem atendidas, poderíamos enviar uma citação das escrituras, um trecho de um discurso de uma conferência geral ou uma Mensagem Mórmon, que pode ser encontrada no vasto material do site LDS.org. Paraphraseando a Primeira Presidência, faríamos o nosso melhor nas circunstâncias com que nos defrontamos com os recursos que estão disponíveis para nós.

Irmãos, nesta noite, faço um apelo para que ampliem sua visão sobre o ensino familiar. E, por favor, de maneira renovada e mais adequada, vejam a si mesmos como emissários do Senhor para os filhos Dele. Isso inclui deixar para trás a tradição de ter um calendário desvairado, do tipo Lei de Moisés, de fim de mês, que faz com que você se apresse para dar uma mensagem programada das revistas da Igreja que a família já leu. Esperamos que, em vez disso, vocês estabeleçam uma era de preocupação genuína pelos membros, voltada ao evangelho, zelando e cuidando uns dos outros, lidando com necessidades espirituais e materiais de qualquer maneira que possam ajudar.

Agora, no que diz respeito ao que “conta” como ensino familiar, todas as coisas boas que vocês fazem “contam”; então relatem todas essas coisas! Na verdade, o relatório que mais importa é como vocês abençoaram e cuidaram das pessoas que estão sob sua responsabilidade, que não têm praticamente nenhuma relação com um cronograma específico ou com um determinado





local. O importante é que amem as pessoas e cumpram o mandamento de “zelar sempre pela igreja”.⁷

Em 30 de maio do ano passado, meu amigo Troy Russell saía lentamente de sua garagem com sua caminhonete para doar mercadorias para a Indústria Deseret de sua cidade. Ele percebeu que o pneu traseiro tinha passado por cima de algo. Imaginando que algum item havia caído da caminhonete, ele saiu e encontrou seu precioso filho de 9 anos de idade, Austen, caído no chão. Os gritos, a bênção do sacerdócio, a equipe de paramédicos e a equipe do hospital foram, nesse caso, em vão. Austen tinha partido.

Sem conseguir dormir, sem conseguir encontrar paz, Troy estava desolado. Ele disse que isso era maior do que ele podia suportar e que simplesmente não seria capaz de continuar. Mas, durante aquele momento angustiante, três forças redentoras surgiram.

A primeira foi o amor e o espírito consolador de nosso Pai Celestial, uma presença transmitida por meio do Espírito Santo que consolou Troy, que lhe ensinou, que demonstrou amor e que sussurrou que Deus sabe tudo sobre a perda de um filho perfeito e belo. A segunda foi sua esposa, Deedra, que carregou Troy nos braços, que demonstrou amor e que lhe lembrou que ela também tinha perdido o filho e que estava determinada a não perder o marido também. E a terceira força nesta história é John Manning, um mestre familiar *extraordinário*.

Para ser sincero, não sei que tipo de cronograma John e seu companheiro júnior tinham quando visitaram a família Russell, ou qual mensagem eles deram quando chegaram lá, ou como eles relataram a experiência. O que sei é que, no semestre passado, o irmão Manning estendeu a mão e ergueu



Troy Russell da tragédia que acontecera naquela entrada da garagem, como se ele estivesse erguendo o pequeno Austen em pessoa. Como o mestre familiar, o atalaia, ou o irmão no evangelho que ele deveria ser, John simplesmente assumiu a responsabilidade do sacerdócio e o cuidado para com Troy Russell. Ele começou dizendo: “Troy, Austen quer que você se restabeleça — inclusive na quadra de basquete —, então passarei aqui todas as manhãs às 5 horas e 15 minutos. Fique pronto, porque não quero entrar para acordá-lo — e *sei* que Deedra também não quer que eu faça isso”.

“Eu não queria ir”, contou-me Troy posteriormente, “porque eu sempre levava Austen comigo pela manhã e sabia que as lembranças seriam muito dolorosas. Mas John insistiu, então fui. Desde o primeiro dia, nós conversávamos — ou melhor, eu falava — e John ouvia. Eu falava durante todo o trajeto até a igreja e de volta para casa. Às vezes eu falava dentro do carro parado na entrada da garagem e via o nascer do sol sobre Las Vegas. No começo foi difícil, mas com o tempo percebi que tinha encontrado forças na forma de um lento jogador de basquete amador, de 1,88 m de altura, com um arremesso

absolutamente patético, que me amava e que me ouviu até que o sol finalmente despontou em minha vida”.⁸

Meus irmãos do santo sacerdócio, quando nos referimos ao ensino familiar, ou cuidado, ou ministério pessoal do sacerdócio — chamem-no como quiserem —, é disso que estamos falando. Pedimos a vocês, mestres familiares, que sejam emissários de Deus para Seus filhos e que amem as pessoas para as quais foram designados, orem por elas e cuidem delas, assim como amamos vocês, cuidamos de vocês e oramos por vocês. Que sejam vigilantes ao cuidarem do rebanho de Deus e que o fortaleçam de maneiras que sejam coerentes com suas circunstâncias. É minha oração, em nome de nosso Bom Pastor, de Quem sou testemunha, sim, o Senhor Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Conversa pessoal, junho de 2016.
2. *Manual de Liderança do Sacerdócio de Melquisedeque*, 1990, p. 5.
3. Doutrina e Convênios 20:53.
4. Carta da Primeira Presidência, 10 de dezembro de 2001; esse conselho foi incorporado ao *Manual 2: Administração da Igreja*, 2010, 7.4.3.
5. Doutrina e Convênios 20:47, 51.
6. Morôni 6:5.
7. Doutrina e Convênios 20:53.
8. Conversa pessoal e troca de e-mails, abril de 2016.



Élder LeGrand R. Curtis Jr.
Dos Setenta

Há Poder no Livro

O maior poder do Livro de Mórmon é sua capacidade de aproximar-nos de Jesus Cristo.

No dia 14 de junho de 1989, devido a algumas informações errôneas a respeito da Igreja, o governo de Gana baniu todas as atividades de A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias dentro daquele país africano. O governo confiscou todas as propriedades da Igreja, e toda atividade missionária foi interrompida. Os membros da Igreja, que dão a esse período o nome de “congelamento”, fizeram o melhor que puderam para viver o evangelho sem reuniões de ramo e sem o apoio de missionários. Há muitas histórias inspiradoras sobre como os membros mantiveram a luz do evangelho acesa, adorando no lar e cuidando uns dos outros como mestres familiares e professoras visitantes.

Por fim, os mal-entendidos foram solucionados e, no dia 30 de novembro de 1990, o congelamento chegou ao fim, e as atividades da Igreja foram retomadas.¹ Desde aquela época, o relacionamento entre a Igreja e o governo de Gana tem sido excelente.

Os membros que passaram pelo congelamento conseguem apontar rapidamente as bênçãos decorrentes daquele período incomum. Muitos tiveram sua fé fortalecida pela adversidade que enfrentaram. Mas uma bênção do congelamento veio de modo atípico.

Nicholas Ofosu-Hene era um jovem policial encarregado de tomar conta de uma capela SUD durante o congelamento. Seu dever era vigiar o edifício à noite. Quando Nicholas foi pela primeira vez à capela, viu que havia coisas espalhadas por toda parte, com papéis, livros e móveis fora do lugar. Em meio àquela bagunça, ele viu um exemplar do Livro de Mórmon. Tentou ignorar o livro porque lhe fora dito que era maligno, mas sentiu um estranho interesse por ele. Por fim, Nicholas não conseguiu mais ignorar o livro e o pegou. Sentiu-se compelido a começar a lê-lo. Leu durante a noite toda, lágrimas lhe escorriam pelo rosto enquanto lia.

Na primeira vez que pegou o livro, leu 1 Néfi inteiro. Na segunda vez, leu 2 Néfi inteiro. Quando chegou ao capítulo 25 de 2 Néfi, leu o seguinte: “E falamos de Cristo, regozijamo-nos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e escrevemos de acordo com nossas profecias, para que nossos filhos saibam em que fonte procurar a remissão de seus pecados”.²

Naquele momento, Nicholas sentiu o Espírito tão forte que começou a chorar. Deu-se conta de que, no curso de sua leitura, havia recebido vários sentimentos espirituais de que o livro era escritura, a mais correta que já

tinha lido. Percebeu que os santos dos últimos dias, ao contrário do que ouvira falar, acreditavam firmemente em Jesus Cristo. Após o congelamento ter chegado ao fim e os missionários terem retornado a Gana, Nicholas, sua esposa e seus filhos filiaram-se à Igreja. Quando o vi, no ano passado, ele era chefe de polícia e estava servindo como presidente do Distrito Tamale Gana da Igreja. Ele diz: “A Igreja transformou minha vida. (...) Graças dou ao Deus Todo-Poderoso por ter me conduzido a este evangelho”.³

Alibert Davies, outro ganense, acompanhou um amigo até uma de nossas capelas onde o amigo teria uma reunião de presidência. Enquanto esperava, Alibert leu um livro que encontrou por ali. Quando a reunião terminou, Alibert quis levar o livro para casa. Foi-lhe dada permissão para levar o livro e também um exemplar do Livro de Mórmon. Quando chegou em casa, começou a ler o Livro de Mórmon. Não conseguiu largá-lo. Leu à luz de vela até as 3 horas da madrugada. Fez isso por várias noites, sentindo-se totalmente cativado pelo que lia e sentia. Alibert é agora membro da Igreja.

Angelo Scarpulla começou seus estudos teológicos em seu país natal, a Itália, quando tinha 10 anos. Por fim, tornou-se padre e serviu em sua igreja com devoção. Em um determinado momento, sua fé começou a vacilar, e ele procurou e recebeu a oportunidade de prosseguir os estudos. No entanto, quanto mais estudava, mais preocupado ficava. O que lia e o que sentia convenceram-no de que houvera uma grande apostasia geral da doutrina verdadeira ensinada por Jesus e os primeiros apóstolos. Angelo procurou a verdadeira religião de Deus em várias igrejas, mas permaneceu insatisfeito por muitos anos.

Certo dia, encontrou dois membros da Igreja que estavam ajudando os missionários a encontrar mais pessoas para ensinar. Sentiu-se conduzido até eles e ouviu alegremente sua mensagem. Angelo aceitou de bom grado um exemplar do Livro de Mórmon.

Naquela noite, começou a ler o livro. Sentiu-se tomado de alegria. Por meio do Espírito, Deus concedeu a Angelo a certeza em sua alma de que, no Livro de Mórmon, ele encontraria a verdade que estivera procurando por tantos anos. Sentiu-se inundado por agradáveis sentimentos. O que leu e o que aprendeu com os missionários confirmaram sua conclusão de que houvera uma apostasia geral, mas ele também soube que a verdadeira Igreja de Deus havia sido restaurada na Terra. Pouco tempo depois, Angelo foi batizado na Igreja.⁴ Quando o conheci, ele era o presidente do Ramo Rimini de nossa Igreja na Itália.

O que Nicholas, Alibert e Angelo vivenciaram com o Livro de Mórmon faz-nos lembrar o que aconteceu com Parley P. Pratt:

“Abri o [livro] com ansiedade. (...) Li o dia inteiro; comer era um fardo, eu



não tinha o menor apetite; à noite, dormir era um sacrifício, pois preferia ler.

Enquanto lia, o Espírito do Senhor estava sobre mim, e soube e compreendi que o livro era verdadeiro, tão clara e manifestamente quanto um homem compreende e sabe que está vivo. Minha alegria era completa e minha satisfação era tal que compen-sou todas as tristezas, os sacrifícios e os labores de toda a minha vida”.⁵

Algumas pessoas têm uma poderosa experiência pessoal como essas com o Livro de Mórmon na primeira vez em que o abrem, mas, para outras, o testemunho da veracidade vem de modo mais gradual à medida que o leem e oram a respeito dele. Esse foi o meu caso. Li o Livro de Mórmon pela primeira vez quando era adolescente

e frequentava o Seminário. Este é o exemplar do Livro de Mórmon que li. Não posso dizer o momento ou o local exatos em que tudo aconteceu, mas, em algum ponto daquela leitura, comecei a sentir algo. Sentia um calor e sentia o Espírito toda vez que abria o livro. O sentimento crescia à medida que eu continuava a leitura. Esse sentimento permanece até hoje. Toda vez que abro o Livro de Mórmon, é como ligar um interruptor: o Espírito flui para o meu coração e para a minha alma.

Para outros, ainda, o testemunho do Livro de Mórmon vem mais lentamente, após muito estudo e muita oração. Tenho um amigo que leu o Livro de Mórmon procurando saber se era verdadeiro. Colocou em prática o convite de Morôni de perguntar a Deus com um coração sincero, com real intenção e fé em Cristo se o Livro de Mórmon era verdadeiro.⁶ Mas não recebeu de imediato a resposta espiritual prometida. Contudo, certo dia, enquanto ele refletia profundamente ao dirigir pela estrada, o Espírito lhe testificou a veracidade do Livro de Mórmon. Ele sentiu-se tão feliz e tão emocionado que abriu a janela do carro e gritou, não para alguém em particular, mas para o mundo todo: “É verdade!”

Quer nosso testemunho do Livro de Mórmon venha na primeira vez em que o abrimos ou após algum tempo, esse livro vai nos influenciar todos os dias de nossa vida se continuarmos a lê-lo





e a colocar em prática seus ensinamentos. O Presidente Ezra Taft Benson ensinou: “Existe um poder no livro que começa a fluir para nossa vida no momento em que iniciamos um estudo sério de seu conteúdo. Vocês descobrirão um maior poder para resistir à tentação. Encontrarão mais poder para evitar as dissimulações. Encontrarão poder para permanecer no caminho reto e estreito”.⁷

Incentivo todos os que ouvem esta mensagem, inclusive os portadores do Sacerdócio Aarônico aqui reunidos nesta noite, a descobrirem o poder do Livro de Mórmon. Conforme incentivou o Presidente Thomas S. Monson: “Leiam o Livro de Mórmon. Ponderem seus ensinamentos. Perguntem ao Pai Celestial se esse livro é verdadeiro”.⁸ Nesse processo, vocês vão sentir o Espírito de Deus em sua vida. Esse Espírito fará parte de seu testemunho de que o Livro de Mórmon é verdadeiro, de que Joseph Smith foi um Profeta de Deus e de que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a verdadeira Igreja de Deus na Terra hoje. Esse testemunho vai ajudá-los a resistir às tentações.⁹ Vai prepará-los para “a grande necessidade (...) de trabalhar com diligência nas vinhas

do Senhor”.¹⁰ Será uma âncora segura quando acusações ou afirmações difamatórias forem usadas para questionar sua fé, e será um alicerce firme como uma rocha quando vocês forem desafiados com perguntas que não conseguem responder, ao menos não imediatamente. Vocês serão capazes de discernir a verdade do erro e sentirão a certeza proveniente do Espírito Santo confirmar-lhes repetidas vezes seu testemunho à medida que continuarem a ler o Livro de Mórmon por toda a vida.

Também incentivo todos os pais que ouvem ou leem esta mensagem a fazerem do Livro de Mórmon uma parte importante de seu lar. Enquanto nossos filhos estavam crescendo, líamos o Livro de Mórmon durante o desjejum. Este é o marcador que usávamos. Na parte da frente, há uma citação do Presidente Benson prometendo que Deus derramará bênçãos sobre nós ao lermos o Livro de Mórmon.¹¹ No verso, está a seguinte promessa do Presidente Marion G. Romney, antigo conselheiro na Primeira Presidência: “Estou certo de que, se os pais lerem o Livro de Mórmon fervorosa e regularmente em casa, tanto individualmente como com seus filhos, o espírito desse grande

livro acabará permeando nosso lar, bem como todos os que nele habitam. (...) As discórdias desaparecerão. Os pais vão aconselhar os filhos com maior amor e sabedoria. Os filhos ficarão mais atentos e obedientes aos conselhos dos pais. Haverá maior retidão. A fé, a esperança e a caridade — o puro amor de Cristo — serão abundantes em nosso lar e em nossa vida, trazendo consigo paz, alegria e felicidade”.¹²

Agora, muitos anos depois de nossos filhos terem saído de casa e estarem cuidando de sua própria família, vemos claramente o cumprimento da promessa do Presidente Romney. Nossa família está longe de ser perfeita, mas podemos prestar testemunho do poder do Livro de Mórmon e das bênçãos que sua leitura nos proporcionou e continua a proporcionar na vida de toda a nossa família.

O maior poder do Livro de Mórmon é sua capacidade de aproximar-nos de Jesus Cristo. Tenho um forte testemunho Dele e de Sua missão de redenção.¹³ Por meio desse livro, adquirimos o entendimento da majestade e do poder de Sua Expição.¹⁴ Ele ensina claramente Sua doutrina.¹⁵ E graças aos magníficos capítulos que descrevem a visita do Cristo ressuscitado aos nefitas, vemos e vivenciamos como Ele amou, abençoou e ensinou aquelas pessoas, passando a entender que Ele fará o mesmo por nós se nos achegarmos a Ele ao vivermos Seu evangelho.¹⁶

Irmãos, presto testemunho do poder do Livro de Mórmon. Quer eu o leia em inglês, italiano ou francês, em versão impressa ou num dispositivo eletrônico, sinto o mesmo espírito maravilhoso fluir de seus capítulos e versículos para a minha vida. Testifico que ele tem a capacidade de nos aproximar de Cristo. Oro para que cada um

de nós aproveite plenamente o poder que existe nesse maravilhoso livro de escrituras. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver “You Can’t Close My Heart’: Ghanaian Saints and the Freeze” [“Vocês Não Podem Parar Meu Coração”: Os Membros de Gana e o Congelamento], 26 de janeiro de 2016, history.LDS.org.
2. 2 Néfi 25:26.
3. E-mail de Nicholas Ofusu-Hene, 27 de outubro de 2015.
4. Ver Angelo Scarpulla, “Em Busca da Restauração”, *A Liahona*, junho de 1993, p. 17; e-mail de Ezio Caramia, 16 de setembro de 2016.
5. *Autobiography of Parley P. Pratt* [Autobiografia de Parley P. Pratt], ed. Parley P. Pratt Jr., 1938, p. 37.
6. Ver Morôni 10:4–5.
7. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Ezra Taft Benson*, 2014, p. 150.
8. Thomas S. Monson, “Ouse Ficar Sozinho”, *A Liahona*, novembro de 2011, p. 67; ver também Thomas S. Monson, “O Poder do Sacerdócio”, *A Liahona*, maio de 2011, p. 66; *A Prophet’s Voice: Messages from Thomas S. Monson* [A Voz de um Profeta: Mensagens de Thomas S. Monson], 2012, pp. 490–494.
9. O Presidente Thomas S. Monson ensinou: “Todo portador do sacerdócio deve estudar diariamente as escrituras. (...) Prometo a vocês, quer sejam do Sacerdócio Aarônico, quer do de Melquisedeque, que se estudarem as escrituras com diligência, sua capacidade de fugir das tentações e ser orientados pelo Espírito Santo em tudo o que fizerem aumentará” (“Dê o Melhor de Si”, *A Liahona*, maio de 2009, p. 68).
10. Alma 28:14.
11. “Prometo-lhes que, a partir deste momento, se nos nutrirmos diariamente [das] páginas [do Livro de Mórmon] e vivermos conforme seus preceitos, Deus derramará sobre cada filho de Sião e sobre a Igreja uma bênção tal como nunca se viu” (*Ensinamentos: Ezra Taft Benson*, p. 136).
12. Marion G. Romney, “O Livro de Mórmon”, *A Liahona*, outubro de 1980, p. 111.
13. Ver, por exemplo, a página título do Livro de Mórmon; 1 Néfi 11; 2 Néfi 25; Mosias 16; 18; Alma 5; 12; Helamã 5; 3 Néfi 9; Mórmon 7.
14. Ver, por exemplo, 2 Néfi 2; 9; Mosias 3; Alma 7; 34.
15. Ver, por exemplo, 2 Néfi 31; 3 Néfi 11; 27.
16. Ver 3 Néfi 11–28.



Presidente Dieter F. Uchtdorf
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Aprender com Alma e Amuleque

É minha esperança que aqueles que se desviaram do caminho do discipulado vejam com o coração e aprendam com Alma e Amuleque.

Alma, o Filho

Entre os personagens mais inesquecíveis das escrituras, está Alma, o filho. Embora ele fosse o filho de um grande profeta, afastou-se do caminho correto por algum tempo e tornou-se um “homem muito iníquo e idólatra”. Por razões que não compreendemos, ele se opôs ativamente a seu pai e procurou destruir a Igreja. E devido a sua eloquência e persuasão, obteve grande sucesso.¹

Mas a vida de Alma mudou quando um anjo do Senhor apareceu a ele e falou com voz de trovão. Durante três dias e três noites, Alma foi “torturado

com eterno tormento (...) pelas dores de uma alma condenada”. E então, de alguma forma, uma lembrança distante iluminou as trevas de sua mente — uma verdade eterna ensinada por seu pai: que Jesus Cristo viria “para expiar os pecados do mundo”. Muito tempo antes, Alma havia rejeitado tais conceitos, mas agora, “tendo fixado a mente nesse pensamento”, com humildade e fervor, colocou sua confiança no poder expiatório de Cristo.²

Quando Alma ressurgiu dessa experiência, era um homem mudado. Daquele momento em diante, dedicou sua vida a desfazer os danos que havia





causado. Ele é um grande exemplo de arrependimento, perdão e lealdade duradoura.

Foi então escolhido para suceder a seu pai como líder da Igreja de Deus.

Todos os cidadãos da nação nefita provavelmente conheciam a história de Alma. Os Twitters, Instagrams e Facebooks da época devem ter ficado repletos de imagens e histórias sobre ele. Alma provavelmente aparecia com frequência na capa da *Revista Zarahenla* e era tema de editoriais e especiais de televisão. Resumindo, ele era talvez a celebridade mais famosa de sua época.

Mas, quando Alma viu que seu povo estava se esquecendo de Deus e enchendo-se de orgulho e contenda, decidiu renunciar ao cargo público e dedicar-se “exclusivamente ao sumo sacerdócio da santa ordem de Deus”,³ pregando arrependimento entre os nefitas.

Inicialmente, Alma teve grande sucesso — isto é, até viajar para a cidade de Amonia. O povo daquela cidade estava bem ciente de que Alma já não era mais seu líder político, e eles tinham pouco respeito por sua autoridade do sacerdócio. Eles o injuriaram, ridicularizaram e expulsaram da cidade.

Desolado, Alma virou as costas para a cidade de Amonia.⁴

Mas um anjo lhe disse para voltar.

Pensem nisto: foi pedido que ele retornasse para as pessoas que o odiavam e que eram hostis com a Igreja. Era uma designação perigosa que

talvez custaria sua vida. Mas Alma não hesitou, e “voltou rapidamente”.⁵

Ele estava jejuando havia muitos dias quando entrou na cidade. Lá, perguntou a um estranho se ele “[daria] algo de comer a um humilde servo de Deus”.⁶

Amuleque

O nome desse homem era Amuleque.

Amuleque era um cidadão rico e muito conhecido em Amonia. Embora ele descendesse de uma longa linhagem de fiéis, sua própria fé havia esfriado. Mais tarde, confessou: “Fui chamado muitas vezes e não quis ouvir; portanto, eu sabia a respeito destas coisas, embora não quisesse [acreditar]; assim, continuei rebelando-me contra Deus”.⁷

Mas Deus estava preparando Amuleque e, quando Amuleque conheceu Alma, recebeu esse servo do Senhor em sua casa, onde Alma ficou por muitos dias.⁸ Durante esse tempo, Amuleque abriu seu coração para a mensagem de Alma, e uma mudança maravilhosa veio sobre ele. Dali em diante, Amuleque não apenas acreditou, mas se tornou também um defensor da verdade.

Quando Alma retornou para ensinar entre o povo de Amonia, tinha uma segunda testemunha a seu lado, Amuleque, que fazia parte do povo.

Os eventos que se seguiram constituem uma das narrativas mais doces

e ao mesmo tempo mais amargas de todas as escrituras. Vocês podem ler a respeito disso em Alma, do capítulo 8 ao 16.

Hoje gostaria de convidá-los a ponderar duas perguntas:

Primeiro: O que posso aprender com Alma?

Segundo: De que modo sou parecido com Amuleque?

O Que Posso Aprender com Alma?

Deixem-me começar perguntando a todos os antigos, atuais ou futuros líderes da Igreja de Jesus Cristo: O que podem aprender com Alma?

Alma era um homem excepcionalmente talentoso e capaz. Poderia ter sido fácil pensar que não precisava da ajuda de ninguém. No entanto, o que Alma fez ao voltar para Amonia?

Encontrou Amuleque e pediu a ajuda dele.

E recebeu essa ajuda.

Por algum motivo, nós, líderes, às vezes relutamos em encontrar nossos Amuleques e pedir-lhes ajuda. Talvez pensemos que podemos fazer melhor o trabalho sozinhos, ou hesitamos por não querer incomodar as outras pessoas, ou presumimos que elas não vão querer participar. Muitas vezes hesitamos em convidar as pessoas a usarem seus talentos concedidos por Deus e a envolverem-se no grande trabalho de salvação.

Pensem no Salvador: Ele começou a estabelecer Sua Igreja sozinho?

Não.

Sua mensagem não era: “Fiquem onde estão. Eu cuido disso”. Na verdade, era: “Vem, segue-me”.⁹ Ele inspirou, convidou, instruiu e então confiou a Seus seguidores a tarefa de “fazer as coisas que [O viram] fazer”.¹⁰ Dessa forma, Jesus Cristo edificou não apenas Sua Igreja, mas também Seus servos.

Qualquer que seja o cargo em que vocês servem atualmente — seja como presidente do quórum de diáconos, presidente de estaca ou presidente de área —, para ser bem-sucedidos, vocês precisam encontrar seus Amuleques.

Pode ser alguém humilde ou até mesmo que passa despercebido na congregação. Talvez seja alguém que *pareça* desmotivado ou incapaz de servir. Seus Amuleques podem ser jovens ou velhos, homens ou mulheres, inexperientes, fatigados ou inativos na Igreja. Mas o que talvez não seja notado à primeira vista é que eles estão esperançosos de ouvi-los dizer: “O Senhor precisa de vocês! Eu preciso de vocês!”

No fundo, muitos querem servir a Deus. Querem ser um instrumento nas mãos Dele. Desejam lançar sua foice e esforçar-se com vigor a fim de preparar a Terra para o retorno de nosso Salvador. Desejam edificar a Igreja Dele. Mas estão relutantes em começar. Muitas vezes esperam que alguém os procure.

Convido vocês a pensar nas pessoas em seu ramo ou em sua ala, em sua missão ou estaca, que precisam ser chamadas a agir. O Senhor está trabalhando com elas — preparando-as e abrandando seu coração. Encontrem-nas ao procurá-las com o coração.

Estendam a mão. Ensinem. Inspirem. Perguntem a elas.

Compartilhem com essas pessoas as palavras do anjo a Amuleque — que a bênção do Senhor recairá sobre elas e sua casa.¹¹ Vocês podem se surpreender ao descobrir um valoroso servo do Senhor, que, do contrário, teria permanecido despercebido.

De Que Modo Sou Parecido com Amuleque?

Embora alguns de nós deveriam estar procurando um Amuleque, para outros, a pergunta seria: De que modo



sou parecido com Amuleque?

Talvez, ao longo dos anos, vocês se tornaram menos comprometidos em seu discipulado. Talvez o fogo de seu testemunho tenha enfraquecido. Vocês podem ter se distanciado do corpo de Cristo. Talvez tenham se desiludido ou até estejam bravos. Assim como algumas das pessoas da antiga Igreja em Éfeso, talvez vocês tenham deixado para trás seu “primeiro amor”¹² — as sublimes verdades eternas do evangelho de Jesus Cristo.

Talvez, como Amuleque, vocês saibam em seu coração que o Senhor os “[chamou] muitas vezes”, mas “não [quiseram] ouvir”.

Não obstante, o Senhor vê em vocês o que viu em Amuleque — o potencial de um valoroso servo com um trabalho importante a fazer e com um testemunho a compartilhar. Há serviços que ninguém mais pode prestar da mesma maneira que vocês. O Senhor confiou a vocês Seu santo sacerdócio, o qual contém o potencial divino de abençoar e elevar as pessoas. Escutem com o coração e sigam os sussurros do Espírito.

A História de um Membro

Senti-me emocionado com a história de um irmão que perguntou a si mesmo: “Quando o Senhor chamar,

ouvirei?” Chamarei esse bom irmão de Davi.

Ele se converteu à Igreja há 30 anos. Serviu missão e depois cursou Direito na faculdade. Enquanto estudava e trabalhava para sustentar sua jovem família, deparou-se com algumas informações sobre a Igreja que o deixaram confuso. Quanto mais lia esses materiais negativos, mais incerto se sentia. Por fim, pediu que seu nome fosse removido dos registros da Igreja.

Daquele momento em diante, assim como Alma em sua época de rebelião, Davi passou muito tempo debatendo com membros da Igreja, envolvendo-se em conversas online com o propósito de questionar suas crenças.

Ele era muito bom em debater e questionar.

Um dos membros com o qual ele debateu chamarei de Jacó. Jacó sempre foi gentil e respeitoso com Davi, mas também era firme ao defender a Igreja.

Ao longo dos anos, Davi e Jacó desenvolveram um respeito e uma amizade mútuos. O que Davi não sabia é que Jacó estava orando por ele e o fez fielmente por mais de uma década. Até colocou o nome de seu amigo nas orações dos templos do Senhor e desejou que o coração de Davi fosse abrandado.



Com o passar do tempo, lentamente, Davi de fato mudou. Começou a se lembrar com carinho das experiências espirituais que tivera e lembrou-se da felicidade que sentia quando era membro da Igreja.

Tal como Alma, Davi não se esquecera completamente das verdades do evangelho que havia aceitado no passado. E como Amuleque, ele sentiu o Senhor estender a mão para ele. Davi era sócio de uma firma de advocacia — um emprego de prestígio. Ele havia criado uma reputação de crítico da Igreja e era orgulhoso demais para pedir que o readmitissem.

No entanto, continuou a sentir a influência do Pastor.

Aceitou de coração a escritura: “E se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, sem repreensão, e ser-lhe-á dada”.¹³ Ele orou: “Amado Deus, quero ser um santo dos últimos dias novamente, mas tenho perguntas que precisam ser respondidas”.

Começou a dar ouvidos aos sussurros do Espírito e às respostas inspiradas de amigos como nunca fizera

antes. Uma após outra, suas dúvidas tornaram-se fé, até que ele finalmente percebeu que podia sentir novamente o testemunho de Jesus Cristo e de Sua Igreja restaurada.

Naquele momento, ele soube que seria capaz de superar seu orgulho e fazer o que fosse necessário para ser aceito de volta na Igreja.

Finalmente, Davi entrou nas águas do batismo e então começou a contar os dias até poder obter a restauração de suas bênçãos.

Fico feliz em relatar que, no verão passado, as bênçãos de Davi foram restauradas a ele. Está participando ativamente na Igreja de novo e serve como professor de Doutrina do Evangelho em sua ala. Aproveita todas as oportunidades para falar com outras pessoas a respeito de sua transformação para remediar os danos que causou e para prestar testemunho do evangelho e da Igreja de Jesus Cristo.

Conclusão

Meus queridos irmãos, meus queridos amigos, que procuremos, encontremos, inspiremos e confiemos nos

Amuleques de nossa ala e estaca. Há muitos Amuleques na Igreja hoje em dia.

Talvez vocês conheçam algum. Talvez vocês sejam um deles.

Talvez o Senhor esteja sussurrando a vocês, incentivando-os a voltar para seu primeiro amor, contribuir com seus talentos, exercer o sacerdócio dignamente e servir lado a lado com os demais membros da Igreja ao achegarem-se a Jesus Cristo e edificarem o reino de Deus aqui na Terra.

Nosso amado Salvador sabe onde vocês estão. Conhece seu coração. Ele quer resgatá-los. Ele vai estender a mão a vocês. Apenas abram seu coração para Ele. É minha esperança que aqueles que se desviaram do caminho do discipulado — mesmo que uns poucos graus — contemplem a bondade e a graça de Deus, vejam com o coração, aprendam com Alma e Amuleque e ouçam as palavras do Salvador que mudarão sua vida: “Vem, segue-me”.

Exorto-os a atenderem a Seu chamado, pois certamente receberão os frutos do céu. A bênção do Senhor recairá sobre vocês e sua casa.¹⁴

Disso testifico, e deixo com vocês minha bênção como apóstolo do Senhor, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Mosias 27:8–10.
2. Ver Alma 36:6–20.
3. Alma 4:20.
4. Ver Alma 8:24.
5. Alma 8:18.
6. Alma 8:19.
7. Ver Alma 10:2–6.
8. Ver Alma 8:27.
9. Lucas 18:22.
10. Tradução de Joseph Smith, Mateus 26:25 (no Guia para Estudo das Escrituras).
11. Ver Alma 10:7.
12. Ver Apocalipse 2:4.
13. Tiago 1:5.
14. Ver Alma 10:7.



Presidente Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

A Fim de Também Se Tornar Forte

Oro para que estejamos à altura do nosso chamado de elevar outros de modo a prepará-los para seu glorioso serviço.

Sinto-me abençoado por estar nesta reunião com aqueles que portam o sacerdócio de Deus. A devoção, a fé e o serviço abnegado deste grupo de homens e rapazes são um milagre moderno. Falo hoje aos portadores do sacerdócio, tanto aos mais velhos quanto aos mais jovens, unidos de todo o coração no serviço ao Senhor Jesus Cristo.

O Senhor concede Seu poder aos homens que servem dignamente em suas responsabilidades, em todos os ofícios.

Wilford Woodruff, quando era presidente da Igreja, descreveu sua experiência nos ofícios do sacerdócio:

“O primeiro sermão que ouvi na vida foi nesta Igreja. No dia seguinte, fui batizado. (...) Fui ordenado mestre. Minha missão começou imediatamente. (...) Servi toda aquela missão como mestre. (...) Na conferência, fui ordenado sacerdote. (...) Após ter sido ordenado sacerdote, fui enviado (...) para uma missão no sul do país. Isso aconteceu no segundo semestre de 1834. Eu tinha um companheiro, e começamos a missão sem bolsa nem alforje. Viajei sozinho por muitos quilômetros, preguei

o evangelho e batizei muitas pessoas as quais não podia confirmar como membros da Igreja por eu ser apenas um sacerdote. (...) Viajei por algum tempo pregando o evangelho antes de ser ordenado élder. (...)

[Agora], sou membro dos Doze Apóstolos há cerca de 54 anos. Viajei com esse quórum e com outros quórums por 60 anos; e gostaria de dizer a esta congregação que fui tão edificado pelo poder de Deus enquanto portava o ofício de mestre, e especialmente enquanto oficiava na vinha como sacerdote, quanto sempre fui como

apóstolo. Não há diferença desde que façamos nosso dever”.¹

Essa maravilhosa possibilidade espiritual de não haver diferença é sugerida na descrição que o Senhor dá de que o Sacerdócio Aarônico é um “apêndice” do Sacerdócio de Melquisedeque.²

A palavra *apêndice* significa que os dois estão conectados. Essa conexão é importante para que o sacerdócio se torne a força e a bênção que pode ser neste mundo e para sempre, pois “não tem princípio de dias nem fim de anos”.³

A conexão é simples. O Sacerdócio Aarônico ajuda a preparar os rapazes para uma responsabilidade ainda mais sagrada.

“O poder e autoridade do maior, ou seja, do Sacerdócio de Melquisedeque, é possuir as chaves de todas as bênçãos espirituais da igreja —

Ter o privilégio de receber os mistérios do reino do céu, de que se lhes abram os céus, de comunicar-se com a assembleia geral e igreja do Primogênito; e usufruir a comunhão e presença de Deus, o Pai, e de Jesus, o mediador do novo convênio.”⁴

Essas chaves do sacerdócio são exercidas em sua plenitude por apenas um homem de cada vez, o presidente e sumo sacerdote presidente da Igreja do





Senhor. Então, por delegação do presidente, todos os homens que portam o Sacerdócio de Melquisedeque podem ser investidos de autoridade e do privilégio de falar e agir em nome do Todo-Poderoso. Esse poder é infinito. Ele diz respeito à vida e à morte, à família e à Igreja, à grandiosa natureza do próprio Deus e de Seu trabalho eterno.

O Senhor está preparando os portadores do Sacerdócio Aarônico para se tornarem élderes que sirvam com fé, com poder e com gratidão no glorioso Sacerdócio de Melquisedeque.

Para os élderes, uma profunda gratidão será essencial para que possam cumprir com sua parte no pleno serviço do sacerdócio. Vocês vão se lembrar de seus dias como diáconos, mestres ou sacerdotes, quando aqueles que portavam o sacerdócio maior voltavam-se para elevá-los e incentivá-los em sua jornada do sacerdócio.

Cada portador do Sacerdócio de Melquisedeque possui tais lembranças, mas a sensação de gratidão pode ter diminuído com os anos. Minha esperança é reacender esse sentimento e, com ele, uma determinação de dar a todos os que vocês puderem o mesmo tipo de ajuda que receberam no passado.

Lembro-me de um bispo que me tratou como se eu já tivesse alcançado todo o meu potencial no poder do sacerdócio. Ele me chamou certo domingo quando

eu era sacerdote. Disse-me que precisava que eu fosse seu companheiro para visitar alguns membros de nossa ala. Ele fez parecer como se eu fosse sua única esperança de sucesso. Ele não precisava de mim; tinha excelentes conselheiros no bispado.

Visitamos uma viúva que não tinha dinheiro nem alimento. Ele queria que eu o ajudasse a tocar o coração dela, a desafiá-la a elaborar e adotar um orçamento, e a prometer-lhe que ela poderia superar sua situação a ponto de não apenas cuidar de si mesma mas também de ajudar outras pessoas.

Em seguida fomos consolar duas meninas que estavam vivendo uma situação difícil. Ao nos afastarmos, o bispo me disse calmamente: “Essas crianças nunca se esquecerão de que viemos visitá-las”.

E na casa seguinte, vi como convidar um homem menos ativo a voltar para o Senhor convencendo-o de que os membros da ala precisavam dele.

O bispo era um portador do Sacerdócio de Melquisedeque que estava elevando minha visão e incentivando-me por meio do exemplo. Ele me ensinou a ter o poder e a coragem para ir a qualquer lugar a serviço do Senhor. Ele se foi para receber sua recompensa há muito tempo, mas ainda me lembro dele porque estendeu a mão para me elevar quando eu ainda era um inexperiente portador do Sacerdócio Aarônico.

Aprendi posteriormente que ele me via em um futuro caminho do sacerdócio de maiores responsabilidades, em um lugar além da minha própria visão naquela época.

Meu pai fez a mesma coisa por mim. Ele era um experiente e sábio portador do Sacerdócio de Melquisedeque. Certa vez, um apóstolo lhe pediu que escrevesse um pequeno artigo sobre a evidência científica da idade da Terra. Ele o escreveu cuidadosamente, sabendo que algumas pessoas que talvez leriam esse artigo tinham um forte sentimento de que a Terra era muito mais nova do que as evidências científicas sugeriam.

Ainda me lembro de meu pai entregar-me o que escreveu e dizer: “Hal, você tem a sabedoria espiritual para saber se devo enviar isto para os apóstolos e profetas”. Não consigo me lembrar da maior parte do que estava escrito no papel, mas levarei comigo para sempre a gratidão que senti por um grande portador do Sacerdócio de Melquisedeque que viu em mim sabedoria espiritual que eu não conseguia ver.

Uma noite, alguns anos mais tarde, após eu ter sido ordenado apóstolo, o profeta de Deus chamou-me e pediu-me que lesse algo que havia sido escrito sobre a doutrina da Igreja. Ele havia passado a noite lendo os capítulos de um livro. Disse com uma risada: “Não consigo ler tudo isso. Você não deveria estar descansando enquanto trabalha”. Ele então usou quase as mesmas palavras que meu pai tinha usado anos antes: “Hal, é você quem deve ler isto. Você saberá se é certo publicá-lo”.

O mesmo padrão de um portador do Sacerdócio de Melquisedeque de elevar a visão e dar confiança veio certa noite em um festival de oratória organizado pela Igreja. Aos 17 anos de idade, fui convidado a falar para um grande público. Não tinha ideia do

que era esperado de mim. Não havia recebido um tema, então preparei um discurso que ia muito além do que eu sabia sobre o evangelho. Ao falar, percebi que havia cometido um erro. Ainda consigo me lembrar de que depois de ter falado, tive a forte sensação de que havia fracassado.

O orador seguinte, que seria o último, era o Élder Matthew Cowley, do Quórum dos Doze Apóstolos. Ele era um grande orador — amado por toda a Igreja. Ainda me lembro de olhar para ele do meu lugar, próximo ao púlpito.

Ele começou o discurso com uma voz poderosa. Disse que meu discurso tinha feito com que ele se sentisse como se estivesse em uma grande conferência. Ele sorriu ao dizer isso. Meus sentimentos de fracasso desapareceram e foram seguidos da confiança de que, um dia, iria me tornar o que ele parecia achar que eu já fosse.

As lembranças daquela noite ainda me levam a ouvir atentamente quando um portador do Sacerdócio Aarônico discursa. Graças ao que o Élder Cowley fez por mim, sempre suponho que vou ouvir a palavra de Deus. Raramente me decepciono e frequentemente me maravilho, e não posso fazer outra coisa senão sorrir, assim como o Élder Cowley.

Muitas coisas podem ajudar a fortalecer nossos jovens irmãos para que progridam no sacerdócio, mas nada será mais poderoso do que ajudá-los a desenvolver a fé e a certeza de que podem confiar no poder de Deus em seu serviço no sacerdócio.

Eles não vão desenvolver essa fé e essa confiança passando apenas por uma experiência na qual foram elevados mesmo que pelo mais talentoso portador do Sacerdócio de Melquisedeque. A habilidade de confiar nesses poderes deve ser cultivada por muitas

expressões de confiança daqueles que são mais experientes no sacerdócio.

Os portadores do Sacerdócio Aarônico vão precisar de incentivo e de correção do próprio Senhor por meio do Espírito Santo diariamente e até mesmo de hora em hora. Eles receberão isso à medida que *escolherem permanecer dignos dessas coisas*. Vai depender das escolhas que eles fizerem.

É por isso que devemos ensinar, pelo exemplo e pelo testemunho, que as palavras do rei Benjamim, um grande líder do Sacerdócio de Melquisedeque, são verdadeiras.⁵ São palavras de amor faladas em nome do Senhor, a Quem este sacerdócio pertence. O rei Benjamim ensina o que é requerido de nós a fim de que permaneçamos puros o suficiente para receber o incentivo e a correção do Senhor:

“E finalmente, não vos posso dizer todas as coisas pelas quais podeis cometer pecado; porque há vários modos e meios, tantos que não os posso enumerar.

Isto, porém, posso dizer-vos: se não tomardes cuidado com vós mesmos e vossos pensamentos e vossas palavras e vossas obras; e se não observardes os mandamentos de Deus nem continuardes tendo fé no que ouvistes concernente à vinda de nosso Senhor, até o fim de vossa vida, perecereis. E agora, ó homem, lembra-te e não pereças”.⁶

Todos estamos cientes de que os dardos inflamados do inimigo da retidão estão sendo lançados como um terrível vento contra os jovens portadores do sacerdócio a quem tanto amamos. Para nós, eles se assemelham aos dois mil jovens guerreiros, que se chamavam de filhos de Helamã. Eles podem sobreviver, assim como os jovens guerreiros sobreviveram, caso se mantenham seguros como o rei Benjamim os exortou.

Os filhos de Helamã não duvidaram. Lutaram bravamente e chegaram à vitória porque acreditavam nas palavras de suas mães.⁷ Compreendemos o poder da fé de uma mãe amorosa. As mães oferecem esse grande apoio a seus filhos atualmente. Nós, portadores do sacerdócio, podemos e devemos acrescentar a esse apoio nossa determinação de cumprir com nossa responsabilidade de que, ao sermos convertidos, devemos fortalecer nossos irmãos.⁸

Minha oração é que todo portador do Sacerdócio de Melquisedeque aceite a oportunidade oferecida pelo Senhor:

“E se houver algum homem entre vós de Espírito forte, que tome consigo aquele que for fraco, para que seja edificado em toda mansidão a fim de também se tornar forte.

Portanto, levai convosco os que são ordenados ao sacerdócio menor e enviai-os adiante de vós para marcar compromissos e preparar o caminho e cumprir os compromissos que não puderdes cumprir.

Eis que foi assim que meus apóstolos, na antiguidade, edificaram-me a minha igreja”.⁹

Vocês, líderes do sacerdócio e pais dos portadores do Sacerdócio Aarônico, podem realizar milagres. Vocês podem auxiliar o Senhor a preencher as fileiras de élderes fiéis com rapazes que aceitam o chamado para pregar o evangelho e o fazem com confiança. Vocês verão muitos dos que vocês elevaram e incentivaram permanecer fiéis, casar dignamente no templo e, em troca, elevar e preparar outras pessoas.

Isso não requer novos programas de atividades, materiais de ensino melhorados ou melhores mídias sociais. Não será necessário nenhum chamado além do que vocês já têm. O juramento e o convênio do sacerdócio dão-lhes poder, autoridade e



Presidente Thomas S. Monson

orientação. Oro para que, ao irem para casa, estudem cuidadosamente o juramento e convênio do sacerdócio, encontrado na seção 84 de Doutrina e Convênios.

Todos nós esperamos que mais rapazes tenham experiências como as de Wilford Woodruff que, como portador do Sacerdócio Aarônico, ensinou o evangelho de Jesus Cristo com poder de conversão.

Oro para que estejamos à altura do nosso chamado de elevar outros de modo a prepará-los para seu glorioso serviço. Agradeço de todo o coração às pessoas maravilhosas que me elevaram e me mostraram como amar e elevar outras pessoas.

Testifico que o Presidente Thomas S. Monson possui todas as chaves do sacerdócio na Terra nestes dias. Presto testemunho de que ele, com toda uma vida de serviço, é um exemplo para todos nós de como elevar outras pessoas sendo um portador do Sacerdócio de Melquisedeque. Sou pessoalmente grato pela maneira como ele me elevou e me mostrou como elevar outras pessoas.

Deus, o Pai, vive. Jesus é o Cristo. Esta é a Sua Igreja e o Seu reino. Este é o Seu sacerdócio. Sei disso por mim mesmo, pelo poder do Espírito Santo. Em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Wilford Woodruff, “The Rights of the Priesthood” [Os Direitos do Sacerdócio], *Deseret Weekly*, 17 de março de 1894, p. 381.
2. Ver Doutrina e Convênios 84:30; 107:14.
3. Doutrina e Convênios 84:17.
4. Doutrina e Convênios 107:18–19.
5. Alma 13:6–9 sugere que os profetas do Livro de Mórmon possuíam o Sacerdócio de Melquisedeque.
6. Mosias 4:29–30.
7. Ver Alma 56:47.
8. Ver Lucas 22:32.
9. Doutrina e Convênios 84:106–108.

Princípios e Promessas

Que cuidemos de nosso corpo e de nossa mente, guardando os princípios estabelecidos na Palavra de Sabedoria, um plano divinamente providenciado.

Esta noite, irmãos, rogo para ter a orientação de nosso Pai Celestial ao compartilhar minha mensagem com vocês.

Em 1833, o Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith um plano para termos uma vida saudável. Conhecemos essa revelação como Palavra de Sabedoria, que está na seção 89 de Doutrina e Convênios. Somos instruídos especificamente sobre o que devemos comer e sobre o uso de substâncias proibidas que são prejudiciais ao nosso corpo.

Aqueles que são obedientes aos mandamentos do Senhor e que fielmente observam a Palavra de Sabedoria têm bênçãos prometidas e específicas, que incluem boa saúde e vigor físico.¹

Recentemente, li o relato de uma história dramática sobre essas promessas. John A. Larsen, um fiel membro da Igreja, serviu durante a Segunda Guerra Mundial, na Guarda Costeira dos Estados Unidos, no navio *USS Cambria*. Durante uma batalha nas Filipinas, chegou a notícia de que





um esquadrão de bombardeiros e de aviões kamikaze de combate se aproximavam. Ordens de evacuação imediata foram dadas. Por causa da total destruição do navio *USS Cambria*, John e três companheiros reuniram seus equipamentos e correram para a praia, na esperança de partir em outro navio. Felizmente, um navio rebocador os levou até o último navio que partiria da baía. Os homens do navio de partida, em um esforço para sair o mais rapidamente possível, estavam ocupados no convés e tiveram tempo apenas para jogar cordas para os quatro homens a fim de subirem para o convés.

John tinha um rádio muito pesado amarrado em suas costas e, de repente, estava balançando na ponta de uma corda de 12 metros, na lateral de um navio que partiria para o mar aberto. Ele começou a escalar a corda

lentamente, ciente de que, se escorregasse, certamente morreria. Depois de subir apenas um terço do percurso, ele sentiu seus braços queimarem de tanta dor. Ele estava tão fraco que sentia não ser mais capaz de agarrar-se à corda.

Com suas forças esgotadas e arrebatado pelo sombrio destino, John silenciosamente clamou a Deus, dizendo-Lhe que sempre guardara a Palavra de Sabedoria e vivera em retidão e que, naquele momento, precisava desesperadamente das bênçãos prometidas.

John disse mais tarde que, ao terminar sua oração, sentiu-se revigorado. Ele começou a escalar a corda novamente e parecia voar. Quando chegou ao convés, sua respiração era normal — e sem qualquer dificuldade. As bênçãos de saúde e vigor prometidas

na Palavra de Sabedoria foram-lhe concedidas. Então, ele deu graças a seu Pai Celestial pela resposta desesperada à oração de socorro e aquele seria um lembrete para o resto de sua vida.²

Irmãos, que cuidemos de nosso corpo e de nossa mente, guardando os princípios estabelecidos na Palavra de Sabedoria, um plano divinamente providenciado. Com todo o meu coração e minha alma, testifico das gloriosas bênçãos que nos aguardam. Que seja assim, oro em nome de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Doutrina e Convênios 89:18–21.
2. Ver John A. Larsen, em Robert C. Freeman e Dennis A. Wright, comps., *Saints at War: Experiences of Latter-day Saints in World War II* [Santos na Guerra: Experiências de Santos dos Últimos Dias Durante a II Guerra Mundial], 2001, pp. 350–351; usado com permissão.

As Autoridades Gerais e a Liderança Geral de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro



Thomas S. Monson
Presidente



Dieter F. Uchtdorf
Segundo Conselheiro

O QÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS



Russell M. Nelson



Dallin H. Oaks



M. Russell Ballard



Robert D. Hales



Jeffrey R. Holland



David A. Bednar



Quentin L. Cook



Todd Christofferson



Neil L. Andersen



Ronald A. Rasband



Gary E. Stevenson



Dale G. Renlund

A PRESIDÊNCIA DOS SETENTA



L. Whitney Clayton



Donald L. Hallstrom



Richard J. Maynes



Craig C. Christensen



Ulisses Soares



Lynn G. Robbins



Gerrit W. Gong

SETENTAS AUTORIDADES GERAIS

(em ordem alfabética)



Marcos A. Aloukhalis



Jose L. Alonso



Wilford W. Andersen



Ian S. Aderin



Mervyn B. Arnold



W. Mark Bassett



David S. Baxter



Randall K. Bennett



Shayne M. Bowen



Mark A. Bragg



Craig A. Cardon



Yoon Hwan Choi



Kim B. Clark



Weatherford T. Clayton



Carl B. Cook



Lawrence E. Corbridge



Valeri V. Corodin



J. Devin Cornish



Claudio R. M. Costa



Joaquin E. Costa



LeGrande R. Curtis Jr.



Massimo De Leo



Benjamin De Hoyos



Edward Dube



Kevin R. Durcan



Larry J. Echo Hawk



Timothy J. Dyckes



Stanley G. Ellis



David F. Evans



Enrique R. Fababella



Bradley D. Foster



Randy D. Funk



Eduardo Gavaret



Robert C. Gay



Carlos A. Gooby



Christoffel Golden



Walter F. Gonzalez



C. Scott Grow



O. Vincent Hebeck



Kevin S. Hamilton



James J. Hamula



Allen D. Haynie



Paul V. Johnson



Larry S. Kacher



Patrick Kearon



Von G. Keetch



Jurg Klingbiang



Erich W. Kopschke



Larry R. Lawrence



Hugo E. Martinez



James B. Martino



Peter F. Meus



Hugo Montoya



Marcus B. Nish



K. Brett Naitress



S. Gifford Nielsen



Brent H. Nielson



Adrian Ochua



Allan F. Paetzer



S. Mark Palmer



Kevin W. Pearson



Anthony D. Peckins



Paul B. Pieper



Rafael E. Pino



Bruce D. Porter



Michael T. Ringwood



Gary B. Sablin



Evan A. Schmitz



Gregory A. Schwitzer



Joseph W. Sijari



Steven E. Snow



Vern P. Stanfill



Michael John U. Teh



Jose A. Teixeira



Juan A. Uceda



Arnulfo Valenzuela



Terence M. Vinson



Scott D. Whiting



Larry Y. Wilson



Chi Hong (Sam) Wong



Kazuhiko Yamashita



Jorge F. Zeballos

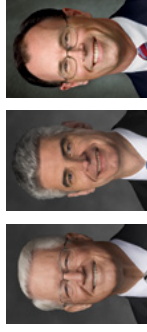


Claudio D. Zivic



W. Craig Zwick

O BISPADO PRESIDENTE



Dean M. Daviles
Primeiro Conselheiro



Gerald Causse
Bispo Presidente



Wj. Christopher Waddell
Segundo Conselheiro

LIDERANÇA GERAL



Devin G. Durant
Primeiro Conselheiro



Tad R. Callister
Presidente



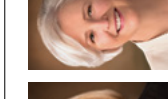
Brian K. Ashton
Segundo Conselheiro



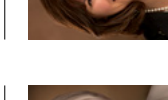
Carol F. McConkie
Primeira Conselheira



Bonnie L. Osarson
Presidente



Neill F. Marriott
Segunda Conselheira



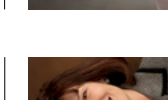
Carole M. Stephens
Primeira Conselheira



Linda K. Burton
Presidente



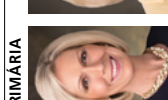
Linda S. Reeves
Segunda Conselheira



Jean B. Brigham
Primeira Conselheira



Joy D. Jones
Presidente



Bonnie H. Gordon
Segunda Conselheira



Douglas D. Holmes
Primeiro Conselheiro



Stephen W. Owen
Presidente



M. Joseph Brough
Segundo Conselheiro



Douglas D. Holmes
Primeiro Conselheiro



Presidente Thomas S. Monson

O Caminho Perfeito para a Felicidade

Testifico da grande dádiva que é o plano de nosso Pai para nós. É o único caminho perfeito para a paz e para a felicidade.

Meus amados irmãos e irmãs, quer estejam aqui no Centro de Conferências ou no mundo todo, sinto-me imensamente grato pela oportunidade de compartilhar meus pensamentos com vocês nesta manhã.

Há 52 anos, em julho de 1964, eu tinha uma designação na Cidade de

Nova York, durante a época em que a Feira Mundial estava sendo realizada. Certa manhã, visitei o Pavilhão Mórmon na feira. Cheguei pouco antes de uma apresentação do filme da Igreja *O Homem em Busca da Felicidade*, uma representação do Plano de Salvação que se tornou um clássico da Igreja.

Sentei-me ao lado de um rapaz que tinha talvez 35 anos de idade. Conversei brevemente com ele. Ele não era membro da nossa Igreja. Em seguida, as luzes se apagaram e o filme começou.

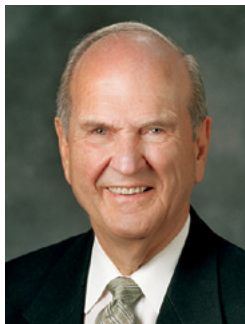
Ouvíamos a voz do narrador conforme ele fazia as pungentes e universais perguntas: De onde vim? Por que estou aqui? Para onde irei quando partir desta vida? Todos prestaram atenção às respostas e tinham os olhos fixos nas imagens retratadas. Foi dada uma descrição de nossa vida pré-mortal, incluindo uma explicação sobre nosso propósito na Terra. Testemunhamos uma tocante representação do falecimento de um avô idoso e de seu glorioso reencontro com seus entes queridos que partiram antes dele para o mundo espiritual.

Ao final dessa bela representação do plano de nosso Pai Celestial para nós, o público saiu silenciosamente, muitos visivelmente tocados pela mensagem do filme. O jovem visitante que estava ao meu lado não se levantou. Perguntei-lhe se tinha gostado da apresentação. Ele respondeu enfaticamente: “Essa é a verdade!”

O plano de nosso Pai para nossa felicidade e para nossa salvação é compartilhado por nossos missionários no mundo todo. Nem todas as pessoas que ouvem essa mensagem a aceitam ou escolhem segui-la. No entanto, homens e mulheres no mundo todo, assim como meu jovem amigo na Feira Mundial de Nova York, reconhecem suas verdades e firmam seus pés no caminho que os conduzirá em segurança para casa. A vida deles é mudada para sempre.

Nosso Salvador, Jesus Cristo, é essencial ao plano. Sem Seu sacrifício expiatório, tudo estaria perdido. No entanto, não é o suficiente acreditar





Presidente Russell M. Nelson
Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos

Nele e em Sua missão. Precisamos trabalhar e aprender, buscar e orar, arrependemo-nos e melhorar. Precisamos conhecer as leis de Deus e vivê-las. Precisamos receber Suas ordenanças de salvação. Somente dessa forma obteremos a verdadeira e eterna felicidade.

Somos abençoados por *termos* a verdade. Temos o dever de *compartilhar* a verdade. *Vivamos* a verdade para que mereçamos tudo o que o Pai tem para nós. Ele nada faz que não seja em nosso benefício. Ele nos disse: “Esta é minha obra e minha glória: Levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem”.¹

Do fundo de minha alma, e com toda humildade, testifico da grande dádiva que é o plano de nosso Pai para nós. É o único caminho perfeito para a paz e para a felicidade tanto aqui quanto no mundo vindouro.

Irmãos e irmãs, ao encerrar, deixo com vocês meu amor e minha bênção, e o faço em nome de nosso Salvador e Redentor, sim, Jesus Cristo. Amém. ■

NOTA

1. Moisés 1:39.

Alegria e Sobrevivência Espiritual

Quando o enfoque de nossa vida é Jesus Cristo e Seu evangelho, podemos sentir alegria a despeito do que está acontecendo – ou não – em nossa vida.

Amados irmãos e irmãs, gostaria de abordar um princípio que é fundamental para nossa sobrevivência espiritual. É um princípio que se torna ainda mais importante à medida que aumentam as tragédias e as dissimulações ao nosso redor.

Estes são os últimos dias, portanto nenhum de nós deve se surpreender quando vemos profecias sendo cumpridas. Uma série de profetas, inclusive Isaías, Paulo, Néfi e Mórmon, previu

que sobreviriam tempos trabalhosos,¹ que em nossos dias toda a Terra estaria em comoção,² que os homens seriam “amantes de si mesmos, (...) sem afeto natural, (...) mais amantes dos deleites do que amantes de Deus”,³ e que muitos se tornariam servos de Satanás, que apoiam o trabalho do adversário.⁴ Na verdade, vocês e eu “[lutamos] (...) contra os príncipes das trevas deste mundo [e] contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais”.⁵



À medida que conflitos entre nações se intensificam, que terroristas covardemente ferem inocentes e a corrupção se torna cada vez mais comum em todos os âmbitos, o que pode nos ajudar? O que pode ajudar cada um de nós em nossos problemas pessoais e no rigoroso desafio de viver nestes últimos dias?

O Profeta Leí ensinou um princípio para a sobrevivência espiritual. Primeiro, reflitam sobre as condições dele: ele havia sido perseguido em Jerusalém por pregar a verdade e havia sido ordenado pelo Senhor a deixar seus pertences e a fugir com sua família para o deserto. Ele vivia em uma tenda e sobrevivia com a comida que encontrava, em direção a um destino desconhecido, e tinha visto dois de seus filhos, Lamã e Lemuel, se rebelarem contra os ensinamentos do Senhor e atacarem seus irmãos Néfi e Sam.

Sem dúvida, Leí compreendia a oposição, a ansiedade, a dor, a decepção e a tristeza. Ainda assim, sem relutar, ele declarou com coragem um princípio conforme revelado pelo Senhor: “Os homens existem para que tenham alegria”.⁶ Pensem nisso! De todas as palavras que ele poderia ter usado para descrever a natureza e o propósito de nossa vida aqui na mortalidade, ele escolheu a palavra *alegria*!

A vida está repleta de desvios, becos sem saída, provações e desafios de todo o tipo. Cada um de nós provavelmente já passou por momentos em que a agonia, a angústia e o desespero quase nos consumiram. Mas estamos aqui para ter alegria?

Sim! A resposta é um sonoro sim! Mas como isso é possível? E o que devemos fazer para reivindicar a alegria que o Pai Celestial reservou para nós?

Eliza R. Snow, a segunda presidente geral da Sociedade de Socorro, nos

deu uma resposta fascinante. Devido à infame ordem de extermínio do Missouri, promulgada no início do rigoroso inverno de 1838,⁷ ela e outros santos foram forçados a fugir do Estado naquele inverno. Certa vez, a família de Eliza passou a noite em uma pequena cabana usada pelos santos refugiados. A maioria das ripas entre as toras tinha sido extraída e queimada como lenha por aqueles que os precederam, e entre as toras havia buracos grandes o bastante para que um gato passasse por eles. Estava um frio intenso, e a comida deles estava congelada.

Naquela noite, aproximadamente 80 pessoas se reuniram dentro daquela pequena cabana, que media apenas seis metros quadrados. A maioria das pessoas ficaram sentadas ou em pé durante toda a noite tentando se manter aquecidas. Do lado de fora, um grupo de homens passou a noite em torno de uma grande fogueira; alguns cantavam hinos e outros assavam batatas congeladas. Eliza registrou: “Nenhuma reclamação foi ouvida, todos estavam alegres e, a julgar pela aparência, estranhos teriam nos considerado como turistas, e não um grupo de exilados pelo governador”.

O relato que Eliza fez daquela noite exaustiva e arrepiante foi extremamente otimista. Ela declarou: “Foi uma noite muito alegre. Ninguém, além dos santos, pode ser feliz em qualquer circunstância”.⁸

É isso! Os santos podem ser felizes em qualquer circunstância. Podemos sentir alegria mesmo quando temos um dia ruim, uma semana ruim ou até mesmo um ano ruim!

Meus amados irmãos e irmãs, a alegria que sentimos tem pouco a ver com as circunstâncias de nossa vida e tem tudo a ver com o enfoque de nossa vida.

Quando o enfoque de nossa vida é o Plano de Salvação criado por Deus — o que o Presidente Thomas S. Monson acabou de ensinar — e em Jesus Cristo e Seu evangelho, podemos sentir alegria a despeito do que está acontecendo — ou não — em nossa vida. A alegria vem Dele e por causa Dele. Ele é a fonte de toda alegria. Temos esse sentimento durante a época de Natal, quando cantamos: “Mundo feliz, nasceu Jesus”.⁹ E podemos ter esse sentimento durante o ano inteiro. Para os santos dos últimos dias, Jesus Cristo é alegria!

É por isso que nossos missionários deixam sua casa para pregar o evangelho Dele. O objetivo dos missionários não é o de aumentar o número de membros da Igreja. Em vez disso, nossos missionários ensinam e batizam¹⁰ para trazer alegria às pessoas do mundo!¹¹

Assim como o Salvador nos proporciona a paz que “excede todo o entendimento”,¹² Ele também nos proporciona uma intensa, profunda e ampla alegria que desafia a lógica humana ou a compreensão mortal. Por exemplo, não parece possível ter alegria quando um filho sofre com uma doença incurável, quando se perde o emprego ou quando seu cônjuge o trai. Porém, essa é justamente a alegria que o Salvador proporciona. Sua alegria é constante e nos confirma que nossas “aflições não durarão mais que um momento”¹³ e serão consagradas para nosso benefício.¹⁴

Como, então, podemos reivindicar essa alegria? Podemos começar “olhando para Jesus, autor e consumador da fé”¹⁵ “em cada pensamento”.¹⁶ Podemos mostrar-Lhe nossa gratidão em nossas orações e cumprindo os convênios que fizemos com Ele e com nosso Pai Celestial. Quando nosso Salvador Se tornar cada vez mais real

para nós e suplicarmos que Sua alegria nos seja concedida, nossa alegria aumentará.

A alegria é poderosa, e concentrar-nos na alegria traz o poder de Deus à nossa vida. Como em todas as coisas, Jesus Cristo é nosso exemplo supremo, “o qual pela alegria que lhe estava proposta suportou a cruz”.¹⁷ Pensem nisso! Para que Ele suportasse a experiência mais excruciante que experimentou na Terra, nosso Salvador concentrou-Se na *alegria!*

E qual era a alegria que Lhe foi proposta? Certamente incluía a alegria de nos purificar, de nos curar e de nos fortalecer; a alegria de pagar pelos pecados de todos os que se arrependessem; a alegria de possibilitar que vocês e eu voltássemos ao lar — limpos e dignos — para viver com nossos Pais Celestiais e com nossa família.

Se nos concentrarmos na alegria que nós ou as pessoas que amamos receberemos, o que seremos capazes de suportar que atualmente parece avassalador, doloroso, assustador, desleal ou simplesmente impossível?

Um pai em uma situação espiritual precária se concentrou na alegria de ser finalmente limpo e de estar bem com o Senhor — a alegria de ser libertado da culpa e da vergonha — e a alegria de ter paz de consciência. Esse enfoque deu-lhe a coragem para confessar à sua esposa e ao bispo seu problema com pornografia e sua subsequente infidelidade. Ele agora está fazendo tudo o que o bispo o aconselhou a fazer, esforçando-se de todo o seu coração para readquirir a confiança de sua querida esposa.

Uma moça se concentrou na alegria de permanecer sexualmente pura a fim

de conseguir suportar o escárnio dos amigos enquanto se afastava de uma situação popular e provocativa embora espiritualmente perigosa.

Um homem que frequentemente menosprezava sua esposa e se deixava levar por acessos de raiva contra seus filhos se concentrou na alegria de ser digno de ter o Espírito Santo como seu companheiro constante. Esse enfoque o motivou a se despojar do homem natural,¹⁸ a quem ele frequentemente sucumbia, e a fazer as mudanças necessárias.

Um estimado amigo contou-me recentemente sobre as duras provações que teve por duas décadas. Ele disse: “Aprendi a sofrer — com alegria. Meu sofrimento foi sobrepujado pela alegria em Cristo”.¹⁹

O que vocês e eu seremos capazes de suportar se nos concentrarmos na alegria que nos está “proposta”?²⁰ Que tipo de arrependimento será possível? Que coisas fracas se tornarão fortes?²¹ Que correção se tornará uma bênção?²² Quais decepções, ou até mesmo tragédias, serão para o nosso bem?²³ E que serviço desafiador seremos capazes de oferecer ao Senhor?²⁴

Ao nos concentrarmos diligentemente no Salvador e depois seguirmos Seu padrão de nos concentrar na alegria, precisamos evitar as coisas que podem interromper nossa alegria. Vocês se lembram de Corior, o anticristo? Pregando falsidades sobre o Salvador, Corior foi de um lugar a outro até que foi levado a um sumo sacerdote, que lhe perguntou: “Por que andas pervertendo os caminhos do Senhor? Por que ensinas a este povo que não haverá Cristo e interrompes seu regozijo?”²⁵

Qualquer coisa que se oponha a Cristo ou à Sua doutrina vai interromper nossa alegria. Isso inclui as





filosofias dos homens, tão comuns na Internet e no mundo dos blogs, que fazem exatamente o que Corior fez.²⁶

Se olharmos para o mundo e seguirmos suas fórmulas para a felicidade,²⁷ nunca vivenciaremos a alegria. Os iníquos podem vivenciar um grande número de sensações e emoções, mas eles nunca vivenciarão a alegria.²⁸ A alegria é uma dádiva para os fiéis.²⁹ É a dádiva que advém de intencionalmente tentarmos viver em retidão conforme ensinado por Jesus Cristo.³⁰

Ele nos ensinou como ter alegria. Quando escolhemos o Pai Celestial para ser nosso Deus³¹ e quando sentimos a Expição do Salvador operando em nossa vida, ficamos repletos de alegria.³² Todas as vezes que nutrimos nosso cônjuge e guiamos nossos filhos, todas as vezes que perdoamos alguém ou pedimos perdão, podemos sentir alegria.

Todos os dias que vocês e eu escolhemos viver leis celestiais, todos os dias que guardamos nossos convênios e ajudamos outras pessoas a fazerem o mesmo, temos alegria.

Deem ouvidos a estas palavras do salmista: “Tenho posto o Senhor continuamente diante de mim; por ele estar à minha mão direita, nunca vacilarei. (...) Na [Sua] presença há fartura de alegrias”.³³ Conforme esse princípio for alicerçado em nosso coração, todos os dias poderão ser dias de alegria e

felicidade.³⁴ Presto testemunho disso no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver 2 Timóteo 3:1–5.
2. Ver Doutrina e Convênios 45:26; 88:91.
3. 2 Timóteo 3:2–4.
4. Ver Doutrina e Convênios 10:5.
5. Efésios 6:12.
6. 2 Néfi 2:25.
7. O governador do Missouri, Lilburn W. Boggs, promulgou a ordem de extermínio mórmon em 27 de outubro de 1838 (ver *Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 367).
8. Ver Eliza R. Snow, em Edward W. Tullidge, *The Women of Mormondom* [As Mulheres do Mormonismo], 1877, pp. 145–146.
9. “Mundo Feliz, Nasceu Jesus”, *Hinos*, nº 121.
10. Os missionários fazem conforme o Senhor ordenou: eles pregam, ensinam e batizam em Seu nome (ver Mateus 28:19; Marcos 16:15; Mórmon 9:22; Doutrina e Convênios 68:8; 84:62; 112:28). Em Sua Oração Intercessória, Jesus proclamou a relação entre Ele e a alegria de Seus discípulos. Ele disse: “E digo isso no mundo, para que tenham a *minha* alegria completa em si mesmos” (João 17:13; grifo do autor).
11. Ver Alma 13:22.
12. Filipenses 4:7.
13. Doutrina e Convênios 121:7.
14. Ver 2 Néfi 2:2.
15. Hebreus 12:2.
16. Doutrina e Convênios 6:36.
17. Hebreus 12:2.
18. Ver Mosias 3:19. Observação: o “homem natural” não é somente inimigo de Deus; ele também é inimigo de sua esposa e de seus filhos.
19. Ver Alma 31:38.
20. Hebreus 12:2.
21. Ver Éter 12:27.
22. Ver Hebreus 12:6.
23. Ver Doutrina e Convênios 122:7.
24. Ver Mateus 19:26; Marcos 10:27.
25. Alma 30:22. O Livro de Mórmon está

repleto de exemplos de homens e mulheres que vivenciaram alegria e regozijo *porque escolheram seguir Jesus Cristo*.

- Qualquer outra escolha, como no caso de Corior, leva a uma futura destruição.
26. *Calúnia*, no sentido de distorção, é definida como uma declaração falsa e maliciosa que visa a prejudicar a reputação de alguém ou de algo. Calúnias aconteciam nos dias de Corior e estão acontecendo agora. O Profeta Joseph Smith falou sobre a invencibilidade da Igreja mesmo diante de calúnia. Ele disse: “Nenhuma mão ímpia conseguirá impedir o progresso desta obra; mesmo que sejam deflagradas violentas perseguições, que se reúnam multidões enfurecidas, que exércitos sejam mobilizados, mesmo que haja calúnias e difamações, a verdade de Deus seguirá adiante, com destemor, nobreza e independência, até que tenha penetrado em todos os continentes, visitado todas as regiões, varrido todos os países e soado em todos os ouvidos, até que os propósitos de Deus sejam cumpridos, e o Grande Jeová declare estar a obra concluída” (*Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, pp. 467–468).
 27. O mundo ensina que a compra de *coisas* trará alegria. E se não trouxer, compre mais! Ele também ensina que você pode ter alegria ao cometer pecado. E se não tiver, peque mais! A promessa é que há um pote de alegria no final de cada arco-íris hedonístico. Isso não é verdade!
 28. Nem neste mundo nem no mundo vindouro.
 29. Os membros fiéis “que tiverem suportado as cruzes do mundo (...) herdarão o reino de Deus, (...) e sua alegria será completa para sempre” (2 Néfi 9:18).
 30. Para exemplos, ver 2 Néfi 27:30; Alma 27:16–18.
 31. Ver 1 Néfi 17:40.
 32. Ver Mosias 4:2–3.
 33. Salmos 16:8, 11.
 34. Ver Isaías 35:10; 2 Néfi 8:3.



Élder Peter F. Meurs
Dos Setenta

O Sacramento Pode Nos Ajudar a Tornar-nos Santos

Ponderemos cinco maneiras de aumentar o impacto e o poder de nossa participação habitual na ordenança sagrada do sacramento.

Uma de minhas lembranças mais antigas é a de reuniões sacramentais realizadas em nossa casa, em Warrnambool, Austrália. Cerca de 10 ou 15 pessoas frequentavam o nosso ramo, e meu pai, um dos três portadores do sacerdócio, tinha a oportunidade de abençoar o sacramento com frequência. Lembro-me do que sentia quando ele lia com humildade e atenção as palavras das orações sacramentais. Muitas vezes, sua voz tremia ao sentir o Espírito. Às vezes, ele tinha que fazer uma pausa para controlar a emoção antes de terminar a oração.

Como eu só tinha 5 anos, não conseguia entender o pleno significado do que estava sendo dito ou feito; no entanto, eu sabia que algo especial estava acontecendo. Eu podia sentir a influência calma e reconfortante do Espírito Santo enquanto meu pai ponderava o amor do Salvador por nós.

O Salvador ensinou: “E isto fareis sempre a todos os que se arrependem e forem batizados em meu nome; e o fareis em lembrança do meu

sangue que derramei por vós, a fim de que testifiqueis ao Pai que sempre vos lembrais de mim. E se vos lembrardes sempre de mim, tereis o meu Espírito convosco” (3 Néfi 18:11).

Faço um convite para que ponderemos cinco maneiras de aumentar o impacto e o poder de nossa participação habitual na ordenança sagrada do sacramento, uma ordenança que pode nos ajudar a tornar-nos santos.

1. Preparar-se com Antecedência

Podemos começar nossa preparação para o sacramento muito antes do início da reunião sacramental. O sábado pode ser um ótimo dia para refletir sobre nosso progresso e nossa preparação espiritual.

A mortalidade é uma dádiva fundamental em nossa jornada para tornar-nos como o Pai Celestial. É necessário que nela haja proações e desafios que nos deem oportunidades de mudar e crescer. O rei Benjamim ensinou que “o homem natural é inimigo de Deus e tem-no sido desde a queda de Adão e sê-lo-á para sempre; a não ser que ceda ao influxo do Santo Espírito e despoje-se do homem natural e torne-se santo pela expiação de Cristo, o Senhor” (Mosias 3:19). A participação na ordenança do sacramento nos dá a oportunidade de entregar mais plenamente nossa alma e nosso coração a Deus.

Em nossa preparação, nosso coração torna-se quebrantado ao expressarmos gratidão pela Expição de Cristo, ao nos arrependermos de nossos erros e nossas falhas e ao pedirmos ajuda ao Pai em nossa jornada contínua para tornar-nos mais semelhantes a Ele. Podemos então aguardar ansiosamente pela





oportunidade que o sacramento nos dá de lembrar-nos de Seu sacrifício e de renovar nosso compromisso de cumprir todos os convênios que fizemos.

2. Chegar Cedo

A experiência do sacramento pode se tornar ainda melhor se chegarmos bem antes da reunião e meditarmos ao ouvir o prelúdio.

O Presidente Boyd K. Packer ensinou: “O prelúdio musical reverentemente executado nutre o espírito e convida a inspiração”.¹ “Esse não é um momento”, explicou o Presidente Russell M. Nelson, “de conversar ou de transmitir mensagens, mas um período de meditação em espírito de oração, em que os líderes e os membros se preparam espiritualmente para o sacramento”.²

3. Cantar o Hino Sacramental e Aprender com Sua Letra

O hino sacramental é uma parte especialmente importante de nossa experiência com o sacramento. A

música eleva nossos pensamentos e nossos sentimentos. O hino sacramental tem ainda mais influência quando nos concentramos na letra e na poderosa doutrina nela ensinada. Aprendemos muito, por exemplo, com as palavras “com sofrimento e dor, cumpres a lei”,³ “deve ser pura nossa mão, nosso intento e coração”⁴ e “perdão, justiça, redenção, ao pobre pecador”.⁵

Ao cantarmos um hino em preparação para partilhar dos emblemas, as palavras podem se tornar parte do nosso compromisso de cumprir o convênio. Ponderem este verso, por exemplo: “Nós te amamos, Senhor; nosso coração transborda. Andaremos no Teu caminho”.⁶

4. Participar Espiritualmente das Orações Sacramentais (Ver Morôni 4-5)

Em vez de ignorar as palavras já conhecidas das orações sacramentais, podemos aprender muito e desfrutar ainda mais ao participarmos espiritualmente, pensando nos compromissos e

nas bênçãos a eles associadas que são mencionados nas sagradas orações.

O pão e a água são abençoados e santificados para a nossa alma. Eles nos lembram do sacrifício do Salvador e de que Ele pode nos ajudar a tornar-nos santos.

As orações explicam que comemos o pão em lembrança do corpo do Filho, que Ele deu como resgate para qualificar todos para a ressurreição, e tomamos a água em lembrança do sangue do Filho, que Ele livremente derramou para que pudéssemos ser redimidos sob a condição de arrependimento.

As orações começam a citar os convênios com a frase “que desejam” (Morôni 4:3). Essa frase pode exercer muito poder sobre nós! Estamos dispostos a servir e a participar? Estamos dispostos a mudar? Estamos dispostos a superar nossas fraquezas? Estamos dispostos a ajudar e a abençoar outras pessoas? Estamos dispostos a confiar no Salvador?

À medida que as promessas são proferidas e que partilhamos do

sacramento, confirmamos em nosso coração que estamos dispostos a:

- Tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo.
- Esforçar-nos para cumprir todos os Seus mandamentos.
- Recordá-Lo sempre.

A oração termina com um convite e uma promessa sublimes: “Para que possam ter sempre consigo o seu Espírito” (Morôni 4:3).

Paulo escreveu: “O fruto do Espírito é caridade, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão [e] temperança” (Gálatas 5:22). Lindas bênçãos e dádivas estão à nossa disposição se cumprirmos nossos convênios.

5. Ponderar e Lembrar-se Dele Enquanto os Emblemas São Distribuídos

Os momentos reverentes em que os portadores do sacerdócio distribuem o sacramento podem tornar-se sagrados para nós.

Quando o pão é distribuído, podemos refletir sobre aquele ato sublime de amor em que o Salvador “[tomou] sobre si a morte, para soltar as ligaduras da morte que prendem o seu povo” (Alma 7:12).

Podemos lembrar a bênção gloriosa da ressurreição que “acontecerá com todos, (...) tanto escravos como livres, tanto homens como mulheres, tanto iníquos como justos; e não se perderá um único cabelo de sua cabeça, mas tudo será restaurado à sua perfeita estrutura” (Alma 11:44).

Quando a água é distribuída, podemos nos lembrar do apelo do Salvador:

“Pois eis que eu, Deus, sofri essas coisas por todos, para que não precisem sofrer caso se arrependam; (...)”

Sufrimento que fez com que eu, Deus, o mais grandioso de todos,

tremesse de dor e sangrasse por todos os poros; e sofresse, tanto no corpo como no espírito — e desejasse não ter de beber a amarga taça e recuar” (D&C 19:16, 18).

Lembramos que Ele tomou “sobre si as [nossas] enfermidades, para que se lhe encham de misericórdia as entranhas, segundo a carne, para que saiba, segundo a carne, como socorrer seu povo, de acordo com [nossas] enfermidades” (Alma 7:12).

Ao ponderar nossa experiência com o sacramento, talvez nos perguntemos:

- O que farei esta semana a fim de me preparar melhor para o sacramento?
- Será que eu poderia contribuir mais para a reverência e o ambiente de revelação que podem permear o início da reunião sacramental?



- Que doutrina foi ensinada no hino sacramental?
- O que ouvi e senti quando escutei as orações sacramentais?
- No que pensei quando o sacramento foi distribuído?

O Élder David A. Bednar ensinou: “A ordenança do sacramento é um convite sagrado e constante para nos arrependermos sinceramente e sermos renovados espiritualmente. O ato de tomar o sacramento, por si só, não perdoa os pecados. Mas, à medida que nos preparamos conscientemente e participamos dessa ordenança sagrada com um coração quebrantado e um espírito contrito, a promessa é a de que teremos *sempre* conosco o Espírito do Senhor. E pelo poder santificador do Espírito Santo como nosso companheiro constante, podemos *sempre* conservar a remissão de nossos pecados”.⁷

Testifico que inúmeras bênçãos estão disponíveis para nós ao melhorarmos nossa preparação e nossa participação espiritual na ordenança do sacramento. Testifico ainda que essas bênçãos estão a nosso dispor por causa do amor do Pai Celestial e do sacrifício expiatório infinito de Seu Amado Filho, Jesus Cristo. No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Boyd K. Packer, “Revelação Pessoal: O Dom, o Teste e a Promessa”, *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 66.
2. Russell M. Nelson, “Adoração na Reunião Sacramental”, *A Liahona*, agosto de 2004, p. 13.
3. “Jesus de Nazaré, Mestre e Rei”, *Hinos*, nº 106.
4. “Enquanto Unidos em Amor”, *Hinos*, nº 103.
5. “Da Corte Celestial”, *Hinos*, nº 114.
6. “As Now We Take the Sacrament” [Ao Tomarmos o Sacramento], *Hymns*, nº 169.
7. David A. Bednar, “Conservar Sempre a Remissão de Seus Pecados”, *A Liahona*, maio de 2016, p. 61.



Linda S. Reeves

Segunda Conselheira na Presidência Geral
da Sociedade de Socorro

O Grande Plano de Redenção

Sei que, quando nos arrependemos sinceramente, nossos pecados realmente desaparecem – sem deixar rastros!

Alguns meses antes de o Presidente Boyd K. Packer falecer, ele discursou, em uma preciosa oportunidade, para a liderança geral do sacerdócio e das auxiliares. Eu não consigo parar de pensar no que ele disse. Ele compartilhou que fizera uma retrospectiva de sua vida, procurando evidências de pecados que cometera e dos quais tinha se arrependido sinceramente, e não achou *vestígio algum* deles. Por meio do sacrifício expiatório de nosso amado Salvador, Jesus Cristo, e por meio do arrependimento sincero, seus pecados tinham desaparecido completamente, como se nunca tivessem existido. Em seguida o Presidente Packer desafiou a nós, líderes, a testificarmos que isso acontece com todos os que se arrependem sinceramente.

Sei de um homem que se envolveu com transgressões morais há vários anos. Por um tempo, ele se sentiu envergonhado e preocupado demais para conseguir se abrir com sua esposa e seus líderes do sacerdócio. Ele queria se arrepender plenamente, mas, na verdade, expressou que estava disposto a desistir de sua própria salvação eterna para não expor sua esposa e seus filhos

à mágoa, à vergonha ou a qualquer outra consequência que poderia ser causada por sua confissão.

Quando pecamos, Satanás frequentemente tenta nos convencer de que a atitude altruísta a ser tomada é proteger as outras pessoas da devastação de conhecerem nossos pecados, inclusive deixando de confessá-los ao bispo, que pode abençoar nossa vida por meio das chaves do sacerdócio como um juiz comum em Israel. A verdade, no entanto, é que a atitude altruísta e cristã a ser tomada é confessar e

arrepende-se. Esse é o grande plano de redenção estabelecido pelo Pai Celestial.

Finalmente, esse bom homem confessou à sua fiel esposa e aos líderes da Igreja, expressando profundo remorso. Embora essa tenha sido a ação mais difícil que ele já tenha tomado, os sentimentos de alívio, paz, gratidão e amor pelo nosso Salvador, e o conhecimento de que o Senhor o havia carregado e removido seu pesado fardo, deram àquele homem uma alegria inexplicável, independentemente do resultado e de seu futuro.

Ele tinha certeza de que sua esposa e seus filhos ficariam arrasados — e eles ficaram —, e de que haveria uma ação disciplinar e a desobrigação de seu chamado — o que também aconteceu. Ele tinha certeza de que sua esposa ficaria de coração partido, magoada e zangada — e ela ficou. Ele estava convencido de que ela o deixaria, levando as crianças consigo — mas ela não o fez.

Às vezes, transgressões sérias levam ao divórcio e, dependendo das circunstâncias, isso pode ser necessário. Contudo, para a surpresa daquele homem, sua esposa o abraçou e empenhou-se em ajudá-lo da melhor



maneira possível. Com o tempo, ela pôde perdô-lo completamente. Ela sentiu o poder de cura da Expição do Salvador. Hoje, anos mais tarde, esse casal e seus três filhos estão fortes e fiéis. O marido e a esposa servem no templo e têm um casamento maravilhoso e repleto de amor. A profundidade do testemunho desse homem, seu amor e sua gratidão pelo Salvador são muito evidentes em sua vida.

Amuleque testificou: “Eu quisera que já não endurecêsseis vosso coração, (...) se vos arrepende-des (...), imediatamente terá efeito para vós o grande plano de redenção”.¹

Quando servi com meu marido na época em que ele presidia uma missão, certa manhã fomos ao aeroporto buscar um grande grupo de missionários. Um rapaz em particular chamou nossa atenção. Parecia triste, abatido, quase desamparado. Nós o observamos cuidadosamente naquela tarde. À noite, aquele rapaz fez uma confissão tardia, e seus líderes decidiram que ele precisava voltar para casa. Embora tivéssemos ficado muito tristes por ele não ter sido sincero e não ter se arrependido antes de sair em missão, a caminho do aeroporto nós o elogiamos com sinceridade e amor pela coragem de abrir-se conosco e prometemos manter contato com ele.

Aquele rapaz fora abençoado com pais maravilhosos, ótimos líderes do sacerdócio e uma ala que o apoiava e amava. Após um ano esforçando-se para se arrepender completamente e desfrutar da Expição do Salvador, ele pôde voltar para nossa missão. É difícil descrever os sentimentos de alegria que sentimos ao buscá-lo no aeroporto. Ele estava cheio do Espírito, feliz, confiante no Senhor e ansioso para servir uma missão fiel. Ele se tornou um missionário extraordinário. Mais tarde,

meu marido e eu tivemos o privilégio de estar presentes em seu selamento no templo.

Em contrapartida, conheço uma missionária que, sabendo que não ter confessado seu pecado antes da missão certamente a faria voltar para casa mais cedo, fez seu próprio plano de trabalhar arduamente durante a missão e confessar ao presidente apenas alguns dias antes de completar a missão. Faltava-lhe o pesar segundo Deus, e ela tentou criar atalhos no plano que nosso amoroso Salvador ofereceu a cada um de nós.

Durante nossa missão, certa vez acompanhei meu marido quando entrevistou um homem a ser batizado. Enquanto meu marido realizava a entrevista, eu esperava do lado de fora com as missionárias que haviam ensinado esse homem. Assim que a entrevista acabou, meu marido informou às missionárias que o homem poderia ser batizado. Aquele bom homem chorou muito ao explicar que tinha certeza de que as coisas que fizera em sua vida o impediriam de estar pronto para o batismo. Raras vezes presenciei a alegria e a felicidade de alguém que saía das trevas para a luz semelhantes às que testemunhei naquele dia.

O Élder D. Todd Christofferson testificou:

“Com fé [em nosso] misericordioso Redentor e em Seu poder, o desespero em potencial transforma-se em esperança. O próprio coração e os desejos da pessoa mudam, e o pecado que antes era tentador torna-se cada vez mais abominável. (...)”

Seja qual for o custo do arrependimento, ele é absorvido pela alegria do perdão”.²

Essas experiências me lembram da história de Enos no Livro de Mórmon. Ele “[clamou ao Senhor], em fervorosa oração” e, em seguida, ouviu uma voz,

dizendo: “Enos, perdoados são os teus pecados. (...)”

E eu, Enos, sabia que Deus não podia mentir; portanto, a minha culpa foi apagada.

E eu disse: Senhor, como isso aconteceu?

E ele respondeu-me: Por causa da tua fé em Cristo. (...) Portanto, vai, tua fé te salvou”.³

Ao preparar este discurso, quis compreender como nossos netos entendem o arrependimento e como se sentem em relação ao Salvador, então pedi a nossos filhos que fizessem a meus netos as seguintes perguntas. Senti-me emocionada com suas respostas.

O que é o arrependimento?
“Quando batemos em alguém, podemos pedir desculpa e ajudar essa pessoa a se levantar.”

Como você se sente quando se arrepende? “Podemos sentir o Senhor, sentir Sua ternura, e o sentimento ruim vai embora.”

Como você se sente em relação a Jesus Cristo e ao Pai Celestial quando você se arrepende? “Eu sinto que Jesus acha que valeu à pena ter feito a Expição, e que Ele está feliz por podermos viver com Ele de novo.”

Por que Jesus e o Pai Celestial desejam que eu me arrependa? Nas palavras de minha neta adolescente: “Porque Eles me amam! Para progredir e me tornar como Eles, preciso me arrepender. Também quero ter o Espírito comigo, portanto preciso me arrepender todos os dias para ter Sua maravilhosa companhia. Nunca serei capaz de agradecer a Eles o suficiente”.

Quando Brynlee, de 4 anos de idade, ouviu essas perguntas, disse: “Não sei, papai. Você pode me ensinar?”

Numa conferência geral passada, o Élder Jeffrey R. Holland declarou: “Por mais tardios que se imaginem, por mais



Élder M. Russell Ballard

Do Quórum dos Doze Apóstolos

chances que achem que perderam, por mais erros que sintam ter cometido (...), ou por mais longe do lar, da família e de Deus que achem que se afastaram, testifico-lhes que vocês *não* foram para além do alcance do amor divino. Não lhes é possível afundar tanto a ponto de não ver brilhar a infinita luz da Expição de Cristo”.⁴

Ah, como desejo que meus filhos, meus netos e cada um de vocês, meus irmãos e irmãs, sintam a alegria e a proximidade do Pai Celestial e de nosso Salvador ao se arrependem diariamente de seus pecados e de suas fraquezas. Cada filho responsável do Pai Celestial necessita de arrependimento. Ponderem quais são os pecados dos quais precisamos nos arrepender. O que nos impede? Em quais aspectos precisamos melhorar?

Sei que, assim como o Presidente Packer vivenciou e testificou, quando nos arrependemos sinceramente, nossos pecados realmente desaparecem — sem deixar rastros! Já senti pessoalmente o amor, a alegria, o alívio e a confiança perante o Senhor ao me arrepender sinceramente.

Para mim, os maiores milagres nesta vida não são abrir o Mar Vermelho, mover montanhas, ou mesmo curar o corpo. O maior milagre acontece quando nos achegamos humildemente a nosso Pai Celestial em oração, rogamos fervorosamente por Seu perdão e depois somos limpos desses pecados por meio do sacrifício expiatório de nosso Salvador. No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Alma 34:31.

2. D. Todd Christofferson, “A Divina Dádiva do Arrependimento”, *A Liahona*, novembro de 2011, p. 40.

3. Enos 1:4–8

4. Jeffrey R. Holland, “Os Trabalhadores da Vinha”, *A Liahona*, maio de 2012, p. 33.

Para Quem Iremos Nós?

No final, cada um de nós terá de responder à pergunta do Salvador: “Quereis vós também retirar-vos?”

Há vários anos, minha família e eu fomos à Terra Santa. Uma das minhas lembranças vívidas dessa viagem foi uma visita que fizemos ao cenáculo em Jerusalém, o local da última ceia, segundo a tradição.

Enquanto estávamos naquele lugar, li para eles João 17, quando Jesus rogou ao Pai por Seus discípulos:

“Eu rogo por eles; (...) para que sejam um, assim como nós. (...)”

E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim.

Para que todos sejam um como tu, ó Pai, és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós”.¹

Fiquei profundamente emocionado ao ler essas palavras e orar naquele local sagrado para que eu fosse sempre um com minha família, com o Pai Celestial e com Seu Filho.

Os preciosos relacionamentos que temos com a família, os amigos, o Senhor e Sua Igreja restaurada estão entre as coisas que mais importam nesta vida. Como esses relacionamentos são muito importantes, eles devem ser valorizados, protegidos e nutridos.

Uma das histórias mais tristes das escrituras ocorreu quando “muitos dos (...) discípulos [do Senhor]” acharam difícil aceitar Seus ensinamentos e Sua

doutrina e “tornaram para trás, e *já não andavam com ele*”.²

Quando esses discípulos saíram, Jesus voltou-Se para os Doze e perguntou: “Quereis vós também retirar-vos?”³

Pedro respondeu:

“Senhor, *para quem iremos nós?* Tu tens as palavras da vida eterna.

E nós cremos e sabemos que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”.⁴

Naquele momento em que outros se concentraram no que não conseguiam aceitar, os apóstolos decidiram se concentrar no que *realmente* acreditavam e sabiam, portanto, permaneceram com Cristo.

Tempos depois, no dia de Pentecostes, os Doze receberam o dom do Espírito Santo. Tornaram-se destemidos em seu testemunho de Cristo e começaram a entender mais plenamente os ensinamentos de Jesus.

Hoje, não é diferente. Para alguns, o convite de Cristo de acreditar e ser fiel continua a ser difícil — ou difícil de aceitar. Alguns discípulos lutam para entender uma norma ou um ensinamento específico. Outros se preocupam com fatos da nossa história ou com as imperfeições de alguns membros e líderes, do passado ou do presente. Outros ainda acham difícil viver uma religião que exige tanto. Por

fim, alguns estão “[cansados] de fazer o bem”.⁵ Por essas e outras razões, alguns membros da Igreja vacilam na fé, ficam pensando se talvez devessem seguir os que “tornaram para trás, e já não [andam]” com Jesus.

Se algum de vocês está vacilando na fé, façam-lhes a mesma pergunta que Pedro fez: “Para quem [ireis vós]?” Se vocês decidirem ficar inativos ou sair da Igreja restaurada, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, para onde irão? O que vão fazer? A decisão de “não andar mais” com os membros da Igreja e com os líderes escolhidos do Senhor terá um impacto de longo alcance que nem sempre pode ser visto neste momento. Pode haver algumas doutrinas ou normas, alguns trechos da história que não estejam de acordo com sua fé e vocês sintam que a única forma de resolver esse desconforto interior agora é “não andar mais” com os santos. Se vocês viverem tanto quanto eu, vão descobrir que as coisas têm um jeito de se resolver por si mesmas. Uma revelação ou um comentário inspirado pode trazer luz sobre um problema. Lembrem-se: a Restauração não é um evento isolado, mas é algo que continua a acontecer.

Nunca abandonem as grandes verdades reveladas por meio do Profeta Joseph Smith. Nunca parem de ler, ponderar e aplicar a doutrina de Cristo contida no Livro de Mórmon.

Nunca deixem de dar ao Senhor o tempo suficiente, por meio de tentativas honestas, para entender o que o Senhor revelou. Como disse certa vez meu querido amigo Élder Neal A. Maxwell: “Não devemos supor (...) que, só porque algo é inexplicável para nós, não tem explicação”.⁶

Por isso, antes de fazerem essa escolha espiritualmente perigosa de sair, eu os incentivo a parar e pensar bem



antes de desistirem do que lhes trouxe pela primeira vez o testemunho da Igreja restaurada de Jesus Cristo. Parem e pensem sobre o que sentiram aqui e por quê. Pensem nas ocasiões em que o Espírito Santo prestou testemunho a vocês da verdade eterna.

Aonde irão para encontrar outras pessoas que partilham de suas crenças em Pais Celestiais amorosos e pessoais, que nos ensinam como voltar à Sua presença eterna?

Aonde irão para serem ensinados sobre um Salvador que é seu melhor amigo, que sofreu não apenas por seus pecados, mas que também sofreu “dores e aflições e tentações de toda espécie” “para que se lhe encham de misericórdia as entranhas, segundo a carne, para que saiba, segundo a carne, como socorrer seu povo, de acordo com suas enfermidades”,⁷ inclusive, acredito eu, a enfermidade de perder a fé?

Aonde irão para aprender mais sobre o plano do Pai Celestial para a nossa felicidade e paz eternas, um plano que é cheio de possibilidades, orientação e ensinamentos maravilhosos para a nossa vida mortal e eterna? Lembrem-se: o Plano de Salvação dá significado, propósito e direção à vida mortal.

Aonde irão para encontrar uma igreja com uma estrutura organizacional

detalhada e inspirada por meio da qual vocês são ensinados e apoiados por homens e mulheres que estão profundamente comprometidos em servir ao Senhor, servindo a vocês e a sua família?

Aonde irão para encontrar profetas e apóstolos que foram chamados por Deus para dar-lhes outra fonte de conselhos, entendimento, consolo e inspiração para os desafios de hoje?

Aonde irão para encontrar pessoas que vivem de acordo com um conjunto de valores e padrões prescritos que vocês compartilham e querem transmitir a seus filhos e netos?

E aonde irão para ter a alegria de fazer as ordenanças de salvação e dos convênios do templo?

Irmãos e irmãs, aceitar e viver o evangelho de Cristo pode ser desafiador. Sempre foi e sempre será assim. A vida pode ser como as pessoas que fazem uma caminhada por uma trilha árdua e íngreme. É natural e normal parar de vez em quando no meio do caminho para tomar fôlego, recalculam a rota e ajustar o ritmo. Nem todo mundo precisa parar no meio do caminho, mas não há nada de errado nisso quando as circunstâncias assim exigem. Na verdade, pode ser algo positivo para aqueles que aproveitam o máximo da oportunidade de se refrescarem com a água viva do evangelho de Cristo.



O perigo surge quando alguém decide vagar para longe do caminho que conduz à árvore da vida.⁸ Às vezes, podemos aprender, estudar e saber, mas outras vezes temos que acreditar, confiar e ter esperança.

No final, cada um de nós terá de responder à pergunta do Salvador: “Quereis vós também retirar-vos?”⁹ Todos nós temos que buscar nossa própria resposta para essa pergunta. Para alguns, a resposta é fácil; para outros, é difícil. Não vou dizer que sei por que a fé para acreditar é mais fácil para uns do que para outros. Só agradeço muito por saber que as respostas estão sempre disponíveis e, se as buscarmos com real intenção, com pleno propósito e com um coração sincero, vamos acabar encontrando as respostas para as nossas perguntas à medida que continuarmos no caminho do evangelho. Durante meu ministério, conheci pessoas que se afastaram e voltaram depois de terem trilhado seu caminho de fé.

Minha esperança sincera é de que convidemos um número cada vez maior de filhos de Deus a encontrar e permanecer no caminho do evangelho para que eles também “[comam] do fruto, que [é] mais desejável que qualquer outro fruto”.¹⁰

Meu apelo sincero é que incentive-mos, aceitemos, entendamos e amemos aqueles que estão lutando com sua fé. Jamais devemos negligenciar qualquer um de nossos irmãos e nossas irmãs. Estamos todos em lugares diferentes do caminho e precisamos ministrar uns aos outros da maneira correta.

Assim como devemos abrir os braços em espírito de amizade aos novos conversos, também precisamos abraçar e apoiar aqueles que têm perguntas e estão vacilando na fé.

Usando outra metáfora bem conhecida, oro para que qualquer um que esteja pensando em sair do “Velho Barco Chamado Sião”, em cujo leme estão Deus e Cristo, pare e pense bem antes de o fazer.

Saibam que, embora grandes tempestades de vento e ondas altas possam atingir o velho barco, o Salvador está a bordo e pode acalmar a tempestade com Seu comando: “Cala-te, aquieta-te”. Até lá, não devemos temer, mas ter uma fé inabalável e saber que “até o vento e o mar lhe obedecem”.¹¹

Irmãos e irmãs, prometo-lhes em nome do Senhor que Ele jamais abandonará Sua Igreja e que nunca

abandonará nenhum de nós. Lembrem-se da resposta de Pedro à pergunta do Salvador e das palavras:

“Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna.

E nós cremos e sabemos que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”.¹²

Testifico que “nenhum outro nome se dará, nenhum outro caminho ou meio pelo qual a salvação seja concedida aos filhos dos homens, a não ser em nome e pelo nome de Cristo”.¹³

Testifico também que Jesus Cristo chamou apóstolos e profetas em nossos dias e restaurou Sua Igreja com ensinamentos e mandamentos como “um refúgio contra a tempestade e contra a ira” que certamente virão, a menos que as pessoas do mundo se arrependam e voltem-se para Ele.¹⁴

Testifico ainda que o Senhor “convida todos a virem a ele e a participarem de sua bondade; e não repudia quem quer que o procure, negro e branco, escravo e livre, homem e mulher; (...) e todos são iguais perante Deus”.¹⁵

Jesus é o nosso Salvador e Redentor, e Seu evangelho restaurado vai nos guiar em segurança de volta à presença dos nossos Pais Celestiais se permanecermos no caminho do evangelho e seguirmos o Senhor. Presto testemunho disso, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. João 17:9, 11, 20–21.
2. João 6:66; grifo do autor.
3. João 6:67.
4. João 6:68–69; grifo do autor.
5. Doutrina e Convênios 64:33.
6. Neal A. Maxwell, *Not My Will, But Thine* [Não Se Faça a Minha Vontade, Senão a Tua], 1988, p. 124.
7. Alma 7:11–12.
8. Ver 1 Néfi 8:20–30.
9. João 6:67.
10. 1 Néfi 8:15.
11. Ver Marcos 4:35–41.
12. João 6:68–69.
13. Mosias 3:17.
14. Doutrina e Convênios 115:6.
15. 2 Néfi 26:33.



Bispo Dean M. Davies
Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente

As Bênçãos da Adoração

A adoração é essencial e primordial para nossa vida espiritual. É algo pelo qual devemos ansiar, procurar e nos esforçar para vivenciar.

Sua Visita

Uma das experiências mais memoráveis e ternas registradas nas santas escrituras é o relato da visita do Salvador ao povo nas Américas após Sua morte e Ressurreição. As pessoas haviam sofrido uma destruição tão grande que fez com que “a face de toda a terra [ficasse] desfigurada”.¹ O registro desses eventos relata que, após a catástrofe, as pessoas choravam continuamente² e, em meio a seu grande pesar, elas estavam famintas por cura, paz e libertação.

Quando o Salvador desceu do céu, as pessoas caíram a seus pés duas

vezes. A primeira vez ocorreu quando Ele pronunciou, com autoridade divina:

“Eis que eu sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi testificada pelos profetas.

E eis que eu sou a luz e a vida do mundo”.³

Ele então convidou os presentes: “Levantai-vos e aproximai-vos de mim, para que possais meter as mãos no meu lado e também apalpar as marcas dos cravos em minhas mãos e em meus pés, a fim de que saibais que eu sou o Deus de Israel e o Deus de toda a Terra e fui morto pelos pecados do mundo. (...)”

E depois de se terem todos aproximado e verificado por si mesmos, clamaram a uma só voz, dizendo:

Hosana! Bendito seja o nome do Deus Altíssimo!”⁴

E então, pela segunda vez, “lançaram-se aos pés de Jesus”. Mas dessa vez com propósito, pois aprendemos que eles “adoraram-no”.⁵

Dias Atuais

No início deste ano, fui designado para visitar uma estaca no Oeste dos Estados Unidos. Era um domingo normal, uma reunião normal, com membros normais da Igreja. Observei as pessoas quando entravam no salão sacramental e reverentemente se dirigiam para os assentos disponíveis. Por fim, conversas sussurradas ecoaram pelo salão. Mães e pais tentavam, às vezes em vão, acalmar crianças agitadas. Normal.

Mas então, antes de a reunião começar, palavras inspiradas do Espírito vieram à minha mente.

Esses membros não vieram apenas para cumprir uma responsabilidade ou ouvir os oradores.

Eles vieram por um motivo mais profundo e muito mais significativo.

Eles vieram para adorar.

À medida que a reunião prosseguia, observei vários membros na congregação. Eles tinham uma expressão quase celestial, uma atitude de reverência e paz. Algo a respeito deles aqueceu-me o coração. A experiência que estavam tendo naquele domingo era algo extraordinário.

Eles estavam adorando.

Eles estavam vivenciando o céu.

Eu podia ver no semblante deles.

Regozijei-me e adorei com eles.

E, ao fazê-lo, o Espírito falou ao meu coração. E naquele dia, aprendi algo sobre mim mesmo, sobre Deus e sobre





o papel da verdadeira adoração em nossa vida.

A Adoração na Vida Diária

Os santos dos últimos dias são excepcionais quando se trata de servir nos chamados da Igreja. Mas, às vezes, podemos fazer nosso trabalho rotineiramente, como se estivéssemos meramente realizando um trabalho comum. Às vezes, em nossa frequência nas reuniões e nos serviços no reino, pode faltar o elemento sagrado da adoração. E sem ele, estamos perdendo um incomparável encontro espiritual com o infinito — um encontro ao qual temos direito como filhos de um amoroso Pai Celestial.

Longe de ser uma feliz ocorrência accidental, a adoração é essencial e primordial para nossa vida espiritual. É algo pelo qual devemos ansiar, procurar e nos esforçar para vivenciar.

O Que É a Adoração?

Quando adoramos a Deus, aproximamo-nos Dele com amor, humildade e adoração reverente. Nós O reconhecemos e aceitamos como Rei soberano, o Criador do Universo, nosso amado e infinitamente amoroso Pai.

Nós O respeitamos e O reverenciamos.

Nós nos submetemos a Ele.

Elevamos o coração em fervorosa oração, valorizamos Suas palavras, regozijamo-nos em Sua graça e nos comprometemos a segui-Lo com lealdade dedicada.

Adorar a Deus é um elemento tão essencial na vida de um discípulo de Jesus Cristo que, se falharmos em recebê-Lo em nosso coração, vamos procurá-Lo em vão em nossos conselhos, nossas igrejas e nossos templos.

O verdadeiro discipulado nos inspira a adorar “aquele que fez o céu e a Terra e o mar e as fontes das águas — clamando ao nome do Senhor dia e noite”.⁶

Podemos aprender muito sobre a verdadeira adoração por meio do exemplo de outras pessoas — pessoas que talvez não sejam tão diferentes de nós mesmos — reunidas, comportadas e em adoração na presença do divino.

Admiração, Gratidão e Esperança

Na primeira parte do século 19, o mundo cristão abandonou quase completamente a ideia de que Deus ainda falava com o homem. Mas, na primavera de 1820, isso mudou para sempre quando um humilde menino que vivia em uma fazenda entrou em um bosque e se ajoelhou para orar. Daquele dia em diante, um rio de notáveis visões, revelações e aparições celestiais banhou a Terra, investindo seus habitantes com conhecimento precioso relativo à natureza e ao propósito de Deus e a Seu relacionamento com o homem.

Oliver Cowdery relatou que “esses foram dias inolvidáveis (...). Que alegria! Que admiração! Que assombro!”⁷

As palavras de Oliver transmitem os primeiros elementos que acompanham

a verdadeira adoração ao divino — um senso de assombro majestoso e profunda gratidão.

Todos os dias, mas, especialmente no Dia do Senhor, temos a oportunidade extraordinária de vivenciar a admiração e o assombro dos céus e oferecer nossas orações a Deus por Sua bondade abençoada e misericórdia avassaladora.

Isso nos levará à esperança.

Esses são os primeiros elementos da adoração.

Luz, Conhecimento e Fé

No dia abençoado de Pentecostes, o Espírito Santo entrou no coração e na mente dos discípulos de Cristo, enchendo-os de luz e de conhecimento.

Até aquele dia, várias vezes eles não tiveram certeza do que deveriam fazer. Jerusalém havia se tornado um lugar perigoso para um seguidor do Salvador e eles devem ter se perguntado o que aconteceria com eles.

Mas, quando o Espírito Santo lhes encheu o coração, a dúvida e a relutância desapareceram. Por meio da transcendente experiência da verdadeira adoração, os santos de Deus receberam luz e conhecimento celestiais e um testemunho fortalecido. E isso os levou a ter fé.

Daquele momento em diante, os apóstolos e santos agiram com orientação determinada. Com ousadia eles pregaram sobre Jesus Cristo para todo o mundo.

Quando adoramos em espírito, convidamos luz e verdade para nossa alma, o que fortalece nossa fé. Esses também são elementos necessários para a verdadeira adoração.

Discipulado e Caridade

No Livro de Mórmon, aprendemos que, a partir do momento em que

Alma, o filho, foi salvo de sofrer as consequências de sua própria rebeldia, ele nunca mais foi o mesmo. Ele ousadamente “[viajou] por toda a terra (...) e entre todo o povo (...), procurando zelosamente reparar todos os danos que [havia] causado à igreja”.⁸

Sua constante adoração ao Deus Todo-Poderoso tomou forma de discipulado enérgico.

A verdadeira adoração nos transforma em discípulos sinceros e diligentes de nosso amado Mestre e Salvador, Jesus Cristo. Mudamos e nos tornamos mais semelhantes a Ele.

Tornamo-nos mais compreensivos e cuidadosos. Mais tolerantes. Mais amorosos.

Entendemos que é impossível dizer que amamos a Deus enquanto ao mesmo tempo odiamos, repudiamos e desrespeitamos outros a nosso redor.⁹

A verdadeira adoração leva a uma determinação inabalável de trilhar o caminho do discipulado. E isso leva inevitavelmente à caridade. Esses também são elementos necessários da adoração.

Entrar pelas Portas Dele com Gratidão

Quando reflito sobre o que começou como uma manhã de domingo normal, naquela capela normal, naquela estaca normal, mesmo hoje, sinto-me inspirado pela extraordinária experiência espiritual que abençoará minha vida para sempre.

Aprendi que, mesmo que sejamos excepcionais administradores de nosso tempo, nossos chamados e nossas designações — mesmo que cumpramos todos os supostos requisitos para sermos um indivíduo, uma família ou um líder “perfeito” —, se falharmos na adoração de nosso misericordioso Libertador, Rei celestial e Deus glorioso, estamos perdendo

grande parte da alegria e paz do evangelho.

Quando adoramos a Deus, nós O reconhecemos e O recebemos com a mesma reverência que o antigo povo das Américas. Nós nos aproximamos Dele com sentimentos incompreensíveis de admiração e assombro. Nós nos maravilhamos em gratidão pela bondade de Deus. E assim, adquirimos esperança.

Ponderamos a palavra de Deus e isso enche nossa alma com luz e verdade. Compreendemos as coisas espirituais que podem ser vistas apenas por intermédio da luz do Espírito Santo.¹⁰ E assim, adquirimos fé.

Ao adorarmos, nossa alma é refinada e nos comprometemos a caminhar nos passos de nosso amado Salvador, Jesus Cristo. E dessa determinação, adquirimos caridade.

Quando adoramos, nosso coração se volta continuamente em oração para nosso abençoado Deus.

Nós O santificamos e O honramos continuamente — em nossas capelas,

nosso lar, nossos templos e nosso trabalho.

Quando adoramos, abrimos o coração para o poder curador da Expição de Jesus Cristo.

Nossa vida se torna um sinal e uma expressão de nossa adoração.

Irmãos e irmãs, experiências espirituais têm pouco a ver com o que está acontecendo a nosso redor e muito a ver com o que está acontecendo dentro de nosso coração. É meu testemunho que a verdadeira adoração transformará as reuniões comuns da Igreja em banquetes espirituais extraordinários. Ela vai enriquecer nossa vida, ampliar nosso entendimento e fortalecer nosso testemunho. Pois, à medida que inclinamos nosso coração à Deus, como o antigo salmista, entramos “pelas portas dele com louvor, e em seus átrios com hino; [damos]-lhe graças, e [bendizemos] o seu nome.

Porque o Senhor é bom, e eterna a sua misericórdia; e a sua verdade dura de geração em geração”.¹¹

Por meio da adoração sincera, florescemos e amadurecemos em esperança, fé e caridade. E por meio desse processo, adquirimos luz celestial em nossa alma, que enche nossa vida de significado divino, paz permanente e alegria duradoura.

Essa é a bênção da adoração em nossa vida. Disso testifico humildemente no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. 3 Néfi 8:17.
2. Ver 3 Néfi 8:23.
3. 3 Néfi 11:10–11.
4. 3 Néfi 11:14, 16–17.
5. 3 Néfi 11:17.
6. Doutrina e Convênios 133:39–40.
7. Joseph Smith—História 1:71, nota de rodapé.
8. Mosias 27:35.
9. Ver 1 João 4:20.
10. Ver 1 Coríntios 2:14.
11. Salmos 100:4–5.





Élder Lynn G. Robbins
Da Presidência dos Setenta

O Juiz Justo

Há somente um modo de fazer um julgamento justo à maneira de Jesus Cristo: ser como Ele é.

Em Sua vida mortal, Jesus Cristo foi um juiz amoroso, extraordinariamente sábio e paciente. Ele é conhecido nas escrituras como o “justo juiz” (2 Timóteo 4:8; Moisés 6:57), e Seu conselho a nós é que também “[julguemos] com julgamento justo” [Tradução de Joseph Smith, Mateus 7:1–2 (Mateus 7:1, nota de rodapé *a*)] e depositemos nossa “confiança naquele Espírito que leva a fazer o bem (...) [e] a julgar com retidão” (D&C 11:12).

Este conselho aos Doze nefitas nos ajudará a julgar da maneira que o Senhor julga: “Sereis os juízes deste povo, *de acordo com o julgamento que vos darei*, que será justo. Portanto, que tipo de homens deveréis ser? Em verdade vos digo que deveréis ser como eu sou” (3 Néfi 27:27; grifo do autor). Às vezes nos esquecemos de que, quando Ele nos aconselhou a ser como Ele é, estava falando de julgarmos com retidão.

Julgamento Injusto

Um exemplo vergonhoso de julgamento injusto ocorreu no contexto da parábola da ovelha perdida quando os fariseus e os escribas julgaram erroneamente tanto o Salvador quanto os que estavam jantando com Ele, dizendo: “Este recebe pecadores,

e come com eles” (Lucas 15:2). Os fariseus e os escribas ignoravam o fato de que eles mesmos eram pecadores. Tendo o desejo de condenar, eles nunca provaram a alegria de resgatar uma ovelha perdida.

Foram também “os escribas e fariseus” que trouxeram ao Salvador “uma mulher apanhada em adultério” (João 8:3) para ver se Ele a julgaria de acordo com a lei de Moisés (ver versículo 5). Conhecemos o restante da história, a maneira como Ele os deixou



desconcertados pelo julgamento injusto deles e como foram “acusados pela [*própria*] consciência, [e] saíram um a um” (versículo 9; grifo do autor). Ele disse à mulher que não a condenava e que ela deveria ir e não pecar mais. “E a mulher glorificou a Deus a partir daquela hora, e creu no nome dele” [Joseph Smith Translation, John 8:11 (João 8:11, nota de rodapé *c*)].

O homem natural e a mulher natural em cada um de nós têm a tendência de condenar as outras pessoas e de julgá-las injustamente ou com superioridade. Isso aconteceu até mesmo com Tiago e com João, dois apóstolos do Salvador. Eles ficaram furiosos com as pessoas de uma aldeia samaritana por tratarem o Salvador de forma desrespeitosa (ver Lucas 9:51–54):

“E [eles], vendo isso, disseram: Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?

Voltando-se, porém, ele, repreendeu-os, e disse: Vós não sabeis de que espírito sois.

Porque o Filho do Homem não veio para destruir a alma dos homens, mas para salvá-la” (versículos 54–56).

Os juízes comuns de hoje (ver D&C 107:74), nossos bispos e presidentes de estaca, devem evitar qualquer impulso de condenar que seja parecido ao de Tiago e João naquela ocasião. Um juiz justo reagiria a confissões com compaixão e compreensão. Por exemplo, um jovem que tenha cometido um erro deve sair do bispado sentindo o amor do Salvador por meio do bispo e estando repleto da alegria e do poder de cura da Expição — ele nunca deve se sentir envergonhado ou desprezado. Caso contrário, o bispo pode, não intencionalmente, conduzir a ovelha ainda mais para o deserto (ver Lucas 15:4).

Disciplina

No entanto, a compaixão não anula a necessidade de disciplina. A palavra *disciplina* deriva do latim, *discere*, “aprender”, ou de *discipulus*, “aprendiz”, e isso faz do discípulo um aluno e um seguidor.¹ Disciplinar à maneira do Senhor é ensinar com amor e com paciência. Nas escrituras, o Senhor com frequência usa a palavra *castigar* quando fala de disciplina (ver, por exemplo, Mosias 23:21; D&C 95:1). A palavra *castigar* deriva do latim, *castus*, que significa “casto ou puro”, e *castigar* também significa “purificar”.²

No mundo, é um juiz terreno que condena um homem e o *prende* em uma prisão. Por outro lado, o Livro de Mórmon nos ensina que, quando pecamos intencionalmente, tornamos nossos “próprios árbitros” (Alma 41:7) e nos condenamos a uma prisão espiritual. Ironicamente, um juiz comum, nesse caso, possui as chaves que *abrem* os portões da prisão; “pois com o castigo [prepara] um meio para *livrá-los* da tentação em todas as coisas” (D&C 95:1; grifo do autor). Um juiz justo age com misericórdia, amor e redenção, sem condenar.

O jovem Joseph Smith foi disciplinado com um período probatório de quatro anos antes de obter as placas de ouro “por não ter guardado os mandamentos do Senhor”.³ Mais tarde, quando Joseph perdeu as 116 páginas do manuscrito, foi disciplinado novamente. Ainda que Joseph estivesse realmente arrependido, o Senhor retirou seus privilégios por um período curto de tempo, pois “a quem [Ele ama] também [castiga], para que seus pecados sejam perdoados” (D&C 95:1).

Joseph disse: “O anjo regozijou-se quando me devolveu o Urim e o Tumim, dizendo que Deus estava satisfeito com minha fidelidade e



humildade e que me amava por *minha penitência* e diligência na oração”.⁴ O Senhor queria ensinar uma grande lição a Joseph e, por isso, exigiu um sacrifício doloroso; o sacrifício é uma parte essencial da disciplina.

Sacrifício

“Em tempos antigos *sacrifício* significava tornar alguma coisa ou alguém santo”,⁵ estando ligado, de forma interdependente, à definição da palavra *castigo*, que é “purificar”. Da mesma forma, na antiga Israel, o perdão de um pecado era obtido por meio de uma oferta ou um sacrifício.⁶ O sacrifício não só “[indicava] aquele grande e último sacrifício” (Alma 34:14), mas também ajudava a criar um sentimento mais profundo de gratidão pela Expição do Salvador. A recusa em sacrificar algo como parte de nossa penitência é uma maneira de ridicularizar ou menosprezar o grande sacrifício de Jesus Cristo — é um sinal insensível de ingratidão.

Por outro lado, por meio da doce ironia do sacrifício, nós, na verdade, *ganhamos* algo de valor eterno: Sua misericórdia e Seu perdão e, por fim, “tudo o que [o] Pai possui” (D&C

84:38). Como parte do processo de arrependimento, o sacrifício também age como um bálsamo para ajudar a substituir o “remorso de consciência” (Alma 42:18) pela “paz de consciência” (Mosias 4:3). Sem sacrifício, talvez seja difícil perdoar a si mesmo devido à lembrança contínua de algo que não foi ofertado.⁷

Os Pais Como Juizes Justos

Embora poucos de nós sejam chamados para ser um juiz, os princípios de um julgamento justo se aplicam a todos nós, especialmente aos pais que têm a oportunidade diária de usar esses princípios com seus filhos. Ensinar uma criança de forma eficaz é a verdadeira essência da boa educação no lar, e disciplinar com amor é a verdadeira essência de um juiz justo.

O Presidente Joseph F. Smith ensinou: “Se seus filhos forem rebeldes e de difícil controle, sejam pacientes com eles até que os conquistem pelo amor, (...) e poderão moldar seu caráter da maneira que desejarem”.⁸

É esclarecedor saber que, ao ensinar a respeito de disciplina, os profetas parecem sempre se referir a atributos cristãos. Doutrina e Convênios nos



dá este conhecido conselho sobre disciplina:

“Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido em virtude do sacerdócio, a não ser com persuasão, com longanimidade, com brandura e mansidão e com amor não fingido;

Com bondade e conhecimento puro, que grandemente expandirão a alma, sem hipocrisia e sem dolo —

Reprovando prontamente com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando então um amor maior” (D&C 121:41–43).

Essa escritura nos ensina a reprová-lo “quando [movidos] pelo Espírito Santo”, e *não* quando movidos pela ira. O Espírito Santo e a ira são incompatíveis, pois “aquele que tem o espírito de discórdia não é [de Deus], mas é do diabo, que é o pai da discórdia e leva a cólera ao coração dos homens, para contenderem” (3 Néfi 11:29). O Presidente George Albert Smith ensinou que “geralmente não se dizem coisas rudes sob a inspiração do Senhor. O Espírito do Senhor é um espírito de bondade, é um espírito de paciência, é um espírito de caridade e amor e tolerância e longanimidade. (...)”

Mas, se tivermos o espírito de procurar defeitos (...) de modo destrutivo,

isso *nunca* será fruto da companhia do Espírito de nosso Pai Celestial e *sempre* será prejudicial.

(...) A bondade é o poder que Deus nos deu para abrir o coração endurecido e subjugar a alma teimosa”.⁹

A Verdadeira Identidade de Nossos Filhos

Quando o Salvador visitou os netas, Ele fez algo extraordinário com as crianças:

“E aconteceu que ele ensinou e abençoou as criancinhas da multidão, (...) e soltou-lhes a língua; e disseram grandes e maravilhosas coisas a seus pais. (...)”

E o povo viu e ouviu essas crianças; sim, até crianças de colo abriram a boca e proferiram coisas maravilhosas” (3 Néfi 26:14, 16).

Talvez mais do que *abrir a boca* das crianças, o Senhor estava abrindo *os olhos e os ouvidos* de seus admirados pais. Foi concedido àqueles pais o extraordinário dom de vislumbrar a eternidade e a verdadeira identidade e estatura pré-mortal de seus filhos. Isso não mudaria eternamente o modo como os pais *viam* e tratavam seus filhos? Gosto dessa variação de uma citação atribuída a Goethe: “A maneira como você vê [as crianças] é a forma

como as trata, e a maneira como você as trata é o que elas vão se tornar”.¹⁰ Lembrar-se da verdadeira identidade de uma criança é um dom que inspira a visão de um juiz justo.

Conclusão

O Presidente Thomas S. Monson nos ensinou: “Nunca permitam que um problema a ser resolvido se torne mais importante do que uma pessoa a ser amada”.¹¹ Esse princípio é vital no processo de nos tornarmos juízes justos, especialmente com nossos próprios filhos.

Há somente um modo de fazer um julgamento justo à maneira de Jesus Cristo: ser como Ele é. Portanto, “que tipo de homens [e mulheres] deveréis ser? Em verdade vos digo que deveréis ser como eu sou” (3 Néfi 27:27). Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver “disciple” [discípulo], etymonline.com.
2. Ver *Merriam-Webster’s Collegiate Dictionary*, 11ª ed., 2003, “chasten”.
3. Karen Lynn Davidson e outros, eds., *Histories, Vol. 1, 1832–1844*, Vol. 1 da série de histórias *The Joseph Smith Papers* [Documentos de Joseph Smith], 2012, p. 83.
4. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 76; grifo do autor.
5. Guia para Estudo das Escrituras, “Sacrifício”, scriptures.LDS.org.
6. Ver Bible Dictionary, “Sacrifices” [Sacrifícios].
7. O sacrifício que oferecemos todas as semanas no altar da mesa do sacramento é um coração quebrantado e um espírito contrito (ver 2 Néfi 2:7; 3 Néfi 9:20; D&C 59:8). Um coração quebrantado é um coração arrependido; um espírito contrito é um espírito obediente (ver D. Todd Christofferson, “Quando Te Converteres”, *A Liahona*, maio de 2004, p. 11).
8. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph F. Smith*, 1998, p. 299.
9. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: George Albert Smith*, 2011, pp. 227, 228, 230; grifo do autor.
10. Atribuído a Johann Wolfgang von Goethe, brainyquote.com.
11. Thomas S. Monson, “Alegria na Jornada”, *A Liahona*, novembro de 2008, p. 86.



Presidente Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Adoração no Dia do Senhor

Para os santos dos últimos dias, o Dia do Senhor é um dia de gratidão e amor.

Meus queridos irmãos e irmãs que estão espalhados pelo mundo todo em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, sou grato pelo Presidente Thomas S. Monson ter pedido que eu falasse na conferência neste Dia do Senhor. Oro para que o Espírito Santo leve minhas palavras ao coração de todos vocês.

Hoje desejo falar sobre os sentimentos do coração. Vou enfatizar primeiro o sentimento de gratidão, especialmente no Dia do Senhor.

Sentimo-nos gratos por muitas coisas: um ato bondoso de um desconhecido, uma refeição quando estamos com fome, um abrigo durante uma tempestade, a cura de um osso fraturado e o choro forte de um recém-nascido. Muitos de nós se lembrarão de sentir gratidão em momentos como esses.

Para os santos dos últimos dias, o Dia do Senhor é um momento — na verdade um dia — de gratidão e amor. O Senhor instruiu os santos no Condado de Jackson, Missouri, em 1831, que suas orações e agradecimentos

deveriam ser dirigidos aos céus. Os primeiros santos receberam uma revelação do Profeta sobre como guardar o Dia do Senhor e também sobre como jejuar e orar.¹

O Senhor ensinou a eles e a nós como adorar e dar graças no Dia do Senhor. Como podem ver, o mais importante é o amor que sentimos por Aqueles que concedem os dons. Estas são as palavras do Senhor sobre como dar graças e adorar no Dia do Senhor:

“Portanto, dou-lhes um mandamento que diz assim: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de todo o teu poder, mente e força; e em nome de Jesus Cristo servi-lo-ás. (...)

Agradecerás ao Senhor teu Deus em todas as coisas.

Oferecerás um sacrifício ao Senhor teu Deus em retidão, sim, um coração quebrantado e um espírito contrito”.²

E então, o Senhor adverte sobre o perigo de nos esquecermos de agradecer ao Pai Celestial e a Jesus Cristo por serem Aqueles que concedem os dons: “E em nada ofende o homem a Deus ou contra ninguém está acesa sua ira, a não ser contra os que não confessam sua mão em todas as coisas e não obedecem a seus mandamentos”.³

Muitos de vocês que me ouvem já encontram alegria no Dia do Senhor como um dia para lembrar e agradecer a Deus pelas bênçãos. Vocês se lembram desta canção que nos é familiar:

*Se da vida as vagas procelosas são,
Se com desalento julgas tudo vão,
Conta as muitas bênçãos, dize-as de
uma vez
E verás, surpresa, quanto Deus já fez.*

*Conta as bênçãos,
conta quantas são,
Recebidas
da Divina Mão, (...)*



*Tens acaso mágoas, triste é teu lidar?
É a cruz pesada que tens de levar?
Conta as muitas bênçãos, não
duvidarás,
E num canto alegre os dias passarás.*⁴

Recebo cartas e visitas de fiéis santos dos últimos dias que se sentem sobrecarregados com uma carga de responsabilidades. Alguns têm o sentimento de que, pelo menos para eles, tudo está perdido. É minha esperança e minha oração que o que vou dizer sobre demonstrarmos gratidão no Dia do Senhor nos ajudará a dissipar as dúvidas e a trazer-nos um cântico ao coração.

Uma bênção pela qual podemos ser gratos é o fato de estarmos em uma reunião sacramental, reunidos em Seu nome com mais de um ou dois de Seus discípulos. Existem pessoas que estão em casa e não podem levantar da cama. Há pessoas que gostariam de estar onde estamos, mas elas estão servindo em hospitais, provendo segurança pública ou arriscando a própria vida em um deserto ou em uma selva para nos defender. O fato de podermos nos

reunir — mesmo que seja com apenas um membro da Igreja — e partilhar do sacramento vai nos ajudar a sentir gratidão e amor pela bondade de Deus.

Graças ao Profeta Joseph Smith e ao evangelho restaurado, outra bênção que podemos contar é a oportunidade que temos de o sacramento ser preparado, abençoado e distribuído por servos autorizados de Deus todas as semanas para podermos partilhar dele. Podemos ser gratos quando o Espírito Santo confirma a nós que as palavras das orações sacramentais, oferecidas por portadores autorizados do sacerdócio, são honradas por nosso Pai Celestial.

De todas as bênçãos que podemos contar, a maior é o sentimento de perdão que temos ao partilharmos do sacramento. Sentiremos mais amor e gratidão pelo Salvador, cujo sacrifício infinito permitiu que sejamos limpos do pecado. Ao partilharmos do pão e da água, lembramo-nos de que Ele sofreu por nós. E quando sentimos gratidão pelo que Ele fez por nós, percebemos Seu amor por nós e nosso amor por Ele.

A bênção de amor que receberemos fará com que seja mais fácil para nós guardarmos o mandamento de que “sempre [nos lembremos] dele”.⁵ Vocês podem até sentir amor e gratidão, como eu sinto, pelo Espírito Santo, o qual o Pai Celestial prometeu que sempre estará conosco enquanto permanecermos fiéis às promessas que fizemos. Podemos contar todas essas bênçãos todos os domingos e sermos gratos.

O Dia do Senhor é também o momento perfeito para nos lembrarmos do convênio que fizemos nas águas do batismo de amarmos e servirmos aos filhos do Pai Celestial. Cumprir essa promessa no Dia do Senhor incluirá a participação em uma classe ou em um quórum com toda a sinceridade de coração a fim de edificar a fé e o amor entre nossos irmãos e nossas irmãs que estão lá conosco. Essa promessa incluirá cumprir nossos chamados com alegria.

Ainda sou grato pelos muitos domingos que ensinei um quórum de diáconos em Bountiful, Utah, bem como uma classe da Escola Dominical em Idaho. E me lembro até mesmo da época que servi como assistente da minha esposa no berçário, quando minha principal tarefa era entregar e recolher brinquedos.

Passaram-se anos até que eu reconhecesse por meio do Espírito que meu serviço simples dedicado ao Senhor era importante na vida dos filhos do Pai Celestial. Para minha surpresa, alguns deles se lembraram e me agradeceram por minhas tentativas como novato de servi-los em nome do Mestre naqueles Dias do Senhor.

Assim como às vezes não podemos ver os resultados de nosso próprio serviço prestado no Dia do Senhor, talvez também não sejamos capazes de ver os efeitos cumulativos de outros servos do Senhor. Mas Ele está edificando Seu



reino em silêncio por meio de seus humildes servos, com pouco alarde, para seu futuro glorioso no Milênio. É preciso o Santo Espírito para enxergar a crescente grandeza.

Passei a infância frequentando reuniões sacramentais em um minúsculo ramo de New Jersey, que tinha poucos membros e apenas uma família, a minha. Há 75 anos, fui batizado na Filadélfia, na única capela da Igreja a que tínhamos acesso na Pensilvânia ou em New Jersey. Contudo, onde havia um pequeno ramo em Princeton, New Jersey, agora há duas grandes alas. E há apenas alguns dias, milhares de jovens realizaram uma celebração que antecedeu a dedicação do Templo de Filadélfia Pensilvânia.

Quando jovem, fui chamado como missionário de ala no local onde adorávamos aos domingos, na única capela de Albuquerque, Novo México. Hoje temos um templo e quatro estacas lá.

Saí de Albuquerque para ir para a faculdade em Cambridge, Massachusetts. Havia uma capela e um distrito que abrangiam a maior parte de Massachusetts e Rhode Island. Dirigi pelas colinas daquele belo lugar para frequentar reuniões sacramentais em ramos minúsculos, a maioria em pequenas instalações alugadas ou em casas adaptadas. Agora há um templo sagrado de Deus em Belmont, Massachusetts, e várias estacas no interior do Estado.

O que eu não podia ver claramente na época é que o Senhor estava derramando Seu Espírito sobre as pessoas naquelas pequenas reuniões sacramentais. Eu podia sentir, mas não podia enxergar a extensão e o tempo nas intenções do Senhor de construir e glorificar Seu reino. Um profeta, por meio de revelação, viu e registrou o que podemos agora ver por nós mesmos. Néfi disse que nosso número total não



seria grande, mas que o conjunto de nossa luz seria uma bela visão:

“E aconteceu que vi a igreja do Cordeiro de Deus e seu número era pequeno. (...)”

E aconteceu que eu, Néfi, vi o poder do Cordeiro de Deus que descia sobre os santos da igreja do Cordeiro e sobre o povo do convênio do Senhor, que estava disperso sobre toda a face da Terra; e estavam armados com retidão e com o poder de Deus, em grande glória”.⁶

Nesta dispensação, uma semelhante descrição profética de nossa condição e das oportunidades à frente está registrada em Doutrina e Convênios:

“Ainda não compreendestes quão grandiosas são as bênçãos que o Pai tem nas mãos e preparou para vós;

E não podeis suportar tudo agora; contudo, tende bom ânimo, porque eu vos guiarei. Vosso é o reino e são vossas as suas bênçãos e são vossas as riquezas da eternidade.

E aquele que receber todas as coisas *com gratidão* será glorificado; e as coisas desta Terra ser-lhe-ão acrescentadas, mesmo centuplicadas, sim, mais”.⁷

Por toda a Igreja, tenho sentido essa transformação, o aumento da gratidão pelas bênçãos e um amor crescente a Deus. Esse processo parece se acelerar entre os membros da Igreja em momentos e lugares em que existem provas de fé, em que precisam suplicar a Deus pedindo ajuda até mesmo para seguir em frente.

A época em que vivemos terá provações muito difíceis, assim como

aconteceu com o povo de Alma nas mãos do cruel Amulon, que colocou sob as costas do povo um fardo muito pesado de se carregar:

“E aconteceu que a voz do Senhor lhes falou em suas aflições, dizendo: Levantai a cabeça e tende bom ânimo, porque sei do convênio que fizestes comigo; e farei um convênio com o meu povo e libertá-lo-ei do cativoiro.

E também aliviarei as cargas que são colocadas sobre vossos ombros, de modo que não as podereis sentir sobre vossas costas enquanto estiverdes no cativoiro; e isso eu farei para que sejais minhas testemunhas no futuro e para que tenhais plena certeza de que eu, o Senhor Deus, visito meu povo nas suas aflições.

E aconteceu que as cargas impostas a Alma e seus irmãos se tornaram leves; sim, o Senhor fortaleceu-os para que pudessem carregar seus fardos com facilidade; e submeteram-se de bom grado e com paciência a toda a vontade do Senhor”.⁸

Nós somos testemunhas de que, sempre que guardamos os convênios que fizemos com Deus, especialmente quando for difícil, Ele ouviu nossas orações de agradecimento pelo que já fez por nós e atende às nossas orações para termos forças para perseverar fielmente até o fim. E por mais de uma vez, Ele nos alegrou e fortaleceu.

Talvez vocês também estejam se perguntando o que podem fazer hoje para viver e adorar neste Dia do



Élder David A. Bednar
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Senhor para demonstrarem gratidão e para fortalecerem a si mesmos e a outras pessoas para as provações que virão.

Vocês podem começar hoje com uma oração individual e em família de agradecimento por tudo o que Deus já fez por vocês. Podem orar para saber como o Senhor gostaria que servissem a Ele e aos outros. Podem orar principalmente para que o Espírito Santo diga quem está solitário ou passando por necessidades e quem o Senhor deseja que vocês ajudem.

Prometo que suas orações serão respondidas e, ao agirem de acordo com as respostas que receberem, vocês vão encontrar alegria no Dia do Senhor e seu coração se encherá de gratidão.

Testifico que Deus, o Pai, conhece e ama vocês. O Salvador, o Senhor Jesus Cristo, expiou seus pecados por amor a vocês. Eles, o Pai e o Filho, sabem o seu nome assim como sabiam o nome do Profeta Joseph Smith quando apareceram a ele. Testifico que esta é a Igreja de Jesus Cristo e que Ele honrará os convênios que vocês fazem e renovam com Deus. Sua natureza será modificada para se tornarem mais semelhantes ao Salvador. Vocês serão fortalecidos contra as tentações e os sentimentos de dúvida sobre a verdade. Encontrarão alegria no Dia do Senhor. Faço essa promessa no nome do Senhor Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Doutrina e Convênios 59.
2. Doutrina e Convênios 59:5, 7–8.
3. Doutrina e Convênios 59:21.
4. “Conta as Bênçãos”, *Hinos*, nº 57.
5. Morôni 4:3; 5:2; Doutrina e Convênios 20:77, 79.
6. 1 Néfi 14:12, 14.
7. Doutrina e Convênios 78:17–19; grifo do autor.
8. Mosias 24:13–15.

“Se Vós Me Conhecêsseis a Mim”

Nós apenas sabemos a respeito do Salvador ou estamos vindo a conhecê-Lo cada vez mais? Como passamos a conhecer o Senhor?

Ao concluir o Sermão da Montanha, o Salvador enfatizou a eterna verdade de que “somente pela obediência à vontade do Pai se obtém a graça salvadora do Filho”.¹

Ele declarou:

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.

Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós

em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas?

E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”.²

Nossa compreensão desse acontecimento se expande ao refletirmos sobre uma revisão inspirada do texto. Significativamente, a frase do Senhor na versão do rei Jaime da Bíblia, “Nunca vos conheci”, foi alterada na Tradução



de Joseph Smith para “Vós nunca me conhecestes”.³

Ponderem também a parábola das dez virgens. Lembrem-se de que as cinco virgens insensatas e despreparadas foram buscar azeite após ouvir o clamor para que saíssem ao encontro do noivo.

“E tendo elas ido comprá-lo, chegou o noivo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta.

E depois chegaram também as [cinco] virgens [insensatas], dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos.

E ele, respondendo, disse: Em verdade vos digo que não vos conheço.”⁴

As consequências dessa parábola para cada um de nós são ampliadas por outra revisão inspirada. De suma importância, a frase “Não vos conheço”, como está na versão do rei Jaime da Bíblia, foi desta forma esclarecida na Tradução de Joseph Smith: “Vós não me conheceis”.⁵

As frases “Vós nunca me conhecestes” e “Vós não me conheceis” devem causar uma profunda introspecção espiritual em cada um de nós. Nós apenas sabemos a respeito do Salvador ou estamos vindo a conhecê-Lo cada vez mais? Como passamos a conhecer o Senhor? Essas perguntas da alma são o foco da minha mensagem. Convido sinceramente o auxílio do Espírito Santo ao ponderarmos juntos esse tópico vital.

Vir a Conhecer

Jesus disse:

“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim.

Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai”.⁶

Podemos vir a conhecer o Pai ao irmos a conhecer Seu Filho Amado.

Um dos grandes objetivos da



mortalidade não é meramente aprender sobre o Filho Unigênito do Pai, mas esforçar-nos para conhecê-Lo. Quatro passos essenciais que podem nos ajudar a conhecer o Senhor são: exercer fé Nele, segui-Lo, servir a Ele e crer Nele.

Exercer Fé Nele

Exercer fé em Jesus Cristo significa confiar nos méritos, na misericórdia e na graça Dele.⁷ Começamos a vir a conhecer o Salvador quando despertamos nossas faculdades espirituais e colocamos à prova os Seus ensinamentos, mesmo até conseguirmos abrir espaço em nossa alma para uma porção de Suas palavras.⁸ Ao expandirmos nossa fé no Salvador, confiamos Nele e temos confiança em Seu poder para nos redimir, nos curar e nos fortalecer.

A verdadeira fé centraliza-se no Senhor e sempre leva à ação justa. “A fé em Cristo [é] o primeiro princípio da religião revelada, (...) o alicerce de toda retidão (...) e o princípio de ação existente em todos os seres inteligentes.”⁹ Visto que agir em concordância com os princípios corretos que o Redentor proclamou é central para receber e exercer a verdadeira fé, “a fé sem as obras é morta”.¹⁰ Precisamos ser “cumpridores da palavra, e não somente ouvintes”.¹¹

Ouvir a palavra de Deus e receber o dom espiritual da fé no Salvador estão intimamente ligados, sendo que “a fé vem pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra

de Deus”.¹² Nós nos familiarizamos com Ele e com Sua voz ao estudarmos e nos banquetearmos com a Sua palavra nas escrituras,¹³ orarmos ao Pai em Seu nome com real intenção¹⁴ e buscarmos a companhia constante do Espírito Santo.¹⁵ Aprender e aplicar a Doutrina de Cristo em nossa vida é um pré-requisito para receber o dom da fé Nele.¹⁶

Exercer fé no Senhor é uma preparação necessária para segui-Lo.

Segui-Lo

“E Jesus, andando junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores.

E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.

Então eles, deixando logo as redes, seguiram-no.”¹⁷

Pedro e André são fortes exemplos de ouvir e seguir o Mestre.

Da mesma forma, o Salvador instrui a mim e a vocês: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me”.¹⁸ Tomar sobre si sua cruz é negar-se a toda impiedade e a toda concupiscência mundana e guardar os mandamentos do Senhor.¹⁹

O Salvador nos admoestou a nos tornarmos como Ele é.²⁰ Assim, seguir o Senhor significa imitá-Lo. Continuamos a conhecer o Senhor ao nos esforçarmos para tornar-nos como Ele é por meio de Sua Expição.



Em Seu ministério mortal, Jesus indicou o caminho, conduziu-nos no caminho e deu o exemplo perfeito. “Uma percepção correta de Seus atributos, de Suas perfeições e de Seu caráter”²¹ nos dá um propósito duradouro e uma clara direção ao segui-Lo no caminho do discipulado diligente.

Seguir o Salvador também nos permite receber “um conhecimento real de que o curso da vida que estamos buscando”²² está de acordo com a vontade de Deus. Tal conhecimento não é um mistério indecifrável e não é primariamente centrado em nossas atividades temporais ou preocupações mortais comuns. Em vez disso, o progresso constante e contínuo no caminho do convênio é o curso da vida que Lhe é agradável.

O sonho de Leí, no Livro de Mórmon, identifica especificamente o caminho que devemos seguir, os desafios que vamos encontrar e os recursos espirituais disponíveis para ajudar-nos a seguir o Salvador e a achegar-nos a Ele. Prosseguir no caminho estreito e apertado é o que Ele deseja que façamos. Provar do fruto da árvore e tornar-nos profundamente “convertidos ao Senhor”²³ é a bênção que Ele anseia que recebamos. Portanto, Ele nos chama: “Vem, segue-me”²⁴

Exercer fé em Jesus Cristo e segui-Lo são preparações necessárias para servir a Ele.

Servir a Ele

“Pois como conhece um homem o mestre a quem não serviu e que lhe é estranho e que está longe dos pensamentos e desígnios de seu coração?”²⁵

Passamos a conhecer o Senhor mais plenamente ao servi-Lo e ao trabalhar em Seu reino. Assim, Ele nos abençoa generosamente com ajuda celeste, dons espirituais e maior capacidade. Nunca somos deixados sozinhos ao trabalharmos em Sua vinha.

Ele declarou: “Irei adiante de vós. Estarei à vossa direita e à vossa esquerda e meu Espírito estará em vosso coração e meus anjos ao vosso redor para vos suster”²⁶

Passamos a conhecer o Salvador ao fazermos o nosso melhor para ir onde Ele quer que vamos, ao esforçar-nos para dizer o que Ele quer que digamos e ao tornar-nos o que Ele quer que nos tornemos.²⁷ Ao reconhecermos humildemente nossa total dependência Dele, Ele aumenta nossa capacidade de servir com crescente eficiência. Gradualmente, nossos desejos se alinham mais completamente com Seus desejos, e Seu propósito torna-se o nosso propósito tanto que “nada [pediríamos] que [fosse] contrário à [Sua] vontade”.²⁸

Servir a Ele requer todo o nosso coração, poder, mente e força.²⁹ Consequentemente, servir aos outros abnegadamente neutraliza as tendências egocêntricas e egoístas do homem

natural. Passamos a amar aqueles a quem servimos. E porque servir ao próximo é servir a Deus, começamos a amar nossos irmãos e nosso Salvador mais profundamente. Tal amor é a manifestação espiritual do dom da caridade, sim, o puro amor de Cristo.³⁰

“Rogai ao Pai, com toda a energia de vosso coração, que sejais cheios desse amor que ele concedeu a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo; que vos torneis os filhos de Deus; que quando ele aparecer, sejamos como ele, porque o veremos como ele é; que tenhamos esta esperança; que sejamos purificados, como ele é puro.”³¹

Passamos a conhecer o Senhor quando estamos cheios de Seu amor.

Crer Nele

É possível exercer fé Nele, segui-Lo, servir a Ele e não crer Nele?

Conheço membros da Igreja que aceitam a doutrina e os princípios contidos nas escrituras como verdadeiros e proclamam isso no púlpito. No entanto, eles têm dificuldade em acreditar que essas verdades do evangelho se aplicam especificamente a sua vida e a suas circunstâncias. Eles aparentemente têm fé no Salvador, mas não acreditam que as bênçãos que Ele prometeu estão disponíveis para eles ou podem acontecer em sua vida. Também encontro irmãos e irmãs que são diligentes em cumprir seu chamado, porém o evangelho restaurado ainda não se tornou uma realidade viva e transformadora em sua vida. Passamos a conhecer o Senhor quando não somente acreditamos Nele, mas acreditamos Nele e também em Suas promessas.

No Novo Testamento, um pai pediu ao Salvador que curasse seu filho. Jesus respondeu:

“Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê.”

E logo o pai do menino, clamando com lágrimas, disse: Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade”.³²

Tenho refletido muitas vezes sobre o pedido desse pai: “Ajuda a minha incredulidade”. Imagino se a intenção do pedido do homem não era a de principalmente ajudá-lo a crer em Jesus como nosso Salvador e em Seu poder de cura. Talvez ele já tivesse reconhecido Cristo como o Filho de Deus, mas precisasse de ajuda para acreditar que o poder de cura do Mestre de fato poderia ser tão individual e tão pessoal a ponto de abençoar seu próprio filho amado. Talvez ele tenha acreditado em Cristo de modo geral, mas não específica e pessoalmente.

Frequentemente testificamos aquilo que sabemos ser verdadeiro, mas a questão mais relevante para cada um de nós pode ser acreditar naquilo que sabemos.

Ordenanças sagradas feitas pela devida autoridade do sacerdócio são essenciais para acreditar no Salvador, para vir a conhecê-Lo e para, finalmente, acreditar no que sabemos.

“E [o] sacerdócio [de Melquisedeque] administra o evangelho e contém a chave dos mistérios do reino, sim, *a chave do conhecimento de Deus*.

Portanto, em suas ordenanças manifesta-se o poder da divindade.”³³

Creemos no Senhor e passamos a conhecê-Lo quando a chave do conhecimento de Deus administrada por meio do Sacerdócio de Melquisedeque abre a porta e torna possível para cada um de nós receber o poder da divindade em nossa vida. Creemos no Salvador e passamos a conhecê-Lo quando O seguimos, recebendo e honrando ordenanças sagradas, e quando recebemos cada vez mais Sua imagem em nosso semblante.³⁴ Creemos em Cristo e passamos a conhecê-Lo quando vivenciamos pessoalmente o



poder de Sua Expição — poder esse que transforma, que cura, que fortalece e que santifica. Creemos no Mestre e passamos a conhecê-Lo quando “o poder de Sua palavra [se enraíza] em nós”³⁵ e fica escrito em nossa mente e em nosso coração,³⁶ e quando “[abandonamos] todos os [nossos] pecados para conhecer [o Salvador]”.³⁷

Crer Nele é confiar que suas inumeráveis bênçãos estão disponíveis e são aplicáveis em nossa vida individual e familiar. Crer Nele com toda a nossa alma³⁸ acontece quando prosseguimos no caminho do convênio, submetemos nossa vontade à Dele e nos submetemos às prioridades e ao tempo que Ele determina para nós. Crer Nele — aceitar como verdadeiros o Seu poder e as Suas promessas — traz perspectiva, paz e alegria à nossa vida.

Promessa e Testemunho

Em um dia futuro, “todo joelho se dobrará e toda língua confessará”³⁹ que Jesus é o Cristo. Nesse dia abençoado, saberemos que Ele conhece cada um de nós pelo nome. Testifico e prometo que podemos não somente saber um pouco a respeito do Senhor, mas também vir a conhecê-Lo ao exercer fé Nele, ao segui-Lo, ao servir a Ele e ao crer Nele. Presto testemunho disso no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. James E. Talmage, *Jesus, o Cristo*, 1971, p. 238.
2. Mateus 7:21–23.

3. Tradução de Joseph Smith, Mateus 7:33 (Mateus 7:23, nota de rodapé *a*).
4. Mateus 25:10–12.
5. Tradução de Joseph Smith, Mateus 25:11 (Mateus 25:12, nota de rodapé *a*).
6. João 14:6–7.
7. Ver 2 Néfi 2:8; 31:19; Morôni 6:4.
8. Ver Alma 32:27.
9. *Lectures on Faith* [Dissertações sobre a Fé], 1985, p. 1.
10. Tiago 2:20.
11. Tiago 1:22.
12. Romanos 10:17.
13. Ver 2 Néfi 32:3; Doutrina e Convênios 18:34–36.
14. Ver Morôni 10:4.
15. Ver João 14:26; Doutrina e Convênios 121:46.
16. Ver João 7:17. Cada um de nós tem uma responsabilidade de buscar e fazer tudo o que pudermos fazer para nos qualificar para o dom da fé. No final, um Deus amoroso e cuidadoso concede esse dom sobre nós.
17. Mateus 4:18–20.
18. Mateus 16:24.
19. Ver Tradução de Joseph Smith, Mateus 16:26 (no Apêndice da Bíblia).
20. Ver 3 Néfi 27:27.
21. *Lectures on Faith* [Dissertações sobre a Fé], p. 38.
22. *Lectures on Faith* [Dissertações sobre a Fé], p. 38.
23. Alma 23:6.
24. Lucas 18:22.
25. Mosias 5:13.
26. Doutrina e Convênios 84:88.
27. Ver “Aonde Mandares Irei”, *Hinos*, nº 167.
28. Helamã 10:5.
29. Ver Doutrina e Convênios 4:2.
30. Ver Morôni 7:47.
31. Morôni 7:48.
32. Marcos 9:23–24.
33. Doutrina e Convênios 84:19–20; grifo do autor.
34. Ver Alma 5:14, 19.
35. Alma 26:13.
36. Ver Hebreus 8:10.
37. Alma 22:18.
38. Ver Ômni 1:26.
39. Mosias 27:31.



Brian K. Ashton

Segundo Conselheiro na Presidência
Geral da Escola Dominical

A Doutrina de Cristo

A doutrina de Cristo permite-nos ter acesso ao poder espiritual que nos eleva de nosso estado espiritual atual para um estado no qual podemos nos tornar perfeitos.

A visita de Jesus aos nefitas após Sua Ressurreição foi organizada cuidadosamente para ensinar-nos as coisas de maior importância. Começou com o testemunho do Pai ao povo, de que Jesus era Seu “Filho Amado, em quem [Se comprazia]”.¹ Depois, o próprio Jesus apareceu e testificou a respeito de Seu sacrifício expiatório,² convidando as pessoas a “[saberem] com certeza” que Ele era o Cristo, deixando que se aproximassem e sentissem as feridas no Seu lado e as marcas dos cravos em Suas mãos e Seus pés.³ Esses testemunhos confirmaram, sem deixar dúvidas, que a

Expição de Jesus foi realizada e que o Pai havia cumprido Seu convênio de prover um Salvador. Jesus instruiu os nefitas sobre como obter todas as bênçãos do plano de felicidade do Pai, as quais nos foram disponibilizadas por meio da Expição do Salvador, ensinando-lhes a doutrina de Cristo.⁴

Minha mensagem hoje se concentra na doutrina de Cristo. As escrituras definem a doutrina de Cristo como o exercício da fé em Jesus Cristo e em Sua Expição, o arrependimento, o batismo, o recebimento do dom do Espírito Santo e a perseverança até o fim.⁵

A Doutrina de Cristo Permite Que Recebamos as Bênçãos da Expição de Cristo

A Expição de Cristo cria as condições sob as quais podemos confiar nos “méritos e misericórdia e graça do Santo Messias”,⁶ “[ser] aperfeiçoados em [Cristo]”,⁷ receber todas as coisas boas⁸ e alcançar a vida eterna.⁹

Por outro lado, a doutrina de Cristo é o meio, o único meio, pelo qual podemos receber todas as bênçãos que nos foram concedidas por intermédio da Expição de Jesus. É a doutrina de Cristo que nos permite ter acesso ao poder espiritual que nos eleva de nosso estado espiritual atual para um estado no qual podemos nos tornar perfeitos como o Salvador.¹⁰ Sobre esse processo de nascer de novo, o Élder D. Todd Christofferson ensinou: “Nascer de novo, em contraste com o nascimento físico, é um processo e não um evento. Envolver-nos nesse processo é o objetivo central da mortalidade”.¹¹

Vamos examinar cada elemento da doutrina de Cristo.

Primeiro: Fé em Jesus Cristo e em Sua Expição. Os profetas nos ensinam que a fé começa ao ouvirmos a palavra de Cristo.¹² As palavras de Cristo testificam de Seu sacrifício expiatório e nos ensinam como receber o perdão, as bênçãos e a exaltação.¹³

Quando damos ouvidos às palavras de Cristo, exercemos fé, escolhendo seguir os ensinamentos e o exemplo do Salvador.¹⁴ Néfi ensinou que, para fazer isso, devemos confiar “plenamente nos méritos [de Cristo,] que é poderoso para salvar”.¹⁵ Por ter sido um Deus na existência pré-mortal,¹⁶ Jesus viveu uma vida sem pecados¹⁷ e, durante Sua Expição, satisfizes as exigências da justiça por você e por mim.¹⁸ Ele tem o poder e as chaves para levar a efeito a ressurreição de todos os homens,¹⁹ e



tornou-a possível por meio da misericórdia, a qual sobrepuja a justiça sob a condição de arrependimento.²⁰ Quando entendemos que podemos alcançar a misericórdia pelos méritos de Cristo, somos capazes de ter “fé para o arrependimento”.²¹ Confiar plenamente nos méritos de Cristo é acreditar que Ele fez o que era necessário para nos salvar e então pudéssemos agir de acordo com nossa crença.²²

A fé faz com que paremos de nos preocupar demais com o que os outros pensam de nós e comecemos a nos importar muito mais com o que Deus pensa de nós.

Segundo: Arrependimento.

Samuel, o lamanita, ensinou: “E se acreditardes [no nome de Cristo], arrepender-vos-eis de todos os vossos pecados”.²³ O arrependimento é um dom precioso de nosso Pai Celestial, disponibilizado por meio do sacrifício de Seu Filho Unigênito. É o processo que o Pai nos deu para que possamos mudar ou transformar nossos pensamentos, nossas ações e o nosso mais profundo ser a fim de tornarmos-nos cada vez mais semelhantes ao Salvador.²⁴ Não é um processo somente para os grandes pecados, mas, sim, um processo diário de autoavaliação e crescimento,²⁵ que nos ajuda a sobrepujar nossos pecados, nossas imperfeições, nossas fraquezas e nossas falhas.²⁶ O arrependimento nos faz “verdadeiros seguidores” de Cristo, o que nos enche de amor²⁷ e lança fora nossos medos.²⁸ O arrependimento não é um plano alternativo caso nosso plano de viver perfeitamente falhe.²⁹ O arrependimento contínuo é o único caminho que nos proporciona alegria duradoura e capacita-nos a viver novamente com nosso Pai Celestial.

Por meio do arrependimento, tornamo-nos totalmente submissos e



obedientes à vontade de Deus. Mas isso não acontece isoladamente. O reconhecimento da bondade de Deus e de nossa nulidade,³⁰ combinado com nossos melhores esforços para alinhar nosso comportamento à vontade de Deus,³¹ traz a graça para nossa vida.³² A graça é um “auxílio ou força divina [que] vem pela misericórdia e o amor de [Jesus Cristo]” para que pratiquemos boas obras, as quais, de outra forma, não seríamos capazes de realizar se tivéssemos que fazê-las por nossos próprios meios.³³ Uma vez que o arrependimento é, de fato, um caminho para nos tornarmos semelhantes ao Salvador, o que seria impossível conseguirmos sozinhos, precisamos desesperadamente da graça do Salvador a fim de fazer as mudanças necessárias em nossa vida.

Quando nos arrependemos, substituímos nossos antigos comportamentos impuros, nossas fraquezas, nossas imperfeições e nossos medos por novos comportamentos e crenças que nos aproximam do Salvador e nos ajudam a tornarmos-nos semelhantes a Ele.

Terceiro: Batismo e sacramento.

O Profeta Mórmon ensinou que: “O primeiro fruto do arrependimento é o batismo”.³⁴ Para ser completo, o arrependimento precisa estar associado à ordenança do batismo realizada por

alguém que possui a autoridade do sacerdócio de Deus. Sendo membros da Igreja, renovamos os convênios feitos no batismo e em outras ocasiões quando tomamos o sacramento.³⁵

Nas ordenanças do batismo e do sacramento, fazemos convênio de guardar os mandamentos do Pai e do Filho, lembrar-nos sempre de Cristo e desejar tomar sobre nós o nome de Cristo (ou Sua obra e Seus atributos³⁶).³⁷ O Salvador, por sua vez, promete perdoar ou redimir nossos pecados³⁸ e “derramar seu Espírito com mais abundância sobre [nós]”.³⁹ Cristo também promete nos preparar para a vida eterna ao ajudar-nos a nos tornar como Ele.⁴⁰

Douglas D. Holmes, primeiro conselheiro na Presidência Geral dos Rapazes, escreveu: “As ordenanças do batismo e o sacramento simbolizam o processo de nascer de novo e o resultado final. No batismo, podemos enterrar o velho homem de carne e levantar-nos para uma novidade de vida.⁴¹ Na reunião sacramental, aprendemos que essa mudança é um processo passo a passo, no qual pouco a pouco, a cada semana, somos transformados quando nos arrependemos, fazemos convênios e, por meio do aumento de investiduras do Espírito, [tornarmos-nos como o Salvador]”.⁴²



As ordenanças e os convênios são essenciais na doutrina de Cristo. Quando recebemos dignamente as ordenanças do sacerdócio e guardamos os convênios a elas associados, o poder da divindade se manifesta em nossa vida.⁴³ O Élder D. Todd Christofferson explicou que: “Esse ‘poder da divindade’ advém à pessoa pela influência do Espírito Santo”.⁴⁴

Quarto: O dom do Espírito

Santo. Depois do batismo, recebemos o dom do Espírito Santo por meio da ordenança de confirmação.⁴⁵ Esse dom, se o recebermos, permite-nos ter a constante companhia de Deus⁴⁶ e o acesso contínuo à graça, que nos vem naturalmente com Sua influência.

Como nosso companheiro constante, o Espírito Santo dá-nos poder ou força para guardarmos nossos convênios.⁴⁷ Ele também nos santifica,⁴⁸ o que significa “livrar-nos do pecado e tornar-nos puros, limpos e santos, por meio da Expição de Jesus Cristo”.⁴⁹ O processo de santificação não somente nos limpa, mas nos investe com os dons espirituais necessários ou os atributos divinos do Salvador⁵⁰ e muda nossa natureza⁵¹ de tal modo que “não temos mais disposição para praticar o mal”.⁵² Todas as vezes que recebemos o Espírito Santo em nossa vida por meio da fé, do arrependimento, das ordenanças, do serviço cristão e de outros esforços

justos, somos modificados até que, gradualmente, nos tornemos semelhantes a Cristo.⁵³

Quinto: Perseverar até o fim. O Profeta Néfi ensinou que, depois de receber o dom do Espírito Santo, devemos “[perseverar] até o fim, seguindo o exemplo do Filho do Deus vivo”.⁵⁴ O Élder Dale G. Renlund descreveu o processo de perseverar até o fim da seguinte maneira: “Podemos ser aperfeiçoados (...) de maneira constante e progressiva: exercendo fé em [Cristo], arrependendo-nos, tomando o sacramento para renovar os convênios e as bênçãos do batismo e recebendo a presença do Espírito Santo como nosso companheiro constante. Quando agimos dessa forma, tornamo-nos mais semelhantes a Cristo e perseveramos até o fim”.⁵⁵

Em outras palavras, o ato de recebermos o Espírito Santo e a mudança que isso causa em nós fortalecem nossa fé. Quando desenvolvida, a fé leva-nos ao arrependimento. Então, à medida que simbolicamente sacrificamos nosso coração e nossos pecados no altar do sacramento, recebemos o Espírito Santo mais plenamente. Quando recebemos o Espírito Santo mais plenamente, somos movidos no caminho do nascer de novo. Ao continuar nesse processo, realizando todas as ordenanças de salvação e os

convênios do evangelho, recebemos “graça por graça”, até a plenitude.⁵⁶

Devemos Aplicar a Doutrina de Cristo em Nossa Vida

Irmãos e irmãs, ao aplicarmos a doutrina de Cristo em nossa vida, somos abençoados tanto material como espiritualmente, mesmo durante as provações. Por fim, somos capazes de “[nos apegarmos] a todas as coisas boas”.⁵⁷ Testifico que esse processo aconteceu e continua a acontecer em minha vida gradualmente.

Mas o mais importante é que devemos aplicar a doutrina de Cristo em nossa vida porque é o único caminho que nos leva de volta a nosso Pai Celestial. É a única maneira de recebermos o Salvador e de nos tornarmos Seus filhos e Suas filhas.⁵⁸ De fato, a única maneira de sermos redimidos do pecado e progredirmos espiritualmente é aplicando a doutrina de Cristo em nossa vida.⁵⁹ De outro modo, o Apóstolo João ensinou: “Todo aquele que (...) não persevera na doutrina de Cristo, não tem Deus”.⁶⁰ O próprio Jesus disse aos Doze nefitas que, se falharmos em exercer fé em Cristo, em nos arrepender, em sermos batizados e em perseverar até o fim, seremos “cortado[s] e lançado[s] no fogo, de onde não mais voltar[emos]”.⁶¹

De que modo podemos aplicar a doutrina de Cristo mais plenamente em nossa vida? Uma maneira seria fazer um esforço consciente a cada semana para nos prepararmos para o sacramento, reservando um tempo para pensar, em espírito de oração, nas coisas que precisamos melhorar. Poderemos, assim, levar ao altar do sacramento um sacrifício de algo que nos impede de ser como Jesus Cristo, suplicando com fé por ajuda, pedindo pelos dons espirituais de que

necessitamos e fazendo convênio de sermos melhores na semana seguinte.⁶² Ao fazer isso, receberemos o Espírito Santo mais plenamente em nossa vida e teremos força adicional necessária para sobrepujar nossas imperfeições.

Testifico que Jesus Cristo é o Salvador do mundo e que Ele é o único nome pelo qual podemos ser salvos.⁶³ Todas as coisas boas nos são dadas somente por meio Dele.⁶⁴ Mas, para realmente nos “[apegarmos] a todas as coisas boas”,⁶⁵ incluindo a vida eterna, devemos aplicar continuamente a doutrina de Cristo em nossa vida. No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. 3 Néfi 11:7.
2. Ver 3 Néfi 11:10–11.
3. Ver 3 Néfi 11:14–15.
4. Ver 3 Néfi 11:21–39.
5. Ver 2 Néfi 31; 3 Néfi 27:16–20. A doutrina de Cristo é encontrada em todas as escrituras, mas é mais predominante no Livro de Mórmon.
6. 2 Néfi 2:8.
7. Morôni 10:32.
8. Ver Morôni 7:22–24.
9. Ver Doutrina e Convênios 132:23.
10. A Expição de Cristo e a doutrina de Cristo juntas constituem o evangelho de Cristo (ver 3 Néfi 27:13–21).
11. D. Todd Christofferson, “Nascer de Novo”, *A Liahona*, maio de 2008, p. 78.
12. Ver Romanos 10:17; 2 Néfi 31:19; Alma 32:27–29; Morôni 7:25.
13. Ver 2 Néfi 32:3.
14. Ver 2 Néfi 31:10, 13.
15. 2 Néfi 31:19.
16. Ver João 1:1–3; Moisés 7:47; Abraão 3:24–27.
17. Ver Hebreus 4:15; Doutrina e Convênios 45:4.
18. Ver Alma 34:16.
19. Ver 2 Néfi 9:21–22; Dallin H. Oaks, “As Chaves e a Autoridade do Sacerdócio”, *A Liahona*, maio de 2014, p. 49.
20. Ver Alma 34:15–16.
21. Alma 34:15.
22. Confiar plenamente nos méritos de Cristo inclui reconhecer que Jesus Cristo é a única fonte de redenção (ver Mosias 4:7–8). Requer também que acreditemos que Cristo pode nos salvar individualmente. Essa é uma das razões pelas quais em Doutrina e Convênios 27:2 somos admoestados a participar do sacramento, não somente



- para lembrar que Cristo sofreu, mas para lembrar que Ele sofreu por nós individualmente.
23. Helamã 14:13.
24. Ver Russell M. Nelson, “Arrependimento e Conversão”, *A Liahona*, maio de 2007, p. 102.
25. Ver Neil L. Andersen, “Arrependendo-vos (...) para Que Eu Vos Cure”, *A Liahona*, novembro de 2009, p. 40.
26. Ver Jeffrey R. Holland, “Consertar o Que Está Quebrado”, *A Liahona*, maio de 2006, p. 69; Anthony D. Perkins, “O Grande e Maravilhoso Amor”, *A Liahona*, novembro de 2006, p. 76.
27. Morôni 7:48.
28. Ver Morôni 8:16. O arrependimento é, de fato, uma das principais evidências de que somos discípulos do Salvador. Podemos verdadeiramente dizer que seguimos a Cristo se não nos arrependemos continuamente ou se não nos esforçamos para voltar nosso coração e nossas ações para Ele?
29. Ver *Ajustar-se à Vida Missionária*, livreto, 2013, p. 46.
30. Ver Mosias 4:5–7.
31. Ver 2 Néfi 10:24; 25:23.
32. Ver Helamã 5:11; Éter 12:27; Morôni 10:32–33.
33. Guia para Estudo das Escrituras, “Graça”.
34. Morôni 8:25.
35. Quando tomamos o sacramento dignamente, renovamos todos os convênios que fizemos com o Senhor (ver Delbert L. Stapley, Conference Report, outubro de 1965, p. 14; L. Tom Perry, “Ao Tomar o Sacramento”, *A Liahona*, maio de 2006, p. 39).
36. Ver Dallin H. Oaks, “Testemunho” (discurso proferido no seminário para novos presidentes de missão, 25 de junho de 2014), pp. 1–2.
37. Ver Morôni 4:3; ver também Mosias 18:8–10; Doutrina e Convênios 20:37 para mais convênios que são feitos no batismo.
38. Ver Morôni 8:25.
39. Mosias 18:10.
40. Ver 2 Coríntios 3:18; Éter 12:27; Doutrina e Convênios 35:2; Moisés 1:39.
41. Ver Romanos 6:4.
42. Douglas D. Holmes, “Vinde a Cristo — a Doutrina de Cristo”, manuscrito não publicado.
43. Ver Doutrina e Convênios 84:19–21.
44. D. Todd Christofferson, “O Poder dos Convênios”, *A Liahona*, maio de 2009, p. 22.
45. A confirmação é feita pela imposição de mãos (ver, por exemplo, Atos 8:17).
46. Ver Doutrina e Convênios 20:28; Guia para Estudo das Escrituras, “Espírito Santo”.
47. Ver 2 Coríntios 3:18; 1 Néfi 14:14; Doutrina e Convênios 93:20.
48. Ver 3 Néfi 27:20.
49. Ver Guia para Estudo das Escrituras, “Santificação”, scriptures.LDS.org.
50. Ver Morôni 7:48; 8:26; 10:8–18.
51. Ver Mosias 4:14; Doutrina e Convênios 84:33; Bruce R. McConkie, “As Dez Bênçãos do Sacerdócio”, *A Liahona*, fevereiro de 1978, p. 45.
52. Mosias 5:2.
53. O Espírito Santo nos guia também de volta a nosso Pai Celestial (ver 2 Néfi 32:5; Doutrina e Convênios 45:57), ajudando-nos a saber o que devemos fazer para ser mais semelhantes a Cristo (ver 2 Coríntios 3:18; Éter 12:27; Doutrina e Convênios 84:46–48).
54. 2 Néfi 31:16. Perseverar até o fim é um termo adequado, pois requer tanto tempo como perseverança (ver Tiago 1:2–4). O fato é que não é possível desenvolver alguns atributos cristãos sem enfrentar oposição e dificuldades. Por exemplo: Como podemos desenvolver longanimidade se nunca nos for requerido sofrer por muito tempo?
55. Dale G. Renlund, “Santos dos Últimos Dias, Continuem Tentando Fazer o Melhor”, *A Liahona*, maio de 2015, pp. 56–57.
56. Ver Doutrina e Convênios 93:12, 19.
57. Morôni 7:25; ver também Mosias 2:41.
58. Ver Doutrina e Convênios 39:4–6.
59. Ver 2 Néfi 9:24.
60. 2 João 1:9.
61. 3 Néfi 27:17.
62. Uma pessoa pode frequentemente trazer o mesmo sacrifício ao altar por muitas semanas até que, com a ajuda do Salvador, e como ensinado pelo Élder Neal A. Maxwell, “seja consumido” (“Negai-vos a Toda Iniquidade”, *A Liahona*, julho de 1995, p. 73).
63. Ver 2 Néfi 25:20.
64. Ver Morôni 7:24.
65. Morôni 7:25.



Élder Carl B. Cook
Dos Setenta

Servir

Todo membro é necessário e todo membro precisa de uma oportunidade para servir.

Quando era garoto, adorava trabalhar com meu tio Lyman e minha tia Dorothy na fazenda deles. O tio Lyman geralmente liderava nossos projetos, e a tia Dorothy frequentemente auxiliava e dirigia a velha caminhonete Dodge. Lembro-me da forte emoção que sentia quando ficávamos atolados na lama ou tentávamos subir uma colina íngreme. O tio Lyman gritava: “Acione a engrenagem composta, Dorothy!” Era quando eu começava a orar. De alguma maneira, com a ajuda do Senhor e depois do ronco das engrenagens, a tia Dorothy conseguia engatar. Com todas as rodas presas e derrapando, a caminhonete arrancava e continuávamos o trabalho.

“Acionar a engrenagem composta” refere-se a acionar uma engrenagem especial na qual um número de engrenagens está organizado para trabalhar em conjunto para gerar mais torque.¹ Uma engrenagem composta, com tração nas quatro rodas, permite que você reduza a marcha, mova e acelere o carro.

Gosto de pensar que cada um de nós é parte de uma engrenagem composta ao servirmos juntos na Igreja — em alas e ramos, em quóruns e auxiliares. Assim como as engrenagens se unem para gerar maior poder em

conjunto, temos mais poder quando nos unimos. Ao nos unirmos para servir uns aos outros, podemos realizar muito mais juntos do que faríamos sozinhos. É entusiasmante estar engajados e unidos ao servir e ajudar na obra do Senhor.

Servir É uma Bênção!

A oportunidade de servir é uma das grandes bênçãos de ser membro da Igreja.² O Senhor disse: “Se me amares, servir-me-ás”,³ e servimos a Ele ao servir ao próximo.⁴

Ao servirmos, aproximamo-nos de Deus.⁵ Passamos a conhecê-Lo de maneiras que, de outra forma, talvez não conheceríamos. Nossa fé Nele aumenta. Nossos problemas são colocados na devida perspectiva. A vida se torna mais gratificante. Nosso amor ao próximo aumenta, bem como nosso desejo de servir. Por meio desse processo abençoado, tornamo-nos mais semelhantes a Deus, e estaremos mais preparados para voltar à presença Dele.⁶

O Presidente Marion G. Romney ensinou: “Servir não é algo que temos de suportar na Terra a fim de adquirir o direito de viver no Reino Celestial. Servir é a própria fibra de que é feita a vida exaltada no Reino Celestial”.⁷

Servir Pode Ser Desafiador

Servir na Igreja, no entanto, pode ser desafiador se for pedido que façamos algo que nos assusta, se o serviço se tornar fatigante ou se formos chamados para fazer algo que inicialmente não achamos interessante.

Recentemente recebi uma nova designação. Estava servindo na Área



África Sudeste. Foi emocionante servir onde a Igreja é relativamente nova e está sendo estabelecida. Nós amamos os santos de lá. Então fui chamado para voltar à sede da Igreja e, para ser honesto, eu não estava nada entusiasmado. Uma mudança de designação trouxe algumas incertezas.

Certa noite, depois de refletir sobre a futura mudança, sonhei com meu trisavô Joseph Skeen. Eu já havia lido no diário dele que, quando ele e sua esposa, Maria, mudaram-se para Nauvoo, seu desejo era servir, por isso procurou o Profeta Joseph Smith e perguntou como poderia ajudar. O Profeta enviou-o para trabalhar na planície e disse que fizesse o melhor que pudesse. Ele assim o fez. Ele trabalhou na fazenda da família Smith.⁸

Refleti sobre o privilégio que Joseph Skeen teve ao receber sua designação daquela maneira. De repente, percebi que tenho o mesmo privilégio, assim como todos nós. Todos os chamados na Igreja vêm de Deus — por meio de Seus servos escolhidos.⁹

Senti uma confirmação espiritual distinta de que minha nova designação foi inspirada. É importante que façamos essa conexão — que nossos chamados literalmente vêm de Deus para nós por meio de nossos líderes do sacerdócio. Depois dessa experiência, minha atitude mudou, e senti-me cheio de um profundo desejo de servir. Sou grato pela bênção do arrependimento e pela minha mudança de coração. Adoro minha nova designação.

Mesmo que julgemos que nosso chamado na Igreja tenha sido simplesmente ideia de nosso líder do sacerdócio, ou que chegou até nós porque ninguém mais iria aceitá-lo, seremos abençoados ao servir. Mas, quando reconhecemos a mão de Deus em nosso chamado e servimos de todo o



coração, poder adicional será acrescentado em nosso serviço e nos tornaremos verdadeiros servos de Jesus Cristo.

Servir Exige Fé

Cumprir chamados exige fé. Pouco depois de Joseph começar a trabalhar na fazenda, ele e Maria ficaram muito doentes. Eles não tinham dinheiro e estavam entre pessoas desconhecidas. Foi um período muito difícil para eles. Em seu diário, Joseph escreveu: “Nós trabalhamos [e] nos agarramos à Igreja com a pouca fé que tínhamos embora o diabo tenha tentado destruir-nos e fazer-nos voltar”.¹⁰

Com centenas de outros descendentes, serei eternamente grato por Joseph e Maria não terem olhado para trás. As bênçãos vêm ao perseverarmos em nossos chamados e nossas responsabilidades e permanecermos firmes com toda a fé que temos.

Conheço uma maravilhosa professora da classe de Doutrina do Evangelho que eleva os membros da classe ao ensinar, mas ela nem sempre foi assim. Depois de se filiar à Igreja, ela recebeu um chamado para ensinar na Primária. Ela sentiu que não tinha nenhuma habilidade de ensinar, mas, como sabia da importância do serviço ao próximo, ela aceitou. Rapidamente tomada pelo medo, ela parou de frequentar a Igreja para que não tivesse que ensinar. Felizmente seu mestre familiar notou a ausência dela, visitou-a e convidou-a a voltar. O bispo e os membros da ala a

ajudaram. Por fim, com a fé fortalecida, começou a ensinar as crianças. Ao aplicar princípios que agora são ensinados em *Ensinar à Maneira do Salvador*, o Senhor abençoou seu empenho e ela tornou-se uma professora talentosa.¹¹

O homem ou a mulher natural dentro de nós está inclinado a permitir-nos a dar desculpas para não servir por razões tais como “não estou pronto para servir, tenho que aprender mais”, “estou cansado e preciso de uma pausa”, “estou velho demais — é a vez de outras pessoas”, ou “estou simplesmente muito ocupado”.

Irmãos e irmãs, aceitar e cumprir um chamado é um ato de fé. Podemos confiar no que nosso Profeta, Thomas S. Monson, ensina repetidamente: “O Senhor qualifica aqueles a quem chama”, “é a obra do Senhor e, quando estamos a serviço do Senhor, temos direito a Seu auxílio”.¹² Quer estejamos sobrecarregados ou desiludidos, apavorados ou aborrecidos, o Senhor quer que reduzamos a marcha, aceleremos e sirvamos.

Não vejo sinais de que o Presidente Monson e seus conselheiros na Primeira Presidência e no Quórum dos Doze estejam ocupados ou cansados demais. Eles exemplificam de modo inspirador o poder que recebemos em nossa vida quando exercemos fé, aceitamos designações e as cumprimos com afinco e dedicação. Há muitos anos, eles decidiram que a “lei [deles] é trabalhar”¹³ e eles continuam seguindo



em frente, avante e progressivamente.

Sim, eles servem em chamados importantes, mas *todo* chamado ou toda designação é importante. O Presidente Gordon B. Hinckley, um profeta anterior e Presidente da Igreja, disse: “Estamos todos juntos neste grande empreendimento. (...) A obrigação de cada um é tão séria em sua esfera de responsabilidade quanto o é a minha em minha esfera. Não há chamado nesta Igreja que seja pequeno ou de pouca consequência”.¹⁴ Todo chamado é importante.¹⁵

Vamos Servir

Que nos ergamos na fé, que “nossa lei [seja] trabalhar” e levemos essa obra adiante.¹⁶ Vamos “acionar a engrenagem composta”, igual a fiel tia Dorothy. Como irmãos e irmãs, vamos servir.

Se quiser fazer seu bispo ou presidente de ramo feliz, pergunte a ele “Como posso ajudar?” “Onde o Senhor deseja que eu sirva?” Ao orar e considerar suas responsabilidades pessoais, familiares e seu emprego, ele será inspirado a fazer um chamado adequado. Quando você é designado, recebe uma bênção especial do sacerdócio para ajudá-lo a ter sucesso. Você *será* abençoado! Todo membro é necessário e todo membro precisa de uma oportunidade para servir.¹⁷

Jesus Cristo É o Nosso Exemplo

Jesus Cristo, nosso grande Exemplo, deu Sua vida à obra do Pai. No Grande Conselho, antes deste mundo ser organizado, Jesus, escolhido e ungido

desde o princípio, voluntariou-Se: “Eis-me aqui, envia-me”.¹⁸ Ao fazê-lo, Ele Se tornou literalmente servo de todos nós. Por meio de Jesus Cristo e do poder que recebemos devido à Sua Expição, também podemos servir. Ele vai nos ajudar.¹⁹

Expresso meu amor sincero por aqueles que não podem atualmente servir na Igreja, da maneira tradicional, devido a circunstâncias pessoais, mas que vivem sua vida em espírito de serviço. Oro para que sejam abençoados em seus esforços. Também expresso minha gratidão aos que magnificam chamados semana após semana, bem como aqueles que em breve aceitarão chamados para servir. Todas as contribuições e todos os sacrifícios são valorizados, especialmente por Ele a Quem servimos. Todos os que servem receberão a graça de Deus.²⁰

Seja qual for nossa idade ou situação, que o serviço seja nosso lema.²¹ Sirva em seu chamado. Sirva missão. Sirva a sua mãe. Sirva a um desconhecido. Sirva a seu vizinho. Apenas sirva.

Que o Senhor abençoe cada um de nós em nosso empenho em servir e em nos tornarmos verdadeiros seguidores de Jesus Cristo.²² Testifico que Ele vive e dirige esta obra. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver “Compound Gears” [Engrenagem Composta], technologystudent.com/gears1/gears3.htm; “Compound Gear Reduction” [Redução de Engrenagem Composta], curriculum.vexrobotics.com.
2. Ver *Pregar Meu Evangelho: Guia para o*

Serviço Missionário, 2004, p. 88.

3. Doutrina e Convênios 42:29; ver também Doutrina e Convênios 59:5.
4. Ver Mateus 25:40; Mosias 2:17.
5. Ver João 12:26.
6. Ver Doutrina e Convênios 81:4–6.
7. Marion G. Romney, “O Caráter Celestial da Autossuficiência”, *A Liahona*, janeiro de 1983, p. 162.
8. Ver Joseph Skeen, *reminiscences and diary* [memórias e diário], p. 7, Church History Library, Salt Lake City; ver também *The Journal and History of Joseph Skeen* [Diário e História de Joseph Skeen], ed. Greg S. Montgomery e Mark R. Montgomery, 1996, p. 23.
9. Ver Doutrina e Convênios 1:38; Regras de Fé 1:5.
10. Skeen, *reminiscences and diary* [memórias e diário], p. 8, ortografia e pontuação padronizadas; ver também *Journal and History of Joseph Skeen* [Diário e História de Joseph Skeen], p. 23; Lucas 22:31; 2 Néfi 28:19–24; Alma 30:60; Doutrina e Convênios 10:22–27.
11. Ver *Ensinar à Maneira do Salvador*, 2016, pp. 37–38; *Manual 2: Administração da Igreja*, 2010, 5.3, 5.5.4.
12. Thomas S. Monson, “O Dever Chama”, *A Liahona*, julho de 1996, p. 45.
13. “Nossa Lei É Trabalhar”, *Hinos*, nº 142.
14. Gordon B. Hinckley, “Esta É a Obra do Mestre”, *A Liahona*, julho de 1995, p. 76.
O Presidente Hinckley também disse: “A oportunidade de sentir satisfação no desempenho de suas tarefas é tão grande quanto a minha. O progresso desta obra será determinado por nossos esforços conjuntos. Qualquer que seja o chamado, ele está tão cheio de oportunidades de fazer o bem quanto o meu. O que realmente importa é que esta é a obra do Mestre. Nossa tarefa é fazer o bem como Ele o fez” (“Esta É a Obra do Mestre”, p. 76).
15. O Presidente Thomas S. Monson explicou: “Como se magnifica um chamado? Simplesmente desempenhando as tarefas relacionadas a ele” (“O Dever Chama”, p. 44).
16. Ver Alma 37:6.
17. “Nossa Lei É Trabalhar”, *Hinos*, nº 142.
18. Ver *Manual 2*, 3.3.1, 3.3.3, 19.1.1, 19.4.
“É por meio do serviço de homens, mulheres, rapazes e moças que a obra de Deus é feita” (*Princípios do Evangelho*, 2009, p. 168).
19. Abraão 3:27.
20. Ver Doutrina e Convênios 76:5.
21. Ver Mosias 18:26.
22. “They, the Builders of the Nation” [Fundadores da Nação], *Hymns*, nº 36.
22. Ver Morôni 7:48.



Élder Ronald A. Rasband
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Para Que Não Te Esqueças

Incentivo vocês a recordarem, especialmente em tempos de crise, quando o Espírito e seu testemunho eram fortes, a lembrarem-se dos alicerces espirituais que vocês construíram.

Boa noite, queridos irmãos e irmãs. Como somos abençoados nesta conferência! Tenho me sentido bastante humilde durante meu primeiro ano como membro do Quórum dos Doze Apóstolos. Tem sido um ano de desenvolvimento, crescimento e pedidos sinceros a meu onipresente Pai Celestial. Sinto o apoio por meio da oração de familiares, amigos e membros da Igreja no mundo todo. Obrigado por seus pensamentos e suas orações.

Tive também o privilégio de me reunir com amigos queridos, alguns do passado e outros que conheci recentemente. Foi depois de me encontrar com um amigo querido, que conheço e amo há tantos anos, que me senti inspirado a preparar este discurso.

Quando nos encontramos, meu amigo me confidenciou que estava com dificuldades. Disse que estava passando por — usando as palavras dele — “uma crise de fé” e queria meu conselho. Senti-me grato que ele tivesse compartilhado seus sentimentos e suas preocupações comigo.

Meu amigo expressou que ansiava por aquilo que outrora sentira

espiritualmente e que achava estar perdendo. Enquanto ele falava, ouvi atentamente e orei com sinceridade para saber o que o Senhor queria que eu dissesse.

Então meu amigo, talvez como alguns de vocês, fez a tão pungente pergunta da canção da Primária: “Meu Pai Celeste, estás mesmo aí?”¹ E com aqueles que talvez estejam fazendo a mesma pergunta, eu gostaria de compartilhar o conselho que dei a meu amigo, e desejo que a fé que cada um de vocês tem seja fortalecida e que seja renovada sua determinação de continuar a ser discípulos de Jesus Cristo.

Começo lembrando-lhes que vocês são filhos ou filhas de um Pai Celestial amoroso e que Seu amor permanece constante. Sei que esses sentimentos reconfortantes de amor são difíceis de recordar em meio às dificuldades ou provações pessoais, decepções ou desilusões.

Jesus Cristo conhece as dificuldades e as intensas provações. Ele deu Sua vida por nós. Suas horas finais foram cruéis, além de tudo que podemos compreender, mas Seu sacrifício em

favor de cada um de nós foi a expressão máxima de Seu puro amor.

Nenhum erro ou pecado, nenhuma escolha vai mudar o amor de Deus por nós. Isso não significa que a conduta pecaminosa seja aceita nem remove nossa obrigação de nos arrepender quando pecamos. Mas *não se esqueçam* de que o Pai Celestial conhece e ama cada um de vocês, e está sempre pronto para ajudar.

Ao ponderar a situação de meu amigo, minha mente refletiu sobre a grande sabedoria que se encontra no Livro de Mórmon: “E agora, meus filhos, lembrai-vos, lembrai-vos de que é sobre a rocha de nosso Redentor, que é Cristo, o Filho de Deus, que deveis construir os vossos alicerces; para que, quando o diabo lançar a fúria de seus ventos, sim, seus dardos no torvelinho, sim, quando todo o seu granizo e violenta tempestade vos açoitem, isso não tenha poder para vos arrastar ao abismo da miséria e angústia sem fim, por causa da rocha sobre a qual estais edificadas, que é um alicerce seguro; e se os homens edificarem sobre esse alicerce, não cairão”.²

Testifico que o “abismo da miséria e angústia sem fim” é um lugar onde ninguém deseja estar. Meu amigo se sentia à beira do abismo.

Quando aconselhei pessoas como meu amigo, examinei as decisões que tomaram durante anos, as quais os levaram a se esquecer de experiências sagradas, a enfraquecer e a duvidar. Eu os incentivei, assim como incentivo vocês agora, a recordarem, especialmente em tempos de crise, quando o Espírito e seu testemunho eram fortes, a lembrarem-se dos alicerces espirituais que vocês construíram. Prometo que, se fizerem isso, evitando tudo o que não edifica nem fortalece seu testemunho, ou que zomba de suas crenças,



aquela época preciosa em que seu testemunho prosperou retornará à sua memória por meio de humilde oração e jejum. Garanto-lhes que, mais uma vez, sentirão a segurança e o calor do evangelho de Jesus Cristo.

Devemos primeiro fortalecer a nós mesmos espiritualmente para depois fortalecermos os que estão a nosso redor. Ponderem as escrituras regularmente e lembrem-se dos pensamentos e sentimentos que tiveram ao lê-las. Busquem também outras fontes de verdade, mas ouçam este alerta das escrituras: “Mas é bom ser instruído, *quando* se dá ouvidos aos conselhos de Deus”.³ Frequentem as reuniões da Igreja, especialmente a reunião sacramental, tomem o sacramento e renovem os convênios, inclusive a promessa de sempre se lembrarem do Salvador, para que Seu Espírito esteja com vocês.

Independentemente de quaisquer erros que tenhamos cometido ou o quanto sejamos imperfeitos, podemos sempre abençoar e edificar os outros. Estender a mão a eles em serviço cristão pode nos ajudar a sentir o amor de Deus no fundo de nosso coração.

É importante nos lembrar do poderoso conselho que está em Deuterônimo: “Tão somente guarda-te a ti

mesmo, e guarda bem a tua alma, *para que não te esqueças* daquelas coisas que os teus olhos viram, e não se apartem do teu coração todos os dias da tua vida; e as farás saber a teus filhos, e aos filhos de teus filhos”.⁴

Gerações são afetadas pelas escolhas que fazemos. Compartilhem seu testemunho com sua família; incentivem-nos a se lembrar de como se sentiram quando reconheceram o Espírito na vida deles e a registrar esses sentimentos em diários e histórias pessoais para que as próprias palavras deles possam, quando necessário, trazer-lhes à lembrança como Deus tem sido bom para eles.

Lembrem-se de que um dos motivos pelos quais Néfi e seus irmãos retornaram a Jerusalém para obter as placas de latão, que continham o registro histórico de seu povo, foi para que não se esquecessem de seu passado.

E, também no Livro de Mórmon, Helamã deu a seus filhos o nome de seus “primeiros pais” para que eles não se esquecessem da bondade do Senhor:

“Eis que, meus filhos, eu desejo que vos lembreis de guardar os mandamentos de Deus (...). Eis que eu vos dei os nomes de nossos primeiros pais, que vieram da terra de Jerusalém; e assim fiz para que, quando vos lembrardes

de vossos nomes, vos lembreis deles; e quando vos lembrardes deles, vos lembreis de suas obras; e quando vos lembrardes de suas obras, saibais que foi dito e também escrito que elas foram boas.

Portanto, meus filhos, desejo que pratiquéis o bem, a fim de que possa ser dito de vós e também escrito o mesmo que foi dito e escrito sobre eles”.⁵

Muitas pessoas hoje têm a mesma tradição de dar a seus filhos nomes de heróis das escrituras ou de antepassados fiéis como um meio de incentivá-los a não se esquecer de sua herança.

Quando nasci, recebi o nome Ronald A. Rasband. Meu sobrenome homenageia a linha ancestral de meu pai. Recebi a inicial *A* em meu nome do meio para me recordar de honrar os Anderson, antepassados dinamarqueses de minha mãe.

Meu trisavô Jens Anderson era dinamarquês. Em 1861, o Senhor guiou dois missionários mórmons até a casa de Jens e Ane Cathrine Anderson, onde os missionários apresentaram o evangelho restaurado a eles e a seu filho de 16 anos. E assim iniciou-se um legado de fé do qual minha família e eu somos os beneficiários. Os Anderson leram o Livro de Mórmon e, pouco tempo depois, foram batizados. No ano seguinte, a família Anderson ouviu o chamado do profeta para que cruzassem o Atlântico a fim de se unirem aos santos na América do Norte.

Infelizmente, Jens faleceu durante a viagem no oceano, mas sua esposa e seu filho continuaram até chegarem ao Vale do Lago Salgado, em 3 de setembro de 1862. Apesar das adversidades e do sofrimento deles, sua fé nunca esmoreceu nem a de muitos de seus descendentes.

No meu escritório, há uma pintura⁶ que capta magnificamente um lembrete

simbólico da primeira reunião entre aqueles primeiros missionários dedicados e meus antepassados. Estou determinado a não esquecer minha herança e, por causa de meu nome, lembrarei para sempre de seu legado de fidelidade e sacrifício.

Nunca ignorem e questionem suas próprias experiências espirituais sagradas ou se esqueçam delas. O propósito do adversário é fazer com que nos esqueçamos de testemunhos espirituais, enquanto que o desejo do Senhor é nos iluminar e nos envolver em Sua obra.

Permitam-me compartilhar um exemplo pessoal dessa verdade. Lembro-me com clareza de uma época em que recebi uma inspiração em resposta a uma fervorosa oração. A mensagem foi clara e vigorosa. No entanto, deixei de agir imediatamente em resposta à inspiração e, depois de algum tempo, comecei a me perguntar se o que havia sentido era real. Alguns de vocês talvez também tenham se deixado levar por esse artifício do inimigo.

Vários dias depois, acordei com este poderoso versículo das escrituras em minha mente:

“Em verdade, em verdade eu te digo: Se desejas mais um testemunho,



O Élder Rasband chama essa pintura de “um lembrete simbólico” da primeira reunião entre seus antepassados e os primeiros missionários mórmons.

volve tua mente para a noite em que clamaste a mim em teu coração (...).

Não dei paz a tua mente quanto ao assunto? Que maior testemunho poder ter que o de Deus?”⁷

Foi como se o Senhor estivesse dizendo: “Então, Ronald, eu já disse o que você precisa fazer. Agora faça!” Fiquei muito grato pela amorosa correção e orientação que recebi! Fui imediatamente consolado pela inspiração e fui capaz de seguir adiante, sabendo no coração que minha oração havia sido respondida.

Eu lhes contei essa experiência, queridos irmãos e irmãs, para demonstrar com que rapidez nossa mente é capaz de se esquecer e de como as experiências espirituais nos guiam. Aprendi a entesourar esses momentos e não me esquecer deles.

A meu amigo e a todos os que desejam fortalecer sua fé, façam-lhes esta promessa: se viverem fielmente o evangelho de Jesus Cristo e obedecerem a seus ensinamentos, seu testemunho será protegido e crescerá. Guardem os convênios que fizeram a despeito das atitudes daqueles que os rodeiam. Sejam pais, irmãos e irmãs, avós, tios e tias e amigos diligentes, que fortalecem os entes queridos com seu testemunho pessoal e que compartilham experiências espirituais. Permaneçam firmes e fiéis mesmo se tempestades de dúvida invadirem sua vida por meio da ação de outros. Busquem aquilo que os edificará e fortalecerá espiritualmente. Evitem as falsas ofertas das chamadas “verdades” que são tão difundidas e lembrem-se de registrar seus sentimentos de “caridade, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, [e] temperança”.⁸

Em meio às grandes tempestades da vida, *não se esqueçam* de sua herança divina como filhos ou filhas de Deus,

ou de seu destino eterno, que é o de um dia voltarem a viver com Ele, algo muito além do que qualquer outra coisa que o mundo tenha a oferecer. Lembrem-se das ternas e doces palavras de Alma: “E agora, eis que eu vos digo, meus irmãos, se haveis experimentado uma mudança no coração, se haveis sentido o desejo de cantar o cântico do amor que redime, eu perguntaria: Podeis agora sentir isso?”⁹

A todos os que sentem a necessidade de fortalecer sua fé, suplico: *Não se esqueçam!* Por favor, não se esqueçam.

Presto testemunho de que Joseph Smith foi um Profeta de Deus. Sei que ele viu Deus, o Pai, e Seu Filho, Jesus Cristo, exatamente como registrado nas próprias palavras do Profeta. Sou muito grato por ele *não ter se esquecido* de escrever essa experiência para que todos conheçamos seu testemunho.

Presto meu solene testemunho do Senhor Jesus Cristo. Ele vive. Sei que Ele vive e é o Cabeça desta Igreja. Sei essas coisas por mim mesmo, independentemente de quaisquer outras vozes ou testemunhos, e oro para que vocês e eu *jamais nos esqueçamos* das sagradas verdades eternas — primeiro e mais importante, de que somos filhos e filhas de amorosos Pais Celestiais reais e que desejam apenas nossa felicidade eterna. Dessas verdades testifico em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. “Oração de uma Criança”, *Músicas para Crianças*, pp. 6–7.
2. Helamã 5:12.
3. 2 Néfi 9:29; grifo do autor.
4. Deuterônimo 4:9; grifo do autor.
5. Helamã 5:6–7.
6. A pintura original foi feita por Christen Dalsgaard em 1856. A pintura em meu escritório é uma cópia criada por Arnold Friberg em 1964.
7. Doutrina e Convênios 6:22–23.
8. Gálatas 5:22.
9. Alma 5:26.



Élder Evan A. Schmutz
Dos Setenta

Deus Enxugará Todas as Lágrimas

Ao exercermos nossa fé no Salvador, Ele vai nos elevar e nos carregar em meio aos desafios e, por fim, salvar-nos no Reino Celestial.

Faz parte do plano do Pai Celestial que sintamos tristeza em nossa experiência mortal.¹ Embora pareça que os filhos de nosso Pai Celestial recebam diferentes medidas de sofrimento, podemos ter certeza de que, em maior ou menor grau, todos passamos por sofrimentos e dificuldades. É minha oração que o Santo Espírito nos guie a um maior entendimento de por que deve ser assim.

Quando vemos as experiências difíceis da vida pelos olhos da fé em Cristo, conseguimos entender que existe um propósito divino em nosso sofrimento. Os fiéis podem vivenciar a verdade do conselho aparentemente contraditório de Pedro. Ele escreveu: “Se *padecerdes* por causa da justiça, sois bem-aventurados”.² Se aplicarmos nosso “coração para compreender”,³ podemos aumentar nossa capacidade de suportar bem nossas dificuldades, aprender com elas e ser refinados por elas. Tal entendimento provê uma resposta para a eterna pergunta “Por que coisas ruins acontecem a pessoas boas?”

Todos os que me escutam hoje estão familiarizados com alguma medida

de solidão, desespero, pesar, dor ou tristeza. Sem os “olhos da fé”⁴ e um entendimento das verdades eternas, achamos, com frequência, que a miséria e o sofrimento pelos quais passamos na mortalidade podem obscurecer a alegria eterna de saber que o grande plano de nosso Pai Celestial *realmente é* o plano eterno de felicidade. Não há outro meio de recebermos a plenitude da alegria.⁵

Deus nos convida a reagir com fé às nossas aflições a fim de recebermos as



bênçãos e ganharmos o conhecimento que não pode ser obtido de outra maneira. Somos instruídos a guardar os mandamentos em todas as situações e circunstâncias, pois “o que é fiel nas tribulações recebe maior recompensa no reino do céu”.⁶ Conforme lemos nas escrituras: “Se estiveres angustiado, invoca o Senhor teu Deus com súplicas a fim de que tua alma se regozije”.⁷

O Apóstolo Paulo, alguém que conhecia bem as tribulações, usou de sua experiência para nos ensinar com profundidade e beleza a perspectiva eterna que recebemos quando suportamos bem e com paciência. Ele disse: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz-nos um peso eterno de glória muito excelente”.⁸ Em outras palavras, podemos saber em meio às aflições que Deus proporcionou uma recompensa de compensação eterna.

A habilidade de Paulo em falar das tribulações, perseguições e tristezas de sua vida como se fossem “leves tribulações” dá uma falsa ideia da severidade do sofrimento dele, o que foi para ele absorvido pela perspectiva eterna do evangelho. A fé que Paulo tinha em Jesus Cristo tornou todas as coisas suportáveis. Cinco vezes ele foi chicoteado; três vezes foi açoitado com varas; uma vez, apedrejado; três vezes sofreu naufrágio; correu risco de vida por afogamento e também devido a salteadores e falsos irmãos; ele sofreu fadiga e dor, fome e sede e foi aprisionado nu e com frio.⁹

Muitos de nós imploram a Deus que remova a causa de nosso sofrimento e, quando o alívio que buscamos não vem, temos a tendência de pensar que Ele não está ouvindo. Testifico que, nesses momentos, Ele ouve nossas orações, tem um motivo para permitir que nossas aflições continuem¹⁰ e vai nos ajudar a suportá-las.¹¹



Em uma passagem conhecida e reflexiva, Paulo fala de um “espinho” na carne, que lhe causou grandes dores e o fez ficar de joelhos três vezes, implorando ao Senhor que o tirasse dele. Em resposta às orações de Paulo, o Senhor não retirou o espinho, mas deu paz e entendimento ao seu coração, dizendo: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Com um novo entendimento, Paulo conseguiu aceitar e ser grato pelo espinho que havia recebido. Ele disse: “De boa vontade (...) me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo”.¹²

Quando adquirimos essa perspectiva eterna em nossa vida, nossa capacidade de suportar aumenta, aprendemos como socorrer aqueles que necessitam de socorro¹³ e passamos a apreciar e até expressar gratidão pelas experiências que Deus nos dá para nos ensinar durante a vida.

Quando passamos por tribulações, pode ser difícil ver nossos desafios como um sinal de que estamos na direção correta em nosso caminho do discipulado. Mas, quer nos encontremos em grande desespero ou grande

felicidade, pode ser uma bênção aprender e sentir compaixão pelos sofrimentos das outras pessoas.

Em uma designação recente que tive em uma conferência de estaca nas Filipinas, fiquei arrasado ao saber da trágica experiência do irmão Daniel Apilado. O irmão Apilado e sua esposa foram batizados em 1974. Eles aceitaram o evangelho restaurado com entusiasmo e foram selados no templo. Com o tempo, foram abençoados com cinco belos filhos. No dia 7 de julho de 1997, na época em que o irmão Apilado servia como presidente da estaca, um incêndio destruiu sua pequena casa. Michael, o filho mais velho do irmão Apilado, resgatou o pai e o puxou da estrutura em chamas e correu de volta para a casa a fim de salvar os outros. Aquela foi a última vez que o irmão Apilado viu o filho vivo. A esposa, Dominga, e os cinco filhos do irmão Apilado morreram no incêndio.

O fato de o irmão Apilado estar vivendo de maneira a agradar a Deus, quando a tragédia ocorreu, não impediu a tragédia nem o tornou imune às tristezas que se seguiram. Mas sua *fidelidade* em guardar os convênios e

exercer fé em Cristo deu a ele a confiança na promessa de que estaria com a esposa e a família novamente. Essa esperança se tornou uma âncora para a sua alma.¹⁴

Durante minha visita, o irmão Apilado, agora patriarca da estaca, apresentou-me para sua atual esposa, Simonette, e seus dois filhos, Rafael e Daniel. Verdadeiramente, Jesus Cristo pode e vai “restaurar os contritos de coração”.¹⁵

Ao compartilhar a história do irmão Apilado, fico preocupado que a enormidade de sua perda possa fazer com que muitos pensem que as suas tristezas e os seus sofrimentos não importam muito se comparados aos dele. Por favor, não façam comparações, mas procurem aprender e aplicar princípios eternos ao passarem por sua fornalha da aflição.

Se eu puder falar a cada um de vocês, “todos os que [estão] cansados e oprimidos”,¹⁶ gostaria de lembrar que nosso Pai Celestial e Seu Filho conhecem todos os seus desafios pessoais — suas tristezas, dores, tribulações e enfermidades de todos os tipos. Tenham coragem! Tenham fé! E acreditem nas promessas de Deus!



O propósito e a missão de Jesus Cristo incluíam “[tomar] sobre si as dores e as enfermidades de seu povo”, “[tomar] sobre si as suas enfermidades” e “socorrer seu povo, de acordo com suas enfermidades”.¹⁷

Para receber plenamente os dons que nosso Salvador tem a oferecer tão livremente, todos nós precisamos aprender que o sofrimento em si não nos ensina ou concede algo de valor eterno a menos que nós *deliberadamente* nos envolvamos no processo de aprender com nossas aflições por meio do exercício da fé.

O Élder Neal A. Maxwell comparou certa vez o que ele aprendeu sobre sofrer com propósito, nestas palavras:

“Certas formas de sofrimento, quando bem suportadas, podem nos tornar pessoas melhores. (...)”

Parte de suportar bem consiste em ser manso o suficiente, em meio aos

sofrimentos, para aprender com nossas experiências importantes. Em vez de simplesmente suportar essas coisas, devemos suportá-las de modo que elas [nos] santifiquem”.¹⁸

Tenho observado na vida e no exemplo de outras pessoas que exercer uma fé forte e duradoura em Jesus Cristo e em Suas promessas proporciona uma esperança segura de que dias melhores virão. Essa esperança segura nos fortalece, trazendo a força e o poder que precisamos para perseverar.¹⁹ Quando conseguimos entender o relacionamento entre o nosso sofrimento e a certeza do propósito de nossa mortalidade e, *mais especificamente*, a recompensa que nos aguarda no céu, nossa fé em Cristo aumenta e recebemos consolo para nossa alma.

Então podemos ver a luz no fim do túnel. O Élder Jeffrey R. Holland ensinou: “Existe *efetivamente* uma luz no fim do túnel. É a Luz do Mundo, a

Resplandecente Estrela da Manhã, ‘uma luz sem fim, que nunca poderá ser obscurecida’ (Mosias 16:9). Ela é o próprio Filho de Deus”.²⁰

Podemos nos fortalecer no conhecimento de que todas as experiências difíceis desta vida são temporárias — até mesmo as noites mais escuras se transformam em amanhecer.

Quando tudo tiver acabado e quando tivermos suportado todas as coisas com fé em Jesus Cristo, temos a promessa de que “Deus enxugará [todas as lágrimas] de [nossos] olhos”.²¹

Testifico que Deus, o Pai, e Seu Filho, Jesus Cristo, vivem e são cumpridores de promessas. Testifico que o Salvador convida todos nós a vir e partilhar de Sua Expição. Ao exercermos nossa fé Nele, Ele vai nos elevar e nos carregar em meio aos desafios e, por fim, salvar-nos no Reino Celestial. Convido-os a vir a Cristo, suportar bem com fé, tornar-se perfeito por meio Dele e ter alegria perfeita Nele. No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Gênesis 3:16–19.
2. 1 Pedro 3:14; grifo do autor.
3. Mosias 12:27.
4. Éter 12:19.
5. Ver 3 Néfi 28:10; ver também 2 Néfi 31:19–21.
6. Doutrina e Convênios 58:2.
7. Doutrina e Convênios 136:29.
8. 2 Coríntios 4:17.
9. Ver 2 Coríntios 11:23–27.
10. Ver Doutrina e Convênios 121:7–8; 122.
11. Ver Mosias 24:12–15.
12. Ver 2 Coríntios 12:7–9.
13. Ver Mosias 4:16.
14. Ver Éter 12:4.
15. Isaías 61:1; ver também os versículos 2–3.
16. Mateus 11:28.
17. Alma 7:11–12.
18. Neal A. Maxwell, “Suportar Bem”, *A Liahona*, abril de 1999, p. 12.
19. Ver Éter 12:4.
20. Jeffrey R. Holland, “O Sumo Sacerdote dos Bens Futuros”, *A Liahona*, janeiro de 2000, p. 42.
21. Ver Apocalipse 7:17; ver também Apocalipse 21:4.



Élder K. Brett Nattress
Dos Setenta

Não Há Alegria Maior do Que Saber Que Eles Sabem

Não sei se alguma coisa neste mundo poderia trazer mais felicidade e alegria do que saber que nossos filhos conhecem o Salvador.

Irmãos e irmãs, recentemente estive ponderando sobre esta questão: “Se tudo o que seus filhos soubessem do evangelho viesse de você — como sua única fonte —, quanto eles saberiam?” Essa pergunta se aplica a todos os que amam, orientam e influenciam crianças.

Há algum dom maior que podemos transmitir a nossos filhos senão uma memória viva no coração deles de que sabemos que nosso Redentor vive? Eles sabem que nós sabemos? E o mais importante, eles sabem por si mesmos que Ele vive?

Quando garoto, eu era o filho que mais dava trabalho para minha mãe. Eu tinha uma energia inesgotável. Minha mãe me diz que seu maior medo era que eu não sobrevivesse para viver a vida adulta. Eu era ativo demais.

Lembro-me de, quando menino, estar sentado em uma reunião sacramental com nossa família. Minha mãe tinha acabado de receber um novo conjunto de escrituras. Esse novo conjunto combinava as obras-padrão

em uma única edição, e no meio havia folhas para fazer anotações.

Durante a reunião, perguntei se podia segurar as escrituras dela. Com esperança de me manter reverente, ela as entregou para mim. Enquanto eu olhava as escrituras, notei que ela havia escrito uma meta pessoal na parte de anotações. Para dar contexto à meta dela, devo dizer que sou o segundo de seis filhos e meu nome é Brett. Minha mãe escreveu, em vermelho, apenas uma meta: “Paciência com Brett!”

Para ajudá-los a entender o desafio que meus pais enfrentaram para cuidar de nossa família, deixe-me contar sobre nossa leitura familiar das escrituras. Toda manhã, minha mãe lia o Livro de Mórmon para nós durante o desjejum. Nesse momento, meu irmão mais velho, Dave, e eu ficávamos irreverentemente sentados. Para ser bem honesto, nós não escutávamos. Ficávamos lendo a caixa de cereais.

Até que, em uma manhã, decidi ser direto com minha mãe. Exclamei: “Mãe, por que você está fazendo isso conosco? Por que você lê o Livro de Mórmon todas as manhãs?” E então, disse algo que tenho vergonha de admitir. Na verdade, não consigo acreditar que realmente disse isso. Eu disse: “Mãe, eu *não* estou ouvindo!”

Sua resposta amorosa foi um momento decisivo em minha vida. Ela disse: “Filho, fui a uma reunião em que o Presidente Marion G. Romney ensinou sobre as bênçãos da leitura diária das escrituras. Durante a reunião, recebi a promessa de que, se eu lesse o Livro de Mórmon todos os dias para os meus filhos, eu não os perderia”. Então ela me olhou diretamente nos olhos e, com absoluta determinação, disse: “*E eu não vou perder você!*”





Suas palavras penetraram-me o coração. Apesar das minhas imperfeições, eu era digno de ser salvo. Ela me ensinou a eterna verdade de que sou filho de um amoroso Pai Celestial. Aprendi que não importam as circunstâncias, eu valia a pena. Esse foi um momento perfeito para um garotinho imperfeito.

Sou eternamente grato pela minha mãe angelical e por todos os anjos que amam as crianças perfeitamente, apesar de suas imperfeições. Eu acredito firmemente que todas as irmãs — vou chamá-las de “anjos” — são mães em Sião, sejam elas casadas e tenham filhos ou não durante esta experiência terrena.

Há alguns anos, a Primeira Presidência proclamou: “A maternidade está próxima da divindade. É o serviço mais elevado e sagrado a ser assumido pela humanidade. Ele coloca a mulher que honra seu santo chamado e serviço perto dos anjos”.¹

Sou grato pelos anjos em toda a Igreja que corajosa e amorosamente proclamam verdades eternas aos filhos do Pai Celestial.

Sou grato pela dádiva do Livro de Mórmon. Sei que ele é verdadeiro. Ele contém a plenitude do evangelho de Jesus Cristo. Desconheço alguém que esteja lendo o Livro de Mórmon diligentemente a cada dia com puro intento e fé em Jesus Cristo que tenha perdido seu testemunho e tenha se afastado. A promessa profética de

Morôni carrega em si a chave para saber a verdade de todas as coisas — incluindo a habilidade para discernir e evitar as falsidades do adversário (ver Morôni 10:4–5).

Também sou grato pelo amoroso Pai Celestial e Seu Filho, Jesus Cristo. O Salvador proporcionou o exemplo perfeito de como viver em um mundo imperfeito e injusto. “Nós o amamos porque ele nos amou primeiro” (1 João 4:19). Seu amor por nós é imensurável. Ele é nosso amigo mais fiel. Ele suou “grandes gotas de sangue” por vocês e também por mim (ver Lucas 22:44). Ele perdoou o que parecia imperdoável. Ele amou o repulsivo. Ele fez o que nenhum mortal poderia fazer: Providenciou uma Expição para vencer as transgressões, as dores e as enfermidades de toda a humanidade.

Por causa da Expição de Jesus Cristo, podemos viver com a promessa de que, não importa quais sejam nossas dificuldades, sempre podemos ter esperança Nele, “que é poderoso para salvar” (2 Néfi 31:19). Graças à Expição, podemos ter alegria, paz, felicidade e vida eterna.

O Presidente Boyd K. Packer disse: “Exceto para os poucos que decidem seguir o caminho da perdição, não há hábito, vício, rebelião, transgressão, apostasia nem crime que não se inclua na promessa de total perdão. Essa é a promessa da Expição de Cristo”.²

Um dos eventos mais incríveis na história da humanidade é a visita e o ministério do Salvador aos antigos habitantes da América. Visualize em sua mente como seria estar lá. Ao ponderar sobre Seu bondoso e amoroso carinho por aquele grupo de santos reunidos no templo, pensei em meus filhos que amo mais do que minha própria vida. Tentei imaginar como seria ver nossos pequeninos testemunharem pessoalmente o Salvador convidando cada criança para vir até Ele, testemunhar os braços abertos do Salvador, assistir enquanto cada criança, uma por uma, gentilmente sente as marcas em Suas mãos e em Seus pés, e depois ver cada uma delas prestar testemunho de que Ele vive! (Ver 3 Néfi 11:14–17; ver também 17:21; 18:25.) Ver nossos filhos virarem e dizerem: “Mãe, pai; é Ele!”

Não sei se alguma coisa neste mundo poderia trazer mais felicidade e alegria do que saber que nossos filhos conhecem o Salvador, saber que eles sabem “em que fonte procurar a remissão de seus pecados”. É por isso que, como membros da Igreja, “pregamos a Cristo” e testificamos de Cristo (2 Néfi 25:26).

- É por isso que oramos com nossos filhos todos os dias.
- É por isso que lemos as escrituras com eles todos os dias.
- É por isso que os ensinamos a servir



Élder Dale G. Renlund
Do Quórum dos Doze Apóstolos

aos outros para que possam receber as bênçãos de se encontrarem ao se esquecerem de si mesmos ao servir ao próximo (ver Marcos 8:35; Mosias 2:17).

Ao nos devotarmos a esses simples padrões de discipulado, capacitamos nossos filhos com o amor do Salvador e com a direção e proteção divina ao enfrentarem os ferozes ataques do adversário.

O evangelho realmente está relacionado ao indivíduo. Trata-se de uma ovelha perdida (ver Lucas 15:3–7), de uma mulher samaritana no poço (ver João 4:5–30) e de um filho pródigo (ver Lucas 15:11–32).

E trata-se de um garotinho que diz que não está escutando.

Tem a ver com cada um de nós — apesar de sermos imperfeitos — nos tornarmos um com o Salvador, assim como Ele é um com Seu Pai (ver João 17:21).

Testifico que temos um amoroso Pai Celestial que nos conhece pelo nome! Testifico que Jesus Cristo é o Filho vivo do Deus vivo. Ele é o Filho Unigênito e nosso Advogado junto ao Pai. Testifico, ainda, que a salvação vem em nome Dele e por meio Dele — e de nenhuma outra maneira.

É a minha oração que devotemos nosso coração e nossas mãos para ajudar todos os filhos do Pai Celestial a conhecê-Lo e sentir o Seu amor. Ao fazermos isso, Ele nos promete alegria e felicidade eternas neste mundo e no mundo vindouro. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. “Mensagem da Primeira Presidência”, Conference Report, outubro de 1942, p. 12; lida pelo Presidente J. Reuben Clark Jr.
2. Boyd K. Packer, “A Radiante Manhã do Perdão”, *A Liahona*, janeiro de 1996, p. 20.

Arrependimento: Uma Escolha Feliz

O arrependimento, além de ser possível, também traz alegria por causa de nosso Salvador.

Meus queridos irmãos e irmãs, quando eu tinha 12 anos, minha família morava em Gotemburgo, uma cidade costeira no Sul da Suécia. Apenas para referência, essa é a cidade natal de nosso querido colega Élder Per G. Malm,¹ que faleceu há alguns meses. Sentimos saudades dele. Somos gratos por sua nobreza, por seu grande serviço e pelo exemplo de sua adorável família. E certamente oramos para que Deus lhes conceda as mais ricas bênçãos.

Há 50 anos, frequentávamos a igreja em uma grande casa reformada. Certo domingo, meu amigo Steffan,² o outro diácono do ramo, cumpriu-me na igreja com entusiasmo. Fomos para uma área adjacente ao salão sacramental e ele tirou do bolso uma enorme bombinha e alguns fósforos. Num ato de coragem juvenil, peguei a bombinha e acendi seu longo detonador cinza. Eu pretendia apagá-lo antes que estourasse. Porém, quando queime os dedos tentando apagar a bombinha, joguei-a no chão. Steffan e eu observamos horrorizados enquanto o detonador continuava a queimar.

A bombinha explodiu e uma fumaça com cheiro de enxofre tomou conta daquele salão e do salão sacramental. Recolhemos rapidamente os restos da bombinha que se espalharam e abrimos as janelas na tentativa de fazer o cheiro sair, ingenuamente esperando que ninguém percebesse. Felizmente ninguém ficou ferido e não houve nenhum dano.

Quando os membros chegaram para a reunião, perceberam o cheiro dominante. Era difícil não o perceber. O cheiro desviava a atenção da natureza sagrada da reunião. Como havia apenas poucos diáconos e, no que posso apenas descrever como desassociação de pensamento, distribuí o sacramento, mas não me senti digno de tomá-lo. Quando o sacramento foi oferecido a mim, recusei tanto o pão quanto a água. Eu me sentia muito mal. Estava envergonhado e sabia que o que eu havia feito desagradara a Deus.

Depois das reuniões, o presidente do ramo, Frank Lindberg, um distinto senhor de cabelos grisalhos, pediu-me que fosse a seu escritório. Depois que me sentei, ele me olhou com bondade e disse que notou que eu não havia

tomado o sacramento. Ele perguntou o motivo. Suspeito que ele já sabia. Eu estava certo de que todos sabiam o que eu havia feito. Depois que lhe contei, ele me perguntou como eu me sentia. Em meio a lágrimas e com hesitação, disse-lhe que eu sentia muito e que sabia que havia decepcionado a Deus.

O Presidente Lindberg abriu uma cópia muito gasta de Doutrina e Convênios e pediu-me que lesse alguns versículos sublinhados. Li o seguinte, em voz alta:

“Eis que aquele que se arrependeu de seus pecados é perdoado e eu, o Senhor, deles não mais me lembro.

Desta maneira sabereis se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os confessará e abandonará”.³

Jamais me esquecerei do sorriso compassivo do Presidente Lindberg quando ergui a cabeça depois da leitura. Demonstrando certa emoção, ele disse que sentiu que eu já poderia tomar o sacramento novamente. Senti uma alegria indescritível quando saí de seu escritório.

Tal felicidade é um dos resultados que advêm do arrependimento. A palavra *arrepentimento* indica a expressão “perceber depois” e implica uma “mudança”.⁴ Em sueco, a palavra é *omvänd*, que significa simplesmente “voltar atrás”.⁵ O escritor cristão C. S. Lewis escreveu sobre a necessidade de mudança e o método para se obtê-la. Ele observou que o arrependimento envolve “ser colocado de volta no caminho correto. Uma soma errada pode ser corrigida”, disse ele, “mas só se voltarmos até encontrar o erro e trabalharmos novamente daquele ponto em diante, nunca simplesmente *seguinto em frente*”.⁶ Mudar o nosso comportamento e voltar para o “caminho correto” são partes do

arrependimento, mas isso não é tudo. O arrependimento real também inclui voltar nosso coração e nossa vontade para Deus e renunciar ao pecado.⁷ Conforme explicou Ezequiel, arrepender-se é “se converter do (...) pecado, e praticar juízo e justiça, [restituir] (...) o penhor, (...) [e andar] nos estatutos da vida, e não [cometer] iniquidade”.⁸

Essa é, no entanto, uma descrição incompleta. Ela não identifica adequadamente o poder que torna possível o arrependimento, que é o sacrifício expiatório de nosso Salvador. O arrependimento verdadeiro deve envolver fé no Senhor Jesus Cristo, fé que Ele pode nos mudar, fé que Ele pode nos perdoar e fé que Ele nos ajudará a evitar mais erros. Esse tipo de fé faz com que Sua Expição tenha efeito em nossa vida. Quando “percebemos depois” e “voltamos atrás” com a ajuda do Salvador, podemos ter esperança em Suas promessas e sentir a alegria do perdão. Sem o Redentor, a esperança e a alegria que herdamos evaporam e o arrependimento se torna uma mera



mudança medíocre de comportamento. Porém, ao exercermos fé Nele, tornamo-nos convertidos à Sua capacidade e a Seu desejo de perdoar o pecado.

Em abril de 2015, em sua última conferência geral, o Presidente Boyd K. Packer reafirmou a esperança das promessas do arrependimento. Ele descreveu o poder que a Expição do Salvador tem de curar no que considero ser o despejar da sabedoria obtida em meio século de serviço apostólico. O Presidente Packer disse: “A Expição não deixa rastro algum nem vestígio. Aquilo que ela corrige é corrigido. (...) Ela simplesmente cura, e aquilo que foi curado permanece curado”.⁹

Ele prosseguiu:

“A Expição, que pode resgatar cada um de nós, não deixa cicatriz. Isso significa que não importa o que fizemos, onde estivemos, ou como algo aconteceu, se nos arrependermos sinceramente, [o Salvador] nos prometeu que o preço seria pago. E quando Ele expiou, isso foi resolvido. (...)

A Expição (...) pode purificar todas as manchas, não importa quão difícil seja ou quanto tempo leve ou quantas vezes for necessário”.¹⁰

O alcance da Expição do Salvador é infinito em extensão e profundidade, para vocês e para mim. Mas ela jamais será imposta a nós. Conforme explicou o Profeta Leí, depois de sermos “ensinados suficientemente para [distinguir] o bem do mal”,¹¹ somos “livres para escolher a liberdade e a vida eterna por meio do grande Mediador de todos os homens, ou para [escolher] o cativo e a morte”.¹² Em outras palavras, o arrependimento é uma escolha.

Podemos fazer — e às vezes fazemos — escolhas diferentes. Tais escolhas podem não parecer intrinsecamente erradas, mas elas impedem que nos tornemos reais penitentes

e, assim, impedem nossa busca pelo arrependimento verdadeiro. Por exemplo, podemos optar por culpar os outros. Em meus 12 anos de idade em Gotemburgo, eu poderia ter culpado Steffan. Foi ele quem levou aquela bombinha enorme e os fósforos para a Igreja. Mas, culpar os outros, mesmo que justificável, permite que desculpemos nosso comportamento. Agindo assim, transferimos a responsabilidade por nossas ações para outras pessoas. Quando transferimos a responsabilidade, diminuimos tanto a necessidade quanto a capacidade que temos de agir. Transformamo-nos em vítimas indefesas, em vez de agentes capazes de agir de modo independente.¹³

Outra escolha que impede o arrependimento é minimizar nossos erros. Naquele incidente com a bombinha em Gotemburgo, ninguém se feriu, não houve nenhum dano permanente e a reunião foi realizada. Teria sido fácil dizer que não havia motivo para me arrepender. No entanto, minimizar nossos erros, mesmo que não tenha havido nenhuma consequência aparente, retira a motivação para a mudança. Esse pensamento impede que vejamos que nossos erros e pecados têm consequências eternas.

Outra maneira é pensar que nossos pecados não importam porque Deus nos ama apesar do que fazemos. É sedutor crer no que o insidioso Neor ensinou ao povo de Zaraenla: “Que toda a humanidade seria salva no último dia e que não precisariam temer nem tremer, (...) e, no fim, todos os homens teriam vida eterna”.¹⁴ Mas essa ideia sedutora é falsa. Deus de fato nos ama. No entanto o que fazemos é importante para Ele e para nós. Ele deu diretrizes claras a respeito de como devemos nos comportar. Nós as chamamos de mandamentos. Sua aprovação e

nossa vida eterna dependem de nosso comportamento, inclusive de nossa disposição de humildemente buscar o verdadeiro arrependimento.¹⁵

Além disso, renunciamos ao arrependimento verdadeiro quando escolhemos separar Deus de Seus mandamentos. Afinal, se o sacramento não fosse sagrado, não importaria se o cheiro da bombinha perturbasse aquela reunião sacramental em Gotemburgo. Devemos estar atentos para não desculpar o comportamento pecaminoso menosprezando ou rejeitando o fato de que Deus é o autor dos mandamentos. O arrependimento verdadeiro requer que reconheçamos a divindade do Salvador e a veracidade de Sua obra nos últimos dias.

Em vez de darmos desculpas, escolhemos nos arrepender. Por meio do arrependimento, podemos cair em nós, como o filho pródigo da parábola,¹⁶ e refletir sobre a importância eterna de nossas ações. Ao compreendermos como os pecados afetam nossa felicidade eterna, não apenas nos tornamos verdadeiros penitentes, mas também nos esforçamos para sermos melhores. Quando enfrentamos tentação, temos a tendência a nos perguntar, como nas palavras de Shakespeare:

O que ganharei eu se obtiver aquilo que busco?

Um sonho, um sopro, um borbulhar de alegria fugaz.

Quem compra o gargalhar de um minuto para prantear por uma semana,

*Ou vende a eternidade para obter um brinquedo?*¹⁷

Se tivermos perdido a eternidade de vista em troca de um brinquedo, podemos escolher nos arrepender. Graças à Expição de Jesus Cristo, temos outra

chance. Metaforicamente, podemos trocar o brinquedo que compramos primeiro de modo tão tolo e receber novamente a esperança da eternidade. Conforme o Salvador explicou: “Pois eis que o Senhor vosso Redentor sofreu a morte na carne; portanto, sofreu a dor de todos os homens, para que todos os homens se arrependessem e viessem a ele”.¹⁸

Jesus Cristo pode perdoar porque pagou o preço de nossos pecados.¹⁹

Nosso Redentor decide perdoar devido a Sua compaixão, Sua misericórdia e Seu amor incomparáveis.

Nosso Salvador deseja perdoar porque esse é um de Seus atributos divinos.

E, como o Bom Pastor que é, Ele Se enche de alegria quando escolhemos nos arrepender.²⁰

Mesmo que sintamos uma tristeza segundo Deus por nossas ações,²¹ quando decidimos nos arrepender, imediatamente convidamos o Salvador para nossa vida. Segundo as palavras de Amuleque: “Não [endureçais] vosso coração, pois eis que agora é o tempo e o dia de vossa salvação; e, portanto, se vos arrependerdes e não endurecerdes o coração, *imediatamente* terá efeito para vós o grande plano de redenção”.²² Podemos sentir tristeza segundo Deus por nossas ações e ao mesmo tempo sentir a alegria de termos a ajuda do Salvador.

O fato de que podemos nos arrepender são as boas novas do evangelho!²³ A culpa pode ser “apagada”.²⁴ Podemos ser cheios de alegria, receber a remissão de nossos pecados e ter “paz de consciência”.²⁵ Podemos nos livrar do sentimento de desespero e do jugo do pecado. Podemos ser cheios da maravilhosa luz de Deus e não sofrer mais.²⁶ O arrependimento, além de ser possível, também traz alegria por causa de nosso Salvador. Ainda me lembro

dos sentimentos que me dominaram no escritório do presidente do ramo depois do episódio com a bombinha. Eu sabia que tinha sido perdoado. O sentimento de culpa desapareceu, meu humor sombrio se iluminou e meu coração sentiu-se leve.

Irmãos e irmãs, ao concluirmos esta conferência, eu os convido a sentir mais alegria na vida: alegria no conhecimento de que a Expição de Jesus Cristo é real; alegria na capacidade, na disposição e no desejo que o Salvador tem de perdoar; e alegria em decidir arrepender-se. Que sigamos a instrução de “[tirar] águas com alegria das fontes da salvação”.²⁷ Que escolhamos nos arrepender, abandonar nossos pecados e voltar atrás e direcionar nosso coração e nossa vontade para seguirmos o Salvador. Testifico que Ele de fato vive. Sou testemunha e receptor constante de Sua misericórdia, Sua compaixão e Seu amor incomparáveis. Oro para que vocês recebam hoje e por toda a vida as bênçãos redentoras de Sua Expição,²⁸ assim como tenho recebido na minha vida. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. O Élder Per Gösta Malm (1948–2016) serviu como Setenta Autoridade Geral de 2010 até o dia em que faleceu. Embora nascido em Jönköping, Suécia, ele e sua esposa, Agneta, fizeram sua casa em Gotemburgo, Suécia. Em seu notável discurso na Conferência Geral de outubro de 2010, o Élder Malm também falou sobre uma reflexão de Gotemburgo (ver “Descanso para Vossa Alma”, *A Liahona*, novembro de 2010, p. 101).
2. O nome verdadeiro de meu amigo não é Steffan, mas a história foi contada com permissão dele.
3. Doutrina e Convênios 58:42–43.
4. A palavra grega *metanoeo* significa literalmente “perceber depois” (*meta*, “depois”, implicando “mudar”; *noeo*, “perceber”; *nous*, “a mente, o depositário da reflexão moral”) (ver James Strong, *The New Strong's Expanded Exhaustive Concordance of the Bible*,

2010, Seção de dicionário grego, p. 162).

5. Minha tradução de *omvänd*. *Om* pode ser traduzido como “atrás”. *Vänd* pode ser traduzida como “voltar”.
6. C. S. Lewis. *The Great Divorce: A Dream* [O Grande Divórcio: Um Sonho], 1946, p. 6. No prefácio do livro, Lewis escreveu que alguns tentam unificar o céu e o inferno em vez de escolher um ou outro. Ele diz que alguns de nós pensam que “o desenvolvimento, ou o ajuste, ou o refinamento vai de alguma forma transformar o mal em bem. (...) Essa crença se torna um erro desastroso. (...) Não estamos vivendo em um mundo onde todos os caminhos são raios de um círculo que, se seguidos longe o bastante, nos levarão gradualmente para mais perto do centro até finalmente nos reunirmos lá. (...) Não creio que todos os que escolhem caminhos errados pereçam, mas, para serem resgatados, precisam ser colocados de volta no caminho certo. (...) O mal pode ser desfeito, mas não pode ‘transformar-se’ no bem. O tempo não o cura. O encanto precisa ser quebrado, pouco a pouco (...) ou nada” (pp. 5–6).
7. Ver Bible Dictionary, “Repentance”.
8. Ezequiel 33:14–15.
9. O testemunho do Presidente Boyd K. Packer na reunião de liderança ligada à Conferência Geral de abril de 2015 não foi

publicado na íntegra. Esses comentários vêm de minhas anotações pessoais, feitas naquela ocasião.

10. Boyd K. Packer, “O Plano de Felicidade”, *A Liahona*, maio de 2015, p. 28.
11. 2 Néfi 2:5.
12. 2 Néfi 2:27.
13. Ver 2 Néfi 2:26.
14. Alma 1:4. Neor e seus seguidores não acreditavam no arrependimento (ver Alma 15:15).
15. Ver Russell M. Nelson, “O Amor Divino”, *A Liahona*, fevereiro de 2003, p. 12.
16. Ver Lucas 15:17; ver também versículos 11–24.
17. William Shakespeare, *The Rape of Lucrece* [O Rapto de Lucrécia], linhas 211–214.
18. Doutrina e Convênios 18:11.
19. Ver Isaías 53:5.
20. Ver Lucas 15:4–7; Doutrina e Convênios 18:10–13.
21. O arrependimento verdadeiro inclui a “tristeza segundo Deus” (2 Coríntios 7:10). O Élder M. Russell Ballard ensinou: “Para aqueles que se extraviaram, o Senhor providenciou um caminho de volta, mas não sem dor. O arrependimento não é fácil; leva tempo — um doloroso tempo!” (“Cumprir Convênios”, *A Liahona*, julho de 1993, p. 7.) O Élder Richard G. Scott também ensinou: “Às vezes os passos do arrependimento são difíceis e dolorosos no início” (“Encontrar Perdão”, *A Liahona*, julho de 1995, p. 82). Apesar de a tristeza e o sofrimento segundo Deus estarem envolvidos no processo do arrependimento, o resultado final é a alegria quando sentimos o perdão pelo pecado.
22. Alma 34:31; grifo do autor.
23. Ver Bible Dictionary, “Gospels”.
24. Enos 1:6.
25. Mosias 4:3.
26. Ver Mosias 27:29.
27. Isaías 12:3.
28. Ver Mosias 26:29–30. Mesmo que Deus prometa perdoar livremente, pecar deliberadamente e contar com a misericórdia do Salvador para permitir arrependimento fácil é repugnante a Deus (ver Hebreus 6:4–6; 10:26–27). O Élder Richard G. Scott disse: “As alegres notícias para todos os que desejam se livrar das consequências das escolhas erradas do passado são que o Senhor encara de modo diferente a fraqueza e a rebelião. Embora o Senhor admoeste que a rebelião sem arrependimento trará o castigo, quando Ele fala de fraquezas, é sempre com misericórdia” (“Força Pessoal por Meio da Expição de Jesus Cristo”, *A Liahona*, novembro de 2013, p. 83).



Índice das Histórias Contadas na Conferência

A lista abaixo, com trechos selecionados dentre os discursos da conferência geral, pode ser usada no estudo pessoal, na noite familiar e em outras situações de ensino. O número entre parênteses refere-se à primeira página do discurso.

Orador	História
Neil L. Andersen	(35) A conversão vem a diversas pessoas quando os membros da Igreja estendem a mão a elas “como testemunhas de Deus”.
M. Russell Ballard	(90) Enquanto lia João 17 na Terra Santa para sua família, M. Russell Ballard ora para ser um com eles e com o Pai e o Filho.
W. Mark Bassett	(52) Quando garoto, W. Mark Bassett e seu irmão tentam abrir os aros de metal da parte selada de uma réplica das placas de ouro.
Jean B. Bingham	(6) Após remar contra o vento, Jean B. Bingham e um grupo de moças criam velas quando o vento muda de direção. Uma garota que vai de bicicleta para uma casa com “janelas douradas” vê que as janelas de sua própria casa também são douradas. O povo recusa-se a reconhecer o crescimento de um rapaz bem-sucedido.
D. Todd Christofferson	(48) Helen Keller sente grande alegria quando sua professora a ajuda a entender o conceito das palavras.
Carl B. Cook	(110) Ao ponderar uma designação que seu tataravô recebeu do Profeta Joseph Smith, Carl B. Cook recebe a confirmação de que sua nova designação na Igreja veio de Deus. Um novo membro aumenta sua fé e vence seus medos de ensinar na Primária.
Quentin L. Cook	(40) Quentin L. Cook passa a entender por que seu pai vê o poste de eletricidade como uma bênção em vez de uma pedra de tropeço para uma vista maravilhosa.
J. Devn Cornish	(32) Um residente sênior em um hospital muda a vida de J. Devn Cornish dizendo que ele vai se tornar um excelente médico.
LeGrand R. Curtis Jr.	(68) Parley P. Pratt e outros quatro homens adquirem testemunho do Livro de Mórmon. LeGrand R. Curtis Jr. adquire um testemunho do livro quando era adolescente.
Dean M. Davies	(93) Dean M. Davies aprende por meio do Espírito Santo que os membros de uma ala que ele está visitando vieram para a reunião sacramental para realmente adorar.
Henry B. Eyring	(75) O pai e os líderes do sacerdócio do jovem Henry B. Eyring aumentaram sua visão e deram-lhe confiança. (99) Quando jovem, Henry B. Eyring não podia enxergar o tempo nas intenções do Senhor para construir Seu reino.
Robert D. Hales	(22) Enquanto Elie Wiesel se recupera de uma cirurgia cardíaca de peito aberto, seu neto pergunta se ele sentiria menos dor se seu neto o amasse mais. Um amável marido ajuda, todos os domingos, sua esposa adoentada a se vestir e a se preparar para ir à igreja.
Jeffrey R. Holland	(61) Mestres familiares perdem uma oportunidade de ajudar uma irmã que estava com o porão alagado. Um mestre familiar ministra a um pai cujo filho morreu em um acidente.
Peter F. Meurs	(85) Quando tinha 5 anos de idade, Peter F. Meurs sente a influência tranquilizadora do Espírito Santo enquanto seu pai abençoa o sacramento.
Thomas S. Monson	(78) Um membro da Igreja que guardava a Palavra de Sabedoria ora e recebe força para escalar uma corda até o convés de um navio. (80) Um jovem homem, durante a Feira Mundial de 1964, reconhece a veracidade do Plano de Salvação após assistir ao filme da Igreja O Homem em Busca da Felicidade.
K. Brett Nattress	(119) K. Brett Nattress aprende com sua mãe que, apesar de suas imperfeições quando criança, seu Pai Celestial o ama.
Russell M. Nelson	(81) Depois de um grupo de santos exilados passarem uma “noite feliz” no frio, Eliza R. Snow observa que “os santos podem ser felizes em qualquer circunstância”. Os membros da Igreja vencem provações, tentações e o “homem natural” enquanto focam na alegria que vem de viver o evangelho.
Bonnie L. Oscarson	(12) Uma irmã no México aumenta a frequência em sua classe da Escola Dominical. Uma mãe imuniza seus filhos contra influências negativas fora de casa.
Ronald A. Rasband	(113) Ronald A. Rasband aconselha um amigo que está vivenciando uma “crise de fé”. A fé dos antepassados de Ronald A. Rasband permanece forte apesar das dificuldades e do sofrimento. Ronald A. Rasband foi vagaroso para agir em resposta a uma oração até receber um lembrete de uma escritura.
Linda S. Reeves	(88) Boyd K. Packer testifica que, por meio do arrependimento e da Expição do Salvador, seus pecados desapareceram. Por meio do arrependimento sincero, um membro, um missionário e um converso encontram alegria e paz.
Dale G. Renlund	(121) O jovem Dale G. Renlund sente alegria após confessar ao seu presidente do ramo que ele acendeu uma bombinha na igreja.
Evan A. Schmutz	(116) Um membro da Igreja, cuja família morreu em um incêndio, guarda seus convênios e exerce a fé de que ele vai se reunir a eles.
Carole M. Stephens	(9) Uma moça com transtorno bipolar reuniu forças para testificar do Salvador e de Sua Expição.
Gary E. Stevenson	(44) Mary Elizabeth Rollins, aos 12 anos de idade, lê o Livro de Mórmon e adquire um testemunho sobre ele. Enquanto testificava do Livro de Mórmon, quando era missionário, Gary E. Stevenson recebe um testemunho de sua veracidade.
Juan A. Uceda	(30) O Pai Celestial responde a oração desesperada de Juan A. Uceda, salvando-o após ter caído na trilha de uma montanha durante sua missão.
Dieter F. Uchtdorf	(15) Uma menina encoraja sua avó a “ouvir direito!” Uma mãe ora para que sua filha pródiga retorne ao Senhor. Dois missionários têm sucesso após bater em todas as portas de um edifício de quatro andares. (19) Após muito tempo, muita paciência, esperança, fé, muitas afirmações reconfortantes de sua esposa e muitos litros de um refrigerante dietético, Dieter F. Uchtdorf aprende a usar um computador. (71) Um ex-membro da Igreja retorna à fé graças ao seu amigo, ao Espírito Santo e à influência do Bom Pastor.
Kazuhiko Yamashita	(55) Como presidente de missão, Kazuhiko Yamashita é abençoado por conhecer um missionário que é “destemido em Cristo”.



Abaixo: O Élder Neil L. Andersen visita Rarotonga; o Élder Quentin L. Cook se reúne com o presidente da República de El Salvador; o Élder Jeffrey R. Holland ouve as mensagens proferidas durante uma conferência sobre perseguição religiosa, no Castelo de Windsor, Inglaterra.



Acima, a partir do alto: O Presidente Dieter F. Uchtdorf e sua esposa, Harriet, cumprimentam os santos dos últimos dias na rededicação do Templo de Freiberg Alemanha; o Élder Gary E. Stevenson e outros líderes da Igreja se reúnem com líderes governamentais do Vietnã; o Presidente Russell M. Nelson e o Élder M. Russell Ballard oferecem consolo e encorajamento aos voluntários e às vítimas das enchentes na Louisiana.

Profetas e Apóstolos Ministram

Os profetas e apóstolos continuam a ministrar no mundo inteiro (ver D&C 107:23). Aqui está um breve resumo de algumas de suas atividades desde a última conferência geral.

O Presidente Dieter F. Uchtdorf, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência, durante uma visita em maio de 2016, proporcionou esperança aos membros das cidades que recentemente sofreram ataques terroristas na **Inglaterra, França e Bélgica**. Visitou refugiados, foi ao local do Templo de Paris França (já quase terminado) e participou da criação da primeira estaca da **República Tcheca**. Em julho, viajou para a **Itália**, onde entregou um cheque de 3 milhões de dólares dos fundos da Igreja para ajudar no auxílio a refugiados e visitou acampamentos de refugiados na **Grécia**. Em setembro, visitou os membros da **Romênia, Moldávia, Eslováquia, Noruega e Alemanha**, onde rededicou o Templo de Freiberg Alemanha. Disse que o evangelho proporciona esperança às pessoas de toda parte e que entre os membros “há um real sentimento de que somos todos irmãos e irmãs na Igreja”.

O Élder M. Russell Ballard, do Quórum dos Doze Apóstolos, presidiu a conferência da Estaca Moscou Rússia, em junho, enquanto outras estacas se reuniam em Saratov e São Petersburgo, **Rússia**. Também se reuniu com membros da **Letônia, Estônia e Ucrânia**.

Na **Inglaterra**, em junho, o Élder Dallin H. Oaks, do Quórum dos Doze Apóstolos, disse aos membros do Parlamento Britânico que a liberdade religiosa permite que as igrejas realizem o bem no mundo inteiro. “Queremos que as bênçãos da liberdade religiosa sejam

reivindicadas por todos os habitantes deste planeta, e estamos muito longe disso no momento”, disse ele.

Em setembro, numa conferência sobre perseguição religiosa e migração forçada, realizada no Castelo de Windsor, na **Inglterra**, o Élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, disse que há muito a se aprender com as experiências dos antigos pioneiros SUD e que isso pode ajudar os refugiados dos dias atuais a sobrepujar suas circunstâncias. “Sempre que possível, devemos facilitar e perpetuar a identidade própria dos refugiados e destacar histórias do passado deles”, disse o Élder Holland.

Na **Espanha**, incluindo as **Ilhas Canárias**, e em **Portugal**, o Élder David A. Bednar, do Quórum dos Doze Apóstolos, convidou os membros, os missionários e os líderes a incentivar os menos ativos a voltarem a participar plenamente da Igreja.

Quando o **Vietnã** concedeu à Igreja um reconhecimento pleno e oficial, o Élder Quentin L. Cook e o Élder Gary E. Stevenson, ambos do Quórum dos Doze Apóstolos, reuniram-se com líderes governamentais e conversaram sobre a história e o desenvolvimento da Igreja. Também abordaram o modo pelo qual a Igreja auxilia projetos sociais e de caridade ajudando os pobres e desfavorecidos. Também presidiram reuniões em **Guam, na Micronésia**, e no **Japão**.

Também em junho, Brisbane, **Austrália**, e as **Ilhas Cook** foram abençoados pela visita do Élder Neil L. Andersen, do Quórum dos Doze Apóstolos. O Élder Andersen também visitou a ilha de **Rarotonga** e tornou-se o primeiro apóstolo a pôr os pés na ilha de **Mangaia**.

Na **Colômbia, no Peru** e no **Equador**, em junho, o Élder Ronald A. Rasband, do Quórum dos Doze Apóstolos, readaptou sua agenda de modo a poder visitar as vítimas de um forte terremoto. Ele compartilhou uma mensagem

de amor do Presidente Thomas S. Monson, assegurando aos membros abalados pelo terremoto que eles não haviam sido esquecidos.

Na **Guatemala**, em agosto, o Élder Quentin L. Cook observou um contínuo crescimento nas pesquisas de história da família e no trabalho do tempo, dizendo que isso era um indicativo da fé das pessoas.

Quando o rei e a rainha de Tonga foram recebidos no Centro Cultural Polinésio, no **Havá, EUA**, em junho, o Élder Dale G. Renlund, do Quórum dos Doze Apóstolos, apresentou a mensagem introdutória sobre a importância dos laços familiares.

Na **Louisiana, EUA**, o Presidente Russell M. Nelson, Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, e o Élder M. Russell Ballard visitaram as vítimas das enchentes, enquanto os voluntários do Mãos Que Ajudam — SUD ajudavam a limpar as casas danificadas durante os meses de agosto e setembro. O Élder Ballard observou que mais de 11 mil voluntários provenientes de 13 Estados tinham ido ajudar.

E em setembro, durante um devocional mundial para jovens adultos transmitido de **Washington, D.C., EUA**, o Élder Cook disse: “Não devemos temer mesmo num mundo perigoso e conturbado”. Ele aconselhou os jovens adultos a traçarem metas justas e a terem planos de alcançá-las, sem subestimarem seus próprios talentos e suas capacidades. Também os incentivou a avaliar seu uso das mídias sociais. “Ouvimos muito na mídia social que devemos ser autênticos”, disse ele, mas “ser sinceramente semelhante a Cristo é uma meta ainda mais importante do que ser autêntico”.

Informações atualizadas sobre o ministério desses líderes da Igreja podem ser encontradas em suas respectivas páginas do Facebook e no site **prophets.LDS.org**. ■



152 Templos em Funcionamento

A Igreja tem agora 152 templos em funcionamento no mundo inteiro. Entre os templos que foram recentemente dedicados ou rededicados estão o **Templo de Filadélfia Pensilvânia, EUA**, dedicado no dia 18 de setembro de 2016; o **Templo de Freiberg Alemanha**, rededicado no dia 4 de setembro de 2016; e o **Templo de Sapporo Japão**, dedicado no dia 21 de agosto de 2016.

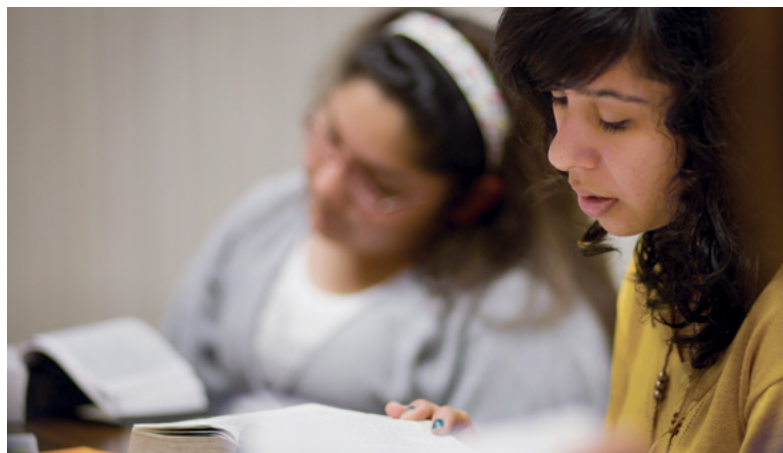
Vinte e nove outros templos estão sendo construídos ou reformados, ou foram anunciados. As dedicações planejadas para o futuro próximo incluem a do **Templo de Fort Collins Colorado** em 16 de outubro de 2016, a do **Templo de Star Valley Wyoming** em 30 de outubro de 2016 e a do **Templo de Hartford Connecticut** em 20 de novembro de 2016, todas nos EUA. ■

Defender a Liberdade Religiosa

Os santos dos últimos dias devem envolver-se “de modo construtivo na batalha em prol da liberdade religiosa”, disse o Élder Dallin H. Oaks, do Quórum dos Doze Apóstolos, durante uma conferência sobre liberdade religiosa realizada no Texas, EUA, em setembro de 2016. “Literalmente todos, desde as crianças mais novas em idade escolar até as fileiras de profissionais, mães e pais, amigos e vizinhos podem e devem entender o que a liberdade religiosa significa e por que é importante.”

O Élder D. Todd Christofferson, do Quórum dos Doze Apóstolos, também falou em defesa da liberdade religiosa em uma cerimônia militar realizada em Utah, EUA, em junho. “Tornou-se popular”, disse ele, “argumentar que a liberdade religiosa é, na verdade, apenas o direito de adoração, e não o direito de exercer livremente nossa fé em nossa vida diária”. Ele incentivou as pessoas religiosas a defender a liberdade religiosa tornando-se bem informadas, manifestando sua opinião e envolvendo-se em organizações e eventos culturais, cívicos e políticos.

Os líderes da Igreja abordaram em muitas ocasiões o tema da liberdade religiosa, por meio de discursos e da participação em conferências realizadas na Austrália, no Brasil, no México e no Reino Unido, e em vários lugares dos Estados Unidos. Para encontrar seus discursos e aprender mais sobre a liberdade religiosa e sobre o que você pode fazer para protegê-la, acesse o site religiousfreedom.LDS.org. Parte do conteúdo ali encontrado se aplica especificamente aos Estados Unidos, mas os princípios podem ser adaptados para outros países. ■



Domínio Doutrinário

No mundo atual da informação instantânea pela Internet, os jovens já não estão isolados de pessoas que atacam a Igreja. Porém, uma nova iniciativa chamada Domínio Doutrinário está ajudando os alunos do Seminário a desenvolver uma compreensão mais profunda da doutrina do evangelho e a aumentar sua fé em Jesus Cristo.

Os alunos também estão aprendendo como responder a perguntas e questões difíceis ao agirem com fé, examinarem conceitos e perguntas com uma perspectiva eterna e buscarem mais entendimento por meio de fontes divinamente indicadas.

Num discurso para os funcionários dos Seminários e Institutos, o Élder M. Russell Ballard, do Quórum dos Doze Apóstolos, disse o seguinte sobre o Domínio Doutrinário: “Essa iniciativa é inspirada e oportuna. Será uma maravilhosa influência para nossos jovens”.

Os principais objetivos do Domínio Doutrinário são ajudar os alunos a:

1. Adquirir conhecimento espiritual.
2. Dominar a doutrina do evangelho de Jesus Cristo e as passagens das escrituras em que essa doutrina é ensinada.

Edificando sobre o que foi previamente realizado por intermédio do Domínio das Escrituras, esse empreendimento abrangente e detalhado está permitindo que os alunos fortaleçam sua conversão e seu comprometimento como discípulos de Jesus Cristo, encontrem proteção contra as influências do adversário e abençoem a vida de outras pessoas.

Os recursos para o Domínio Doutrinário podem ser encontrados em LDS.org/si/seminary/manuals. ■



“Nosso Salvador, Jesus Cristo, é essencial ao plano. Sem Seu sacrifício expiatório, tudo estaria perdido. No entanto, não é o suficiente acreditar Nele e em Sua missão. Precisamos trabalhar e aprender, buscar e orar, arrependermo-nos e melhorar. Precisamos conhecer as leis de Deus e vivê-las. Precisamos receber Suas ordenanças de salvação.”

Presidente Thomas S. Monson, “O Caminho Perfeito para a Felicidade”, *A Liahona*, novembro de 2016, pp. 80–81.

Look and Live [Olhe e Viva], de Ben Hammond

Ver Números 21:4-9; Alma 33:18-22. Aqueles que olharam para Moisés e a serpente de bronze, um símbolo do Filho de Deus, foram curados.



"Somos abençoados por *termos* a verdade. Temos o dever de *compartilhar* a verdade", advertiu o Presidente Thomas S. Monson durante 186ª Conferência Geral Semestral da Igreja. "*Vivamos* a verdade para que mereçamos tudo o que o Pai tem para nós. Ele nada faz que não seja em nosso benefício. Ele nos disse: 'Esta é minha obra e minha glória: Levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem'."

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS